

Campeã de vendas de e-books no site da Amazon

ELLE CASEY

NOVA ORDEM MUNDIAL
**A GUERRA
DOS FAE**

VOLUME 4




GERAÇÃO
jovem



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ELLE CASEY

A GUERRA DOS FAE

LIVRO QUATRO

NOVA ORDEM MUNDIAL

TRADUÇÃO

SANDRA MARTHA DOLINSKY



Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

Título original: New World Order

Copyright © 2012 by Elle Casey All rights reserved.

Translated with permission of Elle Casey

1ª edição — Junho de 2015

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher

Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial

Fernanda Emediato

Produtora Editorial e Gráfica

Priscila Hernandez

Assistente Editorial

Adriana Carvalho

Assistente de Arte

Nathalia Pinheiro

Capa

Marina Avila

Projeto Gráfico e Diagramação

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Revisão

Juliana Amato

Marcia Benjamim

Produção do epub

Obliq

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casey, Elle

A guerra dos FAE : nova ordem mundial : livro 4 / Elle Casey ; tradução

Sandra Martha Dolinsky. -- São Paulo : Geração Editorial, 2015. -- (Coleção guerra dos FAE) Título original: War of the Fae : new world order
eISBN 978-85-8130-314-7

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-02128

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa

CEP: 05075-010 – São Paulo – SP

Telefax: (+ 55 11) 3256-4444

E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br

www.geracaoeditorial.com.br

*Este livro é dedicado às minhas avós, Jeanne e Grace, duas senhoras da pá-
virada que todo mundo gostaria de conhecer. Elas nunca se encaixaram nos
moldes em que suas famílias queriam colocá-las e sempre se rebelaram, mesmo
que só um pouco. O espírito delas vive em meus personagens, especialmente em
Jayne.*



Capítulo 1

O BARULHO PROVENIENTE DO FLUXO DE ENERGIA que saía de meu corpo e de minha mão em direção a Ben era quase ensurdecedor. Era como se uma série de bombas explodisse ao longe, no lugar para onde eu estava apontando. Ouvi um grito que só poderia ser a surpresa de Samantha ao receber a seta de Finn. Feliz aniversário, cadela.

A seguir, ouviu-se um rugido que parecia um orc ferido e irritado gritando em um megafone magicamente amplificado; foi de arrepiar. Fiquei preocupada, pois, fosse o que fosse, chegaria até mim a qualquer momento. Seria Ben? Ou talvez um dos ogros das trevas tentando matar os elfos da luz alinhados à minha esquerda? Eu já não os podia ver nem ouvir, mas ainda podia sentir sua presença n'O Verde, em algum lugar.

Não parei, não desisti. Olhei rapidamente para Finn, em pé ao meu lado, que sofria para suportar o vento feroz.

— Volte para dentro! — gritei.

Finn se voltou para ir, mas a tempestade que soprava ao nosso redor era forte demais. Ele se inclinou, em uma tentativa de lutar contra ela, mas não adiantou. Foi puxado para longe de mim, em direção a Ben. Senti Scrum esbarrar em mim, conforme também era levado.

Gritei de desespero e raiva, incapaz de controlar as emoções selvagens que explodiam em mim e se juntavam às forças da natureza que lutavam em torno a nós. Ninguém ia levar meus amigos para longe, e menos ainda Ben.

Mantive o fluxo, mas, simultaneamente, construí uma bola de poder concentrado em minhas mãos. Ela fervia e rolava; era minha última tentativa de fazer Ben explodir em pedacinhos. Se eu pudesse lançar a bola nele, sabia que algo grande aconteceria. Eu sentia a superfície perfeitamente lisa da bola pulsando de energia. Reuni-a em meu peito, e então, sem hesitar ou me preocupar com as consequências, joguei-a para que explodisse no lugar onde eu achava que Ben estava.

O som que atingiu meus ouvidos uma fração de segundo depois não foi o que eu imaginava. Eu não sabia bem o que esperar, mas não era aquilo.

Foi como se de repente eu houvesse perdido a maior parte de minha audição. A repercussão de uma explosão distante sacudiu a terra debaixo dos meus pés, mas tudo chegou abafado aos meus ouvidos. Senti um flash de fogo e imediatamente

perdi a noção de espaço e tempo. Momentos antes havia fae ao meu redor, das luzes a das trevas, e eu tinha consciência do chão sob meus pés, dos meus amigos por perto e das fontes de energia que alimentavam o raio de destruição que saía de minhas mãos. Devia haver alguma precipitação de energia da seta que Finn havia acabado de lançar contra Samantha com o objetivo de matar, mas eu não conseguia sentir. Nada. Eu estava perdida em um caleidoscópio de tons verdes e azuis que compunham a força bruta dos elementos Terra e Água combinados.

Eu tinha medo de soltar O Verde. E ainda mais medo de deter a combinação Terra e Água para subjugar meus adversários. E se Ben ainda estivesse lá, esperando que eu baixasse a guarda? E se Samantha estivesse prestes a lançar outro relâmpago branco em Finn ou Scrum? Os fae das trevas conseguiriam entrar no complexo dos fae da luz, minha casa. Destruiriam minha família ou entregariam todos ao lado das trevas, selando nossos destinos.

Imagens e fragmentos de memórias piscavam em minha mente enquanto eu estava ali, assustada e confusa — meu pai me dizendo que minha personalidade ia me causar problemas um dia; Tony me abraçando e dizendo que tudo ia melhorar, depois de eu ter ido mal em uma estúpida prova de história; o olhar de Dardennes e Céline quando lhes expliquei por que eu havia escolhido a Mãe Natureza como meu super-herói, durante minha entrevista. Eu havia escolhido errado. Eu não era um super-herói material, e ali estava a prova. No momento de necessidade eu o havia perdido; estragado.

Fechei os olhos, tentando bloquear as visões, mas tudo permanecia igual. Eu não sabia mais o que era real e o que era imaginário. Meu problema auditivo me fez querer esfregar as orelhas, mas eu tinha medo de mover as mãos. O que me faltava era piorar ainda mais as coisas e lançar um foguete de poder na direção errada, fritando os elfos guerreiros da luz que estavam ali para proteger nossa casa, lutando lado a lado comigo.

No rastro do ruído da explosão de minha bola de energia ouvi o zumbido constante do ruído branco — alto, distorcido, que não ia embora. Eu ainda não conseguia ver nada além das luzes girando em torno umas das outras, e também não conseguia sentir a presença dos meus amigos. Eu me sentia perdida. Sozinha. Foi uma merda.

— Jayne!

Ouvi a voz de Tony à distância.

— Tony? — perguntei, hesitante.

Por que ele está aqui? Aqui onde? Ainda estou do lado de fora da porta da gargula, perto do limite da floresta que indica a casa da Anciã? Ou fomos os dois mandados para um dos Outros Mundos?

— Jayne! Pare agora!

— Não posso! Estou com medo — respondi em direção às cores que giravam loucamente ao meu redor.

Minha voz saiu fraca, o que só serviu para me deixar irritada comigo mesma.

— Jayne, acabou! Volte para mim! Não podemos chegar perto de você com sua energia acionada desse jeito!

Sua voz era implorante, e ele parecia assustado.

O pânico na voz do meu melhor amigo funcionou como um feitiço, tirando-me do estranho lugar onde estava presa. Tony precisava de mim; eu tinha de voltar. E se ele dizia que havia acabado, devia ser seguro soltar a corrente de energia que continuava fluindo de mim para a floresta, onde Ben aparecera antes. Tony nunca mentiria para mim.

No início o poder não quis me abandonar. Eu podia sentir sua resistência, sua luta contra a retirada forçada. Tive de recordar a técnica que Valentine havia me ensinado, focando o poder e controlando-o. Eu sabia que pelo menos uma das entidades que se elevaram com meu elemento Terra, a Anciã, estava ali, deleitando-se com o uso de sua essência acima do solo. Empurrei-a de volta mentalmente, forçando-a a lembrar quem tomava as decisões ali: eu. Eu era a chefe em toda aquela confusão. Eu podia ser perturbada, mas decidira havia muito tempo que, se era para ser maluca, o melhor era assumir. Essa sou eu, Jayne, a garota que simplesmente não conseguia fazer as coisas direito.

— Isso, Jayne, muito bem. Continue — pressionava Tony, parecendo um pouco menos desesperado.

— Você está conseguindo, Jayne, bom trabalho! —urgia Scrum, um pouco animado demais diante de tanto horror.

— Leve-me lá! Coloque-me em seu ombro! — gritou a vizinha de Tim.

Eu devia saber que não conseguiria manter meu teimoso amigo pixie afastado por muito tempo. E, se ele estava ali, Spike também estava, já que ele era

responsável por Tim quando tão recentemente jogamos a merda no ventilador.

Pestanejei algumas vezes tentando me livrar dos verdes e azuis, mas meus olhos não voltavam ao normal. Foquei a atenção de novo no fluxo de energia e senti O Verde totalmente sob controle, esperando minha ordem final para voltar para a terra.

— Tony?

— Sim, Jayne?

— Posso deixar O Verde ir agora? É seguro?

Ouvi um suspiro pesado.

— Sim. É seguro.

— Não se preocupe, Jayne, estou aqui — assegurou Scrum.

Eu não sabia o que significava o suspiro de Tony. Seus suspiros geralmente tinham muitos significados, mas, sem ver seu rosto, eu não podia adivinhar qual era. Ele era mestre em comunicação com suspiros e movimentos de olhos. Eu estava perdendo pelo menos metade da equação sem a visão.

Eu disse a O Verde que ele podia liberar a Água e voltar para a Terra. Agradei, e tentei não me sentir terrível por ter usado sua pura luz essencial e a rejuvenescedora combinação das forças vitais para ferir outro fae. Estávamos em guerra, e foram os fae das trevas que a levaram até nossa porta. Eu me recusei a me sentir culpada pelas consequências que eles haviam atraído para si mesmos.

O elemento Água, que eu por fim havia aprendido a atrair para o mix, era diferente d'O Verde. Era brilhante, enérgico, saltitante. Isso me fez lembrar Becky, e de imediato trouxe tristeza a meu coração. Por favor, por favor, não permita que ela esteja morta. Da última vez que a vira, ela havia acabado de sofrer uma descarga de energia da bruxa Samantha, bem no peito, e acabara caída na grama com um olhar mortal nos olhos abertos, mas cegos. Porém, de alguma maneira, Becky havia conseguido se teletransportar de lá, então eu me agarrei a um fio de esperança de que ela ainda estivesse viva; tanto quanto a realidade me permitia.

A Água foi mais difícil de controlar e mandar de volta de onde eu a havia tirado. Parte do problema era que ela provinha de vários lugares. Eu a sentia muito

menos concentrada e organizada do que O Verde. Usá-la e tentar controlá-la mais parecia tentar controlar bolhas de champanhe. Eu bebi champanhe uma vez na recepção de casamento de um primo; ele me fez espirrar, e as bolhas voltaram todas de minha boca e garganta.

Eu havia pensado que, quando tivesse os dois elementos sob controle, tudo voltaria ao normal; mas quando a Água por fim me deixou, a única coisa diferente foi que eu podia ouvir melhor e conseguia abaixar os braços. Mas ainda não conseguia ver nada, exceto as luzes estranhas.

— Jayne — chamou Tony.

— Sim — respondi, preocupada, fora de meu estado normal.

— Olhe para mim.

Ouvi sussurros atrás de mim, mas não sabia quem era ou o que dizia.

Voltei-me em direção à voz de Tony; tentei não estremecer ao ouvi-lo engolir em seco.

— Que diabos está acontecendo, Tony? Por que não estou vendo você?

— Jayne, seus... seus olhos. O que você está vendo?

— Estou vendo azuis e verdes se mexendo para todos os lados. O que você está vendo? — perguntei com voz fraca, com medo de estar cega e de que minha cagada colossal houvesse causado isso.

— Seus olhos estão turquesa, brilhando, meio como você acabou de descrever. Não estão da cor normal, cor de avelã. Você não está me vendo?

— Não. Nada além dos remoinhos.

Fechei os olhos, mas deu na mesma. Imaginei quanto tempo eu aguentaria ver aquilo sem ficar enjoada. Quiçá aquilo deixasse de ser um problema muito em breve.

Senti sua mão em meu braço.

— Venha. Vou levá-la para a clínica.

Eu resisti:

— Espere aí. Diga-me o que aconteceu.

Senti o peso de Tim em meu ombro quando ele se juntou a mim.

— Eu vou lhe dizer o que aconteceu.

— Vá em frente, Tim. Diga.

— Tim — começou Tony com firmeza —, acho que não é uma boa ideia agora...

Mas Tim o ignorou, em seu estilo típico.

— O que aconteceu foi que você explodiu você-sabe-o-quê daqueles fae das trevas. Ui! E os que já estavam mortos no chão sumiram. Puf! Desapareceram. E Samantha sumiu, mas não sem antes levar uma boa flechada de Finn, se é que eu entendi direito a história. Eu não consegui ver nada disso diretamente, já que alguém achou por bem me deixar trancado com um incubo faminto durante toda a parte boa.

— E os elfos verdes? E Ben? — perguntei, ansiosa pela resposta.

— Finn — disse Scrum rapidamente. — Ela quer saber sobre Ben e os outros elfos verdes.

Ouvi passos a minha direita. Finn tocou minha mão com seus dedos quentes e secos.

— Os elfos estão bem. Partiram para nossos acampamentos na floresta. — Ele limpou a garganta. — Levaram o corpo de Falco. Quanto a Ben, não sei direito. Havia muito vento, ele pode sido carregado.

— Droga! — gritei.

Falco, o mais doce duende verde que eu conhecia, havia tombado em batalha, e o idiota responsável havia escapado.

— Eu queria Ben morto!

A vida era tão injusta, às vezes.

— Jayne, acalme-se — disse Tony, puxando-me pelo cotovelo de novo. — Não sei se você ia querer isso em sua consciência. Vamos até a clínica para ver o que podemos fazer em relação a seus olhos.

Puxei meu braço de novo, gritando:

— Scrum!

— Sim, aqui.

Senti seu braço roçar o meu.

— Leve-me para a clínica.

Segurei seu cotovelo, recusando-me a deixar Tony me ajudar. Eu estava irritada por ele tentar me fazer sentir culpada por querer proteger meus amigos.

— Jayne, não fique com raiva de mim — disse Tony, parecendo muito cansado.

Caminhamos em direção ao que me pareceu ser a porta de gárgula, que dava para o complexo dos fae da luz.

— Não estou com raiva. Só não estou a fim de ouvir seu discursinho “Ben é um cara legal”.

— Não era o que eu ia dizer. Só me preocupo porque...

— Tony. Depois, cara — ouvi a voz de Spike a minha frente. — Vamos fazê-la enxergar de novo e depois podemos nos preocupar com essas coisas.

Eu ouvia o sussurro de vários pés caminhando pelo prado. Ninguém disse uma palavra enquanto passamos pela porta da gárgula e seguimos pelo corredor até a clínica. Eu não podia deixar de imaginar o que teria acontecido com Ben, Samantha, Becky... e minha visão.



Capítulo 2

— QUAIS SÃO AS NOTÍCIAS, DOUTOR? Quando vou conseguir enxergar de novo?

Mostrar-me frívola em relação ao meu problema era minha maneira de manter uma atitude positiva. A ideia de ficar cega pelo resto da minha vida fae era bem mais que meramente preocupante. Eu seria um alvo fácil para qualquer fae das trevas que se aproximasse, desde um pixie ou anão até um ogro; para não mencionar o fato de que eu estaria cega! Eu gostava demais de ver o mundo ao meu redor para perder essa capacidade e manter a sanidade.

O médico fae, que me examinava e discutia várias teorias com seus colegas, respondeu: — Suspeitamos que você sofreu uma perda temporária da visão provocada pelos picos de energia que manifestou e enviou através de seu corpo. Com base nas informações compartilhadas por seus amigos, parece que seus... ähn... meios não tradicionais de controlar o poder poderiam ser o problema.

— Ele quer dizer que você pisou na bola — traduziu Tim.

— Sim, obrigada, Tim. Já entendi.

Revirei os olhos e imediatamente ouvi dois fae suspirarem. Um deles discretamente se desculpou.

— Qual é o problema? — perguntei.

— Nada — disse Tony com suavidade.

Pelo tom de voz eu sabia que ele estava mentindo.

— Tim? O que foi? Eu sei que você vai falar.

— Acho que você causou nojo ao revirar seus olhos brilhantes. Mas posso estar errado. Não dá para ver daqui.

Voltei-me para que ele pudesse me ver e revirei os olhos de novo.

— Argh, mulher, pare com isso. Você parece uma zumbi comedora de fae pronta para atacar.

— Ah... Desculpe. — Ótimo, agora estou causando nojo nas pessoas. — Então, o que devo fazer? — perguntei, voltando-me para onde estava antes a voz do médico. — Você tem algum colírio?

— Não. Mas vamos consultar alguns bruxos para ver se há alguma magia que possa acelerar sua cura. Nós lhe mandaremos uma mensagem se formos bem-sucedidos.

Eu estendi a mão.

— Scrum, você está aqui?

— Sim, aqui mesmo.

Ele pegou a minha mão e a colocou na dobra de seu cotovelo.

— Leve-me para a cama ou esqueça-me para sempre.

Sorrindo de meu próprio humor cretino, percebi que há um lado positivo em ser cega: eu não podia ver a reação de ninguém ao que eu dissesse, de modo que não haveria sentimento de culpa se eu fizesse alguém estremecer. Legal!

Scrum pigarreou, nervoso.

— Você quis dizer para seu quarto, não é?

— Sim. E se não estiverem muito cansados, gostaria que todos vocês nos acompanhassem para discutirmos o que aconteceu esta noite.

Ouvi murmúrios favoráveis ao meu redor; pude identificar a voz de todos, menos de Tony.

— Tony, você vem?

— Sim — suspirou. — Eu vou.

Eu não ia lhe implorar. Se ele ia embarcar numa de culpa por minha cegueira, que fosse. Além disso, ele era o novo coordenador de treinamento, de modo que teria de se mexer se quiséssemos ter a mínima esperança de ganhar essa guerra.

Assim que saímos da sala de exames, Dardennes e Céline entraram. Eu ouvi suas vozes, e pareciam estressados, o que era muito estranho vindo deles.

— Jayne, você se feriu? — perguntou Dardennes, deixando a preocupação transparecer em sua voz.

— Pode-se dizer que sim — respondi com ironia. — Mas parece que é temporário.

— Isso é um alívio e uma boa notícia — disse Céline, e segurou minha mão nas suas. — O que aconteceu? Nós lutamos contra as tentativas de entrada diante de cinco portas separadas. Felizmente, conseguimos afastá-los. Ouvimos dizer que você e seus amigos fizeram o mesmo. Nunca poderemos agradecer o suficiente por seus esforços em nome dos fae da luz.

Apertei o braço de Scrum quando pensei em Samantha atirando em Becky e nos elfos das trevas acertando uma flecha em Falco; não sabia se aquilo podia ser qualificado como um sucesso. Scrum acariciou minha mão para me tranquilizar.

— Podemos conversar sobre isso amanhã? Estou muito cansada.

Eu não estava de bom humor para explicar o quanto havia ferrado tudo naquela noite, e esperar um dia não ia mudar nada.

— Sim, claro — disse Dardennes. — Nós vamos ficar acordados até tarde da noite. Você está convidada a se juntar a nós depois de comer alguma coisa. Ou amanhã, pode ser também.

— Amanhã me parece bom.

Eu não estava com vontade de comer. Pensar em Falco e Becky me deixava triste demais até para entrar no refeitório.

— Tony? Veremos você com os elfos cinzentos hoje à noite?

— Sim, senhor, depois que eu conversar com Jayne.

— Muito bem, então. Até mais tarde ou até amanhã, Jayne.

Separamo-nos na porta. Eu e meus amigos fomos em direção aos quartos, chegando ao meu depois de alguns tropeços de minha parte, graças ao piso de pedra irregular, cuja antiguidade antes parecia legal, mas que agora era a ruína de uma vida sem ferimentos. A ida da clínica ao meu quarto resultou em um tornozelo ligeiramente torcido e um braço quase arrancado de tentar me segurar em Scrum para não cair.

Já dentro, sentada à cabeceira da cama com as costas contra a parede, comecei.

— Muito bem, pessoal. Em primeiro lugar, obrigada por terem vindo. Sei que vocês estão supercansados e preferiam estar na cama. Eu também... só que dormindo, não sentada... e sem nenhum de vocês aqui... mas quero saber algumas coisas, e, sem os olhos, preciso da ajuda de vocês mais que de costume.

— Não precisa explicar, Jayne. Pode contar conosco — disse Finn.

— É isso aí. Não há outro lugar onde eu preferisse estar agora — disse Spike.

Eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Eu não tenho escolha, moro aqui — disse Tim, com sarcasmo.

Porém, eu sabia que ele não se incomodava.

Não esperei a anuência dos outros; prossegui em um tom mais suave: — Bem, então, antes de mais nada, quero saber sobre Becky e Falco. O que aconteceu com...

Não pude terminar porque estava lutando para controlar as lágrimas. Eu disse a mim mesma que precisava me controlar, pelo menos por enquanto, até que todo o mundo fosse embora e ficassem só Tim e eu. Mas era impossível ficar impassível diante do que acontecera com dois dos fae mais legais que já andaram nesta Terra. Meu cérebro ficava me torturando, relembrando visões do rosto dos dois durante seus últimos momentos no Aqui e Agora.

Finn pigarreou, também tomado de emoção.

— Não sei de Becky, mas posso dizer que Falco não... resistiu. A seta perfurou seu coração, e era enfeitada. Não fosse por isso, ele poderia estar bem, mas...

— Isso é sujeira! — gritou Tim claramente indignado, com a voz muito mais alta do que o normal. — Fae não jogam sujo assim!

— Quem disse? — perguntei, e meus ouvidos não acreditavam no que estavam ouvindo. — Eu nunca vi um fae das trevas jogar limpo.

— Não, isso não é verdade — insistiu Tim. — Os fae têm um senso inato de justiça. Lutamos, sim, mas lutamos justo, para que o real, o verdadeiro vencedor se destaque. Nós não nos rebaixamos com esse tipo de táticas.

— Bem, aparentemente, os fae das trevas se rebaixam. Por isso precisamos intensificar nosso jogo.

Voltei-me na direção de Tony.

— O que você acha, Tony? Você é o mestre do xadrez/coordenador de treinamento. Tim diz que todo fae joga limpo.

Houve uma pausa enquanto Tony media suas palavras.

— Bem... Eu não sou fae há muito tempo, por isso não posso falar sobre jogo limpo da perspectiva de um deles; mas posso dizer que, se não estivermos dispostos a tomar decisões difíceis, como enfeitiçar setas, por exemplo, estaremos em clara desvantagem. E o fato de Jayne afetar as flechas dos elfos verdes com seu poder não é diferente para mim.

— Mas onde isso vai parar? — perguntou Scrum em voz baixa.

— Onde o quê vai parar? — perguntou Tony.

— Até onde estamos dispostos a ir? Flecha enfeitiçada é uma coisa, mas posso pensar em coisa pior. E minha avó costumava dizer: “Não dá para destacar o sino”. Parece que isso pode se aplicar aqui.

Uau. A voz da razão saindo do velho barril de chope. Eu estava começando a achar que todos os demônios tinham segredos. Primeiro Jared, depois Chase, e agora Scrum, escondido na aparência externa de um desastrado, mas, por dentro, outra história.

— Você está certo, Scrum — concordou Tony. — Existem algumas linhas que não devemos cruzar. A tortura é uma delas, em minha opinião. Nós não devemos fazer coisas assim.

— Tim diz que fazemos — eu disse, sem pensar antes de falar.

Assim que as palavras saíram de minha boca eu me arrependi. Agora eles iam saber que Tim era um bisbilhoteiro. Mas eu já havia tocado o sino. Pensando nisso, eu havia tocado um monte de sinos que desejava poder destacar. Uma lição para pensar outra hora.

— Não, nós não fazemos — disse Tony com firmeza. — Os elfos cinzentos são bem claros a esse respeito. Nós não usamos tortura, e estou totalmente de acordo com eles sobre isso. Nós não precisamos fazer isso para ganhar.

— Bem, Tim disse que alguém faz isso aqui. Ele estava do lado de fora de uma porta quando ouviu alguém dentro ser torturado.

— Tim, conte-nos o que sabe — pediu Tony.

Pelo tom de sua voz, eu poderia dizer que ele estava irritado.

— Jayne, diga-nos o que Tim disse.

— Quem? Eu? — disse Tim. — Ah, eu estava só brincando. Não é nada, verdade.

Ele bocejou excessivamente alto.

Franzi o cenho.

— Deixe de brincadeiras, Tim. Eu sei que você não estava mentindo antes.

— Estou cansado. Vou para a cama.

Roncos falsos provenientes de minha cômoda, onde ficava a cama dele, chegaram aos meus ouvidos.

Revirei os olhos, ouvindo apenas um suspiro desta vez. Merda, esqueci aquela coisa de olhos de zumbi.

— Desculpem. Ouça, Tim, precisamos descobrir o que realmente está acontecendo aqui. Não gosto de tanto mistério e joguinhos. Eu já destruí meus olhos, Falco está morto. Becky se foi sabe lá para onde. Sinto que estamos trabalhando só com metade da informação de que precisamos.

Achei que seria necessário ser um pouco ameaçadora.

— Vamos, coopere. Ou vou deixar Maggie pôr as mãos em você. Suas asas estarão totalmente crescidas, em, o quê, uns quatro dias? Menos, talvez?

Eu tinha de pegar pesado, caso contrário ele ficaria enrolando a noite inteira, e eu estava cansada.

— Você não faria isso! — guinchou ele.

— Talvez não. Mas vou deixá-lo no quarto de Scrum. E deixar suas coisas ao lado do travesseiro dele. Então, vá falando. Conte tudo, ou vá embora daqui.

— Você faria isso? Você me faria dormir ao lado do cabeça de gnomo?

Tim tinha nojo porque achava que Scrum não lavava o cabelo com xampu. Nem com nada parecido.

— Sim. O que for preciso. Por isso, desista. Quem está torturando quem, e onde?

Tim resmungou um pouco mais, mas depois falou:

— Foi em um corredor muito longe daqui. Segui Dardennes até lá um dia. Eu não sei quem ele estava torturando.

— O quê?! — perguntei, chocada.

— O que ele disse? — perguntou Finn.

— Quem foi? — perguntou Spike.

— Niles? Aposto que foi Niles. Ele é pequeno, mas parece estar sempre querendo bater em alguém. E ele tem um machado...

— Não. Tim disse que foi Dardennes que estava na sala.

— De jeito nenhum. Eu não acredito nisso — disse Tony com firmeza. — Ele não faria isso. Tim, diga a Jayne exatamente o que você viu e ouviu. Tenho certeza de que há um mal-entendido.

— Eu vi e ouvi o que já disse. Voei pelo corredor e segui Dardennes até uma sala onde alguém estava preso. Depois de fechar a porta, ouvi gritos lá dentro. Para mim, parecia tortura. E eu o vi entrar lá, de modo que não sei quem mais poderia ter aplicado a tortura.

Eu repeti a história de Tim aos outros e acrescentei:

— O que sei é que, quando fui sequestrada pelos fae das trevas, certa hora havia três pessoas na sala, mas só uma delas me torturava.

— Sim, mas os outros davam as ordens — disse Tim.

— Tim tem razão. Só um estava provocando a dor, mas os outros estavam lhe dizendo o que fazer. Ninguém era inocente naquela sala.

— Bem — disse Tony —, o único jeito de chegar ao fundo disso é ver com nossos próprios olhos. Quem vai?

— Agora? — perguntou Spike. — É meio tarde, não acha? Nós já perdemos o jantar.

— Eu não vou conseguir dormir se não descobrir o que está acontecendo naquela sala — disse eu, em pé ao lado da cama. — Scrum, você poderia me guiar, por favor?

Estendi a mão até seu cotovelo.

— Jayne, não sei se é uma boa ideia.

— Eu sei que você não sabe. Você nunca sabe, cagão. Vamos.

Nunca ninguém me contrariava seriamente; Scrum se arrastou e pegou minha mão, colocando-a em seu braço.

— Eu vou. Mas sob protesto.

— Tudo bem — disse eu, roçando seu flanco. — Quem mais vai?

Ouvi a voz de Tony à minha direita.

— Pegue Tim, Spike. Vamos todos. Por via das dúvidas.

Eu sorri. Meus amigos estavam do meu lado, mesmo que eu houvesse praticamente provado que não era digna de apoio infinito e incondicional. Por favor, não permita que eu estrague tudo. Eu não sabia quanto tempo mais eles ficariam do meu lado se eu não comesse a fazer as coisas direito — tudo direito, não apenas parcialmente, meia-boca.

Seguimos pelo corredor, caminhando uma longa distância. Tropecei várias vezes antes de chegar à porta que Tim identificara como provável candidata. A câmara de tortura.

— O que vamos fazer agora? — sussurrou Spike.

— Não sei. Não pensei nisso — sussurrei também.

— E você se pergunta por que não está na equipe de estratégia de guerra — riu Tim disfarçadamente.

Errei a mão sorrateiramente para beliscar sua bunda, mas ele mudou de lugar, agarrando-se em meu rabo de cavalo e se pendurando nele. Cerrei os dentes para não revidar. Não era hora de brincadeira. Podia haver um fae das trevas sangrando e raivoso atrás dessa porta.

— Deem-me um pouco de espaço, pessoal. Eu vou abrir — disse Tony, com uma voz que tentava se mostrar valente.

Scrum recuou, levando-me junto. Ouvi um som alto de metal, e a seguir, talvez pês se arrastando pelo chão de pedra. O que ouvi em seguida foi o som da porta ranger ao se abrir, correntes chacoalhando, e, a seguir, os suspiros coletivos de meus amigos.

— Que foi?! — gritei/sussurrei. — Quem é? O que foi?

Ninguém respondia, por isso falei em um tom de voz normal.

— Quem está aí, pessoal? Falem comigo.

— Jayne?

A voz que saiu de dentro da sala quase fez meu coração parar.

— Chase?



Capítulo 3

— CHASE? É VOCÊ?

— Sim — foi a fraca resposta.

Soltei o braço de Scrum e me precipitei sala adentro, sem me importar por não conseguir ver nada.

— Jayne, pare! — gritou um coro de vozes.

O volume e a urgência me fizeram hesitar.

— Por quê? É Chase.

— Não, não é, Jayne — disse Spike de repente ao meu lado, usando sua velocidade de incubo para chegar a mim primeiro.

Ele me segurou pelos ombros e me puxou de volta para a porta. Ouvi Scrum fazendo aquele grunhido de quando lutava com alguém que me punha em perigo. O grunhido se misturava ao som das correntes.

— O que está acontecendo? — perguntei sem forças.

Eu detestava aquele tom da minha voz, mas não podia evitar. Estava completamente perdida, incapaz de ver qualquer coisa. Eu sabia que ouvira a voz de Chase. Tinha de ser ele sentado ali. Por que Scrum estava lhe dando o abraço de demônio?

— Ah, minha mãe — disse Tim com a voz ligeiramente ofegante, apertando meu cabelo um pouco mais que o habitual. — Isso explica tudo.

— Explica o quê, Tim?

— A tortura. Ou o grito, pelo menos. É um buggane.

— Que diacho é um buggane, e porque tem a voz de Chase?

— O que ele está dizendo? — perguntou Spike.

— Ele está me dizendo que coisa é essa. Como é, Spike?

— Bem, até que parece com Chase, na verdade. Só que... é mais peludo. E nojento.

— Diga a ela, Tim, para que ela possa nos dizer — disse Tony. — O que é um... buggane?

Tim limpou a garganta, e a seguir, com sua melhor voz de narrador de documentário, explicou.

— Buggane é uma criatura fae baixa do Aqui e Agora, geralmente um demônio menor do Mundo Inferior. Quando está no Aqui e Agora, o buggane gosta de morar em cavernas e outros locais escuros e sombrios, geralmente perto de lagos e cachoeiras. Os bugganes geralmente evitam a companhia de outros fae... — ele abandonou a voz de narrador e continuou. — O que me faz pensar o que ele está fazendo nesta sala. Devia estar bisbilhotando ou algo assim, para que Dardennes o trouxesse para cá.

Eu repeti o que Tim dissera palavra por palavra, o melhor que pude.

— Ah, e diga que ele come carne humana ou de fae. E que ele pode assumir a aparência e a voz de certas pessoas ou fae, se assim desejar.

Tremi ao pensar nisso.

— Tim diz que ele pode mudar de forma e que é canibal.

— Não, não foi isso que eu disse! Você tem que contar as coisas direito. E usar a voz artística que estou usando. É muito melhor assim.

— Ok Então, ele não é um metamorfo. Ele só consegue assumir a aparência e a voz de outra pessoa ou fae.

Tim resmungou:

— Fica melhor quando eu falo.

— Bem, arranje uma voz mais forte, então — disse eu, irritada. — Eu preciso saber o que está acontecendo aqui, Tim, e não consigo ver nada, então, pare de encher. Estou perdendo a paciência de verdade com você.

— Jayne — ouvi a voz de Chase me chamando do outro lado da sala —, ajude-me. Preciso sair daqui. Como posso proteger você se não posso estar ao seu lado?

Eu tremi, involuntariamente recuando um passo.

— Puta merda! Ele é assustador?

— Não — disse Finn com naturalidade. — Não é, não. Ele até se parece bastante com Chase. Não é nenhum sócia, mas dá para enganar por um segundo.

Quase desejei poder ver essa versão bastarda de Chase, só porque sentia muito a falta dele. Mas seria melhor ter só o Chase real em minha mente. Não havia necessidade de dar mais material para meus pesadelos.

— Então, o que você acha? Por que ele está aqui? — perguntei a ninguém especificamente.

— Quem se importa? Vamos sair daqui — disse Finn, obviamente ansioso para ir embora.

— Quero falar com ele — eu disse.

Eu não tinha ideia de que informação poderia tirar dessa criatura, mas precisava saber como ele havia chegado até ali e por que estava personificando, ou demonificando, Chase.

— Então, buggane. Por que você está aqui?

— Meu nome não é buggane. Meu nome é Chase.

— Seu nome não é Chase! Não diga isso! Chase é meu amigo e eu não gosto que você use a voz dele.

— Bom, ele não se importa — foi a resposta dissimulada.

— Duvido que não — disse eu com raiva. — Diga-me como veio parar aqui. Você é fae das trevas, certo?

— Sim, sou fae das trevas. Eu estou aqui porque fui pego por um elfo de prata da luz.

— Onde você estava quando foi pego? — perguntou Tony.

— Na Floresta Verde.

— Onde, exatamente, na Floresta Verde? — perguntei, impaciente com suas respostas evasivas.

— Perto do lugar que vocês chamam de Campo Infinito.

Eu estivera lá com Chase no dia em que ele fora enfeitiçado por Tim, pouco

antes de o entregar ao curador fae das trevas, que, de alguma forma, acabou recrutando-o para seu lado — uma das minhas mais espetaculares cagadas até o momento.

— O que você estava fazendo lá? — perguntou Tony.

— Protegendo Jayne dos ogros das trevas.

Suas palavras me deixaram momentaneamente sem fala, especialmente porque foram ditas com a voz de Chase, e eu não podia ver seu falso rosto. Além disso, poucos fae sabiam que eu havia enfrentado orcs lá. Achei que era disso que ele estava falando quando disse ogros das trevas; havia uma semelhança entre as duas raças.

— O quê? — disse Spike. — Mentira. Você está fingindo ser Chase, e você come... pessoas. Provavelmente estava lá para comer Jayne.

A voz de Spike chegou diretamente a mim, então.

— Jayne, não dê ouvidos a esse monstro. Ele vai dizer qualquer coisa para enganá-la, tenho certeza. — Ele parecia revoltado. — Vamos embora.

Eu estendi a mão para detê-lo. Alguma coisa na voz do buggane me fez relutar para ir embora, talvez porque era muito parecida com a de Chase, não sei; mas eu precisava ouvir suas explicações. Eu ainda não havia decidido se ele estava mentindo, especialmente porque sabia dos orcs. E eu havia ficado em uma situação muito ruim — quatro deles contra Tim e eu. Devia ter acertado o grande naquele dia, mas não acertei. Eu havia considerado minha fuga como prova de minhas incríveis habilidades de me evadir do inimigo, mas agora não tinha tanta certeza.

— O que quer dizer com “me protegendo”?

— Eu recebi essa tarefa. Quem a atribuiu não me disse por quê, tudo o que eu tinha de fazer para pagar minha dívida. Eu não consegui, por isso sinto muita dor.

Ele soltou um grito que fez os pelos de minha nuca e meu cabelo se arrepiarem. Senti o arrepio passar por meu ombro quando Tim reagiu, dizendo, trêmulo: — Caraca, existe algo mais assustador do que um grito de buggane? Não, acho que não.

— Foi esse o som que você ouviu, Tim, quando achou que alguém estava sendo torturado aqui? — perguntou Tony.

— Hhummm... sim. Pode ser. — disse ele.

— Muito bem, talvez Dardennes não tenha torturado ninguém aqui.

— Talvez não — admitiu Tim.

— Mas ele ainda tem um prisioneiro. E está aqui há algum tempo, aliás.

— Pessoal, foco — interrompi. — Quem lhe deu a tarefa?

— Chase, é claro. Seu amado demônio.

— Como isso é possível? Ele foi pixelizado, não poderia ter atribuído uma tarefa a você.

— Bugganes são mentirosos — disse Tim. — Eu não acredito nele.

— Posso sentir seu cheiro, pixie — disse o buggane em voz baixa e inquietante.

— Não pense que se esconder no cabelo dela vai protegê-lo de mim — prosseguiu, com a voz de Chase. — Mas não estou a fim de lançar pixie hoje. Por que você não conta a ela sobre os fae que estão pixelizando? Parece que ela não conhece todos os fatos.

— Tim, do que ele está falando? — perguntou Tony.

O estrategista de guerra que havia nele devia estar se sentindo em desvantagem por não saber o suficiente sobre feitiço de pixel. Eu, pelo menos, estava.

— Bem... Acho que é possível que Chase tenha lhe atribuído a tarefa de cuidar de Jayne.

— Como, Tim? — Voltei-me para onde meus amigos estavam e repeti suas palavras. — Ele disse que é possível que Chase tenha lhe atribuído a tarefa de cuidar de mim.

Tim explicou:

— Se este buggane tivesse uma dívida com Chase, ou com alguém que estivesse com Chase, poderia receber uma atribuição para saldar a dívida.

— Mesmo que ele tenha sido enfeitiçado por um pixie e ficasse rindo sem parar? E que tipo de dívida? Por que um buggane teria uma dívida com Chase? Ele é apenas uma criança trocada.

— Mesmo pixelizado, você sabe que Chase ainda estava preocupado em cuidar de você. Ele disse isso quando nos resgatou. Então, sim, ele poderia ter feito isso. Ele estava lúcido o suficiente para organizar nossa fuga. Mas como um buggane poderia ter uma dívida para com Chase? Não faço ideia. Você vai ter de perguntar para esse aí.

— Pois bem, buggane — eu disse, voltando meus olhos cegos para a criatura —, por que você tem uma dívida com Chase? Ou você deve a outra pessoa?

— Meu nome não é buggane. É Chase.

— Não, não é! — gritei, perdendo a paciência quando minha voz começou a parecer chorosa. — Você não é o meu Chase. Qual é seu verdadeiro nome?

— Enquanto estou na tarefa, é Chase; no entanto, percebo que me ver assim a está perturbando, por isso, vou lhe dizer meu nome real. Foi você quem perguntou.

Ele parou um instante e percebi um som molhado saindo de onde devia estar seu rosto, fazendo-me pensar que ele devia estar lambendo seus beijos repugnantes.

— Você pode falar em voz alta, se desejar. Meu nome é Gorm.

Ele riu baixinho e profundamente.

— Vamos... diga.

— Seu nome é G...

— NÃO! — gritou Tim. — Não diga! Faça o que fizer, não diga o nome verdadeiro dele.

Pulei de susto ao ouvir o som que saía de onde Gorm estava acorrentado. Ele uivava de novo, e esse som, misturado com as correntes rangendo, fez-me sentir ânsia de vômito de ansiedade, porque não eram só sons ininteligíveis dessa vez; eram palavras iradas pronunciadas com maldade absoluta.

— Eeeu vooooou comeeer vocêêê, piiiixiiiiieeee! Aaaarrrrggghhhh!

Recuei até chegar à porta, cercada por meus amigos. Engoli em seco, mal conseguia articular as palavras: — O que eu quase acabei de fazer?

A voz de Tim tremia quando ele respondeu:

— Faltaram quatro letras para se transformar em refeição de buggane, junto com todos os seus amigos. Eu inclusive. Será que podemos ir agora? Talvez eu tenha me mijado um pouco. Preciso trocar de calças.

Ótimo. Xixi de pixie em meu cabelo. Ainda dá para piorar o dia? Não, acho que não. Nesse momento, senti o maior medo de toda minha vida, sem saber ao certo se era Gorm que me fazia sentir desse jeito, ou o fato de eu não poder ver o horror que ouvia e sentia. Mas eu precisava saber mais. Respirei profundamente, estremecendo, e continuei.

— Chase-monstro, preciso que você responda a mais uma pergunta. Não, espere... mais duas perguntas.

Tudo o que eu ouvia era a respiração pesada, rosnante e borbulhante, que decidi tomar como um sim.

— Em primeiro lugar, qual é a dívida que você tem com Chase?

Eu lutava para manter a voz firme:

— E em segundo lugar, por que você está gritando aqui desse jeito? Estão torturando você?

— Vou responder às suas perguntas, menina fae, porque vou considerar minha dívida com Chase paga quando eu for libertado e voltar para lhe dizer que você ainda está viva, apesar de os fae da luz terem me capturado durante minha missão.

Sua respiração parecia um estertor.

— Eu tinha uma dívida para com Chase porque ele e eu servimos juntos no Mundo de Cima, e, quando eu caí, ele se assegurou de que eu caísse só até aqui, no Aqui e Agora, e não até o Mundo Inferior, aonde eu deveria ir.

Ele fez uma pausa para outra respiração grosseira e continuou.

— E quanto à sua segunda pergunta, eu grito porque, enquanto minha missão não estiver completa, vivo para servi-la, e estou sendo impedido de fazer meu trabalho. É doloroso para mim. E também... estou bem faminto.

Eu estava chocada demais para falar, mas Tim não.

— Deve ser muito menos doloroso para você ficar aqui dentro do que seria para um dos seus desavisados convidados para jantar!

Gorm respondeu devagar, arrastando as palavras, uma de cada vez:

— Eu consigo ouvir você, pixie. Posso sentir seu cheiro... e posso ouvi-lo.

A ideia de que essa coisa pudesse cheirar e ouvir Tim, eu ou qualquer um de nós, estava me assustando. Eu só podia imaginar o que ele faria com Tim, ainda parcialmente sem asas e indefeso como um bebê. Provavelmente Tim se mijaria um pouco mais. Eu teria de trocar de blusa, com certeza. Queria saber se xixi de pixie deixa manchas permanentes.

Gorm continuou:

— Leve em conta, já que você me despreza, que eu não escolhi ser o fae que sou. Eu faço o que está em minha natureza, assim como você. Assim como você fez com Chase, pixie. E não se pode deter a natureza, não é, Jayne?

Então ele começou a rir histericamente, como um assassino enlouquecido trancafiado em um manicômio.

— Muito bem, já é suficiente para mim. — Meu medo já estava passando dos limites. — Estou pronta para ir. Scrum?

Ele não disse nada, mas ouvi seus pés pesados em minha direção, e, a seguir, senti sua mão seca pegar a minha e colocá-la em seu braço.

Enquanto saía, virei a cabeça para Gorm.

— Quando eu tiver meu Chase de volta, vou dizer a ele que o libere.

— Isso pode demorar bastante — disse Gorm.

— Não se eu puder evitar — respondi com raiva.

A merda era muito mais funda do que eu havia imaginado. Precisava o mais rápido possível de um maldito chuveiro e de pelo menos seis horas de sono.

Saímos com cuidado da sala; Spike fechou a porta atrás de nós e checkou duas vezes a fechadura. Eu podia ouvir o tilintar agitado das correntes de Gorm enquanto me afastava rumo a meu quarto. Tentei não tremer de medo, mas era impossível. Agora eu sabia de onde vinha o termo “bicho-papão”.

Seguimos para meu quarto e nos despedimos antes que os outros se fossem.

Tony foi o último a ir.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Sim — suspirei. — Obrigada, Tones. Vou só dormir; dane-se o banho, tomo amanhã. — Vejo você no café da manhã?

— Sim.

Ouvi os passos de Tony se aproximando de mim. Esperei, e logo fui atraída para um reconfortante e caloroso abraço. Abracei-o forte.

— Obrigada. Eu estava precisando.

Tony riu com suavidade.

— Não foi para você. Foi para mim.

— Marica.

— Durona.

— Pare. Você está me fazendo corar.

Tony se afastou.

— Eu sei que não pode me ver, mas, se pudesse, ia ver como estou orgulhoso de você agora.

— Ai, que nojo — disse a voz sonolenta de Tim na cômoda. — Guarde isso para o casamento, pode ser?

Senti meu rosto começar a queimar; dei passos para trás em direção à minha cama, ignorando meu companheiro de quarto rabugento.

— Fique orgulhoso quando eu finalmente fizer algo direito.

Tony caminhou em direção à porta.

— Você foi ótima, Jayne, e sabe disso. Por isso, pare de ser tão dura consigo mesma. Vejo você de manhã. Bem, não muito cedo, acho.

— Okay. Boa-noite.

A porta se fechou com suavidade atrás de Tony. Tirei a calça e puxei a túnica pela cabeça, caminhando em direção à cômoda com as mãos estendidas.

— Onde está você, Tim? Preciso de uma referência.

— Aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, não, não aí, sim, aqui, aqui, aqui.....

Bati a mão na gaveta da cômoda.

— Ai! Merda, isso dói.

Pus a mão dentro dela e peguei uma blusa limpa, sem me importar de colocá-la por cima de meu corpo sujo. Meu brownie Netter que se virasse. Talvez eu lhe desse dois chocolates por limpar nosso quarto amanhã, já que haveria xixi de pixie na roupa suja.

Voltei com cuidado para a cama, mas consegui bater o dedo do pé no canto dela.

— Filho da puta! — gritei.

Já estava de saco cheio dessa cegueira. Deitei-me na cama com o dedo do pé latejando e entrei sob as cobertas com a máxima cautela possível. Apoiei a cabeça no travesseiro e fiquei olhando para o teto, tentando ignorar os azuis e verdes rodantes que ainda oprimiam meus olhos cegos.

— Então, Tim. O que você achou do que Go... o buggane disse?

Esperei alguns segundos, mas não ouvi nada. Logo o barulho de motosserra começou. Tim estava dormindo.

Suspirei. Maldito pixie. Não vale nada. Esse foi o último pensamento que tive, até que fui acordada para tomar café da manhã, às cinco e meia, por um pixie cantando muito alto e desafinado.



Capítulo 4

SENTAMO-NOS AO REDOR DA MESA DO CAFÉ da manhã, de banho tomado e roupa limpa. Eu tinha grandes esperanças para esse dia, depois de já ter enfrentado uma substancial ameaça dos fae das trevas, e até o momento, pelo menos, os fae da luz ainda não haviam sido vencidos. Além disso, minha visão fora lentamente voltando, e essa era a melhor notícia dos últimos dias. Eu não podia enxergar perfeitamente, mas minha visão estava muito melhor que no dia anterior. Tudo estava meio confuso e tinha uma coloração azulada, mas dava para ver que eu estava me recuperando.

A única coisa ruim foi que Tim continuou insistindo que meus olhos ainda ficavam girando com uma cor maluca azul-esverdeada. Decidi não me preocupar com isso. Devia haver uma bruxa em algum lugar dali que pudesse me curar com uma magia; mas só depois que eu cuidasse das questões mais urgentes, como Becky. Nós ainda não sabíamos o que havia acontecido com ela, e isso me preocupava mais que meus olhos. Meu plano, depois de comer, era irmos falar com Naida, a sereia do lago e a fae com quem Becky passava a maior parte do tempo.

Scrum sentou a duas cadeiras de distância de mim para comer uma porção dupla de carnes ondulantes, mal respirando entre as garfadas. Eu podia ver o movimento e ouvir os sons. Mesmo com minha visão imperfeita, era nauseante.

— Porra, cara, você não precisa comer tudo de uma vez — disse Finn, tão intrigado que parou de comer seu próprio café da manhã.

— Deus, vê-lo comer é como ver acidente de trem. Não consigo desviar os olhos — disse Spike distraidamente.

— Dexculpe, pexoal. Estou xuper faminto, não xei por quê.

— Ai, cara — disse eu rindo, enojada. — Isso é nojento.

Tive de desviar o olhar.

— Onde está Tony? — perguntei.

— Não sei — disse Spike, ainda observando Scrum e se encolhendo por causa de algo que eu me recusei a olhar.

— Provavelmente na sala de guerra — disse Tim. — Conte a eles as coisas que o buggane nos disse.

Eu o observava distraidamente enquanto ele maltratava um morango na mesa, usando sua pequena faca pixie para cortá-lo e comê-lo. Sua aparência estava especialmente boa, já que teve tempo de cuidar do cabelo. Eu podia vê-lo melhor de longe que quando ele estava mais perto de mim.

— Você está bonito hoje, pixieman — provoquei-o.

Ele odiava quando eu o chamava assim.

— Você também, amante de buggane. Especialmente esse seus olhos de psicopata. Um toque especial. Acrescenta algo a seu olhar, combina com você.

Eu me recusei a morder a isca.

— Muito bem, o que temos na agenda? Treinamento? Alguém sabe?

— Não. Assembleia — disse Spike.

— Ah, que merda — disse eu, com meu bom humor indo por água abaixo. — Vou ter de ir para frente de novo?

Finn sorriu.

— Não. Desta vez, você vai estar na plateia. Tony estará lá em cima, com todos aqueles elfos cinza.

— Graças ao Mundo de Cima — disse eu, aliviada, sentindo-me um pouco melhor.

Uma pequena parte de mim achava que eu deveria estar ali com ele para lhe dar apoio moral e tal, mas meu lado egoísta dizia que os elfos cinza fariam isso por ele. Eu queria ficar gritando nas cadeiras, para variar. Poderia ser minha primeira e única chance de agir como um fae irado e ofendido naquelas cadeiras baratas.

Terminamos o café da manhã e seguimos os grupos de fae para a sala de reunião. Chegamos cedo o suficiente para sentar nas cadeiras do meio, mas escolhemos umas nos fundos, na última fila. Eu queria ter uma boa visão de toda a cena diante de nós, e não ficar vendo, com essa visão de merda, o fae sentado nervoso por algum motivo. Finn nos deixou e foi se sentar com os outros duendes verdes, mas Spike se sentou com Tim, Scrum e eu, guardando uma cadeira para Valentine, seu companheiro e mentor incubo.

Em cinco minutos o lugar estava lotado e os elfos cinza estavam perambulando

na frente das cadeiras elevadas dos membros do conselho. Uma bruxa acabou tomando o lugar que estávamos tentando guardar para Valentine, já que ele não estava ali. A voz de Dardennes gritou para que todos se sentassem, e a apresentação começou.

Os elfos cinza se revezaram informando a situação atual da guerra contra os fae das trevas. Ninguém usava mais outro nome — era oficial, estávamos em guerra. Era quase surreal, mesmo depois de uma batalha real. Nunca pensei que ainda adolescente eu lutaria em um conflito real, armado, como esse. Eu entendia por que estava acontecendo, mas não me agradava. Havia muitas conexões entre os fae da luz e das trevas. Até parentesco. Céline, o elfo de prata que era companheira constante de Dardennes, tinha uma irmã lá — esposa de Dardennes, na verdade. E agora Chase estava lá. Se acontecesse uma batalha entre nós dois, eu não lutaria. Eu abaixaria as mãos e deixaria que ele me pegasse. Talvez porque eu achava que ele nunca me machucaria. Mas, ainda assim... não era certo ferir seus amigos dessa maneira, mesmo que eles tivessem uma diferença fundamental de opinião sobre certas coisas.

Tony observava a multidão, como se procurasse alguma coisa, quando seus olhos se fixaram em mim. Ele balançou a cabeça em silêncio, e eu acenei de volta. Ele deve ter me sentido vibrar de novo. Suas habilidades empáticas haviam se desenvolvido desde que ele chegara. Ele podia sentir as emoções de quase todo o mundo na sala, mas as minhas mais que de qualquer um. Não apenas meus sentimentos, mas meus pensamentos também. Não sei se era nossa amizade que nos vinculava, ou outra coisa. Eu odiava isso no início, mas agora nem tanto. Era bom estar conectada assim com meu melhor amigo. Com as circunstâncias atuais no complexo, e as coisas da guerra fae em geral nos mantendo separados, era difícil entender como nossa conexão vibracional podia ser tão forte; mas era. Agradava-me saber que, não importava o que acontecesse, ele sempre estaria a apenas um pensamento de distância.

Minha atenção foi atraída para um duende verde da plateia que respondia a uma pergunta de um elfo cinza.

— Sim, tivemos um confronto fora da porta do Campo Infinito. Perdemos quatro duendes verdes lá. Os fae das trevas tinham uma equipe de duendes e ogros. Fomos esmagados.

— Eles parecem ter um maior número de forças que nós. Foi essa a impressão que você teve no campo, Robin? — perguntou um dos elfos cinza.

O chefe dos duendes verdes respondeu:

— Exatamente. Em todos os casos, exceto um, estávamos em número menor: um nosso para dois deles.

O velhote do conselho, que nunca disfarçara sua antipatia por mim, disse:

— Que caso foi uma exceção?

Robin olhou para o conselho e depois em minha direção. Eu não podia ver suas feições, mas podia ver sua cabeça se inclinar.

— Jayne estava do lado de fora da porta da gárgula. Ela usou seus poderes para melhorar o nosso, por isso, conseguimos atingir todos os nossos alvos, mesmo no meio de um turbilhão causado por vento e fogo elementares.

O gorjeio de vozes se levantou e senti vários olhos em cima de mim.

— Droga. Queria ser invisível — murmurei a Spike.

Ele pegou minha mão e a apertou:

— Não se preocupe. Estamos aqui.

Estendi uma mão e coloquei a outra no antebraço quente de Scrum, encontrando conforto em sua presença volumosa. Ele acariciou minha mão brevemente. Aparentemente, Scrum não estava preocupado, mas eu me apoiei em meus dois amigos. Eu estava me sentindo seriamente fraca, por algum motivo.

— Basta dizer como foi, Jayne. Não ligue para nada que esse velho bruxo ríspido disser — disse Tim, todo cheio de fúria pixie.

Fiquei feliz por alguém estar furioso. Eu só queria desaparecer nas almofadas da cadeira. Não era meu normal, mas eu já havia lutado o suficiente. Talvez amanhã eu me sentisse bem matando Ben de novo.

A atenção indesejada me abandonou quando os elfos cinza começaram a resumir nossas perdas e o número de batalhas que realmente haviam sido travadas ontem. Foram cinco no total, e havíamos perdido oito elfos, um ogro, nove anões, e possivelmente um espírito de água; o júri ainda não contabilizava Becky, o que me deixou triste e esperançosa ao mesmo tempo. Eu nem sabia que tínhamos tantos anões. Eu só vira dois deles. Havia me dito antes que sempre que havia uma luta, perdíamos mais anões do que qualquer outra raça. Eles eram os mais arrojados dos fae, e muito pequenos para lutar contra o inimigo de forma efetiva.

Niles sobrevivera, no entanto. Estava em seu lugar habitual à mesa do conselho, fazendo cara feia para tudo o que era dito. Eu imaginava como ele seria sem todas aquelas rugas de irritação no rosto. Estava tentando imaginá-lo quando a voz de Tony chamou minha atenção.

— Com relação aos reforços, temos vários voos contratados para trazê-los. Fizemos o chamado e tivemos uma resposta maciça. Cerca de duzentos e cinquenta fae da luz, principalmente da América do Norte e Europa, chegarão para se juntar a nós. Todos aqui teremos de dividir um quarto no complexo com um dos recém-chegados, ou arranjar-lhes acomodação na floresta. Faremos todo o esforço para levar em conta suas... proclividades ao distribuir os quartos.

— Proclividades? — sussurrei para Spike. — De que diabos ele está falando? Essa palavra existe?

— Sim. Significa que eles não vão colocar um incubo em um quarto com uma elemental ferosa.

Ele olhou para mim e mexeu as sobrancelhas para cima e para baixo, sugestivamente.

— Ah... Nada de diversão durante a guerra, é isso?

Ele riu baixinho.

— Mais ou menos isso.

— Isso é um alívio — disse, sem pensar.

Spike ergueu as sobrancelhas interrogativamente.

— E isso quer dizer...

— Que estou muito ocupada para isso agora.

Ele acenou com a cabeça sem dizer nada e voltou-se para os elfos cinza.

Uma das bruxas na plateia perguntou quantos fae das trevas haviam morrido nas batalhas, e meus ouvidos se animaram com isso.

— Não temos certeza do número exato, mas sabemos que na porta da gárgula a contagem foi de aproximadamente vinte. Essa foi nossa defesa mais bem-sucedida.

Robin voltou a cabeça para mim e se levantou. O mesmo aconteceu com todos os seus amigos duendes verdes. Cada um deles colocou a mão fechada sobre o coração e se inclinou ligeiramente em minha direção. Senti meu rosto em chamas.

— Mããããã! — disse Tim com sua melhor voz de assombração.

— Feche essa maldita boca, pixie, antes que eu o entregue ao buggane — sussurrei com raiva.

Tim me presenteou com um peido pixie, e eu não pude fazer nada, uma vez que estava cercada de fae por todos os lados, olhando para mim.

Incapaz de me forçar a sorrir, acenei com a cabeça para Robin e seu grupo, esperando que se apressassem, acabassem com a maldita saudação e se sentassem. Eu não me sentia digna de qualquer reverência. Falco e Becky possivelmente também haviam morrido. Isso não era um sucesso, na minha opinião. Senti toda a raiva de mim de novo, e meu bom humor desapareceu completamente. Maldita guerra dos infernos. Por que não podemos simplesmente esquecer?

Levantei-me ao sinal de que a reunião havia terminado, ou seja, quando o conselho se levantou e saiu. Esperei com impaciência diante de minha cadeira até que o fae ao meu lado saísse para o corredor, para que pudéssemos sair também.

— Olá, meus amores, o que foi que eu perdi?

Era a voz ciciante de Valentine no final da fila, acompanhada de um sorriso brilhante.

— Pare de ser tão alegre. Há uma guerra acontecendo, sabia? — respondi, irritada.

Valentine estava sempre feliz, assim como Becky, com um leve toque de perigo em sua exultação. Se ele não fosse tão ostensivamente gay, eu provavelmente me sentiria atraída por sua alegria. Nesse momento, porém, era irritante.

— Aaaahh, sua ranzinza. Parece que você precisa de um pouco de amor incubo. Qual é o problema? Spike não está à altura da tarefa? Você pode chamar Valentine quando estiver necessitada, florzinha. Sabe que pode contar comigo.

Revirei os olhos, pronta para responder, mas ele me interrompeu.

— Oh, meu Deus, vejam esses olhos! Hmm-mmm-mmm, não é a coisa mais maldosamente linda que eu já vi na vida? Venha aqui, preciosa... vamos dar uma olhada em você.

Eu podia ver suas mãos estendidas como uma vovozinha se preparando para apertar minhas bochechas.

— Ahh, não, obrigada.

— Venha cá, elemental — disse ele, e todo o humor e cicio desapareceram de sua voz — Não estou pedindo.

A borda exultante de seus olhos recuperou seu velho perigo. Toda a alegria desapareceu.

Suspirei, devidamente intimidada.

— Muito bem, aqui estou. Estou meio cega, está satisfeito?

Ele segurou minha cabeça entre as mãos e olhou para meu rosto. Pelo menos era o que parecia estar fazendo. Tudo o que eu podia ver era um borrão bem perto. Eu o via melhor de longe. Ele parecia estar inclinando a cabeça de um lado a outro, vendo meus olhos de todos os ângulos.

— Tsc, tsc, isso é um problema, não é?

— Está melhor do que ontem.

— Como assim, doçura? Estavam mais azuis antes? Porque eu duvido. Você está tão azul quanto o azul pode ser. Os elementos estão todos enroscados, não é? Pobre bebê.

— Não, eu quis dizer que pelo menos enxergo um pouco agora. Ontem, estava cega.

— Sim — disse ele distraidamente enquanto continuava a me examinar —, imagino. Você tem sorte de não estar vendo nada, de verdade.

Ele tirou as mãos de meu rosto.

— Por que diz isso? O que você sabe sobre isso?

— Ah, só um pouquinho, talvez.

Eu senti que outros fae nos empurravam para passar, e parte de mim queria ir com eles; mas outra parte queria falar com doutor Valentine e descobrir que diabos estava acontecendo com meus olhos.

— Diga-me o que está acontecendo comigo, Valentine. Sério. Os médicos não têm a menor ideia.

— Isso porque eles são muito jovens.

— Duvido. Tim disse que quem me examinou foi um velho rabugento.

— Ele teria que ser tão antigo quanto Céline, Anton e eu. E não é. Eu já vi isso antes.

— Onde?

Estava quase com medo de ouvir a resposta. Valentine estava sendo meio evasivo, o que não combinava com ele, que normalmente gostava de dizer as coisas só para chocar.

— No elemental que vivia aqui. Nós o perdemos, no entanto. Ele foi para seu elemento e nunca mais voltou.

Minha garganta ficou instantaneamente seca.

— E o que isso tem a ver com meus olhos?

— Bem, amada, isso significa que o que você fez ontem foi perigoso. Você é um elemental de não apenas um elemento, mas de dois. Usar e combinar essas duas forças pode ter lhe custado mais do que você esperava.

— Como assim? — perguntou Spike, de repente muito interessado.

— Passe muito tempo em seu elemento, Jayniezinha, e você vai se tornar parte dele. Então, bye bye Aqui e Agora, e Olá... bem... não sabemos o quê. Não é o Mundo de Cima. Nem o Inferior. Você simplesmente... puf! Desaparece.

Ele moveu as mãos como um mágico para dar estilo à sua explicação. Deixou que suas palavras surtisses efeito e, então, disse: — Bem, bebês, vou indo beber um pouco da deliciosa energia fae. Spike, vem comigo?

Voltei-me para ver o rosto de Spike, muito próximo ao meu, e pude ver as cores queimando seus olhos; mesmo sem poder ver a espiral que eu sabia que estava lá.

— Ah, sim. Claro.

Ele apertou meu braço:

— Vejo você na hora do almoço?

Eu dei de ombros:

— Tanto faz.

Eu devia ter ficado com ciúmes por ele ir mexer com alguma garota fae em algum lugar, e possivelmente de uma forma bem sexual, mas, honestamente, não pude me permitir me incomodar o bastante. Era Spike, e embora eu o achasse incrivelmente sexy, não o achava bom para namorar. Agora, claro, quando ele estava me beijando, era outra história. Mas eu não podia ser responsável por meus sentimentos quando estivesse no meio daquilo. Nenhuma garota ou fae poderia.

— Então — disse Scrum timidamente —, acho melhor você ter cuidado ao usar esse seu poder de novo.

— Sim — disse, sem me comprometer.

É claro que eu não queria me perder em meus elementos, mas e se pudesse mandar Samantha e Ben para o Mundo Inferior, ao qual pertenciam? Eu faria tudo de novo, mesmo que isso significasse me perder. Além disso, eu não tinha tanta certeza de acreditar em Valentine. Precisava da confirmação de uma fonte mais confiável, como Céline. Decidi localizá-la depois de conversar com Naida sobre Becky.

— Scrum, você vai comigo falar com Naida?

— Eu vou aonde você for, Jayne, você sabe.

— Okay, então, vamos resolver essa parada.

— Você pode me deixar no quarto? — choramingou Tim. — Esses espíritos de água têm cheiro de cocô de peixe podre.

— Que saco. Você vai. E cuidado, ou vou jogá-lo no lago e fazer você nadar para se salvar.

Tim estava me irritando seriamente, e eu não sabia porquê.

— Sabe, Jayne, isso não é engraçado. Alguns desses espíritos de água passam tanto tempo na água que são mais peixes do que fae. E um pixie sem asas se parece muito com uma grande libélula. Uma mordida e seria meu fim.

— Bem, então, acho que posso contar com seu bom comportamento.

Ele puxou meu cabelo.

Eu suspirei.

— Ou talvez não.



Capítulo 5

CHEGAMOS AO LAGO E NÃO VIMOS NADA além de água calma e parada. Surpreendia-me saber que podia haver tanta atividade acontecendo abaixo da superfície, mas, de alguma forma, não aparecia acima. Fiquei feliz ao descobrir que minha visão havia clareado o suficiente para que eu pudesse ver um pouco mais dos detalhes ao meu redor.

Eu estivera no lago algumas vezes, principalmente para descobrir minha ligação com a água; por isso, tinha ideia de quantos fae viviam nele e sabia que havia uma comunidade inteira ali. Por fim chegara perto de dominar a magia de entrar na água sem me molhar, mas ainda não estava perfeita. Algo sempre saía úmido; da última vez foram meus sapatos. Então, em vez de entrar, chamei Naida.

— Ei, Naida! Você está aí? Preciso falar com você sobre Becky!

— Ei, madame peixe! Apareça, apareça, onde quer que esteeeeeja! — acrescentou Tim, obviamente sentindo-se muito seguro em meu cabelo, de tão tolo que era.

Momentos depois, vimos os sinais reveladores do iminente aparecimento de Naida. Era como assistir a um vídeo do monstro do Lago Ness. Primeiro uma agitação no meio do lago, depois algo se movendo sob a superfície, indo em direção à costa.

— Ela está aquiiii — disse Tim, de forma sinistra.

Ele me fez lembrar o velho filme *Poltergeist*, o que mais uma vez me fez questionar como Tim conhecia todas essas referências humanas, novas e velhas. Dei de ombros, esperando me lembrar de interrogá-lo sobre isso depois.

Scrum permaneceu em silêncio. Desde a batalha, ele andava estranhamente quieto. Era como se, de repente, houvesse sido forçado a crescer. Achei que ficaria feliz com isso, mas me vi sentindo falta de sua constante e irritante tagarelice. Se ele comesse de novo, provavelmente me irritaria. Acho que eu sou assim: nunca estou satisfeita, nunca sei o que quero.

Logo a silhueta de Naida rompeu a superfície, e pequenos movimentos da água atrás dela provocavam ondulações. Ela chegou à beira, onde estávamos, caminhando completamente fora d'água, e ficou a minha frente. É claro que estava seca da cabeça aos pés; nem um único fio de cabelo parecia molhado. Ela era a Dama do Lago, e uma figura imponente. Tive de levantar os olhos para

fitá-la, porque ela tinha uns dez centímetros a mais que eu.

— E aí, Naida? — perguntei.

Ela inclinou a cabeça para mim sem dizer nada. Era uma fae de poucas palavras, mas tudo bem, porque sempre que ela começava a falar, fazia essas coisas de sereia que tornavam difícil manter o foco.

— Estou aqui por causa de Becky. Quando estávamos lutando contra os fae das trevas ontem, ela foi atingida... por uma bruxa. Eu a vi aterrissar na grama, e ela parecia...

Precisei de um tempo para concluir, porque a queimação na garganta causada pelas lágrimas não derramadas tornava difícil falar. Inspirei e expirei profundamente para me acalmar antes de continuar.

— Ela parecia morta, mas depois se teletransportou. Ela está aqui? Com você?

Naida sacudiu a cabeça negativamente.

— Bem... e os fae mortos normalmente desaparecem assim? Ou melhor, espíritos de água mortos?

Naida balançou a cabeça de novo. Foi frustrante.

— Você tem ideia de onde ela possa estar? Ou se está viva?

Naida balançou a cabeça de novo, mas desta vez parecia triste, e não fria como habitualmente.

— Você também sente falta dela, não é?

Naida assentiu com a cabeça lentamente.

Eu sorri, com tristeza.

— Ela tinha um jeito de iluminar tudo, não é?

Naida deu um sorriso fraco e acenou com a cabeça de novo.

Estendi a mão, e Naida olhou para ela. A seguir, ergueu a cabeça com uma pergunta nos olhos. Indicando minha mão com um movimento de cabeça, sugeri a ela que a pegasse.

Lentamente ela, estendeu a mão, como em um sonho, e com suavidade segurou

a minha. Sua palma era fria, mas seca. Puxei O Verde para meu âmagô, sem me importar com o alerta de Valentine. Como uma elemental ligada à Terra eu nasci para fazer isso, para canalizar essa energia. Se eu morreria por isso um dia, que fosse. Não seria certo eu manter tanta beleza e conexão só para mim, recusando-me a compartilhá-la com os outros por medo do que poderia acontecer.

Queria confortar Naida da melhor maneira que eu sabia. Sereias eram um mistério em geral, mas, como um ser vivo da Floresta Verde, eu sabia que, no mínimo, ela podia apreciar as sensações da energia da Terra. Enviei-lhe um pouco desse poder que se ergue de baixo através de minha mão.

Seus olhos brilharam com o contato, e, quando a energia chegou totalmente a ela, seu rosto se iluminou também. Sua boca se abriu e ela soltou um canto de sereia. Fechou os olhos enquanto cantava a assombrosa melodia sem palavras. Os sons tomaram conta de mim — tristes e ao mesmo tempo cheios de uma emoção que me pareceu mais renovação e esperança do que desespero. Eu não conseguia controlar o tremor de meus lábios e queixo, nem as lágrimas que começaram a correr de meus olhos. Mas eu não queria chorar. Olhei para Scrum e vi que ele também estava chorando; minha visão estava clara o suficiente para ver as gotas de cristal escorrendo por seu rosto. Ele não se deu o trabalho de enxugar as lágrimas. Até Tim fungava atrás de minha orelha.

Naida abriu os olhos e parou de cantar, meneando a cabeça para mim e rompendo nossa conexão enquanto retrocedia na água.

Levantei a mão e acenei debilmente.

— Até mais, Naida. Obrigada.

Scrum, Tim e eu ficamos em silêncio juntos, ali, até que os movimentos de retorno de Naida a seu reino submarino diminuíram.

— Aonde vamos agora? — perguntou Scrum com tranquilidade.

— Depois disso, preciso de um cochilo — disse Tim. — Estou exausto.

— Não, nada de cochilo. Vamos falar com Céline. Preciso falar com ela sobre meu problema de visão.

Depois de me conectar com Naida, passei a enxergar melhor do que nunca. Eu já não tinha certeza de que meus problemas de visão tinham relação com o uso de meu poder elemental, ou com o modo como os usava, ou até mesmo com o

que eu havia usado. Talvez Céline tivesse algumas respostas para mim.

— Vamos lá — disse eu —, vamos procurar aquela elfo de prata selvagem e maluca.

— Que elfo de prata? — disse uma voz atrás de mim.

Voltei-me e vi Céline materializando-se de um ciclone girante.

— De onde diabos você veio? Está tentando me provocar um ataque cardíaco?

Levei a mão ao peito, tentando acalmar meus batimentos descontrolados. Podia sentir meu pulso martelando em meu pescoço também. Percebi que precisava parar de deixar que os fae me surpreendessem desse jeito. Nem sempre era um dos bonzinhos. Com Scrum ou sem ele, eu tinha de começar a ficar atenta. Ou talvez pudesse convencer Tim a andar sentado para trás, assim eu literalmente teria olhos na nuca. Mas isso só funcionaria por uma semana, ou até menos, até que as asas de Tim houvessem crescido totalmente de novo. Não sei quem estava mais animado com isso, Tim ou eu.

— Vim procurar você — respondeu ela com seu tom tipicamente calmo. — Tony me disse que estaria aqui. Descobriu o que aconteceu com Becky?

— Não. Parece que ninguém sabe. É por isso que eu estava indo falar com você. E para lhe fazer algumas perguntas sobre o problema com meus olhos.

Ela observou meu rosto.

— Você parece falar comigo como se estivesse me vendo, mas seus olhos estão iguais a antes. Como está sua visão agora?

— Está melhor. Muito melhor, na verdade.

Céline fez um gesto em direção à floresta.

— Vamos andar enquanto falamos?

Dei de ombros, seguindo-a, e, sem perder tempo, comecei a falar.

— Já estava melhorando, mas tive um momento com Naida que clareou tudo.

— O que você estava fazendo quando isso aconteceu? Alguma coisa especial?

— Bem, eu estava compartilhando O Verde com ela e ouvindo-a cantar.

Eu olhava para baixo enquanto falava, tentando ter cuidado e não tropeçar. Fui parcialmente bem-sucedida, proporcionando a Tim o passeio acidentado de que ele tanto gostava. Superpoderes não dão graciosidade, aparentemente. Pelo menos não para mim. Caí de joelhos duas vezes; malditos galhos no caminho! Eu poderia ter usado minhas conexões para que meu caminho ficasse limpo, mas me pareceu meio demais, tipo, abusar do poder para meu conforto. Maldita ética que eu tenho!

Céline pensou em minha pergunta por um segundo, e, a seguir, respondeu:

— Talvez o fato de você usar seu poder para ajudar alguém tenha acelerado sua cura. Você curou outras pessoas com O Verde antes.

— Não sei, pode ser. Isso me leva à outra razão pela qual eu queria falar com você. Valentine disse algo que me incomodou hoje cedo.

Pude notar o sorriso em sua voz quando ela disse:

— Você vai ter que se acostumar. Valentine é assim mesmo.

Tive de sorrir também.

— Sim, tem razão. Mas me incomodou de uma maneira diferente. Acho que ele foi esperto, na verdade. No sentido de inteligente, não de cretino esperto. Ele disse que houve um elemental aqui antes que se perdeu em seu elemento. Mas, primeiro, seus olhos ficaram esquisitos, como os meu estão agora.

Céline suspirou.

— Sim, tivemos um elemental do Vento aqui antes. Nós, elfos de prata, éramos próximos dele a maior parte do tempo, visto que somos servidores do Vento. Pelo menos nos primeiros cem anos da vida dele fomos próximos. Mas, lentamente, ele se perdeu em seu elemento. É verdade.

— E como isso acontece? Aonde ele foi?

Céline graciosamente desviou de um tronco caído antes de responder:

— Se você se encher de seu elemento, ou, em seu caso, seus elementos, corre o risco de ficar muito apegado. Talvez essa seja a melhor maneira de descrever. Não sei bem se é questão de você se apegar a ele ou o contrário. Mas, independente disso, em algum momento você se conecta e simplesmente não volta para nós. E desaparece por completo, como se você se tornasse fisicamente parte desse elemento.

— Quer dizer que eu morro? É isso?

— Não exatamente. Não temos nenhuma evidência disso. Nós temos... contato ocasional com os Outros Mundos, e até hoje não recebemos nenhuma informação de que esse elemental tenha aparecido em qualquer outro reino.

— Como é que é? Quer dizer que vocês falam com anjos e demônios?

Eu não podia ver o rosto de Céline, mas a ouvi rir.

— Pode-se dizer que sim. Mas não é nada demais. Normalmente é um deles que fica perdido no Aqui e Agora, e é só por acaso que o encontramos.

— Ah — disse eu, dissimuladamente —, tipo como quando bugganes são capturados perto do complexo?

Céline parou de andar, mas não se voltou para me encarar. Por um momento ela não disse nada, mas logo começou a andar de novo. Talvez ela achasse que eu não perceberia, mas era como não perceber os peidos de Tim: impossível.

— Você conhece algum buggane, Céline?

Céline parou de novo e se voltou para mim, suspirando.

— Como é que você sabe sobre bugganes?

— Eu não sei nada sobre bugganes; só sei sobre aquele buggane em sua masmorra.

Ergui uma sobrancelha, desafiando-a a me contradizer.

— Como?

— Um passarinho me contou.

Tim puxou meu cabelo, e precisei de toda minha concentração para não me contrair.

Céline franziu a testa.

— Seu passarinho vai se meter em confusão um dia desses.

— Acho que esse passarinho já voou, na verdade, mas não é essa a questão. A questão é que eu vi esse buggane, cujo nome quase pronunciei, muito obrigada, e

ele tinha umas coisas bem interessantes a dizer.

Os olhos de Céline quase saltaram das órbitas.

— É, Céline, talvez você deva pôr um cartaz na porta da próxima vez. Que diga algo como: “Atenção! Não diga o nome verdadeiro deste buggane, ou ele vai comer sua cara”. Essa informação poderia ter sido útil antes de eu entrar lá.

— Você entrou para ver o buggane?

Ela olhava para mim com a boca ainda aberta e uma expressão de incredulidade no rosto.

— Bem, tecnicamente, não, já que eu estava cega na época. Eu não consegui ver nada, mas com certeza pude ouvi-lo.

Um tremor involuntário passou por meu corpo ao recordar sua voz igual à de Chase e seus uivos do outro mundo.

Céline engasgou com a própria saliva:

— Você... gaahhh... entrou na cela do buggane quando estava cega? Você está louca?

— Louca? Sim, louca de raiva de você.

— Não, quero dizer louca de maluca. Doente mental. Xarope, como vocês, crianças trocadas, dizem.

— Eu disse a ela que era uma péssima ideia — intrometeu-se Scrum, por fim se manifestando.

Voltei-me e fiz uma careta para ele antes de continuar:

— Ah, entendi. Não, não sou louca nem doente mental. Sou uma criança trocada que só faz cagada e quer respostas. Alguém que está perdendo amigos a torto e a direito e quer saber como acabar com isso. O buggane me deu algumas respostas, por isso estou feliz por ter ido lá. Mas ele suscitou mais perguntas. Por isso estou aqui, falando com você, agora, querendo respostas. — Joguei as mãos para o alto, frustrada. — Mistérios, dúvidas, segredos... isso nunca acaba por aqui.

Céline baixou os olhos, sem poder ou querer responder.

— Ouça, não ajuda nenhum fae manter segredos um do outro, não percebe? O

bicho-papão que você mantém trancado naquela sala quase arrancou minha cabeça, literalmente. Eu quase me ceguei com meus próprios poderes ontem. Toda essa merda é evitável. Quando é que vocês vão me deixar entrar em seu santuário interno do conhecimento?!

Minha voz foi aumentando de forma constante, até que eu estava quase gritando. Por isso fui totalmente pega de surpresa quando Céline começou a rir.

— Que foi? — perguntei, desconfiada. — Qual é a graça?

Céline abanou seu rosto brilhante, sorrindo.

— Nada, nada. Foram só as palavras que escolheu. Santuário interno do conhecimento. Ah, como eu gostaria que tivéssemos isso!

— Como é? Você é tão ignorante quanto eu? Acho difícil de acreditar.

— Não, não é isso. E, só para constar, você não é tão ignorante quanto pensa que é. Você simplesmente não confia em seus instintos e não se dá crédito suficiente. Se você tivesse a confiança que devia ter com base em quem é e o que é, seria capaz de encontrar a maior parte das respostas de que necessita. Todos os ingredientes estão ao seu redor, disponíveis para você. Misture tudo e as respostas vão aparecer.

— Você parece uma bruxa fazendo uma poção — disse Tim claramente. — Bom, você meio que se parece com Maggie, a bruxa, quando acorda!

Levei a mão para trás para tentar pegá-lo, mas ele se escondeu em meu rabo de cavalo.

Céline deu de ombros.

— Você pode usar um pouco de magia, mas acho que consegue mesmo sem.

— Bem, eu não posso usar magia, então, acho que vou ter que pegar o caminho mais longo.

— Não seja boba. Você é uma elemental, faz parte da magia. A magia flui através de você.

Eu olhei para ela com desconfiança.

— Parece que você está me dizendo que eu posso fazer feitiços de bruxas.

Ela sorriu.

— Temos dito desde o início: você é capaz de grandes, grandes coisas. Está cada vez mais claro para nós a cada dia que você é nossa Mãe. Mas nós não esperamos que você aprenda tudo em um mês, um ano, nem mesmo em uma década. Talvez nem em um ou dois séculos. Acredite, é muita coisa para aprender. Nem o mais antigo de nós sabe tudo que você é capaz de fazer. Você é um mistério delicioso, com muitos poderes, que todos nós do conselho ansiamos descobrir junto com você.

Ela sorriu de modo reconfortante.

— Não aquele velho bruxo. Ele não gosta de mim.

— Quem? Red? Ele não é tão ruim. Basta conhecê-lo melhor, você vai ver. Ele é meio como Niles. Brusco por fora, suave por dentro.

— Ah, sei! — balancei a cabeça.

— Então, sobre esse buggane...

— Sim, sobre o buggane.

Ela ficou séria de novo.

— Ele me disse que serviu com Chase no Mundo de Cima. Existe alguma chance de ele ter se confundido?

— Eu não conheço o jeito dos bugganes. Eles são, de fato, criaturas complicadas. Mas acho que ele não poderia mentir para você. Conseguimos determinar que ele foi, de fato, encarregado de sua proteção, por Chase ou por alguém em nome de Chase.

Eu acrescentei o melhor que pude:

— Então, o que você está dizendo é que, se o buggane me disse isso, deve ser verdade?

— Verdade até onde o buggane sabe. Eles são apenas baixos fae, por isso, precisa levar isso em consideração.

— Baixos fae. Irgh! Gack! — disse Tim com nojo.

Eu o ignorei.

— Baixo fae? O que é isso? Já ouvi isso antes.

— São fae que não se misturam com a população fae. Eles evitam a companhia de outros fae, exceto quando os caçam. Nós os chamamos de baixos fae.

Tim acrescentou:

— Eu os chamo de mais baixos que baixos fae. Comedores de fae, todos eles.

Sua reação parecia excessivamente forte, mesmo eles sendo, tecnicamente, canibais.

— Isso me parece meio discriminatório.

Ela deu de ombros.

— É um termo antigo. Parece que eles não se importam.

Havíamos chegado à porta que dava para o complexo. Céline abriu-a e entrou, esperando por nós no limiar.

— Respondi a todas as suas perguntas?

Revirei os olhos e tentei ignorar o fato de ela ter recuado.

— Acho que sim. Talvez. Mas, aí, você suscitou cerca de outras vinte, por isso, se eu fizer as contas, a resposta é não, já que estou indo embora com mais perguntas do que vim.

A risada de Céline diante de minha frustração praticamente cintilou de tão brilhante.

— É uma alegria ter você por perto, Jayne. Espero que saiba disso.

Olhei para ela para ver se estava brincando comigo, mas parecia estar sendo sincera. Balancei a cabeça, com dó.

— Acho que você rodou no vento uns quilômetros a mais, Céline.

Ela estendeu a mão e esfregou minhas costas enquanto caminhávamos pelo corredor.

— Você foi humana por apenas dezessete anos. Talvez, depois de mais alguns anos como fae, comece a ver em si mesma o que nós vemos.

Sorri, com relutância, imaginando como essa misteriosa elfo de prata podia me valorizar mais do que minha própria mãe.

— Bem, vou ver o que posso fazer para merecer seu elogio. Mas não posso prometer nada. Não quero ninguém com esperanças sobre essa coisa toda de Mãe.

Céline balançou a cabeça.

— Não se trata de esperança. Eu sou o que sou. Você é o que é. O pixie intrometido escondido em seu cabelo é o que ele é.

Ela chegou à porta do escritório de Dardennes e a abriu, detendo-se na entrada.

— Nós não queremos mudar nada. Tudo é exatamente como deveria ser, tão imperfeito quanto parece ser, às vezes.

— Tudo bem, elfo de prata. Se você está dizendo...

— Sim, estou. Agora, vá almoçar. Vejo você mais tarde.

— Okay. Até depois, então.

Afastei-me da porta, seguindo para o refeitório e pensando no que ela havia dito.

— Estou quebrado — disse Tim, com a voz abafada por meu cabelo.

— Sim. Mas você é perfeito do jeito que é, intrometido.

— Eu sei. Não preciso de um gênio elfo de prata para saber disso.

Sorri.

— High one, pixieman, High one.

E levantei o dedo perto de meu ombro para que batesse sua mão nele.

Ele o fez e depois arrotou.

— Já chegamos? Estou com fome.

Suspirei e balancei a cabeça enquanto estendia a mão para a porta, abrindo-a.

Estava completamente despreparada para os sons e a visão de caos que chegou aos meus ouvidos e olhos.



Capítulo 6

OS FAE ESTAVAM EM GRUPOS, AMONTOADOS, GRITANDO de forma intermitente e segurando utensílios e pratos à frente como armas e escudos. A comida estava espalhada no chão e pelas mesas, como se tivesse havido uma luta de alimentos, ou como se, no meio da refeição, as pessoas de repente tivessem decidido usar seus pratos totalmente cheios de comida como escudo.

Meus olhos foram atraídos para o ponto onde todos olhavam, e então vi o objeto de seu medo.

O buggane havia escapado e estava parado em nosso refeitório.

— Gor... — eu ia gritar, mas me controlei e comecei de novo.

— Chase! O que está fazendo?

Por fim, pude ver como era o buggane Chase-monstro — e foi de enlouquecer. Sim, ele se parecia com Chase. Mas, daí, não mais. Ele era muito desajeitado e muito brilhante, e tinha pelos onde não devia. Era meio grosseiro, na verdade. Acho até que vi umas gotas de baba escorrendo de sua boca também. Argh!

— Jayne! — gritou ele para mim. — Encontrei você, finalmente!

Ele começou a se mover em minha direção. Scrum me empurrou para o lado e se colocou entre nós.

— Parado aí, buggane! — gritou, com a palma da mão erguida.

— Scrum — disse eu colocando a mão em seu ombro —, espere um minuto.

Scrum sequer olhou para mim.

— De jeito nenhum, Jayne. Meu radar de demônios está gritando sinais de alerta. Essa coisa não vai chegar perto de você.

O buggane encarou Scrum com um olhar malévolo. A gota de baba caiu de sua boca e fez barulho quando bateu no chão de pedra. Meu estômago se revirou, e tentei desesperadamente não olhar para aquilo, mas meu cérebro curioso não me permitiu. Ah, merda. Baba de buggane. Eu poderia ter vivido mil anos sem ver isso e seria perfeitamente feliz.

O refeitório inteiro ficou em silêncio, prendendo a respiração à espera do que ia acontecer. Percebi um movimento com o canto do olho e notei Finn encaixando

lentamente uma flecha em seu arco.

— Finn, espere! — gritei, afastando-me dele rapidamente, pois eu não queria que o monstro soubesse quem era Finn ou o que estava fazendo.

Tentei distrair o buggane falando diretamente com ele:

— Então, Chase, o que está fazendo aqui no refeitório? Quer comer um pouco? Temos umas carnes que se mexem ali, talvez você goste.

Ele levantou a cabeça e cheirou o ar.

— Sinto cheiro de pixie. Eu gosto de comer pixies.

Isso me deixou louca. Empurrei Scrum para o lado alguns centímetros para poder ficar ao seu lado.

— O pixie não está no cardápio, bicho-papão. E pare de babar! Este é nosso refeitório, pelo amor de Deus. Tenha um pouco de classe. Você não precisa se comportar mal só porque o chamam de baixo fae.

O buggane franziu a testa.

— Está desapontada comigo, Jayne? Por quê? Estou aqui para protegê-la.

— Claro que estou decepcionada com você! Você devia estar... sei lá... representando o cara mais legal que eu já conheci. E está pisando na bola legal. Chase não baba. E não ameaça comer meus amigos. Você devia se envergonhar.

Ele parecia realmente envergonhado.

— Desculpe.

Olhei para Scrum para ver se ele estava tão atordoado com a resposta quanto eu. Sim. Então, olhei para a multidão, na maior parte crianças trocadas, segurando seus pratos e garfos. Sim, eles também estavam. Não sei se qualquer um de nós tinha a experiência necessária para avaliar de forma justa o comportamento de um buggane, mas, mesmo para nós, amadores, parecia estranho. Decidi seguir nessa linha.

— Bom. Melhor assim. Agora, que tal limpar a bagunça que você fez?

Agitei a mão mostrando o chão.

— Vamos. Ande logo com isso. Não me faça esperar.

Ande logo com isso? De onde diabos veio isso? Eu estava usando diálogos de filme B sem querer.

Ele se arrastou até a mesa mais próxima e pegou um guardanapo abandonado, voltando para onde havia babado e ajoelhando para limpar.

Voltei-me para Finn e murmurei: Que porra é essa? E ele ergueu as mãos, querendo dizer que estava tão confuso quanto eu.

Gorm se levantou com o guardanapo na mão. Parecia estar à espera de novas instruções.

— Está com fome? Você quer as carnes que se mexem?

Ele anuiu em silêncio, parecendo totalmente desamparado.

— Jayne, nem pense nisso! Não estou brincando — disse Scrum, frustrado, mais furioso a cada minuto. — Ele só está tentando enganá-la. Ele vai comer você.

— Ele não pode, jurou me proteger.

Eu esperava desesperadamente estar certa quando empurrei Scrum e me dirigi ao bufê. Queria ficar de olho em Gorm o tempo todo, mas algo me dizia para ir com calma — tanto quanto possível, pois eu estava tremendo.

— Jayne! — sussurrou Tim. — Você está completamente fora de si? Aquela onda de energia fritou sua última célula de bom senso no cérebro? Ele pode sentir meu cheiro, Jayne. Meu cheiro, está entendendo?

— Cale a boca, Tim — sussurrei febrilmente. — Vai dar tudo certo.

Pelo menos eu esperava que desse. Eu tinha esperança de que o caminho para o coração de um buggane fosse por meio de seu estômago, e usaria carnes dançantes, não pixies.

Empilhei uma porção enorme de carnes nojentas de demônio em um prato e virei para entregá-lo a Gorm. Ele estava muito perto de mim, provocando-me um pequeno ataque cardíaco, quando de repente percebi que meu rosto estava dentro do alcance de sua boca. Scrum estava logo atrás dele, pronto para lhe dar um poderoso aperto, se necessário, o que me fez sentir um pouco menos de medo. Pensei em puxar O Verde para mim para me proteger, mas estava preocupada com meus olhos. Eu não podia me dar ao luxo de ficar cega de novo,

especialmente naquele momento em particular.

Estendi o prato, desejando que minha mão não tremesse.

— Por que você não leva isso para uma das mesas e se senta? Eu já vou.

Gorm pegou o prato docilmente e fez o que eu lhe disse. Vi quando ele se sentou, debruçado sobre sua refeição, e começou a cavoucá-la com um garfo abandonado que encontrara em cima da mesa. Achei que esperar boas maneiras de um buggane era demais, e voltei minha atenção para Scrum, muito irritado.

— Se continuar fazendo esse tipo de coisa, não posso garantir sua segurança, Jayne. Você tem ideia de como é ruim para um demônio sentir-se assim em relação a seu cargo?

Coloquei a mão no braço do Scrum para acalmá-lo.

— Desculpe. Sei que você leva seus deveres muito a sério, mas o que eu devia fazer? Acertá-lo com O Verde e talvez ficar permanentemente cega? Ou deixar Finn atirar em um sujeito, ou uma coisa, que ainda tem conexão com Chase?

Scrum franziu a testa.

— Não. Não podemos fazer isso. Ele é minha chance de ter Chase de volta, e eu não vou perdê-la.

Ele hesitou por um momento e disse:

— Okay, mas por que você tem de se arriscar? Por que não outra pessoa?

Olhei em volta e ergui os braços.

— Quem? Você vê alguém aqui se oferecendo como voluntário?

Scrum olhou para os fae, que ainda usavam pratos como escudos, e, a seguir, baixou os olhos.

— Não.

— Pois é! Se não eu, quem? Não aquelas crianças trocadas moles ali, usando os pratos como uma maldita proteção. Pfff. Como se isso pudesse deter um buggane canibal com fome. Idiotas.

Balancei a cabeça, decepcionada com meus colegas recrutas. Eu estava

começando a pensar que muitos desses fae da luz eram uns cagões.

Voltei-me para ir para perto de Gorm, mas Scrum segurou meu braço. Olhei para sua mão e depois para seus olhos.

— Que foi agora?

— Tenha cuidado, só isso. — Ele suspirou profundamente. — E espere por mim.

Eu sorri, acariciando sua mão antes de tirá-la do meu braço.

— Com prazer. Agora vamos lá, nervosinho.

Atravessamos a sala e nos juntamos a Gorm na mesa, sentando-nos um de cada lado dele. A multidão, do outro lado da sala, decidi esquecer o resto do almoço e saiu rapidamente. O único ainda ali era Finn, mas não por muito tempo. Segundos depois de a última criança trocada sair da sala, a porta se abriu e Tony e Spike entraram correndo. Pareciam apavorados.

— Jayne! — gritou Tony, branco.

Juro que vi seu corpo brumoso vir em minha direção, mas passou, fazendo-me pensar se eu não havia imaginado isso.

Os olhos de Spike giravam enlouquecidamente, vermelhos e pretos — a maior parte preta. Era muito esquisito.

— Precisa de mim, Jayne?

Eu sorri.

— Não, agora não. Talvez mais tarde.

Spike sorriu, balançando a cabeça lentamente.

— Nunca há tempo ruim com você, não é?

Mostrei-lhe a língua e ele riu, voltando-se para a saída.

— Chame se precisar de mim mais tarde. Você sabe o que fazer.

Ele me lançou um olhar significativo e me deu um de seus sorrisos matadores antes de atravessar a porta e fechá-la atrás de si.

Tony e Finn se aproximaram devagar, com cuidado, observando tudo, olhando de

Gorm para mim. Finn ainda estava com a flecha encaixada no arco, apenas esperando algum movimento errado do bicho-papão.

Gorm não podia se preocupar menos conosco. Ele estava muito ocupado pegando o último pedaço de carne de seu prato. Com a boca cheia de comida, mais do que imaginava ser possível, ele apontou para o prato.

— Mais?

Revirei os olhos.

— Tony, você poderia pegar outro prato de vermes para Gorm?

Vi o brilho de luz diabólico nos olhos de Gorm no exato momento em que percebi que havia cometido o erro de pronunciar seu nome.

Eu não pensei, apenas agi. Estendi a mão rápido como um raio e dei-lhe um tapa bem forte no rosto.

Slap!

Minha mão ficou meio viscosa. Limpei-a na toalha da mesa com uma expressão de repugnância.

— Argh. Isso é nojento. Você devia pensar em usar um pó facial.

Gorm me olhou com espanto, atordoado, fazendo barulho para engolir seu último pedaço de comida.

— Você acabou de me dar um tapa?

Ele levou lentamente a mão ao rosto, que tinha uma marca vermelha.

— Sim, dei. E vou dar de novo, Gorm, se você pensar em comer a mim ou a qualquer outro fae deste complexo.

Ele franziu a testa, confuso.

— Mas... você não pode me deter se eu quiser fazer isso, sabia?

— Ah, é? Experimente — disse eu baixando os olhos.

Puxei um pouco d'O Verde para meu corpo e o levei aos olhos, lançando a energia diretamente de minhas pupilas e acertando-o no rosto com força total.

Os ooohs e aaahs que ouvi de meus amigos ao redor me diziam que aquilo havia obtido o efeito que eu esperava. Deixei a conexão cair, ainda mantendo os olhos em Gorm.

— Entendeu?

— Coooooooo... — perguntou ele, como se estivesse em transe.

Estalei os dedos na frente de seu rosto:

— Ei! Preste atenção aqui! Estou ameaçando você. — Suspirei, impaciente. — Entendeu o que eu disse? Nada de comer fae. Fae não estão no cardápio.

Ele balançou a cabeça, contrariado.

— Sim, mamãe.

Fechei os olhos e tentei me acalmar. Minha mão coçava de vontade de esbofeteá-lo de novo. Tive que segurá-la pelo punho para mantê-la quieta.

— Não me chame de mãe!

Gorm franziu a testa.

— Por que não? É o que você é.

Olhei para ele balançando a cabeça, frustrada, pronta para explodir a qualquer momento.

— Como você sabe disso? Você não me conhece! Você é baixo fae, pelo amor de Deus!

Ele olhou para mim com total inocência. Parecia tanto Chase que fez meu coração pular.

— Eu não fui sempre o que você vê hoje. Estive nos Outros Mundos e posso sentir quem você é; não importa o que vejo. Eu sou baixo fae agora, sim, mas você é a Mãe, isso é certeza.

Ele deu de ombros e pegou o prato de carne que havia acabado de chegar do bufê, cortesia de Tony. Antes de enfiar outra garfada de comida na boca, disse: — O uso da negação não muda a realidade para todos os outros. Só para quem a nega e aqueles que são tolos o suficiente para acreditar na fantasia doentia.

Eu não tinha nada a declarar. Como poderia esse monstro babão dizer palavras de sabedoria que realmente tinham sentido, independentemente de eu não as querer ouvir?

Olhei para Tony.

— Okay, e agora? O que vamos fazer com Chase-monstro?

Tony estava de olhos arregalados, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Jayne, tenho de admitir, estou meio perplexo com ele. Não sei se o clube de xadrez me preparou para esse tipo de jogada.

Observei Gorm enquanto ele cavoucava sua comida, tentando ignorar o ato de comer e me concentrar apenas em seu rosto. Chamaram minha atenção seus bíceps e músculos do antebraço mais próximo a mim, flexionando-se e se movendo a cada garfada de carne que ele levava até seu rosto cinza. Gorm precisava fazer a barba urgentemente. Mesmo assim, sua sólida presença evocou lembranças intensas de Chase, e eu sabia que só havia uma coisa a fazer.

— Gorm, preciso que você me leve até Chase. Preciso vê-lo. Pode fazer isso?

Ele engoliu em seco e estendeu o prato vazio para Tony, pedindo mais comida. Tony o pegou sem falar nada, revirando os olhos, e saiu.

— Sim, posso. Mas, uma vez que eu a entregar a ele, minha dívida estará paga. Eu terei cumprido minha missão de cuidar de você.

— E o que isso significa? Você me entrega ao Chase e a seguir dá meia-volta e nos come?

Gorm olhou para mim. O azul bebê dos olhos de Chase tinha manchinhas de um verde lamacento não tão bonito, que eu sabia que pertenciam ao buggane.

— Eu nunca poderia machucá-la. Você é a Mãe. Quanto a Chase — ele hesitou, dando de ombros —, acho que ele não tem um sabor muito bom. Ele não é nem fae nem humano, afinal.

Segurei o braço de Gorm e me assustei um pouco com sua falta de calor.

— O que quer dizer? O que ele é? Se ele não é fae nem humano, o que resta?

Gorm sorriu, de um jeito não muito simpático.

— Eu não posso responder a sua pergunta. Mas alguém pode.

— Quem?

Minha mente estava a mil. Eu tinha certeza que ele ia dizer Dardennes.

— Talvez o pequeno pixie em seu cabelo, que, aliás, daria uma ótima sobremesa depois de todas essas enguias deliciosas.

— O quê?! — gritei, esticando a mão imediatamente para pegar Tim.

Aparentemente, suas asas haviam crescido mais do que eu havia percebido nos últimos dias, porque imediatamente senti o peso de seu corpo minúsculo deixar meu ombro. Ouvi o zumbido de asas batendo ao lado de meu ouvido — um som que eu não ouvia fazia tempo — e logo acima de minha cabeça.

— Tim! Volte aqui, seu mentiroso!

Não sei se ele havia tecnicamente mentido para mim sobre qualquer coisa, mas com certeza era culpado de não me dizer tudo que eu precisava saber. Filho da mãe! Eu ia pegá-lo e fazê-lo me contar toda sua história, do começo ao fim. Não me importava se levasse o dia todo. Ou dois.

— Desculpe, Jayne — disse Tim com falsidade. — De repente, senti necessidade de voar. Preciso exercitar as novas asas, entende? Vejo você mais tarde, no jantar!

Sua voz foi desaparecendo conforme ele se aproximava da porta.

— Pegue-o, Finn! — gritei.

E Finn quase conseguiu também; mas um brownie entrou na sala com a intenção de limpar a bagunça deixada por todas as crianças trocadas cagonas, abrindo a porta bem na hora para Tim fugir. Finn parou na porta, olhando para trás e para frente, entre mim e o corredor por onde Tim havia simplesmente desaparecido.

— Não se preocupe — disse, com raiva. — Eu vou pegar esse desgraçado mais tarde. Ele vai ver só.

Finn voltou até nós. Seu arco já não estava carregado.

Gorm sorriu para mim.

— Pixies são encenqueiros. Eu poderia comê-lo para você, aí não teria mais

problemas com ele.

Dei um tapa em seu braço.

— Pare já de falar em comer pixies. Eu nunca permitiria, mesmo ele sendo tão irritante.

Observei seu rosto por segundo.

— Por que você come fae se obviamente fica tão feliz comendo carne não fae, como essa coisa? — disse eu apontando para seu prato, mais uma vez vazio.

— Fae é mais gostoso. Enguia é muito salgada.

— É, pode ser. Mas não o preocupa fazer inimigos fae? Você não gostaria de ser amigo deles?

Ele franziu a testa.

— Um buggane não é amigo de ninguém.

— Por quê? — pressionei.

Eu queria saber se era um caso de discriminação fae, ou talvez até um mal-entendido. Para mim, não fazia sentido que eles tivessem os mesmos problemas que nós, seres humanos, sendo que tinham mais de mil anos de vida para encontrar soluções.

— Faz pouco tempo que sou buggane, mas posso lhe dizer que, quando estou perto de muitos fae, não me sinto muito à vontade.

— Por quê? Por que eles não gostam de você ou por que têm medo que os coma?

— Não. Porque prefiro uma vida solitária. Na água. E fae têm um cheiro delicioso, portanto, comê-los é natural para mim.

— Então, simplesmente você é um fae que come fae. Não há outra razão?

— Talvez haja outras razões. Todos nós temos um propósito no grande esquema deste reino.

— Você sabe que razões são essas?

Ele deu de ombros. Com o dedo, recolheu os restos de carne do prato ou perto dele, e, a seguir, levou-os até a língua.

— Eu poderia chutar, mas seria arrogância. Nenhum de nós sabe de verdade. Os da luz acham que sabem; os das trevas também. Mas não sabem.

— Como você ficou tão filosófico? — perguntei, balançando a cabeça diante do absurdo de o bicho-papão ter descoberto o sentido da vida, ou parte dele, pelo menos.

— Como disse antes, eu estive no Mundo de Cima por um longo tempo. Estava a par dos planos de lá. Não de tudo, mas de parte deles. Então, juntei algumas coisas em minha cabeça. Todo o mundo faz isso lá em cima; é uma boa maneira de passar o tempo até sermos chamados para um propósito maior.

Eu olhava para ele estreitando os olhos, imaginando se estava brincando comigo.

— Um propósito maior? O que é mais elevado que estar no Mundo de Cima? Você era tipo um anjo lá, certo?

— Um propósito maior... o que há para explicar? Honestamente, estar no Mundo de Cima é supervalorizado. Todo mundo aqui quer chegar lá, mas todo o mundo lá quer voltar para cá. O Aqui e Agora é onde está a diversão da existência. As batalhas, as lutas, os desejos não satisfeitos. O propósito maior é estar aqui, superar obstáculos, empenhar-se, proteger algo valioso que mova nosso espírito no sentido da consciência final. Isso é um propósito maior. Eu invejo Chase, às vezes. Ele é muito bom em tudo o que faz. Em quase tudo. — Ele sorriu maliciosamente. — Não o tempo todo, aparentemente, mas normalmente.

Coloquei meu braço nas costas de Gorm, enviando algumas ondas d'O Verde para seu corpo. Senti-o endurecer sob o ataque.

— Ouça aqui, buggane. Eu não quero mais ouvir essa baboseira de “propósito maior”. Quero a verdade pura e simples. Quem é Chase e por que ele está aqui? E como posso trazê-lo de volta?

Gorm girou na cadeira para poder me olhar nos olhos, o que mudou a posição de minha mão em seu ombro. Ficamos ali sentados olhando um para o outro por alguns segundos, antes de ele me responder tão baixinho que tenho certeza que fui a única a ouvi-lo.

— Às vezes, é melhor não saber as coisas que você desejaria saber. Às vezes, saber antes do tempo os segredos desta vida pode entortar o destino. Eu não desejaria isso para nossa Mãe. Por isso, você vai ter de entender quando eu me recusar a responder mais profundamente às suas perguntas.

E então ele se levantou, empurrando abruptamente a cadeira para trás e arrastando os pés pelo chão de pedra.

— Mas — anunciou para a sala — estou disposto a levá-la até Chase. Portanto, a menos que você tenha outra coisa para fazer agora, podemos ir.

Levantei-me rapidamente também.

— Tem certeza de que não quer se abrir sobre as outras coisas também?

Eu ficara intimidada por seu discursinho de um segundo antes, mas percebi que não seria nada mau tentar obter informações uma última vez.

— Não.

— Okay, tudo bem. Vamos, então.

Olhei para Scrum e, a seguir, para Tony e Finn.

— Vocês vêm?

— Sim — respondeu Scrum —, qualquer coisa para ter Chase de volta está bom para mim.

Sorri.

— Qual é o problema? O trabalho está pesando?

— Pode-se dizer que sim — disse Scrum, sorrindo também. — Mas nem tanto. Eu só acho que Chase é quem deve cuidar de você. É como se tivesse de ser assim, entende?

Eu estava começando a pensar igual, por isso a partida de Chase me parecia tão errada; especialmente agora que seu não tão charmoso gêmeo estava ali, parado na minha frente.

— É, eu sei.

Tony disse:

— Eu devia trabalhar com os elfos cinzentos depois do almoço, mas, desta vez, acho que seria melhor ir com você, especialmente se estiver indo a algum lugar perto do complexo dos fae das trevas.

— Tem certeza de que não vai se encrencar? — perguntei, desafiando-o com o

olhar.

— Não, tudo bem. Mas tenho certeza de que não quero que você se machuque, então, que opção eu tenho? Se eu lhe pedir que não vá, você vai ficar?

— Não. E quanto a você, Finn? — perguntei. — Tem coisa melhor para fazer?

— Melhor do que resgatar Chase do complexo dos fae das trevas? Claro que não. Vamos lá, menina.

Sorri de novo. Meu grupo estava comigo. Menor, sim, mas não menos bem-vindo e não menos incrível.

— Queria que Tim fosse conosco.

— Eu ainda posso sentir o cheiro dele. Ele está por perto — disse Gorm.

O pestinha provavelmente nos seguiria. Isso me deixou feliz.

— Okay, então. Vá na frente.



Capítulo 7

ABANDONAMOS O REFEITÓRIO E O COMPLEXO dos fae da luz, indo na única direção que eu achava que podia levar ao esconderijo dos fae das trevas — atravessando o Campo Infinito.

— Temos de tomar cuidado com os orcs — comentei, enquanto andava pelo mato alto.

— Orcs são criaturas do Mundo Inferior, não estão presentes no Aqui e Agora — disse Gorm.

— Não estão uma ova! Fui atacada por orcs duas vezes desde que vim para a Floresta Verde. E não era algo que eu gostaria de repetir.

— Você está enganada. Talvez tenha encontrado uns ogros feios.

— Ouça, Gorm, não estou enganada. Eram orcs. Pretos, desajeitados, fedorentos, com sangue que parece alcatrão e queima como ácido. Como dizem: parece um orc, fede como um orc, sangra como um orc...

Gorm parou por um segundo. Havíamos chegado ao limite das árvores do outro lado do campo.

— Você está descrevendo orcs, sim, mas eles não são deste mundo.

Ele estava franzindo a testa.

— Bom, e nem você. E continua insinuando que Chase também não é. Então acho que, se você pode estar aqui, eles também podem.

— Não — disse Gorm, andando de novo, mas balançando a cabeça. — Nós não estamos aqui em nossas formas do Mundo de Cima. Isso é impossível. Aceitamos um renascimento para vir como fae. Se um orc voltasse ao Aqui e Agora, teria de mudar sua identidade de criatura do Mundo Inferior.

Revirei os olhos e balancei a cabeça. Ele estava começando a me fazer lembrar os adultos de minha vida que se recusavam a ouvir a voz da razão.

— Acredite no que quiser. Acho que eles já descobriram uma maneira de mudar as regras. Pergunte a Finn e a Tony. Eles estavam em um dos ataques.

Ergui a cabeça para gritar para eles.

— Tim esteve no outro ataque também, pode perguntar a ele.

Eu não conseguia ouvir suas asas nem seus peidos, mas sabia que ele estava ali em algum lugar. Tim era intrometido demais para não me acompanhar. E odiava ficar fora de qualquer coisa.

— Ela está certa — disse Finn. — Eram orcs, não há menor dúvida disso. Centenas deles. Presos nas malditas árvores antes de ela os expulsar.

Gorm sorriu.

— Eu devia saber que havia sido você. Nós sabíamos das criaturas presas nas árvores. Era só uma questão de tempo até que fossem liberadas. Era uma questão de lógica que fosse agora.

— Por que, Gorm? Por que agora?

Ele apenas balançou a cabeça.

Tive de me esforçar para não voar para cima dele.

— Bem... não importa. Diga-me como chegar a Chase.

Eu estava sem paciência e sem forças para ser legal com ele. O maldito idiota tinha segredos, assim como todos os outros fae com quem eu tinha de viver. Um pé no saco, todos eles. Exceto meus amigos, claro. Menos Tim; atualmente ele era o pé no saco número 1.

— Seu amigo Tony pode levá-la até ele. Use O Cinza.

Voltei-me para meu amigo.

— Tony? Você pode fazê-lo?

— Sim... — disse ele, hesitante — se eu souber exatamente o que estou procurando, ou o lugar, talvez.

Eu suspirei, impaciente.

— Você está procurando Chase, dá! No complexo dos fae das trevas. O que mais precisa saber?

Ele fechou os olhos e chacoalhou a cabeça levemente.

— Nada, acho. Venha aqui e segure a minha mão. Pense muito em Chase, isso

vai ajudar.

— Okay.

Aproximei-me e segurei sua mão.

— Em que devo pensar? Seu rosto? Seus olhos?

Eu não queria dizer em que estava pensando: Devo pensar em seu corpo incrivelmente musculoso? Em seus bíceps fortes, em seu raro, mas cativante sorriso? Em seu jeito sexy?

Tony interrompeu meu devaneio com sua resposta:

— Em qualquer coisa. Sua aparência, as conversas que teve com ele. Memórias, basicamente.

— Tudo bem.

Voltei-me para nossos amigos.

— Finn, Scrum, podem ficar de olho enquanto fazemos isso?

Percorri com meus olhos as árvores acima de nós, sem sucesso, tentando localizar os movimentos das asas do pixie.

— Claro — disseram ambos em uníssono.

Finn deu três passos para trás e encaixou uma flecha em seu arco. Scrum se aproximou, colocando-se de costas para mim, de modo que fiquei entre ele e Finn.

Gorm se sentou em um leito de folhas e galhos debaixo da árvore, perto de onde estávamos.

— Okay, vou começar — disse Tony com voz suave.

Adorei a sensação de sua mão na minha. Era quente e macia, lisinha.

— Jayne — disse Tony com ironia —, você precisa pensar em Chase, não em mim.

Sorri.

— Ah sim, desculpe. É que eu gosto do toque de sua mão.

Antes de fechar os olhos para me concentrar, vi um sorriso em seu rosto. Eu queria lhe dar um enorme abraço naquele momento, mas teria de esperar. Reorganizei meus pensamentos para me concentrar em Chase. A primeira coisa que me veio à mente foi seu rosto — sua mandíbula sólida, seus lábios carnudos e esculpidos, os pômulos salientes. Ele tinha uma ampla testa sobre os olhos... que eram azuis como a flor de milho, azul-bebê, azul-celeste, todo tipo de linda luz azul que eu podia pensar. Eu raramente o via sorrir, mas, quando acontecia, era sempre uma agradável surpresa. Tão leve, mas cheio de significado. Pelo menos antes de ser enfeitado por um pixie. Decidi recordá-lo desse jeito, e não como o maluco que gargalhava sem motivo. Esse Chase tinha de ficar longe, muito longe de mim. Eu provavelmente o teria mandado de volta para o Mundo de Cima se ele ficasse desse jeito em volta de mim por muito mais tempo. Eu só podia lidar com tanta alegria minutos antes de querer mutilar gravemente ou matar a fonte.

— Jayne — advertiu Tony —, foco.

— Okay, desculpe.

Entrando no mundo maluco de Chase, suspirei pela injustiça de tudo aquilo. Esse lindo guerreiro silencioso havia me deixado. Bem, ele precisava voltar. Era sua única possibilidade. Chase, Chase, Chase. Volte para mim, Chase. Seja meu demônio guerreiro de novo, Chase. Seu mentiroso fedorento, você não me disse que era do Mundo de Cima, pelo amor de Deus. Não me disse que tinha malditos segredos o tempo todo que estivemos naquela maldita floresta durante o teste.

Tony suspirou.

— Não consigo. Jayne se distrai muito fácil. Sempre que chego perto, ela me puxa de volta.

Soltei a mão dele.

— Desculpe, deixe-me tentar de novo. Eu consigo.

— Por que não me deixa tentar? — disse Finn, tirando a flecha da corda, devolvendo-a à aljava e jogando o arco por cima do ombro.

Ele franziu a testa, divertido:

— Duendes verdes conseguem se concentrar como ninguém. É verdade, faz parte de nosso treinamento.

Dei um passo para trás, esbarrando em Scrum.

— Faça o impossível, duende verde. Vá atrás de Chase.

Não me importava quem o trouxesse de volta, desde que o fizesse.

— Pegue minha mão — disse Tony.

Finn olhou para ele desconfiado.

— É melhor que ninguém conte aos duendes verdes que eu estava aqui segurando a mão de um garoto.

Ele pegou a mão de Tony e sorriu.

— Ei, ele tem boas mãos.

Ele percebeu o que disse uma fração de segundo depois, e franziu a testa.

Eu não pude deixar de rir, especialmente quando ouvi uma vizinha gritar de cima: — Ele é gay! Ele é totalmente gay! Eu sabia!

— Qual é a graça? — perguntou Finn olhando para mim.

— Nada. Absolutamente nada. Ande depressa.

Eu sabia que, se dissesse o que o pixie escondido havia dito, ele se recusaria a continuar segurando a mão de Tony.

— Concentre-se, Finn. Leve-me àquele complexo.

Fiquei ali, observando-os atentamente. Pela expressão dos dois, não dava para saber o que estava acontecendo. Tony parecia completamente focado, e Finn começou a sorrir. Parecia uma reação estranha ao pensar em Chase, mas, tudo bem. Talvez ele fosse mesmo gay. Esse seria o maior choque do ano. Ele não discutia fortemente contra isso. Mas eu tinha tanta certeza que ele olhava de um jeito especial para Becky... Porém, pensando bem, ele nunca saiu com nenhuma duende verde; não que eu tivesse visto.

Tony respirou fundo e suspirou, mas continuou na mesma.

Olhei para Gorm; ele estava rasgando cuidadosamente uma folha, puxando fibra por fibra para revelar o talo nu. Foi um pouco perturbador, na verdade, especialmente porque eu tinha uma ligação muito especial com as árvores. Era

como se ele estivesse mexendo com partes do corpo delas. Irgh. Desviei o olhar para apagar as imagens da cabeça.

Finn chamou minha atenção quando se afastou de Tony e soltou sua mão.

— Funcionou? — perguntou.

— De certa forma, sim.

— De que forma? — perguntei desconfiada.

— Bom, consegui fazer contato.

— Tudo bem — disse, ainda um pouco confusa, mas feliz por ele ter tido certo sucesso. — Então, o que vamos fazer agora?

— Vamos esperar. Não muito tempo, acho.

Fiquei muito entusiasmada. Ele sorriu, mas não revelou nada mais.

— Tony, por que esse olhar está arrepiando os pelos da minha bunda? — perguntei.

Tony riu, contrariado.

— Você tem pelos na bunda?

Dei de ombros.

— Um pouco. Crespinhos.

— Diacho de menina! Não precisa compartilhar tudo, sabia? — disse Finn, balançando a cabeça.

— Cale a boca, caipira. Todo o mundo tem pelos no corpo. Aceite.

— Não na bunda — murmurou ele.

— Tem sim! — disse eu, atrevida — Até suas preciosas namoradas duendes verdes têm.

— Eu não tenho namorada duende verde.

Eu tinha de acabar com os comentários sobre pelos na bunda, então, resolvi apelar.

— Ah, é verdade. Você é gay, esqueci.

— Droga, Jayne, eu não...

Ele não disse a última palavra. Seus olhos se arregalaram um segundo antes de ele gritar: — Becky!

Voltei-me e vi nossa amiguinha espírito da água, que vinha dentre as árvores com um grande sorriso bobo no rosto pálido.



Capítulo 8

CORRI A PASSOS LARGOS COM FINN PARA chegar a Becky.

— Beckster! — gritei, abraçando-a, e sendo imediatamente envolvida pela segunda camada do abraço de Finn.

— Onde diabos você esteve, sua merdinha? Estávamos tão preocupados! Eu devia bater em você por fazer isso conosco.

Becky riu.

— Por favor, não. Eu ainda estou meio fora de forma. Ai, ai, Finn, não tão apertado.

Finn soltou Becky e eu recuei um passo, olhando para seu rosto. Ela tinha olheiras sob os olhos e estava pálida, mas, de resto, parecia estar em seu estado normal, feliz demais.

Fiquei irritada, achando que ela deveria pelo menos ter avisado que estava bem, em vez de nos deixar preocupados. Eu me senti terrível por pensar que tinha provocado sua morte.

— Sério, onde diabos você estava?

— Ah, meu Deus, Jayne, o que aconteceu com seus olhos?! Eles estão... estão lindos!

— Concentre-se, Becky. Explico os olhos de louca depois. Agora, explique onde você esteve.

Ela suspirou.

— Estive no complexo dos fae das trevas. Na clínica deles, na verdade.

Dizer que Finn e eu, Tony e Scrum, que haviam acabado de se juntar a nós, ficamos chocados, seria um eufemismo. Dos grandes. Eu abri a boca para falar, mas, antes que as palavras saíssem, Becky ergueu a mão para me impedir.

— Eu sei o que você vai dizer, Jayne, e, Deus, como senti falta de sua boca suja. Por isso, odeio ter de detê-la agora. Mas deixe-me explicar.

Comecei a falar inarticuladamente:

— É melhor você explicar, ou receio que terei de explodi-la eu mesma. Como você... O que você...

Eu estava gaguejando, o que não era normal. Fazia eu me sentir estranha.

— Tudo bem, tudo bem. Primeiro, respire. Vamos sentar. Eu não tenho muita energia, e ainda tenho que voltar.

— Voltar? — disse Finn, levantando a voz, com raiva. — Voltar? De jeito nenhum, nã-não. Você não vai a lugar nenhum, exceto conosco para o complexo dos fae da luz! Nada de fae das trevas. Não senhora... de jeito nenhum. Já perdemos um bom demônio, portanto, tire seu cavalinho da chuva. Eu não vou perder você também.

Fiquei um pouco surpresa com sua veemência, mas não me preocupei. Não havia como nosso feliz e brilhante espírito de água ir para o lado das trevas. Isso não estava nela. Eu estava disposta a ouvi-la, mas, de qualquer maneira, depois ela voltaria conosco, nem que eu tivesse de pedir a Scrum para jogá-la por cima do ombro e carregá-la dali, ao estilo Neanderthal. Eu mesma lançaria uma bolha de energia nela para que não pudesse se teleportar. Recusava-me a considerar que não funcionaria. Talvez eu tentasse misturar um pouco de magia, como Céline havia sugerido. Tive de rir de mim mesma. Como se eu pudesse dominar a complicada magia de bruxa além dos malabarismos que já estava fazendo.

— Sente-se, por favor. Não tenho energia para discutir com você. E quero que saiba que amo vocês por terem vindo. Significa muito para mim.

Encarei-a como se ela fosse louca.

— Claro que viríamos; mas nem sabíamos que você estava aqui. Se soubéssemos, teríamos vindo antes. Na verdade, estamos procurando Chase. Alguma coisa deve ter dado errado.

Olhei para Tony, franzindo a testa.

— Ei, não olhe para mim! Eu disse a Finn para pensar em Chase, mas ele só ficava pensando no rosto de Becky, no cabelo de Becky, no sorriso de Becky. Era Becky, Becky e mais Becky o tempo todo!

O rosto de Finn ficou vermelho feito beterraba.

Becky sorriu.

— Sério, Finn? Ah, meu Deus, isso é tão fofo! Tenho pensado muito em você

também.

De repente, ela ficou tímida.

— Muito bem, pombinhos, me poupem. Preciso saber que diabos está acontecendo.

Sentei-me, puxando Finn também. Scrum ficou em pé, mas Tony se juntou a nós no chão, com as pernas cruzadas.

Finn não disse nada, apenas olhava para as copas das árvores e para Becky alternadamente, afastando os olhos cada vez que ela o flagrava. Era como ver duas crianças de oito anos apaixonadas — bonitinho, mas babaca também.

— Becky, por que você estava com os fae das trevas? E por que parece mal?

Becky riu alto, e seu riso ecoou entre as árvores.

— Bem, Samantha me teletransportou da luta em que estávamos, de modo que isso explica por que eu estava na clínica dos fae das trevas. — Ela riu baixinho e acrescentou: — E é também por isso que pareço tão mal agora. Ela ainda é meio nova nessas coisas de bruxaria. Sua magia precisa se desenvolver.

Rosnei:

— A única coisa de errado com a magia dela é que não tem um botão de autodestruição que eu possa apertar.

— Não, Jayne, você entendeu tudo errado. Samantha não é totalmente má. Ela está apenas tentando fazer o que é certo.

— O quê? Está brincando comigo? Ela matou você, Becky. Eu vi. Seus olhos estavam vidrados, olhando para a vida após a morte. Seu corpo estava todo retorcido e quebrado. O que eles fizeram para trazê-la de volta dos mortos deve ter sido algum vodu pesado.

Olhei para ela com desconfiança.

— Talvez você seja um zumbi — eu disse mais suavemente, observando sua reação com cuidado.

— Eu? Um zumbi?

Ela começou a rir tanto que caiu, segurando as costelas.

— Ai, ai, ai, isso dói. Mas é engraçado, de verdade.

Ela alternava entre risos e caretas de dor, enquanto Tony a ajudava a se sentar.

Já sentada, ela me olhou nos olhos e disse:

— Eu sei que você e Samantha começaram com o pé esquerdo — ela notou meu olhar raivoso e acrescentou —, e sei que ela não tem feito nada para fazer você pensar diferente. Mas tem que confiar em mim. Suas intenções são boas. Ela está tentando, de verdade. Ela só é... meio estranha. Às vezes se esforça muito, e suas tentativas têm resultados... inesperados.

— Pfff, sei! Como inesperadamente ter matado você. E Falco. Ah, e F-Y-I? Ele não voltou dos mortos como você. Ele se foi para sempre, Becky. Ele foi um grande elfo, sabia? Eu gostava dele. Todo mundo gostava. O gosto amargo de perdê-lo me faz querer cuspir.

Vi Finn abaixar os olhos e engolir várias vezes em rápida sucessão. Ele estava lutando contra as lágrimas, o que só tornou mais difícil eu vencer a batalha contra as minhas. Limpei a garganta ruidosamente duas vezes para fazê-la parar de doer.

Becky olhou para o chão.

— Eu sei que perder alguém é horrível. Mas, sabe, os duendes verdes miraram para matá-la. Ela agiu em legítima defesa.

Encarei-a como se ela estivesse louca, na minha opinião, ela estava.

— Becky, está ouvindo o que diz? Samantha veio ao nosso complexo exigindo entrar. Ela lançou flechas contra nosso povo. Ela explodiu você. Tentou fazer que seus ogros e elfos me matassem. Ela não fez nada em legítima defesa! Ela nos atacou! Nós éramos os defensores.

— Eu sei, eu sei. Ela veio atrás de você primeiro. Mas, depois, as coisas ficaram confusas.

— Sim, claro. Foi assim que eles explicaram as coisas a você. Mas, na minha opinião, e na opinião de todos os verdadeiros fae da luz, não há nada mais a concluir, depois de cinco ataques separados às nossas portas e vários fae da luz mortos, além do fato de que os fae das trevas começaram esta guerra e são os agressores.

— Você está dizendo que eu não era uma verdadeira fae da luz?

— Bem, o que você é agora, Becky? Da luz ou das trevas? Porque, pelo que sei, um verdadeiro fae da luz nunca viraria as costas para seu povo.

Ela me olhou com rebeldia por um momento e disse:

— Bem, por que você está atrás de Chase, então? Ele é fae das trevas. Ele virou as costas para os fae da luz.

— Estou aqui porque ele tomou sua decisão sob a influência do feitiço de pixie. É como estar drogado. Eu não vou usar isso contra ele.

Peguei a mão dela.

— E se você mudou de lado, provavelmente foi sob a influência da dor e de drogas também. Então, vou perdoá-la. Volte conosco.

Ela suspirou, puxando a mão.

— Não é tão simples assim.

— Dane-se, Becky! — gritei, jogando as mãos para cima.

Olhei desesperadamente para Finn, Scrum e Tony. Eles estavam tão chocados quanto eu.

— Vamos, rapazes, digam a ela! Digam que ela tem de voltar conosco!

A cabeça mais fria de Tony prevaleceu. Ele olhou para Becky gentilmente e falou baixinho:

— Explique para nós. Diga o que não é tão simples.

Ela olhou para ele com cautela, como se esperasse uma armadilha.

Ele ergueu as mãos mostrando inocência.

— Estou falando sério, só quero saber. Jayne e nós não conseguimos entender por que você e Chase foram embora, mas queremos. Queremos entender. Ajude-nos.

Decidi deixá-lo assumir. Eu estava tão louca com Becky que queria torcer seu pescocinho magro — o que provavelmente seria contraproducente para convencê-la a voltar para casa. Sentei-me ali em silêncio, ouvindo o sangue bombear em meus ouvidos, tentando controlar meu

coração acelerado. Eu estava tão louca que queria rosnar, o que me fez imaginar se não haveria um pouco de sangue de lobisomem em mim, e se doeria se, de repente, me transformasse em um animal selvagem que poderia destruir os fae das trevas. Talvez a dor valesse a pena.

As palavras de Becky me tiraram de meus devaneios assassinos.

— O objetivo de Samantha é o mesmo que de todos os outros fae das trevas: fazer que os fae da luz se juntem a eles.

Não consegui me controlar:

— Sim, já conhecemos o discurso de recrutamento de Ben: seja tudo que você pode ser e outras merdas. Obrigada, mas não estamos interessados.

Ela olhou para mim e Tony levantou a mão, dizendo-me para ficar quieta.

— Por favor, Becky, continue.

Ela respirou fundo, inspirou bufando e começou a falar de novo.

— Samantha é uma boa pessoa. Ela está se esforçando muito para mostrar seu valor à sua nova família. É a primeira família de verdade que ela tem.

Becky se voltou para mim com olhos suplicantes.

— Jayne, ela teve uma vida terrível. Horrível de verdade. Você precisa entender como seus irmãos e irmãs fae são importantes para ela agora. Ela faria qualquer coisa por eles. Ela queria fazer o mesmo por nós, lembra? Foram os fae da luz que viraram as costas para ela, assim como sua família humana.

Tentei não me sentir culpada por deixar Samantha sozinha no armazém em Miami, já que a decisão não estava em minhas mãos naquela ocasião. Mas eu sabia como me sentiria se houvesse sido rejeitada e recebesse uma segunda chance. Talvez eu fizesse a mesma coisa. Talvez.

Becky se voltou para Tony.

— Às vezes Samantha perde a perspectiva do presente. Eu já ouvi histórias sobre ela, coisas que ela tem feito desde que está aqui. Ela fez muita coisa errada, mas está tentando. Ela é terrivelmente poderosa. Eles falam dela como se fosse uma feiticeira há muito tempo perdida, de uma família fae antiga. Então, ela tem muito a fazer ainda, e está realmente tentando. Honestamente, nenhum de nós pode culpá-la por isso. Todos finalmente encontramos aquilo que nos faltava

agora que somos fae, não é? Qualquer um de nós faria de tudo para fazer o melhor por eles, certo?

Ela olhou para cada um de nós, mas pressenti uma armadilha em algum lugar. Era assim que ela justificava as coisas. Recusei-me a responder, mas os idiotas ao meu redor pareciam bonecos, anuindo sim, sim, sim. Merda, foi quase fácil demais para ela.

— Os fae das trevas me acolheram e me levaram para sua clínica para me curar, assim como fizeram com Chase, assim como fazem com qualquer fae que precise deles. Eles não pedem nada em troca, exceto um ouvido atento.

Bufei.

— Aposto que não.

Becky franziu a testa, mas prosseguiu, ignorando-me:

— Uma vez, escutei o que eles tinham a dizer. Vi o que eles me mostraram e percebi: temos de trabalhar juntos. Não podemos continuar lutando desse jeito. Isso vai destruir tudo. E todo o mundo.

Tony disse:

— Mas atacar o complexo dos fae da luz não mostra isso, não é?

Ela praticamente deu pulinhos de entusiasmo para responder.

— É, eu sei, mas eles tentaram de outras maneiras! Tentaram falar com o conselho, tentaram por meio de outras pessoas, como Ben com você, Tony, por exemplo. Eles tentaram todos os tipos de coisas, mas nada funcionou. Os fae da luz se recusam a ouvir a voz da razão.

Sua última frase realmente me incomodou, mas não como todo o resto. Era desagradável porque eu concordava com ela. O conselho tinha dificuldade de ouvir o bom senso, às vezes. Eu havia forçado a barra para levá-los a fazer a coisa certa com Tony e deixá-lo se tornar uma criança trocada.

— O que exatamente você quer dizer? — perguntou Tony, parecendo tão confuso quanto eu.

— O que estou dizendo é que os fae das trevas não estão me obrigando a ficar. Se eu ficar depois de me curar, e não estou dizendo que vou ficar, será porque acredito na causa deles e quero fazer parte dela. Para mim, não tem nada a ver

com os seres humanos e nossa necessidade de viver abertamente entre eles. Tem mais a ver com os fae como um todo, para que possamos continuar a existir, expostos ou não.

— Isso não faz sentido — disse eu, interrompendo. — Os fae da luz não têm nenhuma intenção de morrer, e nós praticamente vivemos para sempre, de qualquer maneira. A única coisa que queremos é não ficar abertamente entre os seres humanos, ao contrário de Ben, que fica lhes dizendo o que fazer, onde e com quem.

— Não, não, não, não é isso — disse Becky, impaciente. — Essa é só uma pequena parte do problema, tudo bem; mas isso não é importante para mim, pessoalmente. Você sabe que prefiro apenas ficar com os outros espíritos e sereias. Não quero ser rude nem nada, mas eu poderia não me importar com os seres humanos, desde que me deixassem em paz. Além disso, não sou uma fae guerreira.

— Não sabemos — disse eu, revirando os olhos.

Mas ela era inútil nas batalhas. Havia uma razão para nunca haver muitas baixas entre os espíritos nas lutas; porque eles nunca estavam por perto nas horas difíceis.

— Ssssh. Há um problema maior lá fora, e alguns fae das trevas vêm alertando os da luz há muitos anos; mas eles não escutam. Na verdade, nem todos os fae das trevas escutam também. Mas você devia, Jayne. E Tony, e Finn, e Scrum. Todos vocês. Se todos nós ficassemos juntos, poderíamos desafiar o conselho de fae da luz e fazê-los ouvir!

Ela estava praticamente espumando pela boca de tão excitada. Parecia um esquilo raivoso, o que me fez começar a rir, apesar da gravidade da situação.

— Pare de rir, Jayne, isso é sério!

Ela parecia estar à beira das lágrimas.

— Okay, tudo bem — disse, tentando esconder meu sorriso. — Diga--me o que é tão sério que eu já não saiba.

— Nós temos problemas enormes, como eu estava tentando dizer um minuto atrás. Temos uma ameaça que paira sobre nossas cabeças, muito maior do que você poderia imaginar.

— O que é? — perguntou Finn, frustrado. — Caramba, garota, chega de suspense! Estou praticamente adormecendo aqui esperando que você fale de uma vez.

Ela franziu a testa, mas continuou.

— Estamos sob ameaça dos outros.

— Ela deve ter razão, vocês sabem disso — disse a voz de Gorm atrás de nós.

Eu havia esquecido completamente que Gorm estava ali. Ele ainda estava sentado sob a árvore com uma pilha de folhas desfiadas ao seu redor e em seu colo.

— Ela tem razão sobre o quê, bicho-papão? — perguntei.

— Ela tem razão, há uma ameaça lá fora. E, por tudo o que vocês já disseram, parece que está chegando.

— Que tipo de ameaça? De quem? — perguntou Tony todo sério.

Eu conhecia sua cara de estrategista de guerra quando a via.

— Das criaturas. Das criaturas do Mundo de Baixo.



Capítulo 9

POR UM SEGUNDO, PENSEI NO QUE GORM disse sobre as criaturas do Mundo de Baixo chegando. Perguntei: — Que criaturas? Tipo os orcs de que estávamos falando?

— Sim, tipo os orcs. E provavelmente outras. Muitas outras. Se os orcs acharam um jeito de chegar até aqui, não há razão para pensar que os outros não os seguirão.

Olhei para Tony, e ele para mim. Dei de ombros, ignorando o tom ameaçador de Gorm. Eu havia visto orcs, assim como todos os meus amigos, com exceção de Scrum. Claro, eles eram um pé no saco e repugnantes, mas, fora isso, eu não havia pensado muito neles. Nós éramos muito mais que eles, por isso eu nunca havia considerado os orcs uma ameaça. Para os anões seriam, pois poderiam tão facilmente virar espetinho para os orcs, mas não para mim. Eu tinha Blackie, meu fiel dente de dragão, e os orcs o odiavam.

— Não vejo qual é o grande problema. Já cruzamos com orcs várias vezes.

Gorm balançou a cabeça.

— Bem, esse é o problema. Vocês nunca deviam ter visto orcs neste reino. O fato de eles estarem aqui significa que há algo muito errado.

Tony balançou a cabeça, como se estivesse tentando limpá-la.

— Espere aí. Quer dizer que os orcs que estão aqui são do Mundo de Baixo? E os fae da luz supostamente não sabem? Isso não está certo... — Ele estendeu a mão e coçou a cabeça antes de continuar. — Não, eles sabem. Eles lutaram contra os orcs que nós... quero dizer, que Jayne liberou das árvores quando chegamos aqui durante nosso teste fae. Eu não me lembro disso, já que me apagaram depois, mas vários fae me contaram a história. Eles sabiam que os orcs estavam lá, mas não fizeram nada, do ponto de vista de planejamento estratégico, para cuidar do assunto. Tenho certeza de que eles acham que a ameaça foi neutralizada.

— Bem, não foi — disse Becky, toda animada agora que tinha um ouvinte ativo.

— E há mais deles, e em breve outras criaturas se juntarão a eles... outras criaturas de lá.

— Quem disse? — desafiei.

— Aqueles que andam n'O Cinza. E Chase.

— Ha! Agora eu sei que estão falando besteira.

Bati no braço de Tony com a palma da mão:

— Diga a ela, Tones. Você anda n'O Cinza o tempo todo. Você saberia se alguma coisa estivesse acontecendo. Ande, diga a ela.

Sentei-me ali presunçosamente olhando para Becky, à espera das palavras tranquilizadoras de meu amigo dizendo que ela estava sendo enganada pelos fae das trevas que ainda estavam tentando recrutar meus amigos.

— Bem, é que...

— Tony, qual é o problema? — perguntou Scrum, aproximando-se e se curvando para olhá-lo no rosto.

Inclinei a cabeça para trás, em direção a Tony, e vi que ele estava meio confuso.

— Tony, que diabos está acontecendo com você? Diga a ela que não há ameaça nenhuma. Diga que as únicas coisas assustadoras nesta floresta são o buggane, os fae das trevas e o cabelo de Scrum.

Pisquei para Scrum quando ele me encarou com um olhar interrogativo. Eu não tinha tempo para falar com ele sobre o problema de sua cabeça de gnomo, mas prometi a mim mesma que o faria depois. O coitado não estava entendendo nada.

— Desculpe — disse Tony, balançando a cabeça, levantando os olhos do chão e olhando para nós. — Eu estava pensando em algumas coisas que vi quando estive n'O Cinza recentemente. Na hora não fez muito sentido, mas agora que Becky está falando... bom, meio que faz.

Escondi o rosto nas mãos.

— Ah, pelo amor de tudo que é sagrado, Tony — ergui a cabeça e olhei para ele com minha cara de má —, por favor, pode me dizer o que está acontecendo?!

— Isso, estou com Jayne nessa — disse Finn. — Vocês estão sendo muito evasivos para o meu gosto. — Ele se levantou e limpou as folhas de seu traseiro. — Tony, temos coisas a fazer aqui ainda. Diga-nos o que devemos saber, e depois vamos buscar Chase. Se Becky ainda tem algum tratamento para fazer, acho que ela poderia fazê-lo em nossa clínica, mas é escolha dela, claro.

Ele olhou para ela; notei a dor em seus olhos.

Eu andava me perguntando, mas esse olhar me confirmou que o pobre rapaz gostava dela de verdade. Becky não respondeu nada e não encontrou os olhos de Finn.

As coisas não estavam indo bem. Eu esperava ansiosamente que ela não partisse o coração dele, como estava começando a achar que Chase partiria o meu. A história dela me fez duvidar de que ele havia se juntado aos fae das trevas sob coerção. Danem-se os fae das trevas e o Mundo de Baixo!

— Desculpa, gente, só estou tentando processar tudo isso — disse Tony. — O que me faz pensar que poderia haver alguma verdade em suas palavras é que tenho notado muitos distúrbios n'O Cinza. Normalmente, é um lugar muito calmo. Claro, existem algumas forças escuras lá, e algumas almas infelizes, mas a maior parte coexiste em harmonia. Porém, ultimamente, nem tanto. Eu sinto uma energia lá que não pertence ao lugar; e, definitivamente, não é uma energia boa. Vem crescendo de forma constante. Os elfos cinzentos não parecem perceber isso; acho que eles não têm as mesmas experiências que eu n'O Cinza. Eles meio que roçam a superfície, enquanto eu entro muito profundamente, algumas vezes. — Ele olhou para todos nós e viu que estávamos praticamente perdidos. — Desculpem, não estou explicando direito. É difícil para quem não conhece.

Eu lhe dei um tapinha no braço.

— Não se preocupe com isso, Baloney. Se você diz que algo está acontecendo, algo está acontecendo. Simples assim.

Suspirei alto, abrindo minha mente.

— Então, meu amigo do coração, acha que o que Becky está dizendo pode ser verdade? Que talvez algumas criaturas do mal vão entrar pelo Cinza, invadir a Floresta Verde e nos atacar?

Ele deu de ombros.

— Acho que existe essa possibilidade. Eu gostaria de falar com os elfos cinzentos e com Dardennes sobre o assunto. Vai ser a primeira coisa que farei quando voltarmos.

Olhei para Scrum e Finn, e os dois estavam concordando com a cabeça.

— O que você acha, Tim?! — gritei para a floresta.

Fui recompensada com o som de asas zumbindo, e, a seguir, a visão do pixie mais bonito que conheço dando um mortal no ar diante de meu rosto. Ele ficou pairando a poucos centímetros de distância e disse: — Acho que é hora de tirar férias! Alguém topa ir para Fiji?

E caiu fora.

— O que ele disse? — perguntou Finn.

Revirei os olhos.

— Nada útil.

Voltei a atenção para Becky.

— Muito bem, qual é a sua, então? Você vai voltar conosco ou é uma viracasa? Vai nos abandonar? Trair a causa?

Becky riu e estendeu os braços para me abraçar.

— Eu amo você, Jayne. Tem ideia de quanto senti sua falta?

Fiquei ali dando tapinhas em suas pequenas costas.

— Bom, também não é como se você houvesse ido embora para sempre. Faz só um dia ou dois, caramba.

Ela me soltou e se sentou, dizendo:

— Bem, parece muito mais tempo do que isso.

Ela olhou com cautela para Finn, que estava ao nosso lado, mas ele não lhe devolveu o olhar. Ficou olhando para longe, com a cabeça em outro lugar. Era o que parecia.

— Eu vou ficar aqui mais um pouco, mas, quando estiver melhor, talvez em poucos dias, vou voltar.

Notei a mão de Finn, que apertava o arco, relaxar um pouco, e suas sobrancelhas franzidas se suavizaram.

— Quanto a Chase, não sei. Ele ainda está cuidando de seus problemas.

Segurei a mão de Becky.

— Diga-me — implorei. — Diga-me o que está acontecendo com ele.

Ela sorriu e acariciou minha mão, aparentemente tentando me acalmar.

— Ele está melhor. Muito melhor. Não está mais delirando. Ele só sorri muito mais que o normal, e, ocasionalmente, gargalha. Precisa tomar injeções todos os dias. Tiveram de usar... uhhh... sangue de pixie para o antídoto, então...

Ela estava com cara de culpada, o que disparou o alarme em minha cabeça. Apertei sua mão um pouco mais forte.

— Beckyyyyy?!

O lance do sangue de pixie não era novidade para mim, coisa que ela obviamente sabia, de modo que eu tinha o palpite de que havia algo mais acontecendo.

Eu podia senti-la tentando se afastar de mim na forma como seus olhos, de repente, adquiriram um olhar distante. Ela tentou se levantar, como se pretendesse ir embora, mas eu a puxei de volta. Era hora de pegar pesado.

— Vou lhe dar dois segundos para ser clara, antes que eu a coloque em uma bolha permanente.

— Você não faria isso — insistiu ela.

— Faria. E vou ficar presa nela com você, também, pois vou sugá-la. Então, se não quiser ficar presa comigo em uma bolha verde pelo resto de sua longa vida fae, confesse. Eu sei que você está me escondendo alguma coisa; e, se envolve Chase, tenho direito de saber o que é.

Becky inclinou a cabeça.

— Como assim?

Eu bati em seu ombro.

— Ai! Que foi isso? — perguntou ela, esfregando o braço e franzindo a testa com toda a raiva que era capaz. O que não era muito.

— Isso foi por me fazer perguntas estúpidas. Você sabe que Chase é meu demônio. Além disso, é meu amigo, e, quem sabe... Ele poderia ser meu companheiro de vida no futuro. Por isso, fale, ou...

— Eu não devia dizer... — Ela fez beicinho —, mas estou muito interessada em seus planos de futuro. Vai me convidar para o casamento?

Tony suspirou:

— Fale de uma vez, Becky. Suas tentativas de distraí-la não vão funcionar. Você sabe que ela vai arrancar tudo de você, mais cedo ou mais tarde.

Puxei um pouco d'O Verde para mim, enviando-o aos meus olhos, deixando que brilhasse ali. Quis que parecesse uma ameaça, para mostrar a Becky meu suposto poder. No entanto, em vez de assustada, ela ficou hipnotizada.

— Meu Deus, Jayne, seus olhos estão incrivelmente brilhantes! Azuuuuul e veeeeeerde, e azuuuuul e veeeeeerde... tudo girando e rodando e rodopiando...

— Becky! — gritei, pegando-a pelos braços e balançando-a —, saia dessa, sua desmiolada! Preciso que você fale comigo!

Ela balançou a cabeça para frente e para trás duas vezes antes de aparentemente voltar a este planeta.

— O... o que aconteceu? Uau, parecia que eu havia bebido vinho de morango demais.

— Não há vinho de morango nenhum aqui, sua pateta. Conte-me sobre o sangue de pixie. Eu não estou brincando.

Ela ergueu os olhos ao nosso redor e sussurrou:

— Tim ainda está aqui?

Sussurrei de volta:

— Tenho certeza que sim, mas não sei onde.

— Tudo bem — ela capitulou, bufando e revirando os olhos, fazendo um gesto para eu me aproximar para ela poder sussurrar em meu ouvido.

— Eu estava conversando com um dos elfos que trabalha na clínica e ele me disse que havia acabado o sangue de Tim, então, eles tiveram de usar sangue de outro pixie para o antídoto de Chase.

Sussurrei:

— Por que Tim se preocuparia com isso?

Becky falou ainda mais baixinho:

— Porque teve de ser o sangue de um parente de Tim.

— Um parente? — sussurrei. — Quem?

Eu não podia imaginar que o sangue de sua esposa serviria para o que eles estavam procurando — a menos que pixies se casassem com seus parentes, o que era meio nojento. Tim não me parecia do tipo que se casa com primas.

— Foi o sangue do filho dele.

Eu me endireitei e gritei:

— O que é que você está dizendo? Tim não tem filhos!

Becky começou a agitar as mãos loucamente, como uma garota maluca no meio de uma luta de tapas.

Eu me abaixei e ergui o braço diante de mim como um escudo, tentando evitar o pior.

— Pare com isso, sua vadia louca!

— Eu disse que era segredo, Jayne! Você não consegue manter a boca fechada uma vez?

Os tapas foram morrendo lentamente conforme sua energia acabava.

Franzi o cenho, mantendo o braço na frente do rosto para me proteger, mas dava para ver que ela estava cansada demais para continuar com a agressão física. Então, abaixei-o com cautela.

— Ei, mocinha, cuidado com os insultos pessoais! Eu não sou tão linguaruda assim!

— Desculpe, mas... você sabe que ele pode ter ouvido. Além disso, você me chamou de vadia.

— Bem, você mereceu, por abusar de minha pessoa delicada com seus movimentos ninjas loucos. E, acredite, se Tim tivesse ouvido, ele estaria em nossa cara agora zumbindo feito louco.

— Quem estaria em sua cara agora zumbindo feito louco?

Pulei de susto, só então percebendo que ele estava de pé no meu ombro.

— Puta merda! Não tem graça, pixieman. Estava tendo uma conversa particular com minha amiga aqui.

— Entendi. O que foi que eu perdi?

— Ah, nada.

Olhei para Becky esperando que Tim não visse meu sinal dizendo a ela para fingir.

Becky me fuzilou com o olhar, então fiz a única coisa madura que me restava fazer: mostrei-lhe a língua.

— Por que o miniespírito de água está olhando feio? — perguntou ele.

— Ela não quer me contar seus segredos.

— São segredos sobre mim?

— Talvez.

— Então você precisa me contar. Está no código de honra de colegas de quarto. É proibido manter segredos sobre o outro colega de quarto. Se você fizer isso, vai ter que ir embora. Vai ter que dormir no quarto de Scrum, provavelmente.

— Ou você vai — disse eu, tentando não rir de seu novo código.

— Não. Só a pessoa que guarda segredos tem que ir. Está no livro. Procure.

— Que livro? Eu nunca vi esse livro.

— Claro que viu. Está em minha mesa de cabeceira.

Estendi a mão para pegá-lo, mas ele levantou voo.

— Não tão rápido, dedinhos pegadores. Você tem segredos para me contar e eu tenho lugares aonde ir. Ande, ande, bote para fora.

— O que ele está dizendo? — perguntou Becky, seguindo com os olhos a trajetória de voo acima de nossa cabeça.

— Ele quer saber qual é seu grande segredo. Aparentemente, ele não me ouviu.

— Bem, mas você não pode lhe contar — disse Becky com firmeza, olhando feio de novo. — Estou falando sério. Não podemos ter uma guerra de pixie agora. Isso é tudo que aquelas criaturas do Mundo de Baixo necessitariam: todos nós rindo e dançando, totalmente indefesos.

Tim desceu até ficar em frente ao rosto dela, com as mãos na cintura, fazendo-a ficar vesga, de tão perto que estava.

— Você não é colega de quarto dela, sua vadia aguada, portanto, caia fora!

Comecei a rir.

— Tim, calma, não precisa se alterar. Você sabe que seus roncos são tudo o que eu quero ouvir à noite, na hora de dormir.

Ele se voltou e cruzou os braços, pairando ali, irritado de verdade.

— Você não me viu alterado ainda, acredite. E, só para constar, sua baba brilhando em seu travesseiro do outro lado do quarto é a única que eu quero ver.

— Como você é meigo. E acho que já vi você perder a calma, sim. — Franzi o cenho. — Lembra-se de Chase?

Inclinei-me para o lado para poder ver Becky.

— Então, você pode ir buscar Chase para nós? Preciso vê-lo.

Becky se levantou rapidamente, feliz por ter uma desculpa para ir embora.

— Sim, vou buscá-lo. Vejo vocês daqui a alguns dias, quando estiver me sentindo melhor.

Ela começou a se afastar e Finn a acompanhou. Foram um pouco mais adiante e pararam, conversando baixinho. Tentei descobrir o que estavam dizendo, mas falavam proposadamente baixo. Então, vi Finn se curvar desajeitadamente e dar um beijo no rosto de Becky. Pela primeira vez nesse dia ela tinha um pouco de cor no rosto — um rosa delicado que delatava seu embaraço... ou excitação, se o sorriso em seu rosto fosse uma indicação. Sorri, observando-os. Eram tão adoráveis que eu queria vomitar. No bom sentido.

— Ah, que lindo! — disse Tim, suspirando.

— Sério, é mesmo — concordei. — Quero vomitar agora.

— Pois é! — disse Tim, descansando em meu ombro. — Amor jovem... — ele suspirou exageradamente.

— Hmm — disse Tony.

Olhei para ele com curiosidade.

— Qual é o problema, Tones?

— Ah, nada. Eu só não sabia que eles estavam juntos.

Eu ri.

— Acho que nem eles sabem.

Ele sorriu.

— Acho que romance adolescente não é mais fácil no mundo fae do que no humano.

— Por que seria? — perguntei. — Somos tão despistados aqui como éramos lá.

— É verdade.

— Tive uma namorada, uma vez — disse Scrum, postando-se ao meu lado e me dando a mão para me ajudar a levantar.

— É mesmo? Qual era o nome dela? — perguntei, segurando suas mãos e me levantando.

A seguir, virei-me para dar a mão a Tony para ajudá-lo. Ficamos ali tirando as folhas e galhos de nossos traseiros e pernas enquanto ouvíamos a história de um amor perdido, como disse Scrum.

— O nome dela era Millicent. Era minha vizinha. Quando éramos pequenos, brincávamos juntos o tempo todo; todos os dias do verão. Ela dizia que era minha namorada. Na escola éramos amigos também, até o quinto ano. Aí, ela ficou... bem... ganhou peitos e foi tudo por água abaixo.

Não pude deixar de rir.

— Peitos? Os peitos foram o fim de seu relacionamento?

Ele deu de ombros.

— Parece que sim. Um dia, ela não tinha peitos e ficava comigo no balanço de meu quintal. No dia seguinte, tinha peitos e três meninos ficavam o tempo todo tentando chamar sua atenção. Depois de um tempo ela esqueceu que eu existia.

Tony olhou para ele com tristeza.

— Você não tentou falar com ela?

— Sim, algumas vezes. Tentei avisá-la que aqueles sujeitos não eram bem-intencionados, mas ela não me deu ouvidos.

— O que ela fez? — perguntei, quase com medo de ouvir uma resposta triste.

— Ela disse para deixá-la em paz.

— Puxa, que vadia, Scrum. Tenho certeza de que você está melhor sem ela.

— Eu sei. É o que diz o bom senso. Mas dói, de qualquer maneira. Ainda dói, na verdade. Ela foi minha melhor amiga por muito tempo.

Olhei para Tony e senti meu coração se apertar. Eu não podia imaginar o que faria se ele dissesse para eu o deixar em paz. Eu queria abraçá-lo, mas, em vez disso, abracei Scrum. Puxei um pouco d'O Verde em mim e lhe mandei, esperando que isso pudesse lhe dar um pouco de paz.

— Ela não merece você, Scrummers. De jeito nenhum. Você é um bom rapaz.

— Eu sei. É o que minha avó sempre diz.

— Bem, você devia ouvi-la. Ela parece uma mulher inteligente.

— Ela também dizia que esquilo ensopado ia me ajudar a crescer e ficar forte, assim todas as meninas iam gostar de mim. Eu comi bastante disso, mas nunca ajudou.

Dei-lhe um tapinha nas costas distraidamente e fiz cara de espanto para Tony. Quem alimentaria seu neto com ensopado de esquilo?

— Bem, talvez ela estivesse meio confusa. Mas tudo bem.

Afastei-me dele e o segurei pelos ombros:

— Seu dia vai chegar, Scrum, espere e verá. Alguma menina fae vai ver você e

se apaixonar perdidamente.

Ele deu um sorriso fraco.

— Você acha?

— Eu sei que sim.

E sabia mesmo. Em algum lugar havia alguém que amaria esse barril de cerveja cabeça de gnomo. Ou talvez ela o convencesse de que xampu não é coisa do diabo. De qualquer maneira, eu desistiria do mundo se um bom fae como Scrum não encontrasse seu amor.

Soltei os ombros de Scrum quando um barulho entre as árvores à minha direita agrediu meus ouvidos. Vislumbrei o rosto de Chase um segundo antes de ser erguida e quase esmagada em um grande abraço.

— Jaynie — ele disse em meu pescoço com uma voz suave, enquanto seus grandes braços me envolviam com o calor e o cheiro viril que eu reconhecia como pertencentes ao meu demônio.

— Chas... eee — disse eu, rindo da cena ridícula.



Capítulo 10

LENTAMENTE, CHASE ME ABAIXOU, SEGURANDO-ME EM seus braços fortes. Fiquei na ponta dos pés, com os braços em volta de seu pescoço por alguns segundos, deleitando-me com a emoção de estar com ele desse jeito. Antes de ele ter sido acidentalmente enfeitiçado por Tim e entregue por minha estupidez ao complexo dos fae das trevas para ser curado, nunca havíamos tido nenhum contato físico. Claro, eu havia tocado seu braço musculoso de vez em quando, e havíamos trocado alguns olhares; mas só isso. De alguma forma, porém, seu desejo constante de me proteger e sua lealdade inabalável haviam mexido com meu coração. Chase tinha um lugar especial, reservado só para ele. Era diferente do local que eu tinha para meu melhor amigo, Tony, e do lugar que eu tinha para Spike, meu amigo e ocasional distração luxuriosa.

Apoiei-me em seu peito e respirei profundamente, puxando o máximo de sua essência para meu cérebro. Ele cheirava a lar. Não meu lar humano, na Flórida, e nem o complexo dos fae da luz; mas lar mesmo.

— É tão bom ver você, Jayne. A quem devo agradecer por trazê-la aqui para me visitar?

Eu poderia dizer que ele ainda não havia voltado ao normal, porque essa pergunta continha palavras demais para ser dita por meu amigo típica e essencialmente mudo.

— É muito bom ver você também. E isto não é uma visita, é uma intervenção. Você vai voltar para casa comigo. Sem mas. Não posso deixá-lo com os fae das trevas nem mais um dia.

Chase soltou uma risada do fundo da garganta.

— Quem me dera fosse assim tão simples. Acredite, não há nada que eu quisesse mais do que ser seu vizinho de novo.

Afastei-me dele, olhando para cima — já que sou muito mais baixa — para fitar seus olhos azuis incrivelmente bonitos.

— Mas é simples. Honestamente, o que é tão complicado? Eu quero você lá, você quer estar lá, eu sou uma elemental, você é meu demônio... pronto. Vamos.

Livre-me completamente de seu abraço e comecei a andar, puxando-o de volta para o complexo dos fae da luz.

Ele se deixou conduzir por cerca de três passos e, logo, parou, pegando minha mão e me puxando para si. Meu coração parou quando percebi que ele ia resistir. Eu tinha de descobrir o que dizer para convencê-lo; ou, pelo menos, precisava entender por que era tão difícil para ele simplesmente fazer o que queria.

Voltei-me para encará-lo e dei um passo para diminuir a distância entre nós. No início tentei conter as lágrimas, mas, então, decidi: que se dane. Eu as deixaria subir até meus olhos e, pelo menos uma vez, mostraria minha vulnerabilidade. Quando a primeira lágrima deslizou por meu rosto, eu disse: — Chase, por favor. Não me faça implorar. Eu preciso de você. Está vendo Gorm? Ele é uma sombra de você. E Scrum é ótimo, mas não é você. Você é o único demônio para mim. Não consegue ver isso?

Chase estendeu a mão e a colocou em meu rosto, usando o polegar para enxugar a lágrima que havia rolado. Levou a outra mão à minha cintura.

— Nós estaremos juntos de novo, prometo. Não pode ser hoje, mas em breve.

— Em breve quando? — perguntei com voz hesitante.

Ele suspirou.

— Logo, logo.

Abaixei os olhos por um segundo, tentando controlar o misto de tristeza e raiva.

— Por que o suspiro, Chase? Estou irritando você com minha carência? Porque, honestamente, está me irritando.

Ele falou em voz baixa, para que ninguém mais ouvisse.

— Não, não seja boba. Há muita coisa que eu gostaria de poder lhe dizer agora, coisas que sei que poderiam ajudar você a suportar tudo isso; mas não posso. Há coisas maiores em jogo. Coisas maiores do que nós, se é que você me entende.

Apertei seu braço e disse, também baixinho:

— Eu sei que você não é quem disse ser. Sei que você é do Mundo de Cima.

Olhei em seus olhos para observar sua reação. Ele não hesitou em absoluto.

— Eu sabia que Gorm não seria capaz de guardar segredo; tudo bem você saber. Eu ia lhe contar, um dia.

— Eu tenho tantas perguntas...

— Eu sei. E, um dia, em breve, vou responder a todas elas. Mas não hoje. Não agora.

— Por quê? — perguntei.

Se eu não estivesse tão perto dele, provavelmente teria batido o pé no chão; mas estava pressionada contra Chase, e acabaria machucando os dedos de alguém — os dele ou os meus. Mas estava muito frustrada, e a atitude juvenil de bater o pé teria me feito sentir melhor. Não sabia se implorava ou se o esbofeteava. Senti que nem um nem outro adiantariam, de modo que decidi deixar quieto. Só que eu não era tão boa nessa técnica.

— Jayne, os fae estão à beira de uma guerra épica. Não apenas entre si, mas com os outros também. Fui enviado para fazer o possível para impedir que coisas terríveis aconteçam. Depois que eu terminar meu trabalho com os fae das trevas, vou voltar para você. Lidar com os fae da luz será minha próxima missão.

— Acho que foi uma boa Tim ter enfeitado você, não é?

— Não foi um acidente, Jayne. Eu precisava de uma desculpa para entrar no complexo deles. Era o jeito mais rápido e mais convincente de entrar e me colocar à disposição deles. E fazê-los ouvir minhas informações.

Olhei para ele, perplexa:

— Você se pixelizou voluntariamente? Por mim?

— Sim. Por você e por toda a espécie fae.

— Uau! Você é tipo Jesus?

Chase franziu a testa.

— Pare. Não sou profeta, não sou nenhum salvador e não sou filho especial de nenhuma divindade.

— Bem, e quem exatamente é você, Chase? Porque tudo isso é um grande mistério para mim, e me irrita muito eu não poder chegar ao fundo da questão.

Chase sorriu.

— A vida é um grande enigma. Se você chegasse ao fundo dela antes do final, o

resto dela não valeria a pena, não é? Onde está a emoção de uma existência com todas as incógnitas reveladas?

Pensei por um segundo e disse:

— Bom, tudo bem haver mistério, desde que seja mistério para todos os outros também. Mas, por aqui, parece que eu sou a única que não tem ideia do que está acontecendo. Até Becky é mais bem informada do que eu, o que é bastante triste, considerando que ela é um maldito espírito de água.

Chase me abraçou, rindo baixinho para si mesmo.

— Ah, como senti sua falta! Estou muito feliz porque você veio. Mas preciso ir agora.

Ele se afastou e tentou dar um passo para trás.

Segurei seu braço, impedindo-o de ir.

— Espere! Tenho de lhe perguntar mais uma coisa antes que você vá. É sobre Tim.

— Tudo bem, só mais uma coisa.

— Becky disse que você usou o sangue do filho dele no antídoto. É verdade?

— Sim.

O rosto de Chase não mostrou nenhum sinal que eu pudesse ler, o que foi superfrustrante.

— Ele não sabe que tem um filho.

— Não, tenho certeza de que não sabe.

— Como pode ser? A esposa o deixou quando estava grávida?

— Sim. Acho que foi o que aconteceu. De certa maneira.

— Mas que tipo de pixie horrível faz isso com alguém tão doce como Tim? Eu sei que ele a amava.

— Eu não posso falar sobre as circunstâncias. No entanto, se Tim quiser saber, tudo o que ele tem a fazer é ir para o complexo dos fae das trevas falar com Abby. Tenho certeza de que ela vai explicar tudo.

Bufei.

— Ah, claro. A cadela simplesmente o deixou jogado. Obviamente, ela não tem coração.

— Ou um coração muito grande. Nunca se sabe enquanto não se conhece a história toda.

Semicerrei os olhos.

— Eu não gosto desses joguinhos, Chase.

Ele estendeu a mão e acariciou minha orelha gentilmente, causando-me arrepios.

— Não estou fazendo joguinhos. Estou só tentando não me meter no que não me diz respeito.

— Eu sei... Não é mesmo meu estilo.

Ele riu.

— Eu sei. Isso é uma das coisas que eu amo em você.

— Uma das? — perguntei com malícia, totalmente pronta para ser regalada com todas as coisas que ele amava em mim.

Não tenho medo de admitir que estava carente de seu afeto.

— Depois, Jayne. Prometo.

— Tudo bem — disse eu, emburrada.

Eu odiava não conseguir o que queria.

— Enfim, só preciso saber mais uma coisa e então vou deixá-lo ir...

Resolvi arriscar tudo, colocar meu coração em uma bandeja e deixar que ele o pegasse com carinho e cuidasse dele, ou o partisse em um milhão de minúsculos pedacinhos sangrentos. Tentei não parecer muito ridícula, mas expor meus sentimentos e minha vulnerabilidade para alguém tão importante para mim quanto Chase já era ridículo por definição.

— Qual é meu papel em tudo isso? Quero dizer... com você... ou sei lá.

Fui patética, mas não pude evitar. Nunca me senti tão exposta e desprotegida como nesse momento.

— Jayne — disse Chase, puxando-me para perto mais uma vez e falando em meu pescoço enquanto me abraçava —, você é a razão pela qual estou fazendo tudo isso. Estou tentando fazer que este seja um mundo onde você possa caminhar, viver, amar sem medo e sem dor desnecessária. Um pouco de dor é inevitável, e necessária, mas não a dor que alguns querem para você. Assim que eu houver neutralizado essa ameaça, estarei com você de novo, no mínimo em espírito.

Apertei-o mais forte.

— Espero que não demore muito. E nada disso de estar com você só em espírito, viu? Eu quero você todo.

— Eu também.

Ele me afastou com suavidade, e, em seguida deu um passo atrás para me olhar nos olhos.

— Nesse meio tempo viva sua vida, faça o que quiser com quem quiser, e não se preocupe comigo. Sempre estarei ao seu lado, não importa as decisões que tome.

— De que tipo de decisões você está falando?

Parecia que ele estava me dando permissão para ficar com outros garotos, ou algo assim, o que era estranho, e me deixou um pouco triste.

— Qualquer tipo de decisões. Com quem você decidir passar seu tempo, o que fizer quando estiver com essas pessoas, onde decidir ir, em que decidir acreditar. Não importa, estou sempre ao seu lado, sem julgamento.

— Uau! Você é mesmo como Jesus.

Ele riu.

— Não, não mesmo. Não sou como ele é retratado. Entre muitas outras qualidades, falta-me a capacidade de me sacrificar por toda a espécie fae. Estou aqui só por você.

— Okay, então você é meu messias pessoal.

— Se precisar me rotular assim para apreciar plenamente a profundidade do

sentimento que tenho por você, tudo bem. Mas eu não sou perfeito, nem completamente altruísta.

Olhei-o nos olhos em busca de qualquer sinal de que ele estava brincando comigo; mas não vi nenhum.

— Eu gosto do rótulo, Chase. Sim, acho que combina com você. E, por enquanto, tudo bem você ser um diplomata secreto, ou seja lá o que for; mas vai chegar uma hora em que não vou ficar feliz com essa longa distância. Eu posso me machucar, sabia? E você não estará aqui para me proteger.

Seus olhos escureceram.

— Não me faça lembrar disso. Estou fazendo tudo o que posso para evitar que isso aconteça; e, acredite, em tempo integral.

— Uau! — disse eu meio chocada com essa informação. — Não tinha ideia de que eu era odiada em escala global.

— Não odiada. Não, não é nada disso. Desejada seria uma palavra melhor. Muitos fae e outros seres desejam você para que possam ser os beneficiários de seu poder. Mas a maioria não tem boas intenções.

— Tuuuudo bem — disse eu com voz melodiosa —, melhor se apressar e voltar para miiiiim. Assim, eu não vou começar a andar com as pessoas erraaaaadas...

Ele franziu a testa.

— Não é brincadeira, Jayne. É sério.

— Eu sei. Só estou dizendo... Se você ainda não ouviu falar, eu não sou o elemental mais talentoso, por isso, não posso ser responsável pelo que acontecer se você não estiver comigo para me proteger.

Chase me balançou suavemente pelos braços, como eu havia feito com Becky antes, mas com mais delicadeza.

— Pare. Ser seu demônio no Aqui e Agora foi a coisa mais difícil que eu já tive de fazer, por muitas razões. Por favor, não torne as coisas ainda mais difíceis.

Mostrei a língua para ele.

— Quem disse que a vida era fácil? Especialmente comigo nela.

— Nunca foram ditas palavras mais verdadeiras — disse Chase, dando-me um meio-sorriso.

— Ei! — disse eu, cutucando seu peito de brincadeira.

Ele segurou minha mão antes que eu pudesse puxá-la de volta, envolvendo-a na palma de sua mão gigante com seus dedos calorosos.

— Tome cuidado.

— Tudo bem.

Retirei a mão.

— Vejo você em breve, J. P.

Chase olhou para mim, confuso.

Eu sorri também, sem lhe explicar seu novo apelido, Jesus Pessoal. Devia ser um sacrilégio, mas tudo bem. Eu havia abandonado a escola dominical, e não me importava. Eu sabia que não ia usar o apelido permanentemente. Só em situações calamitosas, quando eu precisasse expressar que ele estava me irritando. E ele estava me irritando recusando-se a voltar para casa comigo. Sem ele, meu quarto ia parecer muito mais frio.

Tim se aproximou.

— Então, voltemos ao que interessa. Você estava dizendo que tinha um segredinho daquela galinha aguada?



Capítulo 11

EU ESTAVA TENTANDO DESCOBRIR A MELHOR MANEIRA de contar o segredo a Tim. Sabia que não poderia escondê-lo, e era justo que ele soubesse que tinha um filho. Não conseguia entender por que diabos ninguém pensou em lhe contar antes, especialmente sua estúpida esposa. Mal podia esperar para conhecer a bruxa, para dizer a ela o que eu pensava.

— Pare de tentar inventar uma história na cabeça, Jayne. Conte-me a verdade.

Espantei-o com a mão.

— Vou contar, vou contar. Mas deixe-me descobrir tudo antes.

— Não! — exigiu ele, pairando à frente de meu rosto. — Bote para fora! Segredos me dão indigestão!

— Por Deus, Tim, não precisa me ameaçar com a câmara de gás.

Ele franziu a testa e cruzou os braços sobre o peito.

Olhei fixamente para ele.

— Por que você anda tão irritadiço ultimamente? Você está agindo como um moleque o tempo todo. Estou começando a achar que não está feliz por ser meu colega de quarto.

Tim estava tão perto do meu rosto que ficou praticamente sentado em meu nariz. Fiquei completamente vesga por um segundo, mas logo fechei os olhos para evitar ficar com dor de cabeça.

— Posso ver os pelos de suas narinas, Tim. Você está perto demais.

— Tudo bem. — Sua voz provinha de longe. — Já me afastei. Abra os olhos.

Segui seu comando e esperei sua resposta.

Ele fez beicinho.

— Não sei o que há de errado comigo também, além do fato de que eu tenho ficado muito limitado nos últimos tempos. Pixies não ficam bem sem asas. Nós fomos feitos para voaaaaar.

Ele pontuou a última palavra com um mortal e um loop, pairando a poucos

centímetros à minha frente de novo.

— Tudo bem. Mas você tem asas de novo, então, não tem mais desculpas para ser um moleque. Anime-se, ou...

— Ou o quê?

— Tim!

— Okay, tudo bem, olhos malucos. Eu só estava brincando. Vixe!

Olhei para Tim. Ele teve a inteligência de pôr as mãos atrás das costas e fazer cara de arrependido.

— Posso perguntar qual é o segredo, Poderosa Alteza?

Tentei expressar a justa indignação que sua cara de pau provavelmente merecia, mas era impossível. Sorri. Ele me tirou da patética nuvem romântica onde eu estava flutuando para enfrentar sua arrogância pixie. Quem disse que os pixies são pequenos? Só quem não os conhece muito bem.

— Sim, Sua Insignificância. Pode perguntar.

— Qual é o segredo que você e Becky estão escondendo de mim?

— Tudo bem, eu vou lhe contar, mas, primeiro, tenho de avisar uma coisa.

— Um aviso? Isso não parece bom.

— Não, não é mesmo. Mas, lá vai. Não é aviso, é condição, na verdade. Em primeiro lugar, você não pode pirar e pixielizar alguém aqui.

Olhei à minha volta para pontuar minhas palavras e notei que Chase havia conseguido se mandar enquanto eu estava discutindo com Sua Pequenezinha. Mas Tony estava ali, falando com Scrum e Finn calmamente. Gorm estava deitado sob a árvore, roncando. Imaginei se o real Chase roncaria, se caso um dia eu dormisse no mesmo quarto que ele. Controlei imediatamente meus pensamentos e os afastei desse caminho. Eu tinha de discutir com um pixie que em breve ficaria puto da vida. Prossegui com as condições, acrescentando: — Em segundo lugar, você não pode sumir e tentar lidar com esse problema sem mim.

Tim me avaliou, no início sem dizer nada.

— Tim, eu não vou lhe contar se você não concordar com meus termos. E tem

que jurar por sua vida que não vai quebrar a promessa.

— Você sabe que promessas feitas pela vida de um fae não podem ser quebradas, não sabe?

— Não, eu não sabia; mas obrigada por me informar.

— Tudo bem. Concordo com seus termos.

— Okay, então.

Respirei fundo, imaginando se eu ia me arrepender.

— Becky me contou que seu sangue, que os curandeiros das trevas usaram, acabou. Então, eles precisaram encontrar um parente seu para obter mais.

Tim pareceu confuso por um segundo.

— E encontraram?

— Sim.

Olhei para ele com cautela. Por enquanto, tudo bem.

— Onde?

— No complexo dos fae das trevas.

Agora Tim parecia desconfiado, o que me deixou nervosa. Merda, ferrou.

— Eu não tenho nenhum parente no complexo dos fae das trevas, exceto Aquela-Que-Não-Deve-Ser-Nomeada... Abby. A abandonadora de maridos.

Não pude deixar de rir.

— Pensei que não era para dizer o nome dela.

— Cale-se. Estou sob pressão. Não posso responder por meus atos.

— Sim, pode... você prometeu.

— Tudo bem, eu sei. Conte-me o resto. Enfie a faca e torça. Estou pronto para a dor.

Duvido, foi tudo o que pude pensar antes de dizer:

— Você tem outro parente no complexo dos fae das trevas. Seu e de Abby. Seu filho. Você e Abby têm um filho.

O rosto de Tim ficou branco e ele vacilou em pleno ar. Estiquei a mão a tempo de pegá-lo antes que ele caísse em parafuso no solo da floresta.

Ele caiu de costas na palma de minha mão, de olhos fechados. Parecia inconsciente.

— Tim?! — gritei, em pânico total.

Finn, Tony e Scrum se aproximaram correndo.

— O que aconteceu — perguntou Tony, preocupado.

— Eu lhe dei uma notícia terrível.

— Que notícia? — perguntou Finn.

— Disse que ele vai ter de doar suas asas de novo?

— Não, pior. Mas não posso lhe contar o que eu disse. Se ele quiser, contará, mas é particular.

Nem olhei para eles. Toda minha atenção estava no corpo caído de Tim.

— Tim, acorde, por favor — implorei.

— Ele está... morto? — sussurrou Scrum.

— Não. Acho que desmaiou — disse eu.

Tony se aproximou cuidadosamente e com o dedo empurrou a perna de Tim.

— Ei, Tim. Acorde, amigão. Estamos aqui.

Cutiquei Tony com o cotovelo, mostrando-lhe que eu estava feliz com seu apoio a Tim. Eu tinha a sensação de que Tim precisaria muito disso. Cara, aquela garota pixie pisou na bola.

Tim começou a se mexer.

Scrum se inclinou e ficou bem perto de Tim, dizendo:

— Acho que ele está acordando. Será que está bem? Talvez ele tenha tido um

ataque cardíaco.

Tim fez cara de nojo.

— Santa cabeça de gnomo! — resmungou, com raiva.

Ele abriu os olhos e correu feito um caranguejo para a lateral de minha mão, o mais distante do rosto de Scrum.

— Leve esse fedor para longe de mim!

Toquei o ombro de Scrum.

— Ele pediu para você se afastar. Está muito perto.

Scrum se levantou.

— Ah, desculpe. Eu sei, um rosto grande é assustador.

— Sim — disse Tim, levantando-se e tentando tirar o cheiro inexistente de seus braços e peito, carrancudo —, e o fedor da cabeça de um gnomo é francamente um pesadelo.

Tentei não rir, mas escapou um pouco. Eu tinha esperanças de que a coisa evoluísse bem, mas, logo, o rosto branco de Tim e seus minúsculos lábios apertados me disseram para não ser tão precipitada.

— Quer dizer que eu tenho um filho. Ora, não é uma maravilha?

— Tim, tenho razões para acreditar que não é o que parece.

— Não é como? — ele fingiu descontração. — Não é como se ela fosse uma pixie sem coração que me abandonou, deu à luz meu filho e depois o escondeu de mim? Nããão. Não pode ser isso.

— Sarcasmo é para os frouxos, Tim.

— Não, sarcasmo é para pixies irritados que juraram não enfeitiçar os outros ou cair fora para cuidar sozinhos de seus próprios assuntos.

Eu balancei a cabeça.

— Okay, seja sarcástico se quiser. Mas entenda que tanto Becky quanto Chase disseram que as coisas não são como parecem. Por isso, acho que o maduro e menos “minha cara” que podíamos fazer é marcar uma conversa civilizada com

Aquela-Que-Não-Deve-Ser-
-Nomeada, Abby, e ver o que ela tem a dizer.

— E o que seria mais a cara de Jayne?

— Hmm... provavelmente ir até lá de armas em punho, atirar nela primeiro e perguntar depois.

— Eu escolho o Plano B — disse Tim, balançando a cabeça para enfatizar.

— Não, não posso deixar você fazer isso.

— Por quê? É o que você faria!

— Sim, Tim, mas você é mais esperto do que eu.

— Posso escrever isso e você assina?

— Não! Cale a boca. Bem, qual é o plano, então? Quer tentar fazer isso agora ou outro dia?

— Não estou a fim agora. Preciso pensar. É muita coisa para processar de uma vez. Preciso estar em minha melhor forma para encarar aquela pixie. Minhas asas são muito novas.

Ele apertou os punhos. Isso me fez pensar se ele recorreria à violência física contra a ex-esposa, mas espantei esse pensamento de minha cabeça tão rapidamente como veio. Tim não era de bater na esposa. Mas podia ser de arrasar a esposa. O que seria mais eficaz, uma vez que ele era praticamente um mestre nisso. Eu já havia sofrido seus ataques verbais o suficiente para saber.

— Tudo bem, é justo. Voltaremos, então, quando você estiver pronto. Quer voltar para o complexo? Deve ser hora do jantar agora.

Olhei para cima, através das copas das árvores. O sol estava se pondo e o ar estava esfriando.

— Tudo bem — disse ele, pensativo. — Você se incomoda se eu sentar em seu ombro? Estou me sentindo um pouco cansado.

— Claro, Tim. Suba a bordo do trenzinho feliz!

Ele resmungou enquanto se sentava:

— Trenzinho feliz o caralho. Está mais para trenzinho para o abismo sem fundo de dor e sofrimento.

Eu ri. Um Tim reclamação era o mais próximo de um Tim feliz que eu conseguiria. Eu teria ficado muito mais preocupada se ele ficasse calado. Felizmente, não tinha de me preocupar. Tim ficou coletando ofensas e insultos impressionantes que ele poderia usar com a mãe de seu filho quando a encontrasse. Porém, notei que ele não disse uma palavra sobre o filho que havia acabado de descobrir.



Capítulo 12

EU E OS RAPAZES VOLTAMOS PELA FLORESTA e pelo prado até o refeitório na hora do jantar. Por um capricho, decidi checar meus e-mails antes, apesar de tudo. Eu não me preocupava com isso desde antes de Tony voltar. Não podia imaginar algum dos meus velhos amigos me enviando um e-mail, já que não recebia nenhum fazia muito tempo; mas talvez houvesse algo engraçado, tipo “aumente seu pênis em 12 cm” na caixa de spam, para dar risada. Isso alegraria Tim, com certeza.

Acabei indo só com Tim, já que o resto preferiu ir direto jantar. Scrum prometeu ficar de olho em Gorm para se certificar de que ele se restringiria ao menu do bufê, e não se regalaria com algum fae do refeitório.

Sentei-me em frente ao computador, acessei minha conta, e vi dez mensagens não lidas, todas de minha mãe.

— Puta merda — exclamei distraidamente enquanto navegava com o mouse.

Minha mãe nunca mandava e-mail. Acho que ela nem se importou quando fui embora.

— E aí? Tem algum bom de pênis? E seios? Têm fotos, desta vez?

Tim pulou de meu ombro e ficou pairando em frente à tela.

— Quem é m.blackthorn65@gmail.com?

— É minha mãe.

Cliquei no mais antigo e comecei a ler.

Querida Jayne, espero que você esteja bem. Eu não sei onde você está, mas espero que esteja segura e feliz. Tenho conversado com os pais de Tony, então sei que vocês estão juntos. Estou escrevendo porque espero poder convencê-la a voltar para casa. Preciso ver você. Pode me dizer onde está? Talvez eu pudesse ir até aí. Com amor, mamãe.

— O quê...

Meu cérebro estava em curto-circuito. Tim ainda estava ocupado, lendo.

— Isso não pode ser da minha mãe. Ela nunca ia escrever um e-mail como este.

O fato de aquilo ser tão diferente dela me fez ficar enjoada.

— Por que não? Parece uma mãe normal. Mais ou menos.

— Bem, primeiro de tudo, minha mãe não é uma mãe normal. Ela faltou às aulas de instinto materno protetor. Segundo, se ela ainda estiver casada com Rick o Escroto, não quer me ver. Sei disso.

— Abra os outros — insistiu Tim.

Cliquei em cada um deles, e todos eram exatamente iguais. Exceto o último.

Querida Jayne, não recebi resposta sua. Eu realmente preciso ver você. É urgente. Por favor, venha para casa imediatamente.

Fechei todas as janelas e desliguei o mais rápido que pude.

— Por que você fez isso? Não terminei de ler! — disse Tim, indignado, com as mãos nos quadris.

— Não sei. Estou com uma sensação assustadora.

— Assustadora tipo “Preciso ir ver minha mãe”?

— Não, assustadora tipo “alguém está atrás de mim”.

Tim franziu a testa.

— Acho que você está exagerando. Por que sua mãe estaria atrás de você?

Tive uma ideia, e rapidamente voltei ao computador.

— O que você está fazendo? Vai lhe mandar um e-mail?

— Claro que não. Vou invadir a conta de Tony e ver se os pais dele estão lhe enviando e-mails.

— Você tem habilidades de hacker e não me contou?

Tim parecia muito impressionado, de um jeito diabólico.

— Não. Tony tem só uma conta de e-mail, e eu consigo adivinhar a senha dele em três tentativas ou menos. Quer apostar?

— Não, obrigado. Vocês sabem muito um sobre o outro. Vou ficar só admirando

suas habilidades daqui. — Ele voou para o lado esquerdo da tela, acrescentando: — Fico imaginando se ele recebe e-mails de pênis também.

— Acho que todo mundo recebe — respondi distraidamente, enquanto digitava o nome de usuário e senha. — Vamos tentar esta. É um de seus favoritos. KASPAROV.

Cliquei em “entrar”, mas recebi uma mensagem em vermelho dizendo que a senha estava errada.

— Merda. Eu tinha certeza que era essa.

— Quem é... Kasparov?

— Um cara que venceu um computador no xadrez há muito tempo; o herói de Tony.

— Alerta Nerd!

— Sim, nem me diga. Muito bem, este é meu segundo melhor palpite: CHEQUEMATE.

— Não funcionou também? — perguntou Tim.

— Não. Último palpite, senão, terei de ser honesta e fazer Tony me contar qual é sua senha. FIMDEJOGO.

— Fim de jogo. Estranho — disse Tim enquanto esperava para ver se a mensagem de erro aparecia.

— Tony usa muito esse termo, especialmente agora. É aplicável para o xadrez e para a guerra.

A mensagem em vermelho apareceu de novo.

— Que inferno! Aquele traste mudou a senha por minha causa.

— Você acha que ele sabe que você entra na conta dele?

— É claro que sim. Sempre que eu entro, mudo o nome de exibição do e-mail.

Tim deu uma risadinha.

— O que você coloca?

Eu dei de ombros.

— Depende do meu humor. Se eu pudesse entrar hoje, seria “Babaca punheteiro”.

Tim bateu palmas com alegria.

— Tente mais uma vez. Só mais uma. Coloque esta.

Ele voou e começou a pular de uma tecla para outra, digitando seu palpite.

JAYNE.

— Não vai ser essa palavra, Tim, é muito...

Interrompi a frase abruptamente quando seus e-mails começaram a aparecer como mágica.

— O quê... — sorri. — Ele me ama, não pode evitar.

Senti um calor por dentro, sabendo que ele havia posto essa senha antes de chegarmos aqui. Isso me fez sentir bem por tê-lo trazido de volta.

Tim ficou se felicitando, fazendo reverências para seu público invisível.

— Sim, senhoras e senhores, eu sei, eu sei. Eu sou incrível, não sou? Está certo. Eu sou um hacker. Eu invado coisas. Vocês me viram hackear aquela mãe? Sim, viram. Eu a hackeei. Eu a hackeio o tempo todo, na verdade.

Ignorei-o e olhei a lista de dez mensagens não lidas, tudo do endereço de e-mail de sua família. Seus pais insistiam em usar um endereço só para toda a família quando estavam por perto. Tony ignorava a regra quando não estavam.

Cliquei no mais antigo e o li, prendendo a respiração.

Querido Tony, Olá. Precisamos urgentemente de você em casa. Sua mãe está doente.

Sinceramente, papai.

— Uau! Curto e não tão meigo — disse Tim.

— É. Os pais dele são um porre. Se isto não é deles, é uma boa imitação.

— Então, qual é o problema de os pais tentarem levar seus filhos para casa? É o

comportamento normal dos pais humanos, certo?

— Não sei. Acho que sim. Mas me parece estranho, por alguma razão.

Cliquei em todas as mensagens de sua caixa de entrada e todas diziam a mesma coisa. Toda vez que eu clicava em um e-mail novo e a mesma mensagem aparecia, meu estômago revirava. Abri outra janela e olhei minha conta de novo. Notei imediatamente que meus e-mails haviam sido enviados nos mesmos dias que os de Tony, com poucos minutos de diferença. Talvez um de nós com um monte de mensagens repetidas na caixa de entrada fosse crível... mas nós dois com o mesmo número exato? Mesmas datas e horários? Não. Não é normal. Nossos pais se odiavam. Eles nunca estariam de conluio.

Fechei as contas sem me lembrar de mudar o nome de exibição de Tony. De repente, não parecia mais divertido. Malditos pais... sugando a alegria da vida mais uma vez. Mas foram realmente nossos pais? Disso eu não tinha certeza. Tive a terrível sensação de que eu não ia querer saber a resposta.

— Que foi? Qual é o problema? Eu sei que quando você franze até as sobancelhas é porque está chateada.

Tim sobrevoou à frente de meu rosto, tampando a tela do computador.

— Converse com doutor Tim. Conte-me tooodos os seus problemas e segredos.

Eu estava feliz por Tim estar atrevido de novo; mas não foi suficiente para neutralizar a sensação de ruína que pairava sobre minha cabeça.

— Vou lhe dizer o que está me incomodando, doutor Tim, mas pode ser com Tony e os outros? Quero cogitar um pouco.

— Cogitar. Uau, bela palavra. Tudo bem, sim, com certeza. Eu queria mesmo ver se há morango no bufê. Estou com desejo de algo suculento e vermelho.

Olhei para ele, sabendo de suas intenções.

— Para poder apunhalar o coitado com sua faca cruel e fazê-lo sangrar?

Ele deu de ombros, tentando parecer inocente.

— Talvez.

— Talvez, o caralho.

Levantei-me e caminhei até a porta.

— Venha. Vamos matar algumas frutas.

— U-hu! — gritou Tim, e voou porta afora à minha frente pelo corredor.

Levava a faca apontada à frente de seu corpo em posição de super-herói voando.

Segui-o lentamente pelo corredor, ruminando as mensagens perturbadoras, tentando decidir o que poderiam significar. Talvez fossem nada mais que nossos pais ansiosos de repente, dando-se conta de que os filhos eram importantes. Mas, de novo, talvez fosse algo completamente diferente.



Capítulo 13

ENTREI NO REFEITÓRIO E ENCHI MEU PRATO com salada, um pedaço de frango e dois morangos. Imaginei que eles iam manter Tim ocupado com seu massacre por um tempo para que eu pudesse falar com Tony sem muita interferência.

Notei muitos rostos novos na sala, vários mais velhos do que o bando habitual de crianças trocadas. Imaginei que eram alguns dos fae que Dardennes dissera que ficariam conosco e se armariam para a guerra. Fui para nossa mesa habitual de cabeça baixa.

Sentei entre Tony e Spike, interrompendo a conversa com meu corpo. Tim voou para a mesa e atacou o primeiro morango, fazendo alguns cortes preliminares no ar primeiro, dançando um pouco em volta, e, a seguir, esfaqueando-o impiedosamente bem no meio, espirrando caldo e manchando a toalha de mesa.

— Olá, rapazes — disse eu. — O que foi que eu perdi?

Spike apontou com o garfo para Scrum e Gorm, isolados dos demais comensais em uma mesa no canto.

— Não muita coisa. Só um pouco de agitação por causa do canibal entre nós de novo.

— Sei. Bem, eles vão precisar aguentar mais um tempo.

— Achei que ele havia dito que sua dívida estava paga — disse Tony. — Por que ainda está aqui?

Olhei para Gorm e ele me notou, acenando com o garfo e sorrindo o suficiente para eu poder ver as carnes dançantes meio mastigadas em sua boca. Acenei e tentei sorrir, mas tenho certeza de que pareceu mais uma careta. Depois dos meus momentos com Chase, ver essa imagem deturpada dele era muito irritante. Tive de me esforçar muito para evitar que a visão de Gorm me abraçando se intrometesse em minha mente consciente.

— Boa pergunta. Não faço ideia. Talvez ele goste de nós. De qualquer forma, Tony, preciso falar com você sobre algo superurgente. Nível nove de merda, abaixo apenas da visita dos orcs.

Tony largou o garfo e limpou a boca.

— Pode falar. Sou todo ouvidos.

Spike se inclinou para frente; fez um gesto para Finn, mostrando-lhe que ele devia ouvir também.

— Chequei nossos e-mails.

— Ah, que fofo. Vocês têm uma conta de e-mail conjunta? — perguntou Spike, piscando para mim e me dando um empurrãozinho com o cotovelo.

Tony revirou os olhos.

— Até parece. É que ela invade meu e-mail constantemente.

Finn ergueu as sobrancelhas.

— Você é hacker?

— Pfft. Até parece. Não precisa ser hacker para entrar no e-mail de Tony. Uma criança de dois anos de idade poderia entrar.

— Ei! Não é tão fácil assim — disse Tony, fingindo-se ofendido.

— Você tem três senhas que fica usando sem parar; qualquer um que o conheça a mais de uma hora pode adivinhar quais são.

Tony sorriu.

— Estou surpreso por você ter adivinhado a mais recente.

Sorri para ele.

— Não adivinhei. Foi Tim.

Tony arregalou os olhos.

— Então, agora Tim invade minha conta também?

— Não se preocupe, Tony — disse Tim. — Não tem a menor graça. Você não tem nenhuma mensagem de pênis.

Tim continuou a cortar o morango inimigo, que agora parecia haver sofrido um acidente muito grave causado por uma grande colheitadeira.

— Não se preocupe, Tim só gosta de spam. Ele não achou nenhum em sua conta.

— É, eu coloquei um filtro de spam legal. Nada passa por ele.

— Bem, algumas mensagens de seus pais passaram. Ou alguém fingindo ser seus pais.

— O quê? — perguntou Tony, visivelmente perturbado. — Meus pais me mandaram e-mail?

Ele se levantou, como se fosse sair.

Segurei seu antebraço e o obriguei a sentar de novo.

— Não tão depressa, Baloney. Preciso lhe contar sobre meus e-mails antes.

Lentamente, Tony se sentou na cadeira.

— Okay, conte. Mas, assim que acabar, vou para a sala de informática.

— Tudo bem.

Levantei os olhos e vi Scrum se aproximar, seguido por Gorm.

— Scrum, puxe uma cadeira — disse eu. — Você também, Gormagon. Estamos discutindo uns e-mails perturbadores que Tony e eu recebemos.

Finn perguntou, mexendo apenas os lábios: “Gormagon?”.

Dei de ombros. Eu tinha mania de apelidos, às vezes. Esse combinava. Talvez eu procurasse na internet depois para ver se significava alguma coisa.

Eles arrastaram duas cadeiras e rapidamente comecei a história, dizendo-lhes o que Tim e eu havíamos encontrado nas duas contas. Quando terminei, disse: — O que me incomoda é que nós dois recebemos exatamente dez mensagens, repetidas. Exceto uma minha, desesperada, tão nada a ver com minha mãe que nem foi engraçada. E foram enviadas nos mesmos dias e horários. E exigindo que nós dois voltemos para casa.

Olhei para os rostos graves ao meu redor.

— Estranho, não é? Ou só eu que acho?

Tony balançou a cabeça.

— Não, não é só você. É estranho. Nossos pais não se dão bem. Não consigo imaginá-los se reunindo e coordenando e-mails como esses.

Bufei.

— Isso para dizer o mínimo. Seus pais acham que minha mãe é vulgar.

— Ela não é. O marido dela sim, mas ela não.

— Tem razão. Ela é só cega, fraca... sei lá mais o quê.

Tim parou de torturar a fruta para comentar.

— Parece que não consegue encontrar o insulto perfeito, Jayne. Algo me diz que você precisa de um pouco de psicanálise no divã do doutor Tim.

Dei um sorrisinho, balançando a cabeça diante de sua tolice. Fiquei contente ao ver que ele estava superando sua raiva de Abby de forma construtiva. Pelo menos por ora.

— Acho que você deve falar com os membros do conselho, ou pelo menos com Dardennes — disse Finn.

— Se alguém está tentando levá-los de volta para casa, eles precisam saber, de qualquer maneira. Só eles têm acesso ao avião.

— Concordo — disse Spike.

— E o mais cedo possível. Eles ficarão muito ocupados com todos esses fae chegando.

— Notei algumas caras novas aqui esta noite — disse, cedendo à curiosidade. — Alguém sabe quem é quem?

Tony falou.

— Recebemos vinte e oito fae até agora. Esperamos outra leva a qualquer momento, proveniente de toda a Europa. E mais alguns grupos amanhã. Aí, terão chegado todos.

— Que tipo de fae estamos recebendo? — perguntei, observando várias túnicas que via ao meu redor.

Parecia que havia um bom número de elfos, o que era bom. Eram lutadores incríveis, e eu podia me ligar a eles sem problemas. Vi duas bruxas e decidi me apresentar assim que tivesse chance. Tendo deixado Maggie irritada, estava temporariamente sem parceira bruxa para me ajudar com curas e essas coisas quando, inadvertidamente, eu pisasse na bola. Todo elemental precisa de uma

boa bruxa amiga em stand-by. Esse era meu novo lema. Um deles, enfim.

Tony prosseguiu, interrompendo minha linha de raciocínio.

— Muitos duendes verdes estão chegando, e alguns elfos cinzentos. Um grupo de anões saídos de dentro de alguma montanha em algum lugar também. Ouvi dizer que vão trazer um monte de armas de ferro.

— Armas de ferro? Para quê? — perguntou Scrum.

— Eles são famosos por essas coisas. Parece que têm propriedades mágicas para eles, ou algo assim. Como o machado que tenho, que me disseram que usei no teste fae.

— Legal. Quem mais vem?

Tony olhou para cima, como se pudesse ler uma lista no próprio cérebro.

— Vejamos... alguns ogros, alguns elfos de prata, dois espíritos de madeira...

Tive de revirar os olhos. Eu não podia imaginá-los fazendo nada além de se esconder nas árvores quando os fae das trevas aparecessem.

— Ah, e uma sereia e um wrathe.

Meu rosto se iluminou.

— Ah, legal! Um de sua espécie, Tony! Você vai aprender muito!

— Eu sei — disse Tony sorrindo —, estou empolgado. Mal posso esperar para falar com ele sobre O Cinza.

— Gostaria de participar dessa conversa — disse Spike.

— Eu também — concordei.

Tony deu de ombros.

— Vocês são todos bem-vindos. O que faço não é nenhum segredo. Vou compartilhar com quem quiser saber.

— Posso ir também? — perguntou Scrum.

— Claro — disse Tony. — Scrum, você está sempre convidado. Não precisa perguntar.

O rosto de Scrum se iluminou e suas orelhas ficaram cor-de-rosa.

— Obrigado, Tony — disse ele com suavidade.

Dei-lhe um soco no ombro só para ajudá-lo a deixar de se sentir estranho. Ele olhou para mim e sorriu, acho que entendendo. Porém, com Scrum, nunca dava para ter certeza. Às vezes ele estava totalmente alienado quando eu tinha certeza de que estava completamente em sincronia.

— Virá algum incubo? — perguntou Spike, todo quietinho.

— Não — disse Tony, com os olhos brilhando de malícia. — Mas ouvi dizer que vêm duas súcubos, gêmeas, da Califórnia.

Spike segurou a borda da mesa, inclinando-se em direção a Tony.

— Não!

— Sim! — disse Tony com entusiasmo. — Muito fae estão animados para conhecê-las. Aparentemente, são muito atraentes.

Spike passou as mãos pelo cabelo, nervoso.

— Preciso cortar o cabelo. Preciso de uma camisa nova.

Eu ri. Com tanta coisa para se preocupar agora...

— Não precisa, não. Você está ótimo.

— Corte meu cabelo, Jayne. Preciso urgentemente cortar o cabelo.

— Eu? Você está louco? Quer acabar parecendo o Scrum?

Scrum levou a mão a seu cabelo bagunçado e fofo.

— O que há de errado com meu cabelo?

— Nada, para quem é um gnomo comedor de terra! — gritou Tim, rindo histericamente.

— Só estou provocando, Scrum. Seu cabelo é legal.

Scrum franziu a testa, mas afastou a mão da cabeça; não parecia ter acreditado em mim.

— Por favor, Jayne! Faça qualquer coisa.

— Qualquer coisa? — perguntei.

Várias possibilidades começaram a passar por minha cabeça: escravo pessoal por um dia, massagista, sequestrador de Chase, hmmm.

— Tudo bem. Arranje uma tesoura e um pente e leve tudo ao meu quarto mais tarde. Mas não me culpe se eu estragar seu cabelo. Não sou profissional. Cortei o cabelo de Tony algumas vezes, mas nem sempre deu muito certo.

— É! Lembro que uma vez tive de ir ao barbeiro depois, e ele me perguntou se eu havia cortado o cabelo com um cortador de grama.

Eu ri.

— É, daquela vez ficou ruim. Ah, lembranças.

Olhei para Spike, erguendo a sobrancelha.

— Considere-se avisado.

— Tudo bem. Vou passar gel se você estragar meu cabelo.

Dei de ombros.

— Podemos voltar aos assuntos importantes? Como e-mails estranhos de pais estranhos?

Tony olhou sério para mim.

— Você acha que eram de nossos pais mesmo? Ou de outras pessoas? Como, aparentemente, meu e-mail não é uma conta segura, poderia ter sido qualquer um.

— Acho que são de outra pessoa. É coincidência demais, e não combina com eles.

— Então, o que vamos fazer?

— Acho que devemos fazer o que Finn sugeriu. Vamos falar com Dardennes.

— Okay.

Tony largou o garfo.

— Estou pronto.

— Eu ainda preciso comer. Por que você não vai até a sala dos computadores e dá uma olhada, e nos encontramos depois?

Tony assentiu e se levantou.

— Alguém quer ir comigo?

Scrum olhou para Gorm antes de dizer:

— Nós vamos. Já acabamos de comer.

Spike também se levantou.

— Encontro vocês mais tarde no quarto de Jayne. Tenho que arranjar umas calças novas. E uma camisa. E talvez sapatos.

Balancei a cabeça. Garotos são tão patéticos! Alguém diz “gêmeas bonitas” e eles ficam todos bobos. Queria ver se elas sugassem a vida dele. Eu sinceramente esperava que não, mas, ainda assim...

— Está com inveja? — perguntou Tim quando Spike foi embora.

— Inveja? De quem?

— Das gêmeas, é claro. De quem mais?

— Poderia estar falando de si mesmo.

— Pfff. Não preciso nem perguntar. Eu sei que você tem inveja de mim porque eu sou incrível. Todo o mundo tem. Já imaginou o que você poderia fazer com asas? Não, olhos malucos, você nem imagina. Porque não dá nem para imaginar. Naturalmente, você tem inveja de mim. Mas tento não ficar me gabando, não seria educado.

— E você é supereducado, certo?

— Claro. Minha mãe me criou direitinho. Todo mundo diz isso.

— Hu-hum — disse eu sem me comprometer.

— Não fale de minha mãe! — advertiu Tim, segurando sua faquinha em meu rosto.

— O quê? — eu ri. — Você vai me cortar se eu falar?

— Não. Sim. Talvez.

— Tim, sua mãe é tão feia...

— Jayne, estou avisando...

— Que seu brownie substituiu todas as túnicas dela por marrons.

Tim engasgou.

— O quê! Ah, não! Você não chamou minha mãe de ogro!

Comecei a rir tanto que tive de segurar a barriga. Todo o estresse pela preocupação de algum idiota estar tentando se fazer passar por minha mãe estava desaparecendo. Era incrível. Tim estava pisando duro pela mesa, murmurando sobre sua vingança contra mim mais tarde.

Ele sacudiu a cabeça, agitando as asas tão rápido que eu mal podia vê-las, e subiu lenta e dramaticamente até a altura de meus olhos.

— Você percebeu que tenho asas de novo, certo?

Olhei para ele apertando os lábios, tentando fingir que não estava mais rindo, mas pequenas explosões de riso ainda escapavam.

— Sim, doutor Tim.

— E percebe que eu poderia cortar você como um grande e gordo morango, certo?

Pisquei várias vezes, tentando controlar o riso e as lágrimas de hilaridade.

— Sim, doutor Tim.

— Então, sugiro que se controle, antes que destrua a si mesma, garota!

Explodi em risos com tanta força que o ar e o som fizeram Tim sair rodopiando descontroladamente até cair da mesa, capotando várias vezes, como uma bola de feno. Acabou sentado, todo descabelado e com a túnica torta.

Ele se levantou e imediatamente ajeitou o cabelo. Em seguida, sacudiu a túnica e as calças, espanando até o último fiapo ou outra coisa invisível, antes de se voltar para me encarar.

— Considere-se em minha lista negra até segunda ordem — disse rispidamente.

Franzi o cenho de brincadeira.

— É como estar na lista negra do Papai Noel, por acaso?

— É pior.

— Ah, merda. Que péssimo.

— Sim, Jayne. É péssimo. De verdade — disse ele com altivez.

— Desculpe por falar mal de sua mãe.

Eu usei cada grama de energia que tinha para segurar o riso. Teria que dormir no mesmo quarto que ele, e não queria Tim com raiva de mim.

— Sério. Eu sei que ela é maravilhosa.

— Você nem a conhece.

— Não, mas veja o filho dela. Como ela poderia não ser maravilhosa?

— Não adianta me bajular, Jayne.

Ele estendeu a mão sem pensar e começou a escovar uma de suas asas, um sinal inequívoco de que estava todo orgulhoso.

— Ah, eu sei. Não o estou bajulando. Só estou dizendo como as coisas são. Você é inteligente, bonito, legal...

— Não se esqueça de dizer astuto. E fale de minhas habilidades de hacker também.

— Ah, você é hacker agora?

— Ora, eu fui hacker durante anos. Já lhe falei, pixies são bons com eletrônica.

Balancei a cabeça.

— Eu esqueci. É bom saber. Então... você é incrível. Eu não sou digna.

Ele balançou a cabeça, completamente de acordo comigo.

— Está tudo bem, então, com o lance da sua mãe?

Tim pensou um pouco e, em seguida, disse:

— Sim, tudo bem. Mas, tenha cuidado. Pixies amam suas mães. Muito.

— Okay. Sem piadas de mãe. Mas você precisa admitir que essa foi boa.

Tim franziu a testa.

— Se fosse sobre a mãe de outra pessoa, concordo com você. Mas não. Não foi engraçado.

Eu podia vê-lo tentando não sorrir, então deixei para lá. Meu lado malvado estava feliz por encontrar outro ponto fraco nele. Eu adorava provocar o pixie. Mas a sobrevivente em mim me disse para guardar as piadas de mãe para ocasiões muito especiais. Era um material muito poderoso, para usar apenas em caso de incêndio ou outro perigo iminente.

Terminei meu jantar em tempo recorde, e, a seguir, levantei-me, olhando para Finn.

— Está pronto para caçar Dardennes conosco? Ou você vai para seu quarto?

— Não, vou com vocês. Não tenho nada melhor para fazer.

Saímos do refeitório e encontramos o caminho para a porta de Dardennes. Batemos três vezes e entramos, encontrando Tony, Scrum e Gorm ali.

Eles se voltaram para nós quando entramos. Dardennes sorriu amplamente.

— Jayne, Finn, que bom ver vocês.

Tim voou e deu uma pirueta bem na frente do rosto de Dardennes.

— Ah, e Tim. Desculpe, eu não vi você. Meu Deus, que asas bonitas cresceram em você desde a última vez que o vi! Impressionante!

Pisquei para Dardennes e ele acenou com a cabeça muito discretamente. Obviamente o velho conhecia os pixies. Tim estava feliz, arrumando-se, no canto da mesa do elfo de prata, aquecendo-se no brilho de sua própria maravilha.

Balancei a cabeça. Era fácil demais.

— Tony estava me contando sobre os e-mails que vocês receberam.

— Sim. E qual é seu veredicto? Verdadeiros ou falsos? Devemos nos preocupar?

— Não tenho certeza. Pedi a Tony que levasse o assunto aos elfos cinzentos. Eu confio implicitamente no julgamento deles. Podemos decidir o que fazer depois que os ouvirmos.

Ele olhou primeiro para Tony e depois para mim.

— Vocês gostariam de ver suas famílias? Eu normalmente recomendaria uma viagem rápida n'Ó Cinza para você, Tony, pelo menos. Mas, neste caso, acho que não ia adiantar. Você não vai ver exatamente o que está acontecendo, e a neblina poderia distorcer completamente a realidade. Poderia causar mais mal do que bem, especialmente se houver uma... presença... lá.

Tony e eu trocamos olhares, dando de ombros.

Falei primeiro:

— Nós ainda não conversamos sobre isso. Acho que estou meio preocupada com minha mãe. Mesmo não sendo ela, é alguém fingindo ser, então... Não sei, talvez ela esteja em perigo. Isso me incomoda.

— É o que penso também — disse Tony, acenando com a cabeça para mim. — Meus pais não merecem ser arrastados para nossos problemas fae. Eu preferiria mantê-los longe de tudo. Mas se os fae estão lá causando problemas, gostaria de ir para ajudá-los. E se você diz que não é uma boa ideia ir pelo Cinza, estou disposto a ir de avião até lá. Imediatamente.

— Eles poderiam acessar o e-mail de qualquer lugar — disse Finn. — Ir para casa seria fazer exatamente o que eles querem que façam.

— Sim, mas e se for verdade? — perguntei. — E se minha mãe estiver mesmo doente ou com algum problema?

— Vocês responderam a seus pais? — perguntou Dardennes.

Neguei com a cabeça, assim como Tony.

— Talvez fosse um bom primeiro passo. Por que vocês não pedem que eles expliquem o problema, e levam as respostas aos elfos cinzentos para que eles analisem? Assim que recebermos o feedback deles, decidimos o que fazer.

Tony e eu assentimos. Olhei para Finn e ele forçou o lábio inferior para fora,

dando de ombros, como se concordasse. Olhei para Scrum para obter sua opinião, mas ele estava ocupado segurando o braço de Gorm e sacudindo-lhe a cabeça com firmeza para frente e para trás. Notei que a outra mão de Gorm ia lentamente para Tim, ainda no canto da mesa, totalmente concentrado na arrumação de suas asas iridescentes. Oh-oh. Parecia que Gorm estava achando que um pixie seria a sobremesa perfeita para encerrar sua refeição de vermes dançantes. Dei um passo para a direita, colocando-me entre ele e Tim. Não havia necessidade de deixar o pixie perceber que estava em perigo mortal. Já havíamos visto o verdadeiro Chase ser enfeitado, não precisávamos de um buggane-Chase pixelizado também.

Voltei a cabeça para olhar Gorm, que fazia beicinho, com as mãos para trás, onde deveriam ficar. Lancei a Scrum um olhar de gratidão e ele acenou com a cabeça para mim, rapidamente olhando para Gorm de novo. Eu me senti muito melhor sabendo que Scrum estava por perto agora que o buggane havia declarado seu dever cumprido.

— Pronta para ir à sala de informática, Jay ne? — perguntou Tony.

— Claro.

— Obrigado pela visita. Parece que mal nos falamos ultimamente — disse Dardennes.

Fiquei meio surpresa por ele parecer chateado com isso.

— Sempre que precisarem falar comigo, por favor, não hesitem em vir a meu escritório.

Todos murmuramos agradecimentos e despedidas e nos retiramos precipitadamente. Quando ele ficava gentil demais, deixava-me meio nervosa; não sei por quê. Talvez porque eu sabia que ele tinha um passado obscuro e que todas essas coisas de poder oculto estavam acontecendo, mas, mesmo assim, não eram perceptíveis do lado de fora. Ele parecia um vovozinho dócil, às vezes.

Fomos todos para a salinha de informática e entramos. Tony e eu entramos em nossas contas de e-mail enquanto todo mundo olhava por cima de nossos ombros. Havia duas novas mensagens, uma em cada conta.

Tony clicou na sua e eu cliquei na minha. Eram iguais às outras. Mensagens urgentes para voltarmos para casa. Coisas ruins acontecendo com nossos pais.

— O que vamos dizer a eles? — perguntei. — Devemos responder igual, como

eles fizeram?

— Não — disse Tony, mestre do xadrez —, as respostas precisam ser diferentes e parecer normais. Não deixe que eles saibam que sabemos dos e-mails um do outro. Vou programar o meu para ser enviado daqui a algumas horas, para que não cheguem ao mesmo tempo. Queremos que eles pensem que não sabemos do problema um do outro.

Comecei a escrever.

— Boa ideia. Que bom que você ficou no clube de xadrez por todos esses anos.

— Verdade — disse Tony, olhando para a tela enquanto digitava sua mensagem furiosamente.

Em seguida, começou a programar o horário de envio.

Tim começou a ler minha mensagem em voz alta, ajudando-me a editá-la:

— “Querida mamãe, o que está acontecendo? Você está doente? Precisa de mim?”. É com “m”, Jayne. Mim, não nim.

Cliquei na palavra e a corrigi, enquanto ele continuava:

— “Espero que você não esteja doente. Rick o Escroto não pode ajudá-la?”

Tim suspirou.

— Jayne, acho que você não devia colocar isso.

— Eu sei. Mas posso sonhar.

Voltei e suprimi a parte da mensagem que eu realmente queria deixar.

— “Rick não pode ajudá-la?” Assine: Com amor, Jayne — exortou Tim.

— Por quê?

Eu estava mal-humorada. Eu a amava, mas isso não facilitava. Queria puni-la, e não dizer que a amava. Talvez usar “sinceramente”, em vez disso. Ver o nome de Rick despertou muitos sentimentos infelizes que tendiam a aflorar entre mim e minha mãe.

— Porque sim. Se for ela e se estiver realmente precisando de você, você vai se sentir mal se agir assim.

— Não, não vou.

Tim voou até meu rosto.

— Jayne, as mãos são sagradas. Mesmo quando pisam na bola, elas ainda merecem nosso amor. Sem ela, você não seria quem é.

— Pfff. Até parece.

— Ou veja por este lado: se ela não fosse quem é, você não estaria aqui comigo hoje. E nós dois já concordamos que é uma sorte ser minha colega de quarto. Então, o que me diz?

Sorri, esticando a mão para que ele pudesse se sentar nela diante de meu rosto.

— Você está certo. Que bom que ela é uma idiota.

— Esse é o espírito! — gritou Tim, sorrindo feito um lunático. — Agora, coloque no e-mail. “Com amor, Jayne”. Ande.

Segui as ordens de Tim, percebendo, ao digitar, que eu andava fazendo muito isso ultimamente: deixando esse pequeno esguicho de homem mandar em mim. Acho que não era de todo ruim. Ele podia ser vaidoso, pateta e tagarela, mas era muito perspicaz. Pixies eram bons não só em eletrônica.

— Tudo pronto — disse Tony, clicando mais três vezes para fechar a conta de e-mail. — Pronta para cortar alguns cabelos? Posso usar um cortador de grama também.

— Está falando sério? Não se lembra da humilhação da última vez? Minhas habilidades ficaram piores com a prática, não melhores.

— Tudo bem. Temos bruxas com poções e encantamentos aqui.

Ele abriu um grande sorriso.

Sorri também, balançando a cabeça.

— Okay, então. Vamos cortar uns cabelos.

— Hmmm, Jayne? — perguntou Scrum timidamente. — Você se importaria de cortar o meu também?

Olhei para ele com cautela.

— Bem... Não. Mas você precisa lavá-lo primeiro. Com xampu. Muito xampu.

— SÉRIO?

— Sim. SÉRIO.

— Xampu não é bom para os cabelos, sabia?

— Nem piolhos ou outros insetos rastejantes que não gostam de cabeças limpas. Então, esse é o preço. Cabelo lavado com xampu, ou nada de corte. Você escolhe.

Scrum pensou um pouco e disse:

— Tudo bem, vou lavá-lo enquanto você corta o cabelo de Spike e de Tony.

— Bom trabalho, Jayne Sparks, bom trabalho! — disse Tim. — Eu poderia indicá-la para o hall da fama pixie por esse movimento sutil.

— Isso existe?

— Não.

Eu ri.

— Vamos lá, panaca. O salão de beleza Jayne está aberto.

Fomos todos ao meu quarto para dar início às mudanças de looks. Spike já estava me esperando não só com uma tesoura e um pente, mas também com uma capa e um borrifador de água.

Tirei Blackie do coldre e a cinta da perna e joguei tudo na cama, chutando meus sapatos para um canto do quarto.

— Muito bem, vamos lá. Quem quer ser o primeiro?



Capítulo 14

SPIKE FOI MINHA PRIMEIRA VÍTIMA. Quando digo vítima, não é força de expressão. Quando ele saiu de lá, parecia que havia brigado com uma motosserra... e perdido. Seu cabelo ficou cheio de pedaços irregulares, curto demais em alguns lugares e comprido em outros, como também cortei suas orelhas, não uma, nem duas, mas três vezes.

Ele saiu do quarto desejando boa sorte à próxima pessoa que sentasse em minha cadeira, e foi procurar a bruxa mais próxima que tivesse alguma poção e feitiços para consertar cabelos.

Tony foi o próximo a se sentar na cadeira.

— Tony, você não pode estar falando sério. Não viu o que fiz com Spike?

— Nunca diga que wrathes não são corajosos — disse Tim. — Você nunca vai me ver nessa cadeira depois do que fez nas costeletas de Spike.

— Shhh, Tim. Vá para a cama.

— O quê? E perder toda essa diversão? Nunca na vida.

Ele se sentou de pernas cruzadas em sua cama; um lugar na primeira fila para assistir a minha vergonha.

— Eu sei que está preocupada em fazer um bom trabalho — disse Tony —, mas você já cortou meu cabelo antes. Você conhece minha cabeça.

Eu ri.

— Como se isso fizesse alguma diferença. Ande, levante-se. Não posso fazer isso.

— Pode sim. Eu confio em você.

— Tony, isso aqui não é uma peça de fim de ano. Ser uma péssima cabeleireira não vai prejudicar minha autoestima. Juro que não preciso saber cortar cabelo. Existem profissionais para isso.

— Eu não vou embora enquanto você não cortar meu cabelo. Depressa, estou cansado.

Eu sabia que quando Tony batia o pé — o que ele raramente fazia —, não

desistia. O imbecil ia ficar sentado naquela cadeira a noite toda, até eu desistir. Comecei a espirrar água em seu cabelo.

— Tudo bem — disse, mal-humorada —, mas não me culpe quando parecer que um bêbado cego cortou seu cabelo. Não vou me sentir culpada.

Tony se recusou a comentar qualquer coisa, de modo que comecei a trabalhar.

Comecei, e acabei ganhando ritmo. Tony tinha razão em uma coisa: eu me sentia mais à vontade com a cabeça dele debaixo de meus dedos desajeitados. Sentia certa familiaridade. Cerca de quinze minutos depois, observei-o de todos os ângulos.

— Hmmm, não está ruim, na verdade. — Sorri. — Dê uma olhada.

E aponte para o espelho.

Ele olhou um lado e depois o outro, virando o máximo que podia para ver a parte de trás. Deu um sorriso enorme, dizendo:

— Viu? Eu disse que você conseguia!

— Acredite ou não, eu concordo — disse Tim, impressionado.

Revirei os olhos.

— Obrigado, Tons e Tims. Agora, afastem-se para eu dar um jeito nesse cabelo todo.

Tony se afastou, levando a cadeira consigo enquanto eu pegava uma toalha usada e úmida de meu banho do dia e a usava para recolher o cabelo e formar uma pilha no canto do quarto. Eu não tinha vassoura ou pá de lixo, de modo que aquilo teria de ficar ali até Netter chegar de manhã para limpar. Provavelmente eu teria de lhe dar o dobro de chocolates para agradá-lo depois disso.

Minha porta se abriu e Scrum entrou, encharcado. Gorm o seguiu, passando por nós para escolher um lugar no chão para se deitar. Em poucos minutos seu roncos enchiam o quarto.

Tony devolveu a cadeira ao lugar.

— Sente-se.

Scrum se sentou.

— Estou em suas mãos. Faça o que quiser. Algo que agrade as meninas.

Tim começou a rir, mas eu o ignorei.

— Preciso avisá-lo... Spike saiu daqui precisando de atendimento médico. Esta tesoura é bem afiada.

— Tudo bem. Basta não cortar fora minhas orelhas. Acho que não vai me ajudar a arranjar uma namorada.

Eu ri um pouco.

— Deixar as orelhas na cabeça. Okay.

Olhei para seu cabelo, encharcado e liso. Era bem comprido desse jeito. Decidi que ele ficaria bem de cabelo curto e comecei a cortar. Usei meus dedos como guia para o comprimento e deixei cerca de 2,5 centímetros de cabelo. Usei as minúsculas pontas da tesoura para tentar aparar as bordas. Seria bom ter o barbeador de meu pai para essa parte, mas fiz o melhor que pude com o que tinha.

Quando terminei o corte, procurei em minha cômoda o gel de cabelo que eu tinha lá, por causa de Tim. Ele usava um tiquinho todos os dias, o que significava que havia o suficiente para umas oito gerações de pixies por muitos milhares de anos. Eu sabia que Tim não se importaria se eu o usasse em Scrum, especialmente agora que ele não tinha mais cabeça de gnomos.

Passsei os dedos cheios de gel pelo cabelo dele, deixando-o espetado o melhor que pude. Os fios caíram de volta em ondas suaves, mas, quando fui para frente e olhei, vi que lhe caía muito bem. Fiquei meio surpresa, na verdade. Scrum passara de cabeça de gnomos para danado de bonito. O choque deve ter transparecido em meu rosto, porque Scrum ficou meio preocupado.

— Que foi? Está muito ruim? Não se preocupe, Jayne, não vou ficar bravo. Eu assumo toda a culpa. Não fique chateada consigo mesma.

— Pfff. Não estou chateada comigo mesma. Estou orgulhosa de mim mesma. Isso é que é mudança radical. Levante-se e olhe sua cara de mau, Scrum. As garotas fae que se cuidem. Temos um demônio magro e malvado nas mãos.

Estava exagerando um pouco, mas foi divertido; não de um jeito malvado, que, embora me envergonhe de dizer, às vezes era muito divertido para mim.

Scrum se levantou e tirou os fios de cabelo do colo, juntando-os em uma pilha o

melhor que pôde. Tirei a capa dele quando seus olhos foram para o espelho. Ele estendeu a mão lentamente e tocou a lateral, depois em cima, sentindo o gel que havia começado a endurecer.

— Uau, gostei. Na verdade, gostei muito.

Ele voltou o rosto sorridente para mim.

— Jayne, muito obrigado. Está bonito!

— Não fique tão surpreso — disse eu, sacudindo o pente para ele.

— Bem... tenho de admitir... Vi Spike no corredor depois que você cortou o cabelo dele. Por isso, eu estava um pouco... ah... apreensivo.

Pus as mãos nos quadris:

— Então, por que veio aqui depois, estúpido? Você viu do que eu sou capaz!

— Sim, mas eu havia lhe pedido para cortar meu cabelo, por isso não teria sido muito delicado pular fora.

Balancei a cabeça.

— Tony, o que vamos fazer com essa criança?

Tony sorriu, curvando-se para chacoalhar Gorm e acordá-lo. Os dois caminharam em direção à porta, e Tony pegou Scrum pelo braço ao passar por ele.

— Não sei. Tenho certeza de que você vai pensar em alguma coisa.

Gritei para eles quando saíram para o corredor.

— Pare de ser tão legal o tempo todo, Scrum! Você vai se ferrar!

Ninguém me respondeu.

Ficamos somente Tim e eu no quarto. Tim, eu e uma pilha gigante e nojenta de cabelos.

— Netter vai ficar bravo — disse Tim.

— Eu sei. O que devo fazer?

Tim tirou as calças e as jogou na cômoda; aterrissaram precariamente no canto. Isso era o procedimento padrão para ele: ver quão longe ele conseguia chutá-las sem que caíssem pela borda. Ele pulou em sua cama e instantaneamente ficou de costas para mim.

— Dê-lhe mais chocolate. Assim ele não vai nem perceber a bagunça que é este lugar.

Poucos segundos depois de terminar a frase, Tim estava roncando, e o som de madeira sendo serrada ecoava pelo quarto.

Abri lentamente minha gaveta de cima, peguei um pijama limpo e uma toalha da gaveta de baixo. Precisava tomar um banho para tirar de mim todo aquele cabelo e terra da floresta. Talvez, com água bem quente, eu conseguiria lavar a depressão que ainda se agarrava a mim por conta daqueles malditos e-mails.

Fui para o banheiro imaginando que estaria sozinha, como de costume, mas ouvi risos quando fui abrir a porta. Esperei um segundo; silêncio. Bati algumas vezes para avisar que eu ia entrar e empurrei a porta lentamente.

Ao abri-la totalmente, percebi quem estava fazendo barulho. As gêmeas. Estavam ali praticamente nuas, com seus longos cabelos escuros, sua pele perfeitamente bronzeada e o corpo tonificado flamejando para mim. Oh, Deus. Fiquei ali alguns segundos sem saber o que dizer, enquanto elas registravam minha presença, e eu a delas. Então, disse:

— Desculpem interromper. Vou só tomar um banho.

Elas olharam para mim e voltaram-se de frente uma para a outra em sincronismo, o que era seriamente preocupante, uma vez que eram idênticas. Parecia que uma pessoa estava na frente de um espelho e se voltava para olhar para si mesma. Então, as duas me deram as costas, e percebi que seus olhos vermelhos e pretos giravam como os de Spike às vezes. Eram de um vermelho profundo e mudavam rapidamente para preto — a cor que adquiriam os olhos de Spike antes de se deleitar com uma refeição fumegante de energia fae.

Não tive chance de me mexer antes de ambas estarem em cima de mim na velocidade de um relâmpago. Eu estava ali, cuidando de minha vida, e de repente estava no chão do banheiro com duas súcubos seminuas prestes a sugar minha vida. Fechei os olhos com força para bloquear a imagem de minha morte iminente e meio embaraçosa, implorando a'O Verde que me salvasse.



Capítulo 15

— CONTE DE NOVO O QUE ACONTECEU. Preciso ouvir mais uma vez — disse Spike, quase sem fôlego de admiração e expectativa.

— Não vou falar tudo de novo, seu pervertido. Compre o livro.

— Acredite, se existisse esse livro, eu o compraria.

Bati em seu braço e voltei a comer meu bacon.

Finn se aproximou.

— Ouvi dizer que houve um pouco de emoção no banheiro feminino na noite passada.

Ele piscou para mim e sorriu.

— Conte. Preciso saber os detalhes antes que Becky volte. Ela vai ficar louca por eu saber primeiro.

Revirei os olhos.

— Vocês têm ideia de como são patéticos?

Meu amigo demônio de look novo se sentou à mesa ao lado, tendo obviamente ouvido minha última declaração.

— Você tem de admitir, Jayne — disse Scrum —, que imaginar você brigando com duas súcubos nuas é bastante intrigante para qualquer garoto. Até Valentine gostou de imaginar.

— Valentine é gay. Como ele poderia gostar de imaginar? E, a propósito, elas não estavam nuas. Apenas pouco vestidas, o que é diferente.

— Não em meu mundo — disse Spike, fantasiando.

Bati nele de novo, desta vez mais forte.

— Valentine diz que encontra alegria e prazer em todas as formas de sexualidade. Beleza é beleza, seja qual for a forma que assuma.

— Desde quando você anda com Valentine, Scrum?

— Ah, não faz muito tempo. Ele está me dando dicas de relacionamento.

Engasguei com a água.

— Gah! Como é? Valentine? Dicas de relacionamento? Estamos falando do mesmo cara? O incubo, que suga a vida dos fae? Que morde? Esse Valentine?

— Sim, ele. Na verdade, ele é muito sábio. Aprendi muito com ele.

Balancei a cabeça e ergui as sobrancelhas quase até o cabelo.

— Tudo bem, então. Seja qual for a dele.

Tony se juntou a nós com seu prato cheio de comida.

— E aí, Jay ne, quais são as novidades? Ouvi dizer que você conheceu as gêmeas.

Ele ficou olhando para o prato, agindo como se estivesse interessado apenas na comida, mas eu o conhecia bem.

— Você se acha muuuuito engraçado, não é?

Ele colocou um pedaço gigante de bacon na boca e olhou para mim.

— Cobo? Bas que bfoi que eu dife?

— Eca! Você está parecendo Gorm. Pare.

Nosso buggane confuso estava sentado sozinho em um canto, tão ocupado com seu prato de vermes que nem nos notou.

— Tudo bem. Querem saber o que aconteceu? Eu vou contar. Mais uma vez, Spike, e chega. Gostaria de esquecer um dos momentos mais humilhantes da minha vida, se vocês não se importam.

— E se nos importarmos? — perguntou Spike, meio de brincadeira.

— Da próxima vez, corto suas orelhas fora!

Spike riu.

— Ah, pode acreditar, não haverá próxima vez para mim na Casa dos Horrores de Jay ne... quer dizer, no Salão de Beleza de Jay ne.

Ele sorriu, todo orgulhoso.

Sorri de volta, apesar de meu mau humor.

— Seu cabelo está bom, não sei do que você está falando.

— Claro. Depois de dois feitiços e eu não sei quantos litros de poção nojenta da bruxa.

— Eu tentei avisá-lo.

— Tente mais da próxima vez.

— Enfim, as gêmeas — disse eu, ansiosa para acabar logo com aquilo.

Todos os ouvidos estavam atentos a cada palavra minha. Tudo o que eu conseguia pensar, olhando para eles, é como às vezes eram patéticos. Escravos de seus pênis, todos.

— Fui tomar banho e lá estavam elas, acabando de se vestir.

Spike me interrompeu.

— Diga “acabando de se despir” — disse ele de olhos fechados.

— Tudo bem. Estavam acabando de se despir...

— Estavam muito despidas? — perguntou Finn, e seus olhos começaram a ficar vidrados.

— Ouçam, idiotas, se não pararem de interromper, não vou contar o resto.

Spike deu a Finn um olhar diabólico e este lhe devolveu seu olho fedido. Depois que se acalmaram, comecei de novo: — Eu disse “oi”, ou algo igualmente inocente, e elas se olharam e pularam em cima de mim.

— Pularam em cima dela! — guinchou Spike, inadvertidamente segurando o braço de Finn.

Finn lhe deu um soco no ombro.

— Tire a mão de mim, cara!

Spike se voltou para mim, agitando as mãos para eu continuar falando. Ele estava parecendo Valentine nesse momento, e tive de sorrir, achando graça e sentindo pena dele ao mesmo tempo.

— Acabei no chão do banheiro com elas em cima de mim lambendo os beijos. Então, chamei O Verde para me ajudar. De repente, apareceu uma intensa luz

verde em todo o lugar, alguns gritos, súcubos irritadas, alguns palavrões, e depois o silêncio. Abri os olhos, que estavam embaçados, e me vi sozinha no banheiro com minhas coisas espalhadas pelo chão. Tive de lavar minha escova de dentes uns dez minutos antes de ter coragem de usá-la. Foi nojento.

— Elas... — Scrum engoliu em seco —, elas tocaram em você... em algum lugar?

Dei-lhe um soco forte no braço.

— Nada de perguntas, pervertido. Acabou a história.

Levantei-me para ir embora, já sem apetite.

— Vou ver meus e-mails. Tony, você vem?

— Claro. A propósito, onde está Tim?

— Está dormindo. Aparentemente, meu trauma pessoal não o deixou dormir, e ele precisa de seu sono de beleza.

— Ah, tudo bem. Somos só nós dois, então.

Sorri.

— Como nos velhos tempos.

Ele sorriu também.

— Sim, como nos bons e velhos tempos. Antes de sermos fae.

— É. Antes que eu vivesse uma emoção entre garotas no banheiro.

Tony riu.

— Traumatizada?

— Sério, Tony. Aquelas vadias são radicais. Elas iam me devorar, mas só depois de me sugar e me secar até eu virar uma casca de fae. Tenho medo do que vão fazer com Spike. Espero que Valentine esteja com ele quando se conhecerem.

— Não se preocupe com Spike — disse Tony enquanto caminhávamos pelo corredor. — Tenho a sensação de que ele sabe se cuidar.

Chegamos à sala de informática e entramos em nossas contas de

e-mail. Eu tinha uma resposta, mas ele não.

— Meu e-mail foi enviado muito depois do seu. Talvez eu receba a resposta em poucas horas. O que diz o seu?

Cliquei no e-mail e comecei a ler em voz alta.

Jayne, é Rick. Sua mãe num está bem. Ela sofreu um acidente. Você precisa vim logo. Não sei quanto tempo ela vai durar. Ela tá perguntando por você. Venha rápido. Antes que seja tarde.

— Idiota. Não sabe nem escrever.

— Jayne, isso é sério.

— Eu sei.

Eu estava torcendo as mãos, em pânico. Tirei os olhos da tela e olhei para Tony.

— O que você acha que devo fazer? Devo tentar ligar primeiro? Devo ir? Quem deve ir comigo?

— Vamos falar com Dardennes agora.

Tony saiu de sua conta e desligou o computador.

— Venha.

Ele estendeu a mão para mim.

Desliguei e levantei, segurando a mão quente de Tony. Não o soltei durante todo o caminho até o escritório de Dardennes. Eu lutava contra as lágrimas que ameaçavam cair, pensando que minha mãe havia sofrido um acidente. Eu seria capaz de apostar minha fiel arma, Blackie, que o acidente de minha mãe tinha a ver com Rick. Ele era esse tipo de sujeito. E, se houvesse machucado minha mãe, ia pagar. Eu era esse tipo de garota.



Capítulo 16

TONY BATEU TRÊS VEZES E ABRIU A PORTA. Dardennes estava sentado à sua mesa, acompanhado por Céline, sentada a seu lado. Havia pratos do jantar na frente de cada um, e os dois estavam conferindo uns documentos.

— Boa-dia, crianças trocadas. O que os traz de volta ao meu escritório tão cedo? Mais e-mails?

— Sim — disse Tony, indo direto ao que interessava ao pararmos na frente da mesa de Dardennes. — Na verdade, só Jayne recebeu. Desta vez, foi do padrasto.

Cerrei os dentes, quase rosnando.

— Não o chame assim. Ele é o marido babaca de minha mãe.

— E o que diz o e-mail? — perguntou Dardennes, ignorando educadamente a minha psicose.

Tomei a palavra:

— Ele disse que minha mãe sofreu um acidente e que está morrendo.

— Ah, meu Deus — disse Céline —, isso é terrível!

Ela parecia muito preocupada, o que me fez gostar dela ainda mais. Ela era mesmo uma boa pessoa... fae.

— É. O único problema é que eu não sei se é verdade ou não. E, se for, aposto qualquer coisa que foi seu marido imbecil que a levou a sofrer um acidente. Ele é uma pessoa violenta com zero de moral. Sociopata total.

— Isso é um problema — disse Dardennes imerso em seus pensamentos, como sugeria seu rosto.

— É claro que você deve retornar, caso seja verdade a notícia sobre sua mãe. Ir pelo Cinza não vai ajudar. Não podemos depender de uma versão nublada e distorcida do que realmente esteja acontecendo. Precisamos conhecer a realidade da situação. Mas, é claro, não podemos deixá-la voltar para uma armadilha.

— O que você está pensando, Anton? — perguntou Céline.

— Estou pensando em mandá-la com um contingente fae. Neste momento, podemos nos dar ao luxo de dispor de alguns.

— Eu não vou sem Chase — disse enfaticamente.

Céline olhou para mim, consternada.

— Jayne, você sabe que não é possível. Ele é um fae das trevas agora.

— Sim, mas eu falei com ele recentemente. Sei que ele iria comigo.

Dardennes ergueu a sobrancelha, olhando para Céline para ver se ela havia tido a mesma reação. Ela estava tão surpresa quanto ele. Imaginei, com base nessa troca de olhares, que as notícias de minhas escapadas do dia anterior ainda não haviam chegado à fábrica de boatos.

— E como foi que você entrou em contato com ele? — perguntou ele.

— Por meio de Becky — respondi, hesitante, percebendo que eu deveria ter contado tudo a eles quando voltamos, especialmente a parte de Becky.

— Explique, Jayne — disse Dardennes, e uma sombra atravessou seu rosto.

— Bem... ah... desculpe. Eu devia ter falado antes. Acho que me distraí.

— Sim — ele concordou, ainda esperando uma explicação.

— Muito bem: fomos para a floresta para entrar em contato com Chase ontem. E acabamos entrando em contato com Becky antes. Ela veio e conversou conosco, dizendo que não havia sido assassinada, que fora apenas ferida por uma bruxa que não sabe a diferença entre focinho de porco e tomada.

Minha explicação foi interrompida por Dardennes pigarreando e erguendo as sobrancelhas, mas prossegui, ignorando sua possível repreensão.

— Então, Becky vai ficar na clínica de lá por mais alguns dias antes de voltar para nós. Ela não é fae das trevas, está apenas usando o atendimento médico deles. E Chase disse que vai voltar também. Quando seu tratamento acabar e quando ele... acabar com outro negócio.

Céline estava me dando “aquele olhar”. Todos os adultos pareciam ser capazes de fazer isso sem nenhum esforço.

Suspirei pesadamente.

— Okay, há mais merdas do que eu deveria ter dito ontem. Que bom que vocês estão sentados. Então, Chase é do Mundo de Cima. Pelo menos é o que ele diz. Ele está aqui para deter uma revolta do Mundo de Baixo, ou algo tão absurdo que não sei exatamente se entendo ou acredito. Todos esses orcs que temos visto... e antes que digam qualquer coisa, sim, eu vi mais dois, e é totalmente minha culpa vocês não saberem, porque esqueci de contar. Bem, supostamente, esses orcs são apenas o começo de todos os tipos de demônios malvados que vamos ver por aqui. Chase está tentando convencer os fae das trevas a ouvir a voz da razão. Depois, ele vai voltar para tentar convencer vocês.

Parei para respirar e avaliar a situação. Pelas expressões, não saberia dizer se eles estavam bravos, tristes, ou alguma coisa entre um e outro. Eu não podia ler mentes de elfos de prata. Imaginava se Tony poderia. Ele era muito, muito bom lendo a minha.

Tony então falou, preenchendo o silêncio constrangedor.

— Eu ia falar com os elfos cinzentos sobre isso hoje à noite, na verdade. Não sei bem o quanto acredito da história de Chase, mas acho que vale a pena pensar a respeito. Tenho certeza de que ele acredita no que disse; se minhas habilidades empáticas estiverem funcionando corretamente.

Céline olhou para Dardennes e ele acenou afirmativamente para ela, que começou a falar.

— Ouvimos algo semelhante ao que você está dizendo agora; essas coisas que Chase lhes contou. No entanto, consideramos que a preocupação mais imediata e de maior importância no momento é o ataque dos fae das trevas ao nosso povo. Portanto, por enquanto, esse será nosso foco. Mas é claro que gostaríamos de receber Chase ou Becky de volta em nosso meio, desde que eles sejam capazes de passar no teste de lealdade quando retornarem.

— Teste? Que tipo de teste? Tipo um detector de mentiras?

— Sim. De certa forma — disse Céline. — Só precisamos ter certeza de que não temos espiões em nosso meio. Vocês entendem, tenho certeza.

— Claro — respondi, balançando a cabeça e olhando para Tony para confirmar sua anuência.

Ele parecia ser da mesma opinião.

— Concordo plenamente. Sei que Chase é dos mocinhos, não estou preocupada

com isso.

— Então, acredita que pode convencer Chase a voltar para a Flórida com você?
— perguntou Dardennes.

— Sim.

Ele olhou para Céline de novo.

— Quem mais poderíamos disponibilizar?

— Por que não as gêmeas?

Uma expressão de horror tomou meu rosto.

— Você não pode estar falando sério!

Dardennes e Céline olharam para mim, confusos.

— Você está falando das gêmeas que quase me sugaram na noite passada? Ou existem outras gêmeas por aqui que não estejam na boca de todos os fae masculinos em um raio de dez quilômetros?

— Não — respondeu Dardennes —, há somente duas gêmeas no complexo neste momento. Duas súcubos da Califórnia.

— Sei. Não, obrigada. Você pode manter essas vadias bem longe de mim — disse enfaticamente.

— Jayne! — Céline riu involuntariamente. — Por favor, não seja tão... rápida para julgar.

Imediatamente ela se controlou, tossindo e pigarreando um pouco.

— Você já foi atacada por duas coelhinhas da Playboy desejosas de um coquetel de energia, Céline? Não, acho que não. Caso contrário, não estaria sugerindo que eu as levasse comigo. De jeito nenhum. Prefiro levar Gorm a elas.

— Não pode. Ele come seres humanos.

— Sim, eu sei. É o que quero dizer. Prefiro ter um canibal comigo que do duas líderes de torcida psicopatas sugadoras de espírito. Talvez ele pudesse comer o marido de minha mãe e me poupar o trabalho de mandá-lo para o inferno.

Dardennes sorriu.

— Eu vou garantir sua segurança e a dos outros que viajarem com você. Acho que as gêmeas serão seu melhor ataque e defesa. Se vier a ter problemas, tenho certeza de que elas poderiam ajudá-la melhor do que ninguém. Exceto seu demônio, é claro.

— E quanto a Jared? Eu poderia levar dois demônios comigo, em vez de duas líderes de torcida.

— Jared está ocupado recrutando. Vai passar mais uma semana fora.

Eu não o via havia séculos, por isso sabia que eles estavam dizendo a verdade.

— Que tal umas bruxas? Ou Valentine? Ou Niles, pelo amor de Deus? Qualquer outra pessoa. Vocês não imaginam quanta merda vou ter de ouvir de todos se eu viajar com elas.

— O que quer dizer com isso?

Balancei a cabeça, resignada. Eu não queria ter que explicar a humilhação dos rumores enlouquecidos que Finn e Spike estavam muito felizes em espalhar.

— Esqueça. Quem mais posso levar?

— Acho que poderíamos dispor de um duende verde também. Tony, suponho que você queira ir.

Tony assentiu com a cabeça.

— Okay, então tenho Tony, Chase, as gêmeas e Finn.

Então, continuei:

— Acha que está bom?

— Gostaríamos de mandar mais fae, mas temos problemas para administrar aqui, e muitos outros fae chegando que precisam ser informados sobre nossos planos.

Céline trocou um olhar com Dardennes antes de continuar.

— Gostaria que eu fosse, Jayne?

— Você luta?

Céline deu de ombros.

— Eu já fui conhecida por usar uma espada.

— Sério?

Olhei para Céline com respeito renovado.

— Tudo bem, pode vir. Leve a espada. A maior e mais afiada.

Ela poderia manter essas malditas gêmeas longe de mim e possivelmente espetar Rick o Escroto. Ou talvez até cortar suas partes protuberantes. Eu já estava me sentindo melhor.

— Pegaremos o avião logo. Anton, por favor, você pode falar com as gêmeas por mim?

— Será um prazer.

Cutuquei Tony.

— Preciso de você para entrar em contato com Chase. Você pode fazer isso?

— Sim. Venha, vamos fazer isso agora.

— Por favor, encontrem-nos na porta do avião daqui a três horas — disse Céline, num tom de mulher de negócios.

— Nesse tempo, devemos ter conseguido apresentar o plano de voo e abastecer o avião. Felizmente, um grupo de fae da luz acaba de desembarcar, por isso o jato está aquecido. Temos apenas de encontrar outros pilotos, uma vez que os que chegaram já estão muito perto de seu limite máximo de horas diárias de voo.

— Vou cuidar de todos esses detalhes e notificar o conselho. Céline, vá pegar suas coisas.

Dardennes acenou para Tony e para mim ao sair da sala. Céline foi atrás dele, com seu longo manto assobiando em torno de suas pernas.

— Vamos lá — disse Tony segurando a minha mão.

Saímos correndo para o corredor, tendo como destino o Campo Infinito.

Uma vez lá fora, Tony se sentou no chão, de pernas cruzadas.

— Vamos lá, pegue a minha mão e pense em Chase com a maior concentração possível. Qualquer coisa sobre ele serve.

Sentei-me em frente a ele e peguei sua mão, concentrando-me em minhas lembranças de Chase. O Verde veio sorrateiramente e deu um toque de mundo de fantasia em tudo. Pensei em seus braços fortes, seu rosto de Adônis, sua lealdade comigo. Lembrei-me dele como era antes — estoico e calmo em qualquer situação.

E me lembrei dele como era então: falante, expressivo e cheio de — esperava eu — desejo por mim. Tentei não permitir que pensamentos mais sensuais se intrometessem, mas era quase impossível. Decidi não tentar bloqueá-los, uma vez que eu realmente precisava que Tony conseguisse alcançá-lo.

Tony apertou minha mão quando imagens de Chase sem camisa cruzaram minha mente. Sussurrei: “Desculpe”, mas prossegui. Lembrei-me do que havia sentido quando Chase me carregara para dentro do complexo dos fae das trevas depois de eu ter sido espancada e torturada. Como me senti segura ali. E pensei nos segredos que ele compartilhara comigo no dia anterior e no que poderiam significar para nós no futuro.

Tony soltou minha mão, arrancando-me de meu filme íntimo.

— Pronto. Cheguei a ele. Ele está a caminho.

— Ele está vindo para cá?

— Sim. Tudo o que temos a fazer é esperar.

Eu sorri para ele e apertei seu joelho.

— Tem ideia de como isso é legal? Você pode andar entre os reinos e encontrar pessoas! Conversar com elas!

Tony sorriu também.

— É, é bem impressionante. Queria que alguns dos meus amigos do clube de informática me vissem. Eles iam pirar.

— Pois é! É como se um dos computadores do mundo dos videogames ganhasse vida. Você é um avatar vivo.

— Tem razão.

Tony estendeu a mão distraidamente e começou a escolher folhinhas de grama.

— Então... essas coisas que você estava pensando... para me ajudar a encontrar Chase...

Suspirei:

— Tony, por favor, não me faça ficar embaraçada.

— Não vou, sério. Só estou... não sei. Preocupado com você.

— Como assim?

Eu não podia acreditar que Tony não confiava em Chase, se era a isso que ele queria chegar.

— Bem, você disse que Chase lhe disse que ele não é daqui. Que está aqui com um propósito.

— Sim, e daí?

— O que vai acontecer depois que ele cumprir seu propósito?

Dei de ombros.

— Não sei. Ele tira folga. Vem me proteger. Por quê? Você sabe?

— Não, mas tenho minhas suspeitas. E não sei bem se você vai gostar.

Semicerrei os olhos.

— Que tipo de suspeitas?

— Do tipo que quer dizer que ele não vai ficar por aqui depois que tudo estiver resolvido.

— Por que você acha isso? — perguntei, na defensiva. — Ele é totalmente leal.

— Eu sei disso. Não estou dizendo que ele não é. É só que... esqueça. Esqueça o que eu disse.

— De jeito nenhum, Tony Baloney. Não é justo dizer metade de uma besteira e depois recuar. Você foi fundo agora. Diga-me ou...

Ele sorriu quase educadamente.

— Ou o quê?

— Ou vai sofrer minha ira.

Ele agitou os dedos.

— Oh, a ira de Jayne. Que medo.

Puxei um pouco d'O Verde do solo abaixo de mim, mostrando-o nos olhos, para que Tony visse que eu estava falando sério. Não que eu fosse explodi-lo, mas pensei que talvez o lance dos olhos brilhantes pudesse impressioná-lo, pelo menos.

— Tudo bem, menina dos olhos mal-assombrados, pare com isso. Vou falar.

— Ah, se vai. Pare de me irritar, Tony. Estou muito estressada. Não viu as três espinhas que tenho na testa? — Aponte para elas. — Você sabe que eu só tenho espinhas quando estou estressada.

— Sim, eu notei.

Ele fingiu tremer.

Dei-lhe um soco, sabendo que ele estava só me enchendo. O pobre garoto sempre teve o pior tipo de acne, até o ano passado, quando sua mãe por fim o levou ao dermatologista, depois que eu o forcei a lhe pedir. Pelo menos agora seu problema estava sob controle, coitado.

Tony por fim começou a falar de novo.

— Muito bem, vamos supor que Chase é como... um anjo. Veio do Mundo de Cima para corrigir um problema que nós, terráqueos, estamos nos preparando para experimentar...

— Acho que o termo correto é “aqui-e-agora-áqueos”.

— Que seja. Então, ele desce aqui sob as ordens de... Deus... ou seja lá quem está no comando lá em cima. Daí ele resolve o problema. Essa era sua missão. Quando sua missão estiver cumprida, acho que ele voltaria para o Mundo de Cima. Isso é o que geralmente acontece nos filmes, pelo menos.

— Não, às vezes, como Jason Bourne, eles começam tudo de novo. Com a garota que amam.

Tony ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

— Que foi? É romântico.

— Então, você está apaixonada? É isso que está me dizendo?

Franzi o cenho.

— Não, idiota. Tudo bem, posso estar meio... Eu não conheço Chase tão bem.

— Mas ele faz seu coração palpitar, certo?

Sorri.

— Sim. Quando o vejo, meu coração palpita.

— Então, você espera que ele comece uma nova vida aqui, com você?

— Pare de fazer parecer tão romântico. Ele já está aqui como fae. Antes disso, ele foi humano. O que há de tão estranho no fato de ele ficar?

Tony deu de ombros.

— Não sei. Só estou dizendo em voz alta o que penso. Talvez seja tudo muito simples.

— Ah, claro — debochei —, como tudo em minha vida tem sido tão fácil. Belo argumento.

Tony pegou minha mão e a apertou antes de soltá-la.

— Não se preocupe, sei que no fim vai dar tudo certo. Tudo acontece por uma razão.

— Inclusive biologia? O laboratório de dissecação no ano passado?

— Tudo bem, talvez nem tudo aconteça por uma boa razão.

— Obrigada por admitir; porque não existe absolutamente nenhuma boa razão para que um pedaço de seu feto de porco dissecado acabasse em minha mochila. Começou a apodrecer antes que eu o encontrasse, sabia? Ficou cheirando como um orc cheio de merda. Precisei jogar a mochila fora, Tony, e era minha favorita de todos os tempos. Você sabia disso, eu sei que sabia.

Tony começou a rir, tentando se defender.

— Eu disse, não fui eu! Não fui eu!

— Sei. Que seja.

Virei a cabeça para que ele não me visse tentando não sorrir. Eu tinha de manter a justa indignação por mais alguns anos. Era uma das minhas poucas peças de munição contra ele. Claro que ele não havia colocado aquele pequeno figado de porco em minha mochila. Um dos babacas imaturos de nossa classe, sim, ou aquilo havia caído ali dentro sozinho. Mas provocá-lo com isso era divertido demais para admitir.

Tony estava se preparando para dizer todos os itens da lista de provas que tinha em favor de sua inocência quando Chase chegou. Dei um pulo e corri para abraçá-lo. Ele me cumprimentou calorosamente, apertando-me com força por alguns segundos, e, a seguir, soltando-me.

— Então, o que está acontecendo? Recebi a mensagem d'O Cinza dizendo que você precisava de mim e que é urgente.

— Sim, e não é alarme falso. Preciso que você volte comigo para a Flórida. Alguma coisa está acontecendo com a minha mãe, e estamos preocupados que seja uma armadilha.

Contei a Chase o resto da história antes que ele tivesse a chance de dizer uma palavra. Eu não queria ouvi-lo dizer que não, que não podia ir.

— Tudo bem, conte comigo. Não posso deixar você ir sem mim. Não é algo que eu possa confiar a Scrum ou a Gorm.

— Foi justamente o que pensei — disse, sem fôlego, empolgada por ele ir comigo.

— Quando sai o avião?

— Em cerca de duas horas e meia.

— Tudo bem. Encontro você na estrada de terra, onde a van pega a estrada principal. Acho que eu não conseguiria mais encontrar a porta do avião.

— Tudo bem — disse eu —, já que você é fae das trevas agora.

Ele sorriu e segurou meu queixo entre o polegar e o indicador.

— Cuidado com essa boca atrevida.

Bati em sua mão.

— Cuidado você.

Eu gostava de brincar assim com ele. Não parecia em nada com Chase, mas não importava. Percebia que a cada dia ele parecia menos pixelizado. Logo ele estaria de volta a seu velho modo de ser, e talvez eu sentisse um pouco de falta desse seu lado brincalhão.

— Vejo vocês em breve — disse Tony atrás de nós.

Chase balançou a cabeça e correu de volta na direção de onde viera. Juntei-me a Tony e voltamos para o complexo juntos.

— Acho que devíamos fazer as malas — disse ele.

— O que você vai levar? — perguntei.

— Meu machado, uma troca de roupa, escova de dentes. Não preciso mais de pente, já que não tenho mais cabelo.

Revirei os olhos, recusando-me a morder a isca.

— E você?

— Blackie, roupas, spray antissúcubos e pixie.

Tony riu.

— Encontro você na porta?

Levantei a mão para um High Five.

— Encontro você na porta.

O ruído de nossas palmas batendo ecoou pelo corredor. Abri a porta e entrei para dar a Tim a notícia de que ele ia fazer uma pequena viagem.



Capítulo 17

TIM NÃO ESTAVA NO QUARTO. COMECEI a fazer a mala; peguei uma pequena túnica e uma calça de sua cômoda em miniatura para colocar no bolso lateral de minha mochila. Guardei nossas escovas de dentes, minha pasta e outros artigos, incluindo meu kit de maquiagem — delineador, batom e rímel. Pus uma troca de roupa na mochila e a fechei. Já estava com Blackie amarrada a minha perna, como de costume. Nessa viagem eu não queria correr nenhum risco; minha arma estaria comigo o tempo todo. Nem me preocupei de usar roupas humanas normais. Estava indo toda de fae. Azar de quem não gostasse.

Sentei-me na cama, olhando para o relógio, imaginando onde estava meu colega de quarto. Decidi tentar algo novo. Toquei o chão de pedra a meus pés procurando ligação com O Verde. Puxei um pouco de energia para mim e depois a enviei pelo complexo ao meu redor, imaginando uma vibração de alta frequência por todo o lugar. Tim me havia dito que pixies eram muito sensíveis a sinais eletrônicos e similares. Esperava que Tim sentisse as vibrações e que soubesse que eu estava tentando falar com ele. Talvez ele pudesse até rastrear o sinal até a fonte. Parte de mim estava com inveja porque todos os fae ao meu redor podiam usar telepatia de algum tipo. Eu achava que alguém que eles chamavam de Mãe devia ser capaz de fazer coisas legais assim também.

Mantive a vibração por cerca de um minuto antes de ouvir passos pelo corredor, mais rápidos do que eu pensava que fosse possível para quaisquer pés. O jeito como os pés batiam rápido no chão de pedra parecia um desenho animado. Minha porta se abriu para revelar um Spike ofegante e suado na porta.

— É você que está fazendo isso?! — gritou ele com falta de ar.

— Fazendo o quê?

— Esse sinal! Esse grito estridente e ensurdecedor que está fazendo que todos os nossos lobisomens entrem em colapso!

Interrompi o sinal imediatamente.

— Ah, talvez.

Spike enxugou a testa com as costas do braço e se apoiou no batente da porta.

— Puta merda, Jayne. Você não tem ideia do caos que causou em todo o complexo.

— Eu estava só tentando chamar Tim.

Só então Sua Pixieleza fez sua aparição, zumbindo porta adentro.

— Jayne, foi incrível! Você precisa fazer isso de novo! Precisava ver aqueles lobos perseguindo o rabo um dos outros pelo refeitório. Nunca vi nada igual!

Ele batia palmas e dava pulos no ar.

— Ah, merda, eu fiz de novo, não foi?

— O quê? — perguntou Spike, já de volta a seu estado normal. — Provocar os fae? Sim, fez.

Ele já não parecia tão cansado como se houvesse acabado de correr dois quilômetros em três minutos.

— Não. Eu quis dizer que ferrei tudo de novo.

Spike sorriu.

— Não se preocupe, está tudo bem. Tenho certeza de que, agora que parou, tudo vai ficar bem. Ninguém sabe que foi você.

— Como você sabia?

— Eu conheço sua assinatura em qualquer lugar — disse ele, sorrindo. — A propósito, ouvi dizer que você vai viajar.

Olhei para ele com desconfiança.

— Sim. Quem disse?

— Ninguém. Ouvi Dardennes conversando com alguém sobre um plano de voo ou algo assim.

— Sim. Preciso ver se minha mãe está bem.

— Precisa de companhia? De mim?

— Não — disse eu de forma evasiva, — já me deram uns guarda-costas.

— Sim, mas já lhe deram um brinquedinho? Porque com prazer eu ocuparia esse posto.

— Você se sacrificaria tanto por mim? — respondi, com sarcasmo.

Ele devia ter ouvido que as gêmeas iam e estava tentando me convencer a convidá-lo.

— Sim. Estou sempre disposto a me sacrificar pelo time.

— Especialmente quando o time inclui duas súcubos de cabelos negros?

Spike me lançou seu olhar mais inocente.

— Ah, elas também vão? Hmmm. Interessante. Mas não, claro, eu estava só falando de você, Jayne. Só você.

Sorri, caminhando até a porta e empurrando-o para fora de meu quarto.

— Sai, seu cachorro. Você não vai. Vai ter de arranjar um encontro com elas sem a minha ajuda.

Comecei a empurrar a porta, mas ele enfiou a cabeça por ela tentando uma última vez.

— Você falaria bem de mim para elas? Diria que sou um cara legal?

Pus a mão em sua testa e o empurrei, batendo a porta em sua cara. Gritei, para a porta fechada: — Vou dizer a elas tudo sobre você, não se preocupe!

Ele disse mais alguma coisa, mas não consegui ouvir através da densa madeira da porta. Voltei-me para Tim, que estava sentado em sua cama esperando minha atenção.

— Então, estou na lista de convidados? — perguntou ele.

— Precisa perguntar?

— Espero que não.

— Já fiz sua mala. Partimos em noventa minutos.

— Podemos fazer nosso plano enquanto esperamos — sugeriu Tim, puxando a faca do coldre para afiá-la na pedra de amolar que ele guardava debaixo de sua cama.

Era tão pequena que eu mal podia vê-la quando estava de frente para ela, por isso era invisível da cama onde eu estava sentada. Podia ouvir a raspagem

rítmica e regular conforme Tim passava a lâmina pela superfície áspera.

— Aonde vamos, exatamente?

— À casa de minha mãe. E talvez à de Tony também.

— Vamos voltar à cena do crime, é?

— A que crime você está se referindo?

Havia vários para escolher, mas eu não sabia se ele sabia dos crimes contra mim cometidos pelo namorado de minha mãe — na época; agora marido, eca.

— Estou me referindo ao dia que viverá na infâmia para sempre. O dia em que Ben, o fae das trevas, me arrancou do céu e me jogou no abismo escuro da Terra.

— Você quer dizer no abismo escuro do tapete felpudo de Tony?

— Foi o que eu disse.

— Sim. Vamos voltar à cena do crime. Mas, primeiro, vamos para minha casa. O marido da minha mãe disse que ela está ferida. Acho que, se realmente estiver, foi ele quem a feriu.

— Desgraçado.

— Exato. Na verdade, esse nome é pouco para ele, em minha opinião.

— Desgraçado... amante de buggane — sugeriu Tim.

Sorri.

— Desgraçado, amante de buggane, desprezível, escroto, babaca.

Tim parou de afiar a faca.

— Desgraçado, amante de buggane, desprezível, escroto, babaca, comedor de fae!

Levantei-me e gritei:

— Desgraçado, amante de buggane, desprezível, escroto, babaca, comedor de fae, cuzão!

A porta se abriu e Céline apareceu.

— Estou... interrompendo alguma coisa?

Tim e eu caímos na gargalhada. Eu estava empolgada, mais leve, de certa forma, pronta para enfrentar o mundo. Acho que, para mim, xingar é catártico e energizante.

— Não. Estamos prontos.

— Ótimo. O avião ficará pronto mais cedo. As gêmeas já estão na porta nos esperando.

Peguei minha mochila e fui para o corredor esperar que Tony se juntasse a nós. Céline já havia batido na porta dele. Logo estávamos todos andando pelo corredor, e em poucos minutos chegando à porta com o símbolo do avião.

Abrimos a porta e encontramos Finn e as gêmeas parados ali. Finn parecia semicatatônico, com o rosto vermelho e o queixo caído. As gêmeas estavam conversando entre si, ignorando-o completamente. Assim que me viram, seus olhos brilharam. Céline seguiu para a van, mas eu não hesitei um segundo e fui em outra direção. Puxei Blackie do coldre e o estendi bem visível à minha frente, indo em direção às gêmeas. Nada como o momento presente para estabelecer a lei.

— Se vocês pensarem em sugar minha energia, ou de qualquer outro no avião, vou fritar seus traseiros, entenderam?

A conversa delas terminou abruptamente e as duas olharam para mim. A seguir, entreolharam-se e deram de ombros simultaneamente.

— Se você está dizendo... — disseram as duas exatamente ao mesmo tempo.

Olhei para elas, achando aquilo ridículo.

— Ah, me poupem. Vocês ficam fazendo essa merda o tempo todo?

Ambas deram de ombros e sorriram, sacanas, simultaneamente de novo.

— Os garotos realmente se apaixonam por esse teatrinho?

As duas voltaram a cabeça exatamente ao mesmo tempo para Finn. Juro por Deus, ele tinha uma bola de baba pronta para cair da boca.

— Pelo amor de Deus, Finn! Elas estão fazendo joguinhos com você, seu idiota!

Finn balançou a cabeça, como se isso o tirasse das nuvens. Como um imbecil, na verdade.

— Hein? Ah, olá, Jayne. Quando você chegou?

Eu não conseguia decidir se me sentia insultada ou se sentia pena do garoto.

Todo sujeito no raio do alcance dessas súcubos estava totalmente hipnotizado. Eu podia ver o motivo da atração. Ora, eu não era cega nem nada. Ambas tinham ricos cabelos castanhos escuros com toques de vermelho, grandes seios que preenchiam o que pareciam, suspeitosamente, túnica especialmente adaptadas — cortadas para enfatizar seus atrativos, claro —, pernas longas, profundos olhos verde esmeralda... quando não estavam girando em vermelho e preto. Nesse momento pareciam inofensivos, sem interesse em devorar homens.

Balancei a cabeça, olhando em volta, esperando ver Chase.

— Quem você está procurando? — perguntou uma das gêmeas.

— Ninguém que lhe interesse.

— O demônio das trevas, talvez? — disse uma delas.

Olhei em volta, estreitando os olhos.

— Como vocês sabem sobre ele?

— Ele veio e foi embora. Pediu que lhe disséssemos para ir sem ele.

— Oh! — disse Tim, zumbindo para a van sem mim.

— O quê?! — gritei. — Vocês não podem estar falando sério.

Ambas deram de ombros.

— Estamos sim — disseram simultaneamente.

— Bem, foda-se.

Eu não podia acreditar que Chase me decepcionaria desse jeito. Quanta lealdade!

— Vamos, Tony — disse eu, com nojo de mim mesma por me preocupar com

Chase —, vamos embora.

Voltei-me para ir e trombei com ele. Ele estava ali, de boca aberta, olhando as gêmeas, e ainda não havia notado que eu estava de coração partido. Nem me vira indo em sua direção.

— Você também, Tony? — disse eu, consternada.

— O quê? Não. Não, claro que não. Eu estou... Estou indo.

Deu cerca de dez passos em direção à van antes de parar e se voltar para mim com um olhar interrogativo no rosto.

— Espere... não temos de esperar Chase?

Suspirei alto.

— Ele não vem. E se não estivesse tão abobado com as vadias ali atrás, você as teria ouvido me dizer isso.

— E elas sabem por quê?

— Não. E não quero mais falar sobre isso.

Fiz um gesto para que Tony e Finn fossem na frente. Isso deixou a mim e às meninas na retaguarda.

Antes que passassem por mim, eu disse:

— Sério, gêmeas. Isso é o melhor que vocês têm? Porque é meio triste.

Uma delas olhou para mim com a sobrancelha erguida. A outra disse:

— O que quer dizer?

Segurei Blackie mais forte. Minha mão estava começando a suar e eu não queria que ele escorregasse.

— O que quero dizer é que vocês usam seus atrativos óbvios para fazer que todos ao seu redor ajam como estúpidos e esqueçam quem são. Isso não é fácil demais? Vocês não ficam entediadas?

— Não — disse a mal-humorada.

A outra não disse nada, de modo que apelei a ela.

— Já imaginaram se vocês conseguiriam conquistar alguém que gostasse de vocês de verdade? Sem truques?

— Sim — disse a menos desagradável.

— Não — disse a outra.

Ergui a sobrancelha.

— Foi o que pensei. Façam-me um favor, deixem meus amigos fora de seus joguinhos. Mexam com quem quiserem, mas não com eles.

— É, suas súcubos vadias. É isso mesmo — disse Tim, de repente reaparecendo em meu ombro para mostrar de quanta ousadia era capaz.

— Diga a elas, Jayne — disse ele perto de minha orelha —, mostre a elas quem é que manda.

— Quem é você para nos dizer com quem podemos ou não brincar? — disse a mais mal-intencionada das duas.

— Eu mesma — respondi, e os pelos de minha nuca se arrepiaram. — Apenas Jayne agora, mas, se mexer com um dos meus amigos, vou me tornar seu pior pesadelo.

Dei um passo ameaçador para a frente e a mais legalzinha recuou.

A outra se manteve firme.

— Não recebo ordens de elementais.

— Você vai receber esta ordem específica desta elemental, ou vai ser a primeira súcubo a ser queimada com o Aguilhão de Blackthorn. Não me provoque, porque a ideia está ganhando força a cada palavra que sai de sua boca.

Pela primeira vez eu a vi olhar para o que eu tinha nas mãos. Antes, ela havia estado ocupada demais se mostrando para notar qualquer coisa além de seus próprios atributos e a baba caindo ao seu redor.

Ela empalideceu e deu um passo atrás para se juntar à irmã.

— Você... empunha o Aguilhão? Como é possível?

Dei de ombros, colocando-o de volta no coldre, confiante de que ela, por fim,

havia levado a sério minha ameaça.

— Quem sabe? É um grande mistério. Mas eu não tenho medo de usá-lo, como alguns fae e vários orcs podem atestar. Portanto, não me irritem.

As duas irmãs começaram a sussurrar entre si, e me afastei, seguindo o caminho tomado recentemente por Tony e os outros. Eu podia ouvi-los atrás de mim, mas me recusei a olhar. Tinha de mostrar a elas que eu não tinha medo de seus enormes airbags de súcubo. Além disso, Tim voava atrás de mim, assim eu sabia que ele protegeria minha retaguarda. Elas não precisavam saber que eu dependia de um pequeno pixie para ter essa falsa sensação de coragem.

Chegamos à van e entramos. As gêmeas se sentaram nos fundos, e eu me sentei ao lado de Tony, na primeira fila. Céline ficou na fila central de bancos, com Finn. Ele ficou virando e sorrindo para as meninas, que o ignoraram descaradamente. Desejei ardentemente que Becky estivesse ali para bater na cabeça dele. Imaginava se ele ainda estaria tão apaixonado, comparando Becky com as gêmeas. Na minha opinião, Becky dava de mil a zero nelas. Ela era natural, e essas duas, umas falsas. Duas vadias de cabeça vazia usando truques para chamar a atenção. Triste, de verdade. Um pensamento surgiu no fundo de minha mente: talvez elas não fossem o que pareciam. Mas eu o ignorei. Eu sabia o que havia visto, e era tudo que necessitava saber.

Em uma hora estávamos no avião, taxiando. Tony e eu nos sentamos com Céline de um lado do corredor; as gêmeas e Finn se sentaram em frente a nós. Por um tempo eu as ignorei, mas logo ficou impossível. Elas ficavam sussurrando e olhando para mim.

Comecei a resmungar baixinho.

— Que foi? — sussurrou Tony.

— Essas duas. Estão falando de mim.

Tony olhou.

— Tem certeza?

— Sim.

— Jayne — disse Tony suavemente —, talvez você devesse se aproximar e se apresentar. Acabe logo com isso.

— Já me apresentei.

— Não. Primeiro você foi atacada por elas, e depois, tenho certeza de que as ameaçou. Estou certo?

Ele me lançou seu patenteado olhar honesto, que eu nunca conseguia sustentar por muito tempo.

— Talvez. Tudo bem, certo. Sim, eu as ameacei. Mas não vou pedir desculpas. Elas são um perigo para todos de quem eu gosto.

— Ora, você acha mesmo que elas vão matar um de nós?

— Talvez.

— Jayne?

— Bem... provavelmente não. Mas poderiam, se quisessem.

— Você também poderia. Mas nós não a olhamos feio e não nos recusamos a falar com você.

— Tim me olha feio o tempo todo.

— Ei! — guinchou uma vozinha no porta-copos do braço de minha poltrona —, não me envolva na discussão com seu amante!

Bati na borda do apoio de braço.

— Opa! Desculpe!

Fui recompensado com um lembrete sobre o problema de indigestão de Tim e revirei os olhos, recusando-me a reconhecer suas mesquinhas e nojentas tentativas de vingança. Ele riu, plenamente ciente do quanto me irritou.

— Peça desculpas, seu porco.

— Por quê? Eu não fiz nada. Foi o cachorro.

— Não há cachorro aqui. Todos os lobisomens estão no complexo.

— Foi o ogro, então.

Olhei para onde Ivar estava, sentado sozinho em outra fileira de poltronas. Ele sempre estava no avião. Devia ter um bilhão de milhas acumuladas.

— Vou dizer a Ivar que você o está culpando por seus peidos.

Tim espiou por cima da borda do porta-copos.

— É melhor não!

Aponte para ele.

— Então, comporte-se.

— Comporte-se você — disse ele, recostando-se em sua cama.

Revirei os olhos.

— O que ele disse? — perguntou Tony, olhando para nós com um sorriso no rosto.

— Absolutamente nada que valha a pena repetir. Ele está sendo infantil de novo. E gasoso.

Cutuquei o braço de Tony.

— Com licença. Vou acabar com isso.

Tony levou as pernas para o lado, em direção ao corredor, dando-me espaço para passar.

Os olhos de Céline me seguiram enquanto eu saía de nossa fileira de assentos. Pisquei para ela, que me retribuiu, franzindo a testa.

Pude ouvir Tony lhe assegurando que eu não ia começar uma guerra de fae no avião.

Sentei-me ao lado de Finn, de frente para as gêmeas.

— Olá — disse eu, obtendo de imediato a atenção delas.

Elas pararam de falar, e a gêmea dominante disse:

— Olá.

— Bem, estou aqui para fazer as pazes. Tony insistiu.

Inclinei a cabeça em direção ao meu amigo e as duas olharam para ele, avaliando-o.

— Ele manda em você? — perguntou a mais tímida.

Eu ri.

— É ruim, hein? Mas ele me faz sentir culpada, e isso é mais poderoso para alguém como eu.

A mandona sorriu.

— Comigo é igual.

A outra sorriu também.

— Eu sou mais do tipo obediente.

Finn se inclinou tanto para frente, olhando alternadamente para nós três, que pensei que sua cabeça fosse cair do pescoço.

— Finn! Qual é seu problema?

— Que foi?

Ele olhou para mim com olhos turvos.

Olhei para as meninas, desconfiada.

— Vocês fizeram isso com ele?

A mandona deu de ombros.

— Talvez um pouco.

— Sério, vocês precisam parar com isso. Ele é muito legal, e está comprometido.

Ela arqueou a sobrancelha.

— Sério? Com quem?

Eu propositalmente reprimi uma resposta agressiva.

— Com um espírito de água muito doce que não faria mal a uma mosca. Uma grande amiga minha.

A irmã legal cutucou a outra.

— Vamos, Theresa. Pare.

Theresa revirou os olhos.

— Tudo bem. Tanto faz. Há outros fae no mar.

— Ah, é? — perguntei, imaginando se ela estava deturpando o ditado humano ou sendo literal.

Ela sorriu.

— Claro. No mar, em terra, no ar... — Ela se inclinou para a frente, conspiratória, sussurrando com uma voz assustadora. — Estamos em todos os lugares.

O jeito como ela falou me fez pirar, e acho que essa era sua intenção. Fiquei feliz por ser um deles, e não um fraco ser humano — também conhecido como presa de fae.

— Então, seu nome é Theresa? — disse eu para a assustadora, antes de olhar para a irmã. — E o seu nome é...

— Meu nome é Felicia. Prazer em conhecê-la oficialmente. Desculpe pelo que aconteceu no banheiro. Você nos pegou de surpresa.

Eu ri sem vontade.

— Não, acho que vocês é que me pegaram de surpresa.

— Digamos que foi uma festa surpresa e deixemos por isso mesmo, okay? — sugeriu Theresa com um meio-sorriso.

Sorri para ela.

— Concorde. Da próxima vez que houver uma festa, porém, mandem-me um convite. Assim poderei me vestir para a ocasião.

Coloquei a mão sobre Blackie sugestivamente.

Ambas acompanharam meu movimento e riram.

— Combinado — disseram simultaneamente.

— Sério, vocês são estranhas.

— Nós gostamos de assustar as pessoas — disse Theresa.

— É divertido — disse Felicia. — Agita um pouco as coisas.

— Não posso imaginar por que vocês acham que precisam agitar as coisas. Só de entrar em uma sala já fazem isso.

Ambas reviraram os olhos. Felicia disse:

— Você estava certa, antes, em algumas coisas que disse. Isso às vezes cansa.

— Mas é nossa natureza atrair as pessoas. Por isso, estamos meio que presas a isso — explicou Theresa.

— Bem, vou lhe dizer uma coisa — inclinei-me um pouco mais perto delas —, eu devia me sentir culpada por dizer o que vou dizer, mas me recuso.

Fiz um gesto para que elas se aproximassem, o que fizeram; prossegui com uma voz suave.

— Vamos encontrar um sujeito em poucas horas. O nome dele é Rick, mas gosto de chamá-lo de Ricko Escroto.

— Jaaayyne... — veio a voz de Tony do outro lado do corredor. — É melhor não — avisou.

— Cale a boca, cabeça de balão. Cuide de sua vida.

Ele balançou a cabeça, mas me deixou em paz.

Voltei a atenção para as gêmeas, que estavam definitivamente interessadas no que eu tinha a dizer. Especialmente porque Tony havia sentido a necessidade de me censurar. Elas gostavam de criar confusão, dava para ver.

— Como eu estava dizendo antes de ser tão rudemente interrompida, Rick o Escroto é um babaca, um indivíduo desprezível; mas, se vocês ficarem com fome, é o que vão querer. Ele é tão obscuro por dentro que aposto que tem gosto de... não sei... de açúcar mascavo ou algo assim. De chocolate amargo. Do que for supersaboroso para súcubos... é disso que ele tem gosto. Sintam-se livres para drenar até a última gota de energia humana que ele tem em seu corpo nojento.

Os olhos de Theresa e Felicia brilhavam em vermelho-escuro com a ideia de sugar a alma de Ricko Escroto. Tentei não me sentir inebriada com a ideia de ele ser torturado até a morte, mas era muito difícil. A Jayne malvada estava

definitivamente sentada à frente da Jayne boazinha; no banco do motorista, dirigindo rumo à vingança.

Tony olhou para nós e disse:

— Concorde que vocês deveriam pegá-lo, mas não podem matá-lo. Primeiro, não vale a pena, e segundo, não quero ver Jayne sofrendo os efeitos cármicos posteriores. Portanto, deixem-no vivo.

Mostrei a língua para ele e me virei de novo para as gêmeas para esclarecer.

— Mas só um pouco. Deixem só uma pequena centelha de vida. É isso. Sintam-se livres para pegar pesado com Rick.

Elas sorriram.

— Não se preocupe, Jayne — disse Felicia —, nós entendemos.

Theresa complementou:

— Entendemos perfeitamente.

Ela ergueu as sobrancelhas para mim sugestivamente; eu poderia jurar, por aquele olhar, que ela sabia o que Rick havia feito ou tentado fazer comigo quando eu morava na casa de minha mãe.

Balancei a cabeça, sem coragem de falar. Se eu dissesse qualquer coisa naquele momento, o mínimo que faria seria esquecer o plano de “deixar só uma centelha de vida”. Ele não merece viver, maldito pedófilo. Foi bom imaginá-lo sendo agredido, para variar. Um sorriso surgiu em meu rosto quando imaginei seu possível interlúdio com minhas novas amigas, Theresa e Felicia, as gêmeas súcubos gostosas do inferno. Ou talvez do céu. O júri ainda não havia chegado a um veredicto.

Voltei ao meu lugar e logo adormeci; sonhei com Rick o Escroto implorando misericórdia enquanto as gêmeas sugavam a última centelha de vida de sua alma podre e murcha. Quando me dei conta, o jato estava aterrissando em West Palm Beach, Flórida, no aeroporto executivo, a apenas quinze minutos da casa de minha mãe.



Capítulo 18

ESPREGUICEI-ME APÓS O LONGO VOO E COM o dedo cutuquei Tim, que ainda estava dormindo em seu ninho, dentro do porta-copos. Ele resmungou algumas vezes e gemeu um pouco, mas depois se levantou, espreguiçando-se e bocejando.

— Hora de usar o glamour, acho — disse ele, voando.

Pairou a trinta centímetros de meu rosto quando saí para o asfalto já quente e me dirigi ao pequeno edifício do aeroporto.

— Glamour? Que glamour?

Imaginei que ele estava falando de roupas ou maquiagem.

— A melhor defesa pixie contra os humanos — disse ele. — O encanto da libélula.

Eu havia chegado à porta e estava prestes a abri-la, mas tive de dar um tempo para a performance que eu sentia que estava por vir. Todos pararam atrás de mim, esperando que Tim acabasse.

Ele abriu os braços e lentamente os abaixou. Quando suas mãos atingiram as coxas, abriu os braços amplamente para os lados, gritando com uma voz tão majestosa e ressonante quanto podia ser uma voz de pixie: — Veja!

Nada aconteceu. Eu ri.

— Acho melhor você trabalhar nesse encanto, amigo.

Abri a porta e entrei no aposento climatizado.

— Ria quanto quiser, mas eu sei que funciona.

Ficou zunindo atrás de mim, vibrando perto da minha cabeça.

— Agora, os humanos que olharem para mim só verão uma linda libélula que não podem tocar, esmagar, capturar, dissecar ou espetar, ou qualquer dessas coisas terríveis que eles fazem com os menores e mais fracos.

— Sério? — perguntei, olhando mais de perto, mas ainda vendo apenas Tim, o pixieman, voando a minha frente.

— Sério. Observem e aprendam, oh, homens de pouca f .

Ele voou até a garota da recepção. Ela sorriu quando o notou, e seus olhos acompanhavam cada movimento de Tim.

Fui até lá e pigarreei para chamar sua atenção.

Ela voltou os olhos para mim, meio fora de foco.

— Ol . Posso ajudar?

— O que você está olhando? — perguntei.

— Essa libélula. Não é bonita? Nunca vi uma tão de perto. Olhe! — disse ela de repente, animada. — Ela está fazendo truques!

Vi Tim fazendo loopings e giros no meio do aeroporto. Falei alto o suficiente para que ele ouvisse: — Sim. Nem parece uma libélula normal, não é?

Ele endireitou a trajetória de voo e saiu do edifício, peidando a framboesa suculenta que havia comido.

Voltei-me para a garota da recepção, agora ocupada juntando alguns papéis.

— Pode chamar um táxi van? Preciso ir a West Palm.

— Para quantos passageiros, e quantas malas?

Ivar ia ficar com os pilotos perto do av o, prontos para decolar a qualquer momento, de modo que rapidamente somei de cabeça os fae restantes. Eu, Tony, Finn, Céline, Felicia e Theresa. Tim pode ir no teto. Ou pode fingir ser um inseto esmagado no para-brisa.

— Somos seis. Uma mala cada um.

— Sem problemas. Podem se sentar na sala de espera, se quiserem. Há refrigerantes e petiscos de cortesia ali.

— Obrigada — disse eu, afastando-me para me juntar ao resto do grupo que já se servia de guloseimas dentro de uma área envidraçada, do lado de fora do aeroporto. Fui até a geladeira e peguei uma Root Beer. Era espumante, doce e geladinho, como eu lembrava.

— Hmm, que gosto delicioso! — disse, com voz melodiosa. — Senti sua falta,

refrigerante. Por que você não pode ir para a França comigo?

Céline se aproximou de mim.

— O que você está bebendo com tanto prazer?

— Root Beer. Um néctar dos deuses. Experimente.

Estendi a lata para ela.

Ela a levou aos lábios e deu um golinho, franzindo o nariz por causa do gás. Parou um segundo e, lentamente, assentiu com a cabeça.

— Nada mal. Nunca bebi isso.

— Fique à vontade. A geladeira está cheia. Não tem disso em casa. Esse refrigerante é uma espécie em extinção. Receio que um dia vai acabar para sempre.

Céline tirou uma lata da geladeira e eu a peguei para abrir. Fez pop e fizz ao deixar escapar o gás. Ela tinha unhas bonitas, e eu não queria que as estragasse. Além disso, ela ficara olhando a parte de cima por alguns segundos, totalmente confusa. Eu tinha certeza de que ela não sabia como abrir a lata.

Ela deu um grande gole, e segundos depois, saiu um arroto de sua boca. Levou voando a mão aos lábios e ficou rosada.

— Ah, meu Deus. Por favor, perdoe minha falta de boas maneiras.

Comecei a rir.

— Não se preocupe. É o gás. Root Beer é a melhor coisa para arrotar.

Ela olhou para mim, incomodada, com a mão ainda na boca, como se estivesse com medo de que outro arroto rebelde saísse a qualquer momento.

— E você acha isso bom?

— Claro — disse eu alegremente, deixando escapar um arroto também. — Por que não seria?

Ela deu uma risadinha, o que imediatamente me permitiu vislumbrar sua versão mais jovem. Céline era muito bonita por trás de todas aquelas camadas de formalidade e frieza. Eu podia apostar que, em outra vida, teríamos sido amigas.

Se houvéssemos nascido no mesmo século, talvez.

Surgiu uma voz pelo alto-falante na sala de espera. Grupo de seis, sua van chegou.

— Somos nós — disse eu para a sala.

Finn correu e abriu a porta da geladeira, pegando mais três refrigerantes e colocando-os na mochila.

— Para a viagem — disse ele, piscando para nós.

Notei que pegou três. Fiquei imaginando se eram todos para ele, ou se pretendia usá-los para ganhar a simpatia das gêmeas.

Balancei a cabeça. Patético!

Entramos na van e fiquei procurando Tim freneticamente.

— Onde ele está? — sussurrei o mais alto que pude, sem deixar que o motorista me ouvisse.

Céline me cutucou e apontou para o para-brisa. Segurando-se em um dos limpadores estava Tim, sorrindo de orelha a orelha.

— Para onde? — perguntou o motorista.

Dei-lhe o endereço de minha mãe e disse a todos que chegaríamos em mais ou menos quinze minutos, dependendo do trânsito. Tentei não pirar enquanto seguíamos, mas era impossível. Em primeiro lugar, Tim estava pendurado naquele maldito limpador, gritando com entusiasmo cada vez que o motorista o ligava tentando tirá-lo de lá. Era como um parque de diversões pixie para ele. Não pude deixar de gargalhar quando o sujeito acionou o botão de água, encharcando totalmente a “libélula” em seu para-brisa. Mas quase tive um ataque cardíaco quando, ao pararmos em um semáforo, o motorista saiu com um jornal enrolado e se preparou para esmagar Tim, a libélula.

Gritei, prevendo o assassinato sangrento:

— Nããão!! Nããão!!!

O motorista me olhou como se eu fosse louca. Levou a mão ao peito, como se eu quase lhe houvesse provocado um infarto.

Dei um sorriso fraco e disse:

— Desculpe, é que sou pacifista. Por favor, não mate o bichinho nojento.

Ele revirou os olhos e entrou de novo na van.

— Que bichinho desagradável — resmungou, fazendo-me rir baixinho, entre aliviada e histérica.

Tive de esconder o rosto nas mãos, porque toda vez que olhava para Tim, ele estava fazendo caretas para o motorista ou sendo atrevido. O sujeito devia ter pensado que eu estava chorando quando olhou pelo retrovisor.

Mas mesmo com a burlesca e justa indignação de Tim por ter sido quase esmagado com o jornal e coberto de fluido do limpador de para-brisa, que sequer desmanchou seu cabelo, eu estava uma pilha de nervos quando cheguei à casa. Estava pirando. E, de tanto rir durante o traslado, ficara esgotada.

Céline pagou o motorista enquanto todos descemos e pegamos nossas malas na traseira da van. Antes de dispensá-lo, ela me perguntou: — Tem certeza de que quer todos nós aqui? Podemos ficar no carro. Tenho certeza de que o motorista não se importaria, não é, senhor?

Ela voltou a cabeça para ele, procurando uma resposta.

— Desde que paguem, posso esperar o dia todo.

— Peça que espere só um minuto. Podemos sair depois e dizer se precisaremos ou não dele.

— Está bem — disse Céline, voltando-se para a van para dar instruções ao motorista.

Ele girou a chave no contato. Um dos números no taxímetro digital mudou, mostrando que ainda estava cobrando por minuto. Felizmente, não ficaríamos muito tempo.

Fiquei parada no gramado da frente com meu grupo de amigos. A umidade do dia já subia pela grama, que crescia ali como erva daninha. Eu nunca me senti tão mal na vida. Talvez minha mãe estivesse lá dentro, ferida, esperando por mim. Talvez estivesse no hospital, morrendo. Ou talvez estivesse trabalhando, completamente alheia a qualquer e-mail que me houvesse sido mandado, e uma criatura estivesse me esperando em casa para me devorar.

Céline se aproximou e parou ao meu lado. Pôs o braço sobre meus ombros.

— Está preocupada?

— Pirando, na verdade — respondi, nervosa.

As gêmeas olharam para mim e depois para a casa.

Theresa falou primeiro:

— Gostaria de saber o que estamos fazendo aqui, se não se importar.

— Sim, eu também. Somos mais eficazes quando sabemos o que esperar — disse Felicia, jogando seus cabelos escuros por cima do ombro, parecendo uma to só com esse simples movimento.

— Para ser honesta, não sei bem. Recebi vários e-mails esquisitos de minha mãe, e depois, Sua Malvadeza, Rick o Escroto, disse que eu tinha de voltar para casa imediatamente. Mas Tony recebeu também, e todos eram bem duvidosos, por isso precisava vir e conferir. Vocês estão aqui para o caso de ser uma armadilha.

Finn parecia realmente fora de lugar, parado em meu gramado com um arco e flechas no ombro. Ele nem se tocou disso, de modo que decidi não me preocupar. Minha única preocupação era que ele estava acostumado a lutar em espaços abertos; a pequena e modesta casa de minha mãe não era seu território habitual.

Finn me pegou olhando para ele e balançou a cabeça.

— Vou protegê-la, Jayne.

Sorri, timidamente.

— Eu só estava imaginando se seu arco e flechas serviriam dentro da casa. Ela é bem pequena.

— Tenho uma faca, também. Já cacei muito jacaré, não se preocupe. — Ele olhou para as gêmeas. — Sou o que se pode chamar de “adaptável”.

Ele lhes deu seu sorriso mais encantador, e tive de admitir que era bonito.

Felicia sorriu para ele, mas Theresa revirou os olhos.

Limpei a garganta, tentando lembrar às meninas nossa conversa sobre Becky. Eu estava preocupada, porque Felicia parecia estar pensando em tirar uma lasquinha

de meu amigo.

Olhei para Tony.

— Está pronto?

Ele endireitou os ombros.

— Mais pronto impossível, acho.

Ele tirou o machado do cinto o mais discretamente que pôde, observando o motorista. Por sorte, o sujeito estava ocupado lendo uma revista e não nos deu atenção enquanto nos armávamos e nos aproximávamos da porta da frente. Pensando bem, ele sequer questionara nossas túnicas e mocassins. Talvez achasse que éramos atores participando de uma peça de teatro local. Ou talvez estivesse acostumado a ver malucos no sul da Flórida.

Fui até a porta com uma gêmea de cada lado, e Finn, Tony e Céline atrás de mim. Tim zunia em algum lugar atrás de minha cabeça. Toquei a campainha, tentando não suar muito enquanto esperava. Não tivemos de esperar muito tempo.

A porta se escancarou. Rick estava em pé na escuridão do vestibulo, carrancudo.

— Ora, você dedicou seu precioso tempo para vir até aqui.

Ele abriu mais a porta, e, a seguir, observou os fae em volta de mim.

— Quem são todas essas pessoas? Um bando de hippies, parece.

Seus olhos brilharam ao ver a primeira gêmea e depois a outra.

— Mas são todos bem-vindos, claro que sim. Entrem.

De repente, tornou-se o anfitrião mais cortês. Ele não conseguia tirar os olhos das meninas, e, desta vez, fiquei feliz por isso. Atraíam-no, meninas, atraíam-no. Depois, devorem seu rosto, por favor. Sorri ao pensar nisso. Rick me pegou pelo braço, apertando-o desagradavelmente demais, e disse: — Sua mãe está no quarto. Ela quer ver você. Vá lá em cima enquanto eu cuido dessas... dessas suas amigas.

Ele praticamente lambeu os beiços. Toda sua atenção estava voltada para elas de novo.

Fiz um sinal a Finn e Tony para me acompanharem. Para Céline também.

— Só você! — disse Rick o Escroto em voz alta.

Parei.

— Eles são meus amigos e vão comigo.

— Não, eles não vão. Esta casa é minha, não sua. — Ele apontou para seu próprio peito com o polegar. — Eu dito as regras por aqui.

— Tenho uma ideia melhor — disse Theresa, esgueirando-se para ele. — Por que você não deixa que todos subam para que possamos... nos conhecer melhor?

Ela empinou os seios e inclinou a cabeça para o lado, com o queixo apontando para o peito. A seguir, balançou os quadris para a esquerda e a direita sugestivamente, como se fosse só uma estudante inocente, nervosa na presença de alguém tão maravilhoso.

— Bem, tudo bem. Sim, é uma boa ideia. Vocês todos vão lá para cima e deixem-me com suas amigas aqui. Como vocês se chamam mesmo?

Ele mordeu a isca! Não perdi tempo; subi com meus amigos logo atrás de mim e Tim a libélula zumbido em meu ombro. Subi os degraus de dois em dois, agradecendo aos céus por todos os exercícios que eu havia feito como criança trocada, que me deixaram na melhor forma cardiorrespiratória de minha vida. Eu nem estava sem fôlego quando cheguei ao topo. Tirei Blackie da bacia e segui pelo corredor que levava ao quarto de minha mãe. Sequer parei no meu, mas um breve vislumbre através da porta aberta me disse que Rick o Escroto havia tomado o espaço. Imbecil.

Cheguei ao quarto de minha mãe e empurrei a porta com cautela.

— Mãe — disse eu na escuridão.

Eu podia ouvir sua respiração trêmula, perto de sua cama.

— Aqui — disse ela. — É você, Jayne querida?

Era a voz de minha mãe, mas ela parecia muito fraca, cheia de muco nos pulmões. Estendi a mão até a parede e apertei o interruptor de luz. O quarto continuou escuro; a lâmpada estava queimada.

— Não ligue... a luz — ela engasgou. — Machuca... meus olhos.

Olhei para todos atrás de mim, e eu sabia que meus olhos estavam arregalados. Eu não enxergava nada no quarto e tinha medo do que poderia haver lá dentro: uma versão doente de minha mãe. Já havia conhecido um buggane imitando um amigo e quase acreditara. Não confiava no som da voz de minha mãe no quarto. Não parecia certo.

— Vá abrir as cortinas — sussurrei para Tony, atrás de mim, e passei por Finn para entrar no quarto.

— Vou ficar ao lado da cama para estar pronta para o que acontecer quando a luz entrar — sussurrou Céline.

Ouvi uma flecha sendo retirada lentamente da aljava de Finn.

— Vou manter distância para garantir um bom tiro. Mas só em caso de necessidade, Jayne. Não vou atirar em sua mãe, se não quiser. Mas, se quiser, basta dar a ordem.

Vi Tony ir sorrateiramente até a janela, que ficava do outro lado do quarto. Estendeu uma mão para pegar as cortinas enquanto com a outra segurava o machado, preparado. Eu podia ver o brilho da luz azul proveniente da arma, dizendo-me que tudo se iluminaria como uma árvore de Natal se ele ficasse com raiva ou se sentisse ameaçado. Isso me fez sentir um pouco melhor.

Céline assumiu sua posição na lateral da cama mais próxima da porta, enquanto eu fui para a da janela. Eu sabia que minha mãe normalmente dormia desse lado, e queria vê-la de perto quando a luz entrasse no quarto. Segurei Blackie na mão, para o caso de alguma surpresa; ele era invisível na escuridão do quarto, misturando-se a ela.

Uma leve corrente de ar atravessou o quarto, levantando meu cabelo de meu rosto suado. Tive a sensação de que provinha de Céline, que eu vira cavalcando o vento algumas vezes. Se houvesse alguma criatura perigosa ali, talvez ela pudesse soprá-la ou fazê-la voar pelo quarto rodopiando algumas vezes.

— Pronta? — sussurrou alto Tony.

— Jayne, é você? O que está fazendo? — perguntou minha mãe, mais uma vez com a voz fraca, falhando.

— Abra — disse, pronta para qualquer coisa.

Meu coração disparou a um milhão de batimentos por minuto.

Ouvi o som das argolas que prendiam as cortinas correndo pelo varão que as sustentava quando Tony as empurrou para o lado.

A brilhante luz solar inundou a sala de canto a canto. Minha mãe começou a gritar assim que o brilho bateu em seus olhos. Comecei a gritar assim que vi seu rosto.



Capítulo 19

A COISA HEDIONDA SENTADA NA CAMA DE minha mãe era ela. Dava para ver. Mas seu rosto estava inchado, irregular, um festival de hematomas, do couro cabeludo até o pescoço, que desaparecia debaixo das cobertas.

— Mãe?! — gritei, com uma incrível tristeza na voz, sem me importar que Ricka Próxima Vítima me ouvisse.

As lágrimas encheram meus olhos e começaram a correr em cascata por meu rosto.

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Olá, querida — foi tudo o que ela disse.

Era tudo que poderia dizer. Seus lábios estavam rachados, e seu queixo, muito inchado, aparentemente quebrado em pelo menos três lugares. Dava para ver que seus dentes da frente haviam sido nocauteados.

— Ah, sra. Sparks — disse Tony em voz baixa, aproximando-se da cama para ficar ao meu lado —, o que aconteceu?

Ele segurou minha mão fria e sem vida e a apertou com força.

— Jayne — disse Céline, toda profissional —, sua mãe foi espancada. Isso não foi um acidente.

— Mãe — eu chorava —, é verdade? Quem fez isso com você? Foi Rick?

Lentamente me sentei na beira da cama, com um medo terrível de sacudi-la e fazê-la sentir mais dor. Meu coração parecia ter sido apertado por um torno.

— Eu não... lembro — foi tudo que ela pôde dizer.

Lágrimas corriam por trás das fendas inchadas que restavam de seus olhos. Por um lado, fiquei feliz por eles estarem inchados até quase fechar. Eu só podia imaginar como seus olhos suaves e indefesos estariam, se seu rosto e crânio estavam daquele jeito. Sentia-me nauseada só de olhar para ela. Tive de virar para o outro lado para recuperar o fôlego e acalmar meu estômago.

Vi Finn. Ele havia baixado o arco e olhava para mim.

— Jayne, acho que o inimigo não está aqui em cima, e sim lá embaixo.

Balancei a cabeça, incapaz de falar. Sem nem pensar, puxei O Verde para dentro de mim, e como um rio furioso e transbordante, deixei sair toda a energia que eu mal podia conter. Minha dor me fez chegar a O Verde com abandono, puxando mais e mais e mais. Minha mãe não merecia aquilo. Ela era uma boa pessoa, que havia se perdido com o homem errado. Um homem muito errado, e em breve muito morto.

— Jayne — disse Céline bruscamente —, controle isso! Controle seu poder e o fluxo! Precisamos de você inteira e capaz de ver. Temos outros inimigos para cuidar, e tenho a sensação de que não vai demorar muito para eles chegarem.

Eu podia ouvir sons de vozes se elevando do lado de fora do quarto de minha mãe, lá embaixo. Sem perder tempo, afastei as cobertas para encontrar as mãos de minha mãe. Eu precisava segurá-las para enviar o poder a sua alma. Mas as coisas que vi e cheirei debaixo do cobertor tornaram impossível que eu me portasse de forma razoável ou inteligente. Inclinei-me e apertei a parte superior de seu corpo quebrado, abraçando-a, enquanto ela gritava de dor.

Chorei convulsivamente por conta da agonia que eu havia lhe causado deixando-a ali com aquele monstro.

— Desculpe, mamãe — chorei —, desculpe, desculpe, desculpe.

Proseguí com a ladainha de desculpas conforme enviava de meu corpo para o dela cada gota de energia de cura que eu podia reunir, balançando-a para a frente e para trás. Os soluços agitavam meu corpo enquanto as lágrimas e o ranho fluíam livremente por meu rosto e caíam sobre a cama.

— Por favor, não morra, mãe — implorei. — Desculpe! Pegue a energia que estou lhe dando. Cure-se com ela. Não me deixe agora, mamãe. Não vá, por favor.

Eu podia sentir seu corpo amolecendo, e isso só me fez chorar ainda mais.

— Mãe! Você precisa aguentar! Eu sei que posso dar um jeito! Eu posso consertar isso!

Eu estava quase uivando de dor e minhas palavras saíam em uma confusão ininteligível. Não conseguia deter a dor que me destruía. Parecia estar me comendo viva, e eu sabia que era só uma fração da dor que minha mãe havia sofrido.

Senti a mão de Tony em meu ombro enquanto ele gentilmente tentava me puxar

para trás.

Recusei. Não podia permitir que me deixasse, mas eu sentia O Verde voltando para meu corpo, incapaz de fazer qualquer coisa para aquela casca vazia que eu segurava em meus braços.

— NÃO! — gritei, apertando-a com mais força, tentando forçar a energia a me obedecer.

Mas não adiantou. Ela não tinha aonde ir. O espírito de minha mãe já havia deixado este reino.

Fiquei segurando seu corpo por um longo tempo, gritando sem parar, até que não tinha mais energia para fazer nada. Coloquei-a gentilmente de costas na cama, com a cabeça no travesseiro. Lentamente afastei seu cabelo emaranhado do rosto e amorosamente o ajeitei nas laterais da cabeça.

Tony apertou meu ombro.

— Jay ne. Eu posso ajudá-la, se quiser.

Sua voz era emotiva, mas firme.

Eu precisava de firmeza. Voltei-me para ele:

— Como? — perguntei, com uma voz chorosa e sofrida.

— Posso encontrá-la n'O Cinza... e mostrar-lhe o caminho a seguir, para que ela não fique vagando por muito tempo.

Estendi a mão e segurei seu braço.

— Você pode trazê-la de volta para mim? — perguntei, com esperança desesperada nos olhos.

— Não, não posso.

Abaixei os olhos. Um nó de dor e desespero total fechava minha garganta, impossibilitando-me de falar. Tentei, mas só saiu um som estranho.

— Posso sentir você, Jay ne. Quer que eu faça isso, não é?

Balancei a cabeça. O que minha boca não podia dizer, meu coração disse. Tony me conhecia melhor do que ninguém, e, pela primeira vez, fiquei feliz por ele

poder entrar em minha cabeça.

— Ajude-me a encontrá-la — disse ele. — Segure minha mão.

Peguei a mão dele sem questionar, olhando para o rosto de minha mãe, agredido, mas estranhamente pacífico agora. Pensei nela sorrindo para mim, tão orgulhosa quando por fim derrotei a química e voltei para casa com um B+. Lembrei-me de como nos sentávamos à mesa da cozinha e fazíamos as unhas juntas nas tardes de domingo, e como mexíamos no jardim juntas, e ríamos quando meu gato se esparramava no solo quente, atrapalhando-nos de propósito.

— Ela está aqui. Ela está bem, Jayne, está feliz. Já está encontrando seu caminho.

Eu estava chorando de novo.

— Pode lhe dizer que estou pedindo desculpas?

Eu soluçava. Não conseguia nem falar direito, sofrendo muito pela perda.

Tony ficou em silêncio por um segundo, e, a seguir, suspirou.

— Ela disse que você não tem do que se desculpar.

Sua voz ficou presa um instante, e ele prosseguiu depois de se livrar do nó na garganta.

— Ela disse que está arrependida por ter falhado com você... por ter deixado que ele entrasse na vida de vocês. Ela precisa de seu perdão para seguir em frente, Jayne, e você não vai querer que ela fique vagando pela Cinza desse jeito. Ela vai se torturar.

Levantei-me de repente, sentindo-me devastada e com raiva do mundo.

— É claro que a perdoo. Como pode pensar, por um segundo, que eu não a perdoaria?

Ele olhou diretamente em meus olhos.

— Porque não sei se consigo perdoá-la. Mas isso não importa, porque ela não precisa do meu perdão; precisa do seu.

Entre as lágrimas que continuavam brotando, afirmei:

— Ela tem o meu perdão. Diga-lhe. Diga-lhe para ir para a luz, ou seja lá o que for. E diga que vou encontrá-la do outro lado.

Mesmo sabendo que ela ia ficar bem, perder minha mãe com tanta violência foi demais. Coisas como a que aconteceu com minha mãe não deviam acontecer com as mulheres. Nunca.

Tony fechou os olhos por alguns segundos, e, a seguir, voltou para mim. Apertou minha mão mais uma vez antes de soltá-la.

— Pronto. Sua mãe se foi.

Abaixei-me e cobri o corpo dela com o cobertor, puxando o lençol embaixo dele até seu queixo. Não consegui cobrir seu rosto.

Nesse momento, Tim entrou zumbindo no quarto e se aproximou da cama com uma braçada de flores tão grande que quase o enterrava. Ele voou em volta do rosto dela, cuidadosamente colocando, uma por uma, cada tipo de flor que ela tinha no jardim. Quando terminou, ela parecia um anjo, uma fada, deitada no meio de uma miniatura do Campo Infinito.

Meus amigos se reuniram ao redor da cama enquanto Céline ofertava suas palavras suaves como despedida.

— Que sua mãe encontre a paz eterna e a alegria desmedida nos prados de ouro do Mundo de Cima. Ela deixa para Jayne um legado de amor, coragem e responsabilidade.

— E que sua morte seja vingada de uma forma que, na medida do possível, torne toda essa destruição mais fácil de suportar — acrescentei, já sentindo a raiva aumentar em mim.

Não havia dúvida em minha cabeça de que Rick havia feito aquilo. Caso contrário, ela estaria no hospital, onde eu sei que teria ido para morrer, porque não havia como escapar de algo assim, nem mesmo com os melhores médicos. Ninguém poderia se recuperar de ferimentos horríveis como aqueles. Alguém havia torturado minha mãe, e esse alguém sentiria minha ira em poucos minutos, já que eu tinha um plano e minha família comigo.



Capítulo 20

FUI ATÉ A PORTA DO QUARTO DE minha mãe para me juntar a todos, exceto às gêmeas, que ainda estavam lá embaixo. Finn, Céline e Tony estavam no corredor. Tim pairava acima de todos. Podíamos ouvir vozes no andar de baixo, mais altas do que eu esperava para uma intervenção de súcubos.

Entrei rapidamente no banheiro do corredor para espirrar água em meu rosto, refrescar-me e lavá-lo um pouco. Achei que ranho seco não expressaria adequadamente minhas intenções assassinas para com Rick, e queria que ele sentisse o medo abjeto antes da dor que ia lhe provocar. Sequei o rosto com a toalha roxa pendurada no toalheiro. Roxo era a cor favorita de minha mãe. Vê-la jogada amarrotada no balcão onde eu havia acabado de colocá-la me deixou ainda mais irritada. Ela ainda devia estar viva, curtindo suas toalhas estúpidas. Rick a havia tirado de mim. Minha mãe havia sofrido um ato de violência sem sentido que seria vingado agora. E, depois de resolver esse problema, eu iria à casa de Tony espalhar a dor ali também, se necessário. Fiz uma pequena oração para o universo na esperança de que os e-mails de sua casa fossem um alarme falso, ao contrário dos meus.

Saí do banheiro e passei correndo por meus amigos em direção à escada.

— Jayne, espere! — gritou Tony.

— Jayne! Por Favor! — disse Céline.

Mas não lhes dei ouvidos. Puxei Blackie do coldre e me dirigi às vozes que ouvia na sala. Estava totalmente despreparada para o que encontrei lá.

As gêmeas haviam sido encurraladas em um canto, e não por Rick, mas por três orcs. Parecia que meus olhos estavam me pregando uma peça.

— Quem deixou esses malditos orcs entrarem na sala de estar de minha mãe?!
— gritei.

Tudo o que eu conseguia pensar era que iam deixar o lugar fedendo e sujar o tapete com seu sangue. Por alguma estranha razão, queria pedir uma pausa e levar todos para o pátio, onde não estragáramos os móveis e nem incomodáramos os vizinhos. Imaginei se minha mãe ficaria orgulhosa de mim por ser tão responsável. Então, lembrei que minha mãe nunca mais teria oportunidade de ter orgulho de mim por nada que eu fizesse, uma vez que o imbecil que estava à minha esquerda a havia matado.

Levantei o braço, segurando Blackie acima da cabeça, e corri para ele, sem me importar com minha própria segurança. Contive-me ao ver, com horror, que o idiota do Rick rapidamente se transformou em um demônio com chifres, garras e tudo o mais que se pode imaginar de um monstro de pesadelo.

Eu estava havia pouco mais de um metro dele. Ele sorriu para mim, dando-me uma visão muito boa de seus dentes pontudos, marrons, extremamente letais, com dois grandes e extralongos incisivos em cada lado. A língua negra da criatura, bifurcada, serpeou para fora e lambeu os lábios pretos com um barulho alto.

Senti meu estômago revirar.

— Olá, Jayne — disse ele, malévolo. — Venha brincar com Rick

Uma flecha passou voando por meu braço esquerdo e se embutiu no peito do monstro. Ele estendeu a mão casualmente e arrancou a haste da flecha, jogando-a para o lado, como se estivesse apenas retirando uma mosca. Um líquido negro começou a escorrer do buraco de onde a madeira lascada se projetava.

— Surpresa de me ver aqui? — perguntou ele, sorrindo maliciosamente.

— Não. Não estou nem um pouco surpresa ao ver que Rick foi coberto por uma pilha fumegante de bosta.

O sorriso no rosto do demônio se transformou em uma carranca.

— Você está zombando do perigo, menina fae.

— Você é quem corre perigo em minha sala de estar, seu bosta.

Ele deu um passo para mim, e segurei Blackie à minha frente.

— Mais um passo e vai sentir a queimadura, baby. Só mais um maldito passo. Espero que dê o passo. Você vai pagar pelo que fez com minha mãe.

Tim começou a sobrevoar o demônio, zunindo ao redor de seu rosto, parando de vez em quando para espetar a criatura com sua faquinha. Dos furinhos saía um sangue negro que escorria em gotículas no rosto e na cabeça do demônio, mas isso não parecia incomodá-lo.

— Tome isso, seu cão demônio! Morra! Morra! — gritava Tim totalmente enfurecido.

— Tim, volte aqui! — gritei, com medo de que ele o matasse.

Eu não poderia encarar a morte de outra pessoa amada essa noite. Fiquei observando-o enquanto ele insistia em ficar tão próximo da besta-fera; mas também senti meu ânimo crescer. Meu amiguinho ia vingar a morte de minha mãe da melhor maneira possível, e recordei de novo como eu tinha sorte de tê-lo em minha vida.

Outro lembrete de como meus amigos eram incríveis veio na forma de outra flecha, zunindo por mim, acertando o demônio no globo ocular, entrando profundamente. Tiro fatal! Rezei para que sofresse danos cerebrais, o que em breve significaria o fim de seu tempo neste reino.

O rugido que saiu da boca do demônio foi nada menos que profano. Causou arrepios por todo meu corpo e cabelos. Até nos pelinhos da minha bunda. Dei uns passos para trás, implorando a Tim que se afastasse.

— Tim, volte aqui!

O demônio pegou a haste da flecha de seu olho e começou a tentar puxá-la para fora. Eu torcia, com todas as forças, que ele puxasse o cérebro para fora, junto com o olho. Voltei a atenção para Tim por um segundo, instando-o com a mão freneticamente a fugir do monstro.

Tim por fim obedeceu, pairando perto de minha cabeça.

— Eu o peguei para você, Jayne.

— Obrigada, pixieman. Agora, fique longe dele. Ele é louco o suficiente para matar você, eu e todos os outros. Não sei que tipo de poderes ele pode ter.

Ouvi uns gritos provenientes do canto da sala e os orcs por fim se aproximaram bastante das meninas. Elas mantiveram as bestas negras afastadas enquanto puderam, com suas faquinhas fashion e suas habilidades de sugar energia. Mas acho que não funcionavam tão bem com os habitantes do Mundo de Baixo.

— Finn! — gritei —, afaste os orcs!

Duas setas voaram em rápida sucessão de trás de mim para as costas dos orcs, fazendo um barulho abafado quando as pontas penetraram a pele grossa, enterrando-se profundamente. Os dois orcs arquearam as costas involuntariamente e gritaram, liberando imediatamente as gêmeas. As garotas se aproximaram dos orcs vacilantes e cortaram-lhes a garganta de forma limpa.

Theresa fez um bom trabalho com sua arma, cortando fora a cabeça do orc, que rolou de seus ombros, espirrando sangue preto no sofá favorito de minha mãe. O orc próximo a Felicia ainda se mexia um pouco, esforçando-se para se levantar. Felicia esfaqueou violentamente sua coluna e pulou por cima dele, afastando-se da carnificina e indo com sua irmã para perto de Céline, Finn, e Tony.

O demônio por fim desistiu de tentar tirar a flecha de seu globo ocular, e, em vez disso, partiu-a perto do olho — ou o que era seu olho. Agora era um buraco de onde escorria uma gosma preta por seu rosto e peito. Com certeza estava pingando no tapete bege de minha mãe. Por apenas um momento fiquei feliz por ela não estar ali para ver aquilo.

— Você — disse o demônio, apontando para meu peito — vem comigo.

— Mais uma vez, Finn! — gritei, puxando O Verde e jogando-o em seu corpo, torcendo para que isso lhe desse o que ele necessitava para provocar a morte do orc que Felicia havia esfaqueado.

Eu precisava cuidar de um único problema, de modo que os orcs tinham que ir primeiro.

A seta atravessou o ar e encontrou seu alvo. O orc esfaqueado por Felicia, com a cabeça ainda ligada ao corpo, soltou seu grito final de morte e caiu no chão, com alcatrão líquido saindo do buraco da flecha na parte de trás de sua cabeça e formando uma piscina embaixo dele.

O demônio olhou para eles e zombou.

— Inúteis.

— Concordo — disse eu, voltando-me para encará-lo. — Está na hora de você ir embora agora.

Eu havia desistido de matar essa besta com minha arma, uma vez que flechas no olho não lhe faziam nada. Também não tinha medo de admitir que estava apavorada só de pensar em me aproximar dele. Queria que Blackie fosse mais comprido.

Senti Céline se aproximar. Ela estendeu uma longa espada prateada e brilhante e a apontou para o inimigo.

— Uau, que espada grande, Céline. Onde você estava escondendo isso?

— Em meu manto — ela respondeu, sem tirar os olhos do demônio.

Finn foi para nossa direita, uma posição melhor para dar mais um tiro no demônio.

O demônio estava ali, respirando pesadamente, grunhindo pelo esforço. Era como se estivesse tentando determinar qual seria seu próximo passo. Meus amigos não perderam tempo; puseram-se em posição para acabar com ele. Tony se postou em meu outro lado, e as meninas atrás de mim.

— Qual é o plano, Céline? — perguntei em deferência à sua sabedoria experiente.

— Achei que você ou Tony tinham algum.

Afastei os olhos do demônio por um instante para olhar para ela, incrédula.

— Céline? Você é a mais velha aqui. Devia saber como encarar essa merda!

Ela deu de ombros, mantendo os olhos colados no demônio.

— Nunca lutei em uma guerra antes. E nunca vi um desses também.

A essa altura, o demônio decidiu que não gostava de ser deixado de fora da conversa.

— Parem de falar. Vou levar a elemental comigo. Saiam ou morram.

Ele deu um passo em minha direção com um olhar muito atento em seu rosto preto coberto de sangue.

Meus amigos se agruparam mais próximos de mim. Céline ergueu sua espada.

Uma brisa soprou pela sala. Alguns papéis que estavam em uma mesinha nas proximidades navegaram pelo ar, em volta de nossas cabeças.

Ouvi um assovio quando Finn lançou outra flecha no demônio, no pescoço desta vez. Um rio fresco de sangue borbulhante fluiu por seu ombro e flanco.

Estremeci com a visão da besta coberta de setas, sangue negro correndo por todo lado, chifres brotando de sua cabeça. Eu sabia que o veria em meus pesadelos pelo resto da vida. Pensar que essa coisa havia entrado em meu quarto à noite tantos meses atrás foi o suficiente para me fazer vomitar ali mesmo na sala de estar. Nossa, minha mãe teria tido um ataque.

— Por quê? — perguntei de repente.

Eu não tinha ideia de onde ia chegar com isso, mas achei que talvez pudesse detê-lo e dar a Tony tempo para pensar em um plano.

— Por que eu? Por que não outra pessoa? Outros fae, como... uma súcubo bonita, por exemplo.

— Ei! — ouvi os protestos sincronizados de Felicia e Theresa atrás de mim.

A voz grave do demônio respondeu:

— Elas não vão provocar o fim. Você é quem vai.

Pensei por um segundo. Fiquei ainda mais confusa.

— O fim de quê?

A face do demônio tornou-se ainda mais intensa e assustadora, de um modo que não achei que seria possível.

— O fim de todos os fae. O fim de tudo o que está entre nós e nosso destino.

— E esse destino seria...

— Tomar o Mundo de Cima, naturalmente.

— Ah, sim, naturalmente. Todos os demônios do inferno invadindo o céu e matando os anjos, imagino. E depois? Vocês governam o mundo? O universo?

— Agora você está entendendo — disse ele, dando mais um passo em minha direção.

Todos demos um passo atrás ao mesmo tempo, grudando uns nos outros, feito cola. Olhando de longe, devíamos parecer um monstro fae de dez patas. Todos nós, salvo Finn, ficamos com medo de, sozinhos, sermos vulneráveis e presas fáceis. Finn se afastou, carregou outra flecha e esperou a oportunidade do tiro perfeito. Até o momento ele não havia encontrado a vulnerabilidade dessa criatura. Eu havia achado que o olho ou o pescoço seriam, mas não. O demônio era tão duro quanto parecia.

— Isso ainda não explica por que você quer a mim, dentre todos os fae do mundo que poderia ter.

— Você é a Mãe. E, sem a Mãe, não haverá filhos. Sem filhos, não haverá... — Ele parou de falar. — Você está me distraindo. Venha comigo agora. Preciso levá-la para a câmara.

— Não — respondi, balançando a cabeça —, nada de câmara.

Câmara? Que câmara? Existe uma câmara secreta na casa de minha mãe?

— Temos de dar início à concepção.

Eu ri e depois bufei. Não pude evitar. Ele parecia tão estranho, tão formal. Tão... maluco. Acho que minha adrenalina causou um curto-circuito em meu bom senso e no instinto de autopreservação.

— O que é que vamos conceber?

Achei que ele estava falando de conceber uma ideia, desse tipo de concepção. Mas suas palavras me disseram que ele me queria para algo um pouco mais pessoal.

— Você e eu vamos conceber o tão esperado demônio elemental. Vou para a cama com você agora, e a levarei comigo para o Mundo de Baixo para esperar o nascimento. Serei seu consorte demônio. Considere-se honrada.

Engasguei com minha própria saliva, de repente incapaz de respirar. De início não pude fazer nada, exceto tentar puxar o ar, mas logo Céline trocou a espada de mão e bateu algumas vezes em minhas costas. A percussão criada por seu punho desalojou a bola de saliva presa em minha traqueia e o ar entrou assobiando em meus pulmões, fazendo-me tossir descontroladamente. Momentos depois, com meu controle respiratório restabelecido e algumas respirações profundas para recuperar o equilíbrio, fiquei estranhamente sem palavras. Tudo o que conseguia pensar era: um, quanto das previsões de meu pai sobre mim estavam se tornando realidade — namorados babacas, gravidez na adolescência, escolhas ruins e assim por diante. E dois: como seria o pau de um demônio? Eca total. Peguei-me olhando para suas partes inferiores e fiquei bem aliviada ao ver que ele usava calças. Acho que, se eu tivesse visto alguma coisa, teria simplesmente desmaiado, deixando que meus amigos salvassem meu lamentável e inconsciente traseiro.

— Volte para o Mundo de Baixo, demônio — disse Céline, com sua voz de durona. — Jayne não vai com você a lugar nenhum.

Levantei a mão, primeiro para Céline e depois para o demônio, exigindo uma

pausa para poder fazer mais uma pergunta.

— Há quanto tempo você possui Rick, ou está dentro dele, ou sei lá o quê?

Independente da resposta que ele me desse, seria ruim; não havia boa resposta. Mas eu precisava saber. Eu tinha de saber com quem eu me sentara à mesa, com quem minha mãe havia vivido, quem havia tentado me molestar.

— Desde o dia em que ele se mudou para esta casa, é claro. Eu estava esperando que um ser humano do sexo masculino viesse para cá, e, por fim, ele veio. Foi um anfitrião bem adequado. Uma mente perfeita: pequena e fraca.

— Bem, acho que concordamos em alguma coisa.

Rebobinei rapidamente na cabeça o último ano de minha vida, passando por visões de meu passado. Lembrei-me das noites em que me sentei à mesa como um demônio. Das noites em que minha pobre mãe dormiu com um e... oh, eca, das noites que ela transou com ele. E lembrei-me das noites que ele tentou entrar em meu quarto. Para a concepção.

— Você já tentou fazer coisas indecentes comigo antes.

— Sim, mas eu estava constrangido dentro da forma humana. Agora não estou mais. Você vem comigo.

Ele deu um passo em minha direção.

Eu tentei me afastar, mas havia corpos me bloqueando.

— Afaste-se! — disse, desesperadamente, tentando descobrir se poderia mantê-lo longe até chegar à porta da frente.

Eu não sabia a que velocidade essa coisa se movia, mas as flechas no olho, pescoço e peito não o deteriam, de modo que tive de concluir que podia se mover rápido o suficiente para fazer de meu plano uma má ideia.

Finn lançou outra flecha, dessa vez no abdome da fera. Tudo que consegui foi irritá-lo ainda mais. Outra flecha partida e jogada no chão. Mais sangue negro escorrendo do corpo do demônio.

Tony ergueu o machado, que começou a zunir.

Ergui Blackie e puxei O Verde com força para mim. Mandeí-o para o dente de dragão em minha mão, e ele começou a brilhar, verde-escuro.

— Suas armas não podem me matar. Eu sou do Mundo de Baixo. Vocês são muito fracos.

Inopinadamente, Tony saltou para frente, agitando o machado com toda sua força. Fê-lo descer em um arco azul brilhante, encaixando-o no ombro do demônio. Ele afundou alguns centímetros e parou, crepitando um pouco e ficando ali.

Um olhar de pânico dominou o rosto de Tony enquanto ele segurava o machado preso no osso da criatura. Ele o puxou uma vez, mas nada aconteceu.

— Tony, solte! — gritei.

Mas era tarde demais.

O demônio rugiu e balançou o braço em um amplo arco, acertando Tony e fazendo-o voar pela sala. Tony bateu em uma poltrona perto da parede oposta e caiu no chão. Meu coração gelou no peito.

Quando seus braços e pernas se mexeram, meu coração voltou a bater. Ele não estava morto.

Eu não podia perder outro ente querido. Simplesmente não aguentaria. Antes que qualquer outra pessoa se pusesse em perigo por mim, eu tinha de fazer alguma coisa. Decidi fazer um jogo que achei que poderia funcionar.

Esse sujeito era do Mundo de Baixo. Meus poderes eram totalmente do Aqui e Agora, mas envolviam a energia de todos ali. Talvez até dos demônios. Eu esperava poder me livrar dele sozinha se conseguisse afastá-los de meus amigos.

— Tudo bem — disse ao demônio —, eu vou com você. Se você deixar todo o mundo ir embora e prometer que não vai machucar meus amigos.

Ergueu-se um coro de protestos na sala. Até Tony, que lutava para se levantar, e obviamente morria de dor por ter sido arremessado longe, tentava me mostrar que não concordava com meu plano.

Virei de lado para olhar para todos os meus amigos, da melhor maneira que pude. Pisquei para eles discretamente para que o demônio não visse.

— Eu tenho que ir, para me certificar de que vocês estarão seguros. Meu coração está verde de inveja de todos vocês, de verdade. Verde, verde, verde.

Esperava que eles entendessem a dica.

Céline deu um passo em direção à besta-fera.

— Demônio, eu sou um elfo de prata e me recuso, pela força do Vento, a permitir que você leve essa criança para o Mundo de Baixo.

Ela estendeu a espada para o peito dele.

— Esta lâmina foi forjada na montanha junto ao Mar do Norte. Certamente vai perfurar seu coração. E sei que você tem um, em algum lugar. Você não pode ter sacrificado tudo que tinha quando era uma criatura do Aqui e Agora.

O demônio sorriu para ela, causando-me um arrepio na espinha. Ele caminhou em sua direção, até que a ponta da espada tocou seu peito, exatamente onde achamos que ficava seu coração.

— Eu conheço você, elfo de prata. Você não comanda o Vento, é apenas sua serva. E eu sacrifiquei tudo para estar aqui hoje.

Ele deu mais dois passos para frente, enterrando a espada em seu próprio peito. A lâmina devia ter perfurado seu coração, e o fez cair de joelhos, mas tudo que conseguiu foi fazê-lo sorrir ainda mais.

O rosto de Céline empalideceu.

— Torrie? — perguntou ela, debilmente.

O rosto do demônio foi tomado de raiva profana.

— Não diga esse nome em minha presença! — rugiu ele, segurando a espada e puxando-a das mãos de Céline ao forçá-la mais para dentro de si.

Então ele se voltou de lado para arrancá-la do peito. Jogou-a como uma lança pela sala, cravando-a na parede. O sangue negro escorria da lâmina na tapeçaria favorita de minha mãe, pendurada na parede logo abaixo. A visão era grotesca, especialmente porque a tapeçaria, antes de belas flores de primavera, agora parecia uma horrível paisagem negra e sangrenta. Mas esse horror era nada comparado ao demônio diante de nós. Foi como se ele ficasse maior e mais cruel. Fosse quem fosse esse Torrie, nosso demônio não gostava nem um pouco dele.

— Ah, Deus... é você. É você, não é? — perguntou Céline, agora claramente maluca por causa do demônio, mas de uma maneira diferente.

— Torrie — disse ele rudemente — não existe mais. Saia daqui, elfo de prata, se

valoriza sua vida.

Lágrimas deslizaram silenciosamente pelo rosto de Céline. Lágrimas de prata. Pelo menos era o que parecia. Talvez fosse apenas o efeito da luz.

— Não posso fazer isso, Torrie — sussurrou ela.

Dava para ver que ela estava arrasada. Imaginei se ela pegaria a espada de novo se tivesse chance, agora que percebera que o conhecia. De qualquer forma, não importava. Eu iria com ele só para afastá-lo de meus amigos, e, então, faria tudo que pudesse para mandá-lo de volta para o inferno de onde ele saía. Ele matara minha mãe com uma violência horrenda. Não precisava ser tão cruel, mas foi. Eu não mostraria misericórdia alguma para esse demônio Torrie.

Dei um passo em direção a ele para me afastar dos outros, e então joguei uma bolha verde de proteção em volta deles. Envolvi inclusive Finn e Tony, que ainda estavam afastados. O único que não consegui envolver foi Tim, claro. O pestinha ainda estava voando em algum lugar. Eu já não o via fazia algum tempo, mas ele estava ali, não havia dúvida.

— Chega de flechas, Finn. É um desperdício.

As duas garotas levantaram as mãos para tocar o escudo, percebendo que estavam presas dentro dele.

— Ei! O que é isso?! — gritou Theresa. — Tire-nos daqui! Não podemos ajudá-la daqui de dentro!

Olhei por cima do ombro.

— Essa é a ideia. Ninguém mais vai morrer aqui hoje. — Mexi a boca para expressar as palavras silenciosamente, para que ele não ouvisse. — Exceto o demônio.

Felicia olhou para mim, implorando:

— Por favor, Jayne, não! Você não pode ir sozinha contra ele. Você precisa de nós!

Voltei-me para o demônio, mas gritei para que ela me ouvisse:

— Desculpem, mas ele não tem alma ou espírito para vocês sugarem, e tenho certeza que sua energia é venenosa. Não quero que vocês se machuquem por mim. Minha mãe já pagou... o preço.

Eu estava sufocando de novo, mas prossegui:

— Ninguém mais vai pagar nada. Não hoje.

Exceto eu, talvez.

Dei mais um passo em direção ao demônio, cuidadosa e casualmente colocando Blackie na bacia, esperando que ele desconsiderasse minha arma como desconsiderara as outras. Eu ainda tinha esperanças de que Blackie salvasse o dia.

O demônio e eu estávamos a apenas trinta centímetros de distância um do outro.

— Vamos lá, demônio feioso. Leve-me para a cama ou perca-me para sempre.

O pensamento de um pau de demônio chegando perto de minha coisinha era absolutamente sufocante, mas eu tinha de tentar ser convincente. Engoli a bile que subiu a minha garganta e tentei não vomitar nele. Queimou minha boca e esôfago, fazendo-me lembrar do quanto eu odiava até mesmo um pouco de dor. Sabia que as chances de sair dessa sem sofrer mais eram quase nulas, mas tudo bem, desde que eu sobrevivesse — ou pelo menos o banisse para sempre. Se eu tivesse que morrer também, bem, seria uma merda, mas pelo menos sabia que Tony me guiaria para o lugar certo e que minha mãe estaria me esperando. Isso me fez sentir um pouco melhor. Ela havia sido uma mãe de merda na Terra, mas eu podia apostar que seria incrível no Mundo de Cima. E, depois, havia também o fato de que Chase acabaria por lá. Talvez mais cedo do que mais tarde.

O demônio estendeu sua mão nojenta, coberta do sangue das feridas do pescoço e do peito que havia escorrido.

Estendi a mão para pegar a dele, enquanto meus amigos me enviavam um coro de advertências raivosas e pedidos temerosos. Ignorei--os e saí da sala, conduzida pelo monstro que queria ser meu amante demônio.



Capítulo 21

A SIMPLES IDEIA DE FAZER AQUILO COM aquele nojento estava mesmo me dando um troço, mas representei o papel de amante resignada enquanto atravessávamos a sala de jantar e íamos para a de estar. Sua mão segurava a minha, e sua textura áspera, como couro, fez-me sentir como se estivesse andando com um lagarto gigante de sangue frio. Quando chegamos à porta da estreita sala de jantar, perto da escada, ele soltou minha mão e me colocou à sua frente, empurrando-me ou espetando com uma garra para me orientar na direção que queria.

— Aonde estamos indo? — perguntei.

— Ao lugar especial que preparei para a cerimônia.

Ele me levou para a escada, e algo me disse que esse lugar especial seria meu quarto. A ideia de ir para a cama com um demônio cercada por minhas recordações da escola me pareceu engraçada, não sabia por que, então eu ri. Minha mente devia estar se separando da realidade para me ajudar a manter a sanidade. Forcei-a a voltar, porém, para poder ter a mente plena ali, e a energia de que eu precisava para matá-lo. Rapidamente passei do riso aos engasgos, quase vomitando.

— Se você houvesse colaborado antes, sua mãe ainda estaria viva — disse ele em tom ameaçador, empurrando-me degraus acima.

Ignorei as palavras dolorosas com que ele estava tentando me machucar e disse:

— Acho que seria demais pedir-lhe para ser gentil, não é? Eu ainda sou virgem, sabia?

Ele me empurrou com tanta força que caí de joelhos nos degraus.

— É claro que eu sei. Isto seria inútil se você não fosse.

— Por quê?

Engoli em seco, tentando empurrar goela abaixo a dor latejante nos joelhos e a quase falta de ar causada pelo medo.

— Porque a primeira vez vai trazer o primogênito. Está previsto.

Ótimo. Não só eu era uma dessas ultrafêteis sobre as que eu lera nas aulas de saúde, mas também algum adivinho havia, aparentemente, falado sobre a minha

virgindade. Que grosseiro! Que embaraçoso!

Faltavam subir três quartos de escada, e hesitei alguns segundos ali, procurando um plano em meu cérebro e mais coragem em meu coração. Censurei-me por não ter ido até o fim com Steve Polson, o sujeito que havia me levado ao baile e achara que ganharia uma recompensa no banco de trás de seu carro depois de me pagar o jantar e dançar comigo por uma hora. Pensar que transar na formatura poderia ter me salvado de um estupro de demônio era irônico e terrível demais para ser plenamente apreciado nesse momento; mas, se eu sobrevivesse a essa história de terror, definitivamente analisaria a história toda com Tony depois.

A adrenalina bombeava em minhas veias no nível máximo, confundindo meus pensamentos. Quem diz que situações como essas aguçam a mente é um babaca mentiroso. Parecia que eu ia ter um ataque cardíaco a qualquer momento de tão forte que meu coração batia. O suor saía de cada um dos meus poros. Dava para ouvir meu sangue correndo nas veias. Parecia que meu cérebro ia sair do crânio. As coisas estavam acontecendo e eu ainda não sabia como matar esse demônio. Meu cérebro era como um prato de ovos mexidos. Tive de manter a blindagem em volta de meus amigos porque não sabia se poderia cuidar deles e desse demônio ao mesmo tempo — um poder para proteger, um para matar. Era conflito demais para a minha cabeça, e eu não conseguia resolver o problema.

Foi quando ouvi o zumbido das asas. Isso encheu meu coração de terror. Engraçado pensar que foi um pixie que me aterrorizou, e não um demônio, mas eu temia pela vida de Tim. Aquele pixie estúpido era destemido, e, infelizmente, superfácil para um demônio matar ou mutilar.

Não tive tempo de intervir. Eu estava ouvindo o zumbido e, de repente, vi-o zunindo acima de minha cabeça, indo diretamente para o demônio. Voltei-me para acompanhar seu trajeto de voo e percebi seu plano uma fração de segundo antes de ele o executar. Ele voava como o Superman de novo, com a faca à frente do corpo.

— Hiiiiiiiiiaaaa! Tome essa, seu monstro demônio! — gritou Tim, voando para o olho bom da criatura.

Antes que o demônio tivesse tempo de reagir, estava com uma faca de pixie afundada até o cabo em seu olho. Ele gritou de raiva, e possivelmente de dor, tentando remover o objeto. Estava efetivamente cego desta vez, porque, como a faca era muito pequena, era impossível pegá-la com seus dedos com garras. Ele arranhava seu próprio olho tentando chegar à faca. Nada poderia ter sido mais

horrível de ver, exceto, possivelmente, o sexo que o monstro planejava para mim.

Tim subiu até o teto gritando:

— Jayne, empurre!

Vi minha oportunidade e a aproveitei. De minha posição toda torta nas escadas, coloquei as duas mãos no peito do demônio e o empurrei o mais forte que pude.

Foi como vê-lo descer em câmera lenta. Ele se inclinou para trás e agitou os braços, tentando recuperar o equilíbrio.

Ele estava praticamente cego e não podia me ver, de modo que arrisquei, mudando para uma posição melhor e chutando-o com força, com o calcanhar, para empurrá-lo para trás. Isso inclinou a balança a favor da gravidade — especificamente a gravidade do pé da escada.

Seu rugido de descontentamento ao perceber que estava caindo, incapaz de ver aonde estava indo, soou e ricocheteou nas paredes à nossa volta. Tapei os ouvidos para tentar bloqueá-lo. Era como se seus gritos trouxessem o puro mal do Mundo de Baixo para dentro de casa — um tipo de poder dos demônios.

Ele rolou no ar e caiu com um grande estrondo no pé da escada. Corri atrás dele até os últimos degraus e parei. Precisava fazer algo rápido, antes que ele recuperasse o equilíbrio. Tinha quase certeza de que o nosso acordo de fazer sexo em troca da segurança dos meus amigos era nulo e sem efeito agora. Como meu pai advogado diria, eu havia quebrado um contrato com o diabo.

Sem pensar nas consequências e com pouca sutileza, puxei o máximo d'O Verde que pude. Levei-o às palmas de minhas mãos e o recolhi, formando bolas de energia que pretendia lançar nele. Eu podia sentir o poder queimando em meus olhos. Tentei deixá-los fora daquilo, mas eles não pareciam querer obedecer.

O demônio estava meio em pé de novo, quando, de repente, a porta da frente se abriu.

Nunca fiquei tão feliz e tão louca por ver alguém como naquele momento.



Capítulo 22

— CHASE! O QUE ESTÁ FAZENDO AQUI?!

Sinceramente, eu pensava que ele não estava mais nem aí para mim. Fiquei emocionada por não ter mais dúvidas sobre sua dedicação, só de vê-lo ali no vestibulo da casa de minha mãe. Virei-me para ver o outro fae que estava com ele e fiquei imediatamente irritada.

— Por que você o trouxe?

Ben. Como se eu precisasse me preocupar com esse estúpido nesse momento. Como se meu dia não estivesse ruim o suficiente.

— Você precisa dele, Jayne.

— Foda-se! Preciso dele como preciso de outro buraco na cabeça.

— Não diga isso.

— Ouça, eu adoraria discutir isso com você, mas não agora. Tenho um demônio para matar.

Voltei minha atenção para o monstro negro que já estava em pé.

— Elementaaaaal — ele rosnou, virando a cabeça ensanguentada em direção ao local onde Ben estava. — Afaste-se, ou vou matá-la.

Ben o ignorou.

— Jayne, eu posso ajudar você.

— Cai fora da minha casa. Deve ter sido você que mandou esse idiota atrás de mim!

Subi dois degraus, tentando me afastar do demônio.

— Isso não é verdade, e você sabe! Eu cuidei de você durante um ano. Lamento que esse demônio tenha conseguido passar. Falhei com você. Deixe-me ajudá-la a mandá-lo de volta.

— O quê? O que você está dizendo?

Eu estava tão confusa! O demônio deu um passo em minha direção, usando o corrimão para se guiar. Dei mais um passo para cima também, rezando para não

tropear enquanto segurava essas bombas verdes nas mãos.

— Um demônio só pode ser mandado de volta por meio dos elementos. Precisamos combinar nossas forças para mandá-lo para o Mundo de Baixo.

Balancei a cabeça de lado a lado; parte de mim queria negar o que ele estava dizendo. Mas minha mente lógica assumiu o controle, fazendo-me lembrar que todas as armas que eu havia usado contra o demônio até então não fizeram absolutamente nada, exceto cegá-lo e fazê-lo sangrar. O que não significava muito, visto que ele já estava um passo mais próximo de mim que dois segundos antes, e, com o tanto que já sangrara, devia estar morto.

— Tudo bem, só desta vez. Diga-me o que fazer.

Era como se eu estivesse fugindo da cama de um demônio para cair na de outro. Meu senso de moralidade estava levando uma surra.

— Você precisa puxar a Terra e a Água. Vou trazer o Fogo e o Vento. Canalize-os através de suas mãos, não de seus olhos. Mantenha os olhos limpos. Não perca a concentração.

Ele deu quatro passos largos e entrou na sala, chegando ao pé da escada, um pouco ao lado.

— Olhe para mim. Concentre-se em meus olhos. Agora!

Olhei para ele, como me ordenou, mas não conseguia manter os olhos nele. Eu não parava de olhar para trás; o demônio estava avançando passo a passo em minha direção. Dei dois passos para trás, mas, se fosse mais longe, já não conseguiria ver Ben.

Ben estava muito preocupado e irritado, e seu reconhecidamente belo rosto estava começando a brilhar pelo fogo vermelho que subia de trás dele, sem tirar os olhos de mim.

Soprou um vento na casa, que entrou pela porta que Chase deixara aberta. Ele também estava na escada, a poucos passos do demônio do mal.

— Chase, na minha contagem — disse Ben, mostrando uma concentração feroz.

Não tinha ideia do que eles iam fazer, mas decidi não me preocupar. Se não pudéssemos matar essa coisa com a força combinada dos quatro elementos, eu teria de me conformar em perder a virgindade com um demônio cego assassino e dar à luz sua cria, ou cometer suicídio, entrando em meu elemento e não saindo

mais. Tinha certeza de que poderia descobrir como desaparecer desse jeito também. A tentação estava sempre ali, na verdade, nas trevas de minha mente sempre que eu tocava os elementos. Ironicamente, a ameaça de minha mãe ecoou em meu cérebro enquanto eu considerava a opção de ter um bebê demônio: “Um dia você vai ter um filho como você. Então, vai ver como é ser mãe”.

Deixei esses pensamentos para outra hora, porque os últimos dolorosos momentos de minha mãe na Terra e sua morte desnecessária ainda estavam muito frescos em minha mente. Olhei para o rosto de Ben. Ele ainda me olhava atentamente.

— Você consegue, Jayne. Concentre-se. Sinta seus elementos. Comande-os. Eles pertencem a você, não o contrário.

Estendi a mão cada vez mais longe. Chamei não só os seres vivos com suas raízes enterradas no solo, mas também as almas daqueles que habitaram este planeta, que se alimentaram dele e viveram e morreram em sua generosidade. Milhões e milhões dessas faíscas de energia encheram meu corpo, e lutei com tudo o que tinha para levar tudo isso através de mim e para minhas mãos.

O brilho verde nas pontas dos meus dedos aumentou cem vezes, engolindo completamente a escada e o hall de entrada.

— É isso aí, Jayne! — gritou Ben, encorajador. — Agora a Água! Puxe-a! Pegue-a!

Estendi a mão para a Água. Ela estava no ar ao meu redor... na Terra, que se comunicava com meu espírito. Veio do céu acima de nós. Veio das lágrimas que corriam por meu rosto em resposta a toda essa majestade.

Uma luz azul brilhante surgiu de meu corpo. Eu a retive, forçando-a a ir para as minhas mãos e se juntar a 'O Verde. O caos de verde e azul, e a seguir turquesa, que girava, bloqueava completamente minha visão do demônio.

— Não em seus olhos, Jayne, tenha cuidado! — gritou Ben. — Você consegue. Você o controla, não o contrário!

Não nos olhos, não nos olhos, não nos olhos, repetia para mim mesma. Por favor, não me deixe estragar tudo. Minha visão clareou um pouco e mais uma vez eu podia ver Ben.

— Muito bem! Agora... ao meu comando, nós o acertamos. Pronto?!

— Não! — gritei em pânico. — Não tenho a menor ideia do que você está falando!

Eu ia estragar tudo, eu sabia. Humilhação. Um elemental que era escravo de seus elementos.

— Eu sei que você consegue, Jayne, mas você precisa saber também. Tenha confiança. Você é a Mãe. Esses elementos saem de você. Agora, quando eu disser, jogue tudo no demônio.

Precisava esclarecer, já que não tinha certeza do que “jogar tudo” no demônio queria dizer exatamente.

— Quer que eu o exploda com isso?

— Sim! Exatamente!

O demônio tinha outra ideia, aparentemente não concordava em ser explodido. Eu podia ouvir seus passos correndo pelos degraus restantes, literalmente energizado de raiva cega.

— Agora! — gritou Ben.

No meio de um caleidoscópio de cores que não tinha só azuis e verdes, mas também vermelhos e violeta, graças aos elementos de Ben que se juntaram aos meus, vi as garras do demônio tentando me alcançar.

Com as bolas de energia armazenadas em minhas mãos, bati no peito do demônio, que, a essa altura, havia estendido a mão e segurado um dos meus braços.

O tempo pareceu parar por uma fração de segundo e a sala explodiu em cores. O som desapareceu imediatamente, e de repente parecia que eu havia ficado surda.

O demônio foi caindo escada abaixo de novo, só que, dessa vez, levando-me junto.

Eu não tinha mais energia acumulada. Estava nua dela, caindo lentamente para a morte por pescoço quebrado.

Com a outra mão tentei tirar Blackie da bainha, e, um instante antes de estar completamente no ar, consegui pegá-lo e esfaquear o braço da criatura. Senti imediatamente um cheiro de carne de demônio queimada; senti suas garras me

soltarem e caí.

Tarde demais. Era tarde demais.

Fechei os olhos para não ver como seria a minha morte. Não houve tempo suficiente para eu me enrolar como uma bola ou de outro jeito para me proteger de uma lesão; por isso, não fiz nada. Apenas atravessei o ar, como se estivesse em câmera lenta.

Esperei o impacto doloroso, que, por algum motivo, não aconteceu. Acabei aterrissando nos braços de alguém muito forte. Eu podia sentir seus músculos crescendo embaixo de mim conforme a força de meu peso o atingia. Era Ben? Fiquei de olhos fechados, porque não tinha a menor ideia do que havia acontecido, e minha mente me dizia que talvez não quisesse saber. Mas então, senti o cheiro de outra coisa, não fedor de demônio, e percebi onde estava.

Abri os olhos e vi o rosto de meu heroico demônio acima de mim. Ele me segurara quando eu estava prestes a bater no chão, quatro metros e meio abaixo de onde o demônio me pegara na escada. Olhei para o lugar onde eu deveria ter aterrissado e vi o corpo do demônio ali, amontoado. Parecia bem morto, de uma forma bem grotesca. Seus dois olhos estavam cegos; o sangue negro congelara não só ali, mas também por todo seu rosto. Flechas partidas se projetavam aleatoriamente de várias partes de seu corpo. Ele estava um desastre, nada sexy.

Chase caminhou em direção a Ben e gentilmente me colocou no chão ao lado do único outro elemental que eu conhecia no mundo. Não perdi tempo e me agarrei a Chase em um abraço bem apertado, tão feliz por estar viva e tão maravilhada por ele ter chegado a tempo de me salvar. Eu sabia que Ben merecia muitos créditos também, mas não estava pronta para concedê-los a ele. Parte de mim o culpava por tudo aquilo. Mas algo que ele havia dito poucos minutos antes me incomodava.

Soltei Chase e me virei para Ben.

— Obrigada por ajudar.

— Disponha — disse ele, fazendo meia reverência. — Estou feliz por ter chegado a tempo, antes de... bem... antes.

— Antes de eu ter sido estuprada?

Ele limpou a garganta.

— ã-ham. Sim, exatamente.

Ele olhou para o teto.

Olhei para ele com os olhos semicerrados, mas fui impedida de verbalizar meu pensamento pela chegada dos outros.

Tony, Céline, Finn e as gêmeas apareceram, vindo em nossa direção, hesitantes, olhando para a bagunça no chão e para mim, e vice-versa. Minha liberação d'O Verde aparentemente deixara cair o escudo de todos também. Tony parou ao meu lado, olhando para Ben e acenando com a cabeça em reconhecimento.

— Há quanto tempo você sabe sobre essa ameaça contra mim? — perguntei a Ben.

Ele suspirou.

— Podemos falar disso outra hora?

— Não. Não vejo por que esperar. Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro.

Ben olhou para Tony, e eu também. Silenciosamente, pedi-lhe apoio.

Tony disse:

— Eu também gostaria de ouvir a resposta, Ben. E, a propósito, obrigado por salvar minha melhor amiga. Eu lhe devo uma.

Ele me olhou com severidade.

— Ela lhe deve uma também.

— Ei! — disse eu —, não fique fazendo dívidas em meu nome. Eu decido se devo algo a alguém ou não. E quero uma resposta à minha pergunta antes de eu fazer essa conta.

Voltei-me e olhei para Ben.

— Então, confesse. Há quanto tempo você sabe?

Olhei para as gêmeas e vi que elas estavam quase salivando por Ben. Eu tinha de admitir, por mais raiva que tivesse dele, que podia entender a razão da atração. Mas isso não mudava o modo como eu me sentia: cautelosa e desconfiada.

— Eu vinha suspeitando há cerca de um ano, talvez um pouco mais, que você poderia ser interessante para alguns no Mundo de Baixo.

— Por quê? Você passa os fins de semana lá?

— Não — disse Ben imitando minha voz malcriada —, não é porque eu passo lá os fins de semana. Não é isso.

— E é o que, Ben? Estou muito curiosa — disse, com falsa doçura.

Ben expirou com força.

— Ouça, não estou aqui para brigar com você. Estou aqui para protegê-la. E achei que você seria um pouco mais grata.

— Estou grata. Mas algo me diz que você tem suas próprias motivações para me ajudar, por isso, perdoe-me por não cair a seus pés em adoração.

— Um simples obrigado seria suficiente — disse ele, ameaçando um sorriso.

— Obrigada. Pode ir agora.

— Jayne! — disse Tony, com desaprovação na voz. — Ele acabou de salvar sua vida! A vida de todos nós. Dê um tempo, por favor.

— Ele está escondendo alguma coisa, Tony, você sabe! Pare de ficar do lado dele.

— Eu não estou tomando partido, Jayne. Mas fico feliz por ele estar aqui. Ele a salvou de... bem... você sabe.

— Irgh. Nem me lembre.

— Sexo com um demônio do mal — disse Theresa, erguendo uma sobrancelha sugestivamente. — Parece bizarro.

Felicia a cutucou com o cotovelo, mas ela estava sorrindo.

— Cheque a libido, Theresa, antes que me faça vomitar em seus sapatos — ameacei, fazendo cara feia.

Theresa piscou para mim, mas não disse mais nada. Decidi, então, que devia apresentá-la a Spike — e Felicia também. Talvez eles pudessem se manter mutuamente ocupados por um tempo quando voltássemos ao complexo. E eu

tinha de admitir que estava feliz por poder voltar ao complexo. Sem Ben, não tinha certeza de que isso aconteceria.

Suspirei pesadamente.

— Ben, obrigada. Isso é tudo que vou dizer agora. Quero enterrar minha mãe e ir para casa. Foi um maldito longo dia.

— Entendo. De nada.

Ele olhou para Chase.

— Chase? Pronto para ir?

Chase assentiu.

Não sei por que pensei que ele ficaria comigo, mas fiquei desapontada ao ver Chase partir tão facilmente. Abaixei os olhos, tentando não começar a choramingar de novo.

— Acho que nos vemos por aí, Chase.

Ele pôs o dedo em meu queixo e levantou minha cabeça.

— Sem dúvida. Pode contar com isso.

Tirei a mão dele. Ele ia me fazer chorar se continuasse tão sério. Olhei ao redor.

— Onde está Tim? Alguém o viu?

Todo o mundo começou a olhar ao redor. Alguns olhavam para o teto e outros para o chão.

Um ruído chamou minha atenção.

— Shhhh! Acho que ouvi alguma coisa.

Mais uma vez o barulho. Parecia...

— É Tim! — gritei. — Ele está machucado. Eu o ouvi em algum lugar. Cuidado! — empurrei Tony para o lado. — Olhe onde pisa. Não sei dizer de onde vem o som.

Inclinei a cabeça para o lado tentando ouvir o barulho de novo. Mais uma vez, ouvi, na direção onde estava o demônio.

— Ah, merda — disse, caminhando para o corpo sem vida do demônio. — Chase, venha aqui. Finn, ajude. Levantem este pedaço de merda.

Chase e Finn correram para levantar a carcaça preta do chão.

Debaixo do demônio, quase inconsciente, estava Tim. Suas asas estavam enroladas em volta dele com força, fazendo parecer que estava dentro de um casulo diáfano e cintilante.

Inclinei-me e o segurei, colocando-o gentilmente em minha outra mão. Levei a palma até meu rosto e disse baixinho: — Tim? Amigão? Você está bem?

Suas asas pareciam bem, e agradeci em silêncio aos céus por isso. Acho que nenhum de nós aguentaria mais três semanas com um pixie preso ao chão.

— Ahhhh — gemeu ele, meio abafado porque suas asas cobriam seu rosto.

— Você quase foi esmagado. Consegue mexer as pernas?

Ele chutou minha mão debilmente com suas minúsculas perninhas.

— E os braços?

Ele abriu as asas e abriu os braços. Estava deitado, espalhado em minha mão, com os olhos ainda fechados.

Com o dedo da outra mão, toquei suas costelas.

— Sente isso?

Ele começou a rir baixinho.

— Pare — disse ele, — tenho cócegas.

Sorri e olhei para meus amigos, que estavam parados à nossa volta, em pânico, esperando pelo veredicto.

— Ele está bem. Só atordoado, acho.

Céline levou a mão ao coração, aliviada. Antes, sua mão descansava sobre seus lábios enquanto esperava os resultados de meu exame.

— Que alívio — disse Finn. — Pixies que não conseguem voar são... ãh... um desafio especial.

Eu sorri.

— Você quer dizer que são um pé no saco.

— É, pode-se dizer que sim — disse Finn, sorrindo também.

— Eu posso ouvi-lo — disse Tim, seco. — Não há nada de errado com meus ouvidos, sabia?

— Bem, então escute isto: Obrigada. Obrigada por furar o olho daquele bastardo. Você o fez desacelerar e deu a Ben e a mim tempo para acabar com ele. Você é o melhor.

— O melhor o quê? — perguntou ele com os olhos ainda fechados.

— O melhor pixie. O melhor colega de quarto.

— O melhor matador de demônios?

— Sim. O melhor matador de demônios.

Fui até a mesa do corredor, perto da porta da frente, e peguei uma caixinha — uma das muitas que minha mãe gostava de colecionar antes de Rick atrapalhar sua felicidade. Abri-a e a forrei com um monte de tecidos de outra caixa, colocando Tim dentro com delicadeza quando já estava adequadamente forrada.

— Esta é uma cama temporária para você, até que se sinta bem para voar de novo.

Tim abriu um olho, e depois o outro, e ficou com uma expressão de pânico no rosto.

— Isso parece um caixão!

— Não é um caixão, idiota. É uma caixa de comida japonesa.

— Tem tampa? — perguntou, ainda desconfiado.

— Sim.

— Não a coloque.

Revirei os olhos.

— Eu não ia... caramba! Você acha que eu ia ter tanto trabalho para salvá-lo do

regio da bunda desse demônio para sufocá-lo em uma caixa de comida japonesa?

Os olhos de Tim quase saltaram da cabeça.

— Eu estava no regio da bunda do demônio?! — gritou ele.

Eu ri, apesar de todas as coisas horríveis pelas quais havia acabado de passar.

— Sim. Era peluda.

— Ah, não... — suspirou Tim — acho que vou vomitar.

Ele se sentou e se inclinou sobre a borda da caixa.

— Estou brincando! — disse, apressadamente. — Nada de regio! Nada de bunda!

Tim ergueu os olhos lentamente, ainda pendurado na borda da caixa de madeira, e estreitou os olhos.

— Você é pura maldade, sabia?

Balancei a cabeça.

— De jeito nenhum. Eu olhei nos olhos da pura maldade... Na verdade, fui abordada de uma forma altamente sexual pela pura maldade, por isso, eu a reconheço quando a vejo. Eu não sou isso.

Tim se deitou de costas.

— Pfff. Não tenha tanta certeza.

Ele fechou os olhos e quase imediatamente começou a roncar.

Segurei a tampa a poucos centímetros de distância, tentada a colocá-la na caixa, só por um segundo; mas não o fiz. Voltei para onde estavam meus amigos, conversando uns com os outros na parte inferior da escada. Alguém havia arrastado o demônio para a sala de jantar. Eu só podia ver seus pés aparecendo na entrada.

— Bem, qual é o plano? — perguntei aleatoriamente.

Tony respondeu:

— Pedi às gêmeas que ficassem para ajudar a cuidar de sua mãe. Receio que, se você chamar algum profissional, teremos problemas com a polícia.

Ele estendeu a mão e segurou a minha.

— Ela foi assassinada — ele concluiu baixinho —, e você é a única aqui. Rick morreu.

— Então, o que acha que devemos fazer? — perguntei, confusa.

Céline entrou em cena para explicar.

— Há uma comunidade fae próxima que pode ajudar. Virá um pessoal para preparar o corpo para o voo. Vamos levá-la de volta conosco e realizar uma cerimônia de partida para ela em casa.

— Partida?

— Um funeral — explicou Tony —, no estilo do fae.

Balancei a cabeça, insegura para falar. Abracei a caixa de Tim, procurando com os olhos e encontrando Chase ali perto.

Ele se aproximou e colocou a mão em meu ombro.

— Vejo você em breve. Tomara que não seja em outra situação de emergência como esta.

Senti pânico de repente.

— Espere! E a casa de Tony?!

Chase balançou a cabeça.

— Não se preocupe com isso. Já passamos por lá. Foi ideia de Ben. Há um bilhete dos pais de Tony sobre o balcão dizendo que estão fora da cidade, em uma convenção. Não senti nenhum perigo lá.

Sorri debilmente.

— Tudo bem. Obrigada. Por tudo.

Vi Tony e Ben trocando olhares. Tony estava obviamente aliviado ao descobrir que seus pais não haviam sido assassinados como minha mãe. Tentei não ficar com inveja. Não queria que Tony sentisse uma gota da dor que eu sentia naquele momento.

Chase retirou a mão e caminhou em direção à porta da frente, com Ben logo

atrás. Eu não disse nada a ele porque já havia lhe agradecido o suficiente. Chegaria o dia em que eu o forçaria a me contar toda a verdade sobre quem ele era e por que esteve escondido em minha vida por tanto tempo. Mas hoje não era o dia.

Precisava andar no mundo humano sem me preocupar em ser presa pelo assassinato de minha mãe, por isso, esse era o dia de preparar o corpo dela para o enterro e remover qualquer sinal de seu massacre e da presença do demônio em minha casa. Tivemos de fazer parecer que ela e seu marido babaca haviam simplesmente desaparecido.

Esse seria, de longe, o pior dia da minha vida inteira.



Capítulo 23

DEPOIS DE LIMPAR A CENA DO CRIME e de as gêmeas aplicarem seus talentos no motorista da van para fazê-lo esquecer o pacote do tamanho de um corpo que havíamos delicadamente carregado em seu veículo, estávamos a caminho do aeroporto. Pouco tempo depois, chegamos a nosso destino e elaboramos um plano. As gêmeas distraíam o pessoal perto da recepção do aeroporto para que pudéssemos entrar no avião com nosso pacote de grandes dimensões — o corpo de minha mãe, coberto com o manto de Céline, nos braços de Finn.

Quando chegamos ao pé da escada do avião particular, Ivar saiu para nos receber, rápida e cuidadosamente tirando de Finn o corpo empacotado de minha mãe. Por alguma razão, o rigor mortis ainda não se estabelecera, de modo que ela jazia inerte, encapsulada, como alguém que havia acabado de desmaiar. Não queria pensar em por que seu corpo morto não se comportava como um cadáver normal. Sabia que ela havia partido e que não voltaria. Não tinha dúvida alguma da orientação de Tony pelo Cinza.

A viagem de volta ao complexo dos fae da luz foi tranquila na maior parte do tempo, a menos que consideremos meus ataques súbitos de tristeza, que com frequência me fizeram ir ao banheiro tentar me acalmar e lavar o rosto. Acabei caindo em um sono profundo, exausta. Sonhei com trevas e demônios e o rosto machucado de minha mãe. Nem dormindo pude escapar da tristeza que ameaçava me dominar. Mas uma coisa que eu não pude ignorar foi o fato de que de Céline sabia quem era esse demônio.

Acordei e tudo estava muito silencioso, todo mundo dormia ao meu redor. Ainda faltava pouco mais de uma hora de voo. Eu podia ouvir Tim roncando em sua caixa-cama. Queria fazer a Céline a pergunta que estava me incomodando, mas com um rápido olhar para seu lugar vi que ela não estava lá. Levantei-me e cautelosamente contornei a forma adormecida de Tony para encontrá-la.

Céline estava sentada diante de uma mesa no fundo do avião, passando uma porta estreita que levava ao pequeno escritório. Entrei, fechei a porta e parei diante dela, do outro lado da mesa.

Ela me olhou e deu um sorriso fraco. Dava para ver, por seus olhos vermelhos, que ela também andara chorando.

— Suas lágrimas são por minha mãe ou por Torrie?

Céline arregalou os olhos diante de minha pergunta, e, a seguir, baixou o olhar

para a mesa um instante.

Prendi a respiração à espera de uma resposta. Eu não sabia o que faria se ela dissesse “Torrie”.

— Eu estava preocupada com você, na verdade. — Ela olhou para mim. — Por ter visto sua mãe... torturada daquele jeito. Nenhuma criança deveria sofrer tanto.

Sentei-me, cansada, no banco em frente a ela.

— Nenhuma mulher deveria passar por esse tipo de espancamento.

Céline assentiu com a cabeça.

— É verdade, você tem razão.

— Ela foi uma péssima mãe algumas vezes, mas poderia ter sido muito pior. Muito. Ela não merecia viver com aquele demônio de merda.

Céline balançou a cabeça.

— Não sei o que acontece com certas mulheres. Eles veem uma centelha de potencial em alguém, talvez, e pensam que podem transformar essa faísca em um fogo brilhante. Transformar uma fera em um príncipe, talvez.

— Minha mãe caía fácil na lábia dos homens, e Rick tinha bastante.

— Bem, eu sei que ele devia ser mau para que o demônio o possuísse total e completamente. Você nunca suspeitou de nada, em todo esse tempo?

— Tudo o que eu sabia é que ele era um total e completo escroto. Um pedófilo, repulsivo, estúpido, um...

Céline limpou a garganta.

— Acho que já entendi.

Ela sorriu, demonstrando que não estava me censurando.

— Bem, agradeço sua preocupação, Céline, mas não precisa. Já estou calejada emocionalmente. Isso tudo só vai somar mais algumas cicatrizes a minha coleção. — Respirei, trêmula. — Eu vou superar, um dia.

— Sim. Muitas pessoas gostam de você. Inclusive eu.

Sorri por um momento e depois fiquei séria de novo.

— Você ainda não respondeu à minha pergunta.

Chega de assuntos melosos. Eu precisava saber toda a história sobre o que aconteceu com minha mãe.

— Então, quem foi Torrie?

Céline suspirou alto.

— Aquele que esteve diante de você hoje foi um demônio de grandes poderes. Não estou muito bem informada sobre a hierarquia dos demônios, de modo que você vai ter que falar com Anton ou talvez com um wrathe mais experiente do que nosso Tony. Mas creio que você não quer saber quem ele era hoje. Quer saber quem ele foi antes, certo?

— Sim.

— Torrie foi meu amigo muitos, muitos anos atrás. Um amigo íntimo. Na verdade, ele tinha algo com minha irmã. Torrie e eu éramos amigos de infância, e então, ele viu Malena um dia e tudo acabou para ele. Torrie a perseguiu muito firmemente por um longo tempo. Ela brincou com ele, nunca foi nada sério. Ela se afastou dele quando Anton entrou em cena. Mas, a essa altura, o coração de Torrie pertencia totalmente a Malena. Nada que eu fizesse ou dissesse poderia ajudá-lo a superar a perda dela. Um dia, bem... — ela suspirou de novo —, ele nos deixou. Eu não tinha ideia de aonde havia ido. Agora, pelo menos, sei onde ele foi parar.

Uma lágrima escapou de seu olho e rolou por seu rosto.

— Onde ele está agora? — perguntei. — Quero dizer, quando um demônio morre, para onde vai sua alma? Ele tem alma?

Ela sorriu sem humor diante de minha ignorância.

— Acredito que ele voltou para o Mundo de Baixo. Ele vai receber uma nova forma de demônio. Não creio que seu espírito tenha se apagado. O espírito nunca morre, apenas passa para outros reinos.

— Então esses sujeitos são como bastardos zumbis. Não podemos matá-los? Eles vão continuar voltando?

Ela deu de ombros.

— Realmente não sei. Sinto-me terrível dizendo isso, mas as consequências são impensáveis, agora que vejo que eles estão violando o espaço que separa os reinos. Estou tão no escuro quanto você.

Engoli os receios horríveis que tentaram chegar à minha boca e se manifestar pelos piores palavrões que eu conhecia.

— Esse Torrie... você acha que ele é alguém especial lá embaixo, no inferno?

— Pelo que ele disse, parece que sim.

— Talvez você possa convencê-lo a esquecer esse negócio de “Tenho de fazer aquilo com Jayne Sparks”.

Ela olhou para mim com uma seriedade absoluta.

— Se eu pudesse, faria isso. Faria o que fosse possível para impedir que algo deplorável assim acontecesse com você. Eu... Eu preciso falar com Anton e os membros do conselho sobre as coisas que Torrie disse.

Ela estendeu a mão por cima da mesa para pegar a minha, que de bom grado coloquei na sua.

— Quero que saiba que acho você uma fae incrível. Quando todos nós estávamos ali, tremendo de medo da visão grotesca que assaltava nossos sentidos, você teve a presença de espírito para fazer as perguntas certas. Se você estivesse tão aterrorizada quanto nós, não teríamos sequer uma pista de por que esses demônios têm você como alvo e por que os orcs continuam aparecendo em nosso reino.

Sorri timidamente, corando com seus elogios.

— Eu estava tão apavorada quanto vocês. Depois que ele disse que íamos fazer o trabalho sujo na câmara, tudo o que eu ficava imaginando era como seria o pau de um demônio do mal.

Céline retirou sua mão da minha e começou a rir. Os repiques de alegria extravasaram as paredes do minúsculo escritório. Ela levou a mão ao coração por um segundo, e, a seguir, retirou-a para abanar-se, dizendo:

— Ah, meu Deus, Jayne, você é uma figura. Ah, meu...

Ergui a sobrancelha.

— Vai me dizer que não pensou a mesma coisa?

Céline apontou o dedo para mim.

— Eu nunca direi isso.

— Ha! Sabia! Você deve ter ficado com inveja quando ele disse que seria meu amante, não foi?!

Estava brincando com ela, mas vi a tristeza brotar em seus olhos. Parei de sorrir.

— O-oh. Ops. Você gostava dele... Quando ele era Torrie, não é?

Os olhos de Céline estavam em algum lugar vazio de sua mesa, sem ver nada além de seu passado. Ela assentiu tristemente, sem dizer nada.

— Então você está dizendo que tem um gosto horrível para homens, assim como minha mãe.

Ela olhou para mim, chocada, mas depois sorriu.

— É, acho que sim. — Ela parou um segundo e disse: — Ah, como eu gostaria de ter tido uma filha como você, Jayne!

Fiquei meio chocada com a confissão.

— Para quê? Para se estressar a cada dia de sua vida? Foi assim que minha mãe se acabou comigo.

— Não. Eu teria olhado para você e sentido o prazer egoísta de saber que, de alguma forma, eu era responsável por sua beleza, inteligência, natureza amorosa e bravura feroz.

— Uau, Céline, acho que você bebeu um pouco demais dessas garrafinhas de vodka do avião. Onde as está escondendo? Ou já bebeu todas?

— Não. Não há vodka a bordo.

— Tudo bem, o uísque dopante de crianças trocadas de Ivar, ou o que quer que seja.

Ela sorriu.

— Não. Sinto muito, mas são apenas elogios sóbrios que você vai ter de encarar sem a ajuda do álcool.

Fiquei ali parada, decidindo se já havia ouvido tolices o bastante.

— Tudo bem, que seja. Obrigada, então. Vou fingir que não foi sua experiência de quase morte hoje que soltou um parafuso de sua cabeça.

Toquei na lateral de minha cabeça para enfatizar.

— Faça isso. Agora, vá acordar seus amigos. Chegaremos em breve.

Saí do escritório e entrei na cabine principal. Vi todos os meus amigos dormindo. Notei que Finn dormia com a cabeça em cima da mesa e os braços esticados o mais perto possível das gêmeas. Ambas estavam dormindo, inclinando-se o mais longe possível de seus braços.

Balancei a cabeça. Pobre rapaz! Ele não estava conseguindo nada; e fiquei feliz por isso quando visões do rosto de Becky começaram a dançar em minha cabeça. Ela já havia tido más notícias suficientes recentemente; não precisava descobrir que havia perdido Finn para duas to

sugadoras de energia.

Pisquei as luzes e disse em voz alta:

— Senhoras e senhores, o capitão ligou o aviso do cinto de segurança.

A luz se acendeu com um ding. Ergui os olhos e vi Ivar sorrindo discretamente para mim da cabine do piloto.

— Por favor, ponham as malditas poltronas na posição mais ereta e desconfortável imediatamente. Quem não cumprir as ordens será obrigado a dormir com o pixieman em seu travesseiro na próxima semana. E não recomendo, já que ele tem problemas intestinais frequentes.

— Ei! — gritou uma vozinha de dentro da caixa japonesa. — Essa é uma informação privada, Jayne!

Voltei ao meu lugar e propositalmente cutuquei a perna de Tony ao passar.

— Que foi? — gemeu ele. — Por que você está tão... cheia de energia?

— Não estou, bobão. Só estou feliz por voltar para casa.

— Hmm... eu também.

Ele se sentou e esfregou o rosto várias vezes, depois o cabelo. Estava todo descabelado, adorável. Dei-lhe um abraço.

— Estou tão feliz por você estar aqui comigo!

Ele deu um tapinha em meu braço, bocejando.

— Eu também, Jay ne. Eu também.

O resto do grupo lentamente se juntou a nós, acordando gradualmente com bocejos e espreguiçamento de braços. Ivar foi bonzinho e serviu café e rolinhos de canela para todos. Estavam quentinhos, e a cobertura perfeitamente derretida nas rachaduras da massa fofa. Revirei os olhos para o céu, caindo em um coma de felicidade induzido por açúcar. Pelos olhares nos rostos ao meu redor, eu não era a única.

Chegamos ao aeroporto e, sem perder tempo, descarregamos nossas malas primeiro. A seguir, Ivar surgiu da área onde havia cuidadosamente armazenado os restos de minha mãe, levando-a nos braços. Seguimos para a van, com um caixão amarrado em cima, onde Niles nos esperava. Tony e Finn desceram o caixão, dando um passo para o lado para que Ivar pudesse gentilmente colocar minha mãe dentro. Juntos, cobriram-na e ergueram o caixão de volta para o teto do veículo. Depois de prender a caixa de pinho com firmeza, entramos na van e partimos para o complexo. Não olhei para ela durante o processo, nem falei durante o caminho de volta. Eu não podia suportar a ideia de vê-la tão maltratada de novo, e não tinha nada a dizer a ninguém, perdida nas memórias de nossos melhores dias.

Quando estacionamos no limite da floresta, perto do caminho que conduzia à porta com o símbolo do avião no complexo dos fae da luz, notei alguns fae que reconheci. Já fora da van, tive uma visão melhor da entrada, e pude ver que não eram apenas alguns fae estranhos; havia um monte deles, alguns familiares e outros não, reunidos em grupos. Avancei lentamente em direção a eles com a mochila no ombro, imaginando o que estava acontecendo. Todos estavam muito sérios e olhavam para mim. Então, olharam para algo atrás de mim.

Voltei-me para ver o que estavam olhando e me surpreendi. Olhavam para o caixão de minha mãe. Olhei para Céline e ela balançou a cabeça uma vez. Não tinha ideia do que ela estava tentando me dizer.

Tony se aproximou e ficou ao meu lado, segurando a minha mão.

— O que está acontecendo, Tony? — perguntei, totalmente confusa.

— Eles estão aqui por sua mãe. Por respeito a você.

Lágrimas brotaram dos meus olhos.

— Não — sussurrei, sem acreditar que tantos fae podiam gostar de mim assim.

Eu não tinha certeza de querer que fosse verdade. Os sentimentos eram demasiado avassaladores para mim nesse momento.

— Sim — disse ele com firmeza, apertando a minha mão. — Você merece. Você é uma boa pessoa, Jayne. E é nossa Mãe. Agora, recomponha-se e, mantenha a cabeça erguida e vamos lá. Estou aqui com você, não vou sair daqui.

Esse era o Tony sensato, e eu sabia que não tinha escolha. De qualquer maneira, não me sentia forte o suficiente para tomar esse tipo de decisão. Fiquei contente por Tony tê-lo feito por mim.

Dei um passo adiante, mas, antes de poder completar o movimento, senti alguém por perto. Finn se posicionara do outro lado, com a mão orgulhosa em seu arco e o rosto cheio daquela dignidade silente que eu estava acostumada a ver nos honoráveis duendes verdes.

Ouvi outros atrás de mim e me virei para ver Ivar, Niles, Céline e as gêmeas, todos carregando o caixão de minha mãe. Vários fae próximos se juntaram a eles; muitas mãos tornavam o trabalho mais leve.

Um soluço irrompeu de minha garganta; virei o rosto para o lado, cobrindo-o por um momento, tentando me recompor. Todo o grupo de centenas de fae, de todas as raças, vestindo todas as cores de túnicas que eu conhecia, estava completamente silencioso na entrada do caminho, esperando que eu estivesse pronta.

Respirei fundo para me recompor. Tirei a mão do rosto coberto de lágrimas e a levei com o punho fechado ao coração, dando à minha família uma saudação de agradecimento. Recomecei a marcha, tomando o caminho que me levaria para casa.

Dos dois lados do caminho havia fae apresentando suas condolências. Conforme eu passava, cada um acenava para mim uma única vez, levando também o punho ao peito. Vi um movimento com o canto dos olhos e me virei para ver flores sendo jogadas no caminho dos outros atrás de mim. O caixão de minha

mãe flutuava sobre um campo colorido ao passar. Eu sabia que, se ela estivesse vendo, aquela procissão a faria feliz. Foi um adeus apropriado para uma mulher que amou seu jardim.

Achei que estávamos indo para a porta do avião, mas segui um caminho diferente criado pelos fae de cada lado e logo percebi que estávamos indo para o Campo Infinito.

Lá, esperando por nós, estava Dardennes e todos os membros do conselho. Estavam vestidos com elegância, de uma maneira que eu nunca os vira usar antes. Cada um tinha um manto de cor diferente, costurado com fios de ouro que brilhavam à luz da manhã. Uma sepultura já havia sido cavada e pontalotes e cordas instalados de ambos os lados para segurar o caixão de minha mãe antes de ser levado para baixo.

Dardennes estendeu a mão para mim, recebendo-me no seio do conselho. Todos eles sussurraram suas condolências para mim, e as lágrimas descontroladas corriam por meu rosto. O velho bruxo rabugento me entregou um lenço de papel, e eu lhe agradei com um ruído que parecia um sapo coaxando. Não pude dizer mais nada, de modo que fiquei ali, em silêncio, observando, enquanto o caixão era colocado sobre a cova e os fae se alinhavam trás, lentamente enchendo o campo.

Com todos já reunidos, Dardennes começou a falar, alto o suficiente para que todos ouvissem.

— Obrigado, gentis fae, por terem vindo até aqui dar adeus a esta humana. Essa mulher que foi mãe de um dos nossos, Jayne Sparks Blackthorn. Ela foi tirada desta Terra por aqueles que desejam fazer mal a Jayne e a todos nós. Devemos estar sempre vigilantes contra esse tipo de ódio e mal. E o primeiro passo para isso é o reconhecimento daquilo que nos liga a todos. O amor. Amor e comunidade. Família. Amizades. Pedimos a cada um de vocês que, a partir de hoje, tenham esse pensamento em mente. Sejam sempre conscientes das palavras que dizem, dos sentimentos que abrigam pelos outros. Aqueles que nos querem mal tirarão partido de qualquer fraqueza, inclusive a fraqueza de uma criança para com sua mãe, por mais imperfeita que essa mãe possa ter sido.

Dardennes lançou-me um olhar que disse mais do que qualquer palavra.

Eu sabia que muitos desses fae estavam cientes do que minha mãe havia feito, dos erros que cometera, mas não usariam nenhum deles contra mim, e nem me menosprezariam por isso. Eu sabia que a impressão que tinham de mim se baseava nas decisões que eu tomara sozinha. Estava por minha conta agora. Mas,

de novo, não estava. Eu tinha todos esses seres — esses seres de Luz e Amor — apoiando-me em minhas aventuras neste reino. Pela primeira vez na vida, não sentia como se fôssemos só eu e meu melhor amigo, Tony. Eu fazia parte de algo muito maior.

Acenei com a cabeça para Dardennes para mostrar meu apreço por sua gentileza.

Ele prosseguiu:

— E então, deixamos que Marcie Blackthorn Sparks descansa neste dia. Que ela possa encontrar o caminho para os Campos Elisios, para viver o resto da eternidade em paz. Que assim seja!

— Que assim seja! — repetiram todas as vozes ao meu redor.

— Que assim seja — disse baixinho, já que minha voz era incapaz de alcançar o volume adequado.

As lágrimas e a tristeza deixaram minha garganta em carne viva. Mas eu sabia que minha mãe, onde quer que estivesse, teria me ouvido. Era só isso que importava.

O caixão foi baixado lentamente para a sepultura e as cordas flutuaram para longe sem que ninguém as tocasse. Eu podia ver o normalmente ranzinza — mas agora apenas um bruxo sóbrio do conselho — murmurando algum encantamento, com a mão estendida em direção à caixa de pinho. Ele a estava baixando com magia, o que me pareceu perfeito.

Flores começaram a seguir o caixão na cova. Uma após a outra, centenas e logo milhares de flores foram jogadas, ou caíram, pelos fae que passavam em fila pelo túmulo.

Meus amigos mais próximos formaram fila, cada um com uma pá. Abraçaram-me, um de cada vez, e em seguida se dirigiram ao monte de terra ao lado da cova. Primeiro individualmente, depois todos juntos, começaram a jogar pás de terra sobre o caixão, sobre as flores. Novas flores eram adicionadas quando iam se misturando com o solo rico. Quando faltava um pouco de terra e a cova estava quase completamente coberta, Dardennes se aproximou, pegou a pá de Finn e a entregou a mim.

Balancei a cabeça, incapaz de fazer o que ele queria.

— Você precisa fazer — disse ele calmamente.

Peguei a alça de metal quente na mão, deixando a pá apoiada em minha cintura. Vi Robin d'O Verde sair no meio da multidão, com uma pequena árvore na mão, com suas raízes pendentes. Ele foi até a terra recém-jogada sobre o local de descanso eterno de minha mãe e colocou a muda em uma pequena reentrância que fez rápida e habilmente no solo. Levantou-se e segurou-a por cima, fazendo um gesto de cabeça para mim e, a seguir, olhando sugestivamente para a terra restante.

Aproximei-me devagar, percebendo o que tinha de fazer. Joguei uma pá de terra, e depois outra, na base da árvore, cobrindo todas as raízes, deixando a muda totalmente plantada sobre o túmulo de minha mãe.

— Por favor, vamos nos reunir e dar as mãos — disse Dardennes.

Vi todos os fae no prado estendendo a mão e segurando a do colega ao lado. O Verde correu para dentro de mim espontaneamente, parecendo quase desesperado e necessitado em seu desejo de participar da comovente cerimônia.

Larguei a pá e ajoelhei no solo ao lado da árvore. Olhei para Dardennes, que sorriu para mim e balançou a cabeça, dando-me coragem.

Coloquei a mão sobre o pequeno e delicado tronco da árvore bebê e senti instantaneamente O Verde se juntar a mim no ponto de contato. Falei, primeiro com suavidade e gradualmente mais alto, com a voz rouca e áspera, quase sem pensar. Sabia exatamente o que fazer para minha mãe e para os incríveis fae ao meu redor que se solidarizavam com meu sofrimento.

— Chamo os elementos Terra e Água em mim. Chamo a energia dada e recebida, vinculada às criaturas da Floresta Verde. Peço que se unam e mostrem sua Luz na forma desta árvore. Para todos e para sempre! Somos fae juntos! Que nenhum monstro ou criatura das trevas jamais nos separe!

Senti a conexão amplificada até ficar quase insuportável. Não tomou meus olhos, mas atravessou meu corpo até a pequena árvore. Em poucos segundos ela começou a crescer. Rapidamente levantei, mantendo a mão no tronco. Os fae ao meu redor se afastaram, com os olhos cheios de admiração. Mas dava para ver que ninguém estava com medo; e fiquei feliz por isso. O que estava acontecendo ali era repleto de luz e bondade. Estava orgulhosa por estarmos fazendo aquilo juntos. Foi nosso espírito combinado que permitiu que acontecesse.

Dei dois, depois três e quatro passos para trás conforme a árvore continuava a

crescer, estendendo-se para o céu. A circunferência do tronco aumentava, enquanto a casca passou da superfície lisa de uma árvore nova à mais dura e rugosa casca marrom, madura. Podia sentir suas raízes descendo cada vez mais fundo na terra, absorvendo nutrientes e água. A terra resmungou um pouco quando as pernas da árvore tomaram lugar entre suas vizinhas, as outras árvores e plantas próximas.

Por fim, interrompi o contato quando senti as mudanças na árvore desacelerarem. Ergui os olhos com espanto e olhei para o ser que havia crescido, indo em cerca de dois minutos de uma muda a um poderoso carvalho com amplos galhos que ensombravam o espaço onde o corpo terreno de minha mãe descansaria até que virasse pó. Novas folhas verdes foram se desfaldando no céu da manhã, e eu podia ouvir seus delicados corpos, feito papel de seda, abrindo-se com suaves sussurros. Duas se soltaram e caíram na terra sob meus pés. Inclinei-me e as apanhei, agradecendo à árvore, por meio de minha relação com O Verde, por sua beleza e coragem. Não é fácil crescer tão rápido assim. Ninguém sabia disso melhor do que eu naquele momento.

Afastei-me da árvore e me virei, segurando suavemente as folhas na mão. Olhei para meus amigos, sinalizando com a cabeça que queria que me acompanhassem.

Finn, Felicia, Theresa, Tony e eu começamos a caminhar para a porta que nos levaria ao complexo. Tim montou em meu ombro, em silêncio pela primeira vez na vida. Spike nos esperava no limite do campo e se voltou para nos acompanhar. Olhei para a esquerda, em direção à parte mais profunda da floresta, onde havia entregado Chase aos fae das trevas, e vislumbrei três deles nas sombras. Sem vê-los claramente eu sabia que eram Chase, Becky e Ben, que foram prestar suas últimas homenagens à minha mãe. Não me preocupei em fazer nada além de levantar a mão em agradecimento. Eles acenaram para mim e sumiram na escuridão das árvores.

Mantive a cabeça erguida durante todo o caminho para meu quarto, e depois desmorenei em soluções, cercada por meus amigos.



Capítulo 24

DORMI DURANTE VINTE E OITO HORAS DIRETO. Eu já havia ouvido falar de pessoas que faziam isso, e sempre me perguntara como conseguiam, sem fazer xixi na cama. Aprendi que meu corpo é capaz de grandes coisas sob enorme estresse. Acordei em uma cama seca, com todos os meus amigos dormindo no chão em volta de mim.

Sentei-me, notando o silêncio ao meu redor. Deve ser assim ser um urso na caverna no inverno. Estava um pouco fedido com todos aqueles corpos e coisas, e dois deles roncavam suavemente. Tim não era tão suave; seus roncos eram altos, tipo madeira sendo serrada, como de costume.

O lugar estava uma bagunça. Netter deve ter tido um ataque devido à falta de chocolate e às péssimas condições de trabalho. Sinais me diziam que meus amigos haviam feito as refeições ali. Devo ter parecido morta, não ouvi nada. Pensei nisso um segundo e percebi que não conseguia me lembrar sequer de ter sonhado alguma coisa. Talvez alguém houvesse colocado um feitiço em mim para que eu pudesse ser a Bela Adormecida por um tempo.

Bocejei, senti o cheiro de meu próprio hálito, e decidi: não, eu definitivamente não era nenhuma Bela Adormecida. Certamente aquela garota nunca teve um hálito como esse em toda sua vida. Eca! Saí da cama e, na ponta dos pés, passei entre meus amigos, parando no armário onde guardava minha escova e a pasta de dentes.

A cabeça bem raspada de Scrum surgiu rapidamente do chão.

— Jayne? Você acordou! — disse ele, piscando algumas vezes.

— Sim — sussurrei.

Eu não tinha ideia de que horas eram, mas não queria acordar ninguém.

— Ei, pessoal! Jayne acordou! — disse ele, animado.

— Shhhh! — gritei em sussurro. — Eles não precisam levantar só porque eu levantei.

— Claro que precisam. Temos uma assembleia para ir assim que você se levantar. Essas foram as instruções.

— Instruções e assembleia o caralho.

Caminhei entre meus amigos até a cômoda, abrindo gavetas para pegar roupas limpas e uma toalha.

— Não vou a lugar nenhum enquanto não tomar um bom banho quente.

Felicia se sentou e cutucou a irmã.

— Treese, acorde. Vamos lá.

Olhei para elas, fechando as gavetas e sacudindo a cama de Tim o suficiente para que ele parasse de roncar.

— Vocês não vão comigo.

— Vamos sim.

— De jeito nenhum. Já tive momentos sexy suficientes por um bom tempo, muito obrigada.

Tremi, esforçando-me para bloquear a proposta do demônio em minha mente.

— Nós armazenamos um pouco de sua energia. Temos de devolvê-la. Depois, vamos deixá-la sozinha para tomar banho; mas Theresa nos ofereceu para sermos suas cabeleireiras hoje, por isso, voltaremos ao banheiro quando você acabar.

Theresa se sentou lentamente.

— Que horas são? Onde estamos?

Felicia se levantou e estendeu as mãos para a irmã.

— Vamos lá, dorminhoca. Levante-se.

Theresa segurou as mãos da irmã, franzindo a testa, confusa e cansada. Em seguida, olhou para mim e inclinou a cabeça, como se, lentamente, fosse encaixando as peças. Ela se endireitou e sorriu.

— É hora de revertermos nosso trabalho.

— Sim — concordou a irmã.

— Não — disse eu.

— Sim! — responderam ambas em uníssono, movendo-se em minha direção.

Recuei, com a intenção de chegar mais perto da porta, mas elas usaram aquele modo de corrida super-rápido que os malditos incubos e súcubos têm e chegaram a mim, empurrando-me de volta para a cama.

— Scrum! — gritei em pânico.

— Não se preocupe, Jayne — disse ele, totalmente desconcertado —, elas não vão te machucar. Deixe-as acabar logo com isso.

Caí de costas na cama, segurando minha roupa, a toalha, a escova e pasta de dentes contra o peito. Mas eram um escudo inútil contra duas súcubos muito determinadas.

Theresa e Felicia ajoelharam à minha frente, encarando-me. Eu olhava ao redor, sem saber bem a quem estava procurando.

— Relaxe — disse Felicia, levantando a mão para acariciar meus cabelos de um lado.

Theresa fez a jogada do espelho do outro lado de meu rosto, então, senti que os dois lados de minha cabeça estavam sendo afagados ao mesmo tempo.

— Feche os olhos... relaxe... vai acabar logo...

A voz de Theresa era tão hipnótica que me senti entrando em transe. Não fiquei completamente ausente, só o suficiente para me sentir bem com o que as gêmeas estavam fazendo.

Logo senti algo entrar em meu corpo — algo energizante e animador. Quase pude sentir o cheiro daquilo. Era como uma xícara de café expresso direto no cérebro, coração e pulmões, tudo ao mesmo tempo. Era a primavera personificada. Sorri conforme aquilo enchia cada centímetro de meu corpo, bombeando em minhas veias e penetrando minhas células. Abri os olhos e vi a última parte de um rastro de fumaça saindo dos olhos delas e indo para meu nariz.

— Que diabos foi isso? — sussurrei.

Theresa e Felicia deram de ombros ao mesmo tempo. Felicia explicou:

— Um pouco de sua essência que estávamos guardando para você, para que pudesse dormir tranquilamente e melhorar.

— Vamos cobrar isso depois — disse Theresa, levantando-se e limpando os

joelhos.

— Aceitam chocolate? — perguntei, ainda deslumbrada com a sensação de revitalização em meu corpo.

— Bem... não — disse Theresa. — Mas tenho certeza de que você pode pensar em alguma coisa.

Ela passou o olhar pela sala e eu o acompanhei para ver a que estava se referindo.

Spike estava deitado, dormindo, no canto, com a boca aberta em um meio-sorriso. Seus dentes brilhavam na escuridão da sala.

— Vocês querem... Spike? Não sei se ele é meu para que eu o possa dar.

— Nós não precisamos que você o dê para nós — explicou Felicia. — Só precisamos que diga se tudo bem para você se ele nos der uma chance. Parece que ele está se segurando com a esperança de que você seja sua primeira e única.

— Ah — disse eu. — Merda. Que droga. Para ele, quero dizer.

Felicia e Theresa fizeram uma dancinha, felizes, segurando as mãos uma da outra à altura do peito e pulando para cima e para baixo no lugar, dez vezes, bem rápido. Elas olharam para mim, vermelhas, sorrindo de orelha a orelha.

Balancei a cabeça.

— Vou falar com ele depois. Tenho certeza de que ele vai ficar mais do que feliz de... humm... sair com vocês.

Theresa ergueu uma sobrancelha.

— Posso curtir isto aqui mais uns minutos? — perguntei. — Eu ainda estou superando toda essa coisa de amante do demônio.

Felicia estendeu a mão e tocou meu ombro, acariciando-o.

— Nós entendemos. Nem nós gostamos daquele sujeito, e isso significa muito, porque normalmente ficamos animadas com qualquer pessoa que tenha energia.

— E a energia de Rick? — perguntei, por curiosidade mórbida.

— Já comeu um pedaço de carne podre? — perguntou Theresa.

Balancei a cabeça.

— Já cheirou algo podre? — perguntou Felicia.

— Já. Eu tenho uma máquina de peidos como colega de quarto.

— Ei! — Ergueu-se uma vizinha do outro lado do quarto.

— Tudo bem. Imagine isso em forma de gosto — explicou Felicia.

— Esse era o gosto do marido de sua mãe. Logo vimos que ele não era o que fingia ser.

— Vamos lá — disse Theresa, dando um passo para trás e puxando a irmã. — Isso é passado. Já superamos. É hora de ficar bonita.

Ela fez um gesto em direção à porta.

Levantei-me e caminhei até o banheiro, descobrindo em primeira mão como era ter molas nos pés. Parecia que eu havia ido praticamente pulando. Se estivesse de rabo de cavalo, teria ficado balançando de um lado para o outro, como uma líder de torcida louca. Energia armazenada por súcubos era outra coisa.



Capítulo 25

EU NUNCA HAVIA DEIXADO NINGUÉM ARRUMAR MEU cabelo antes, a não ser a moça do salão de cabeleireiro. Normalmente, nos poucos momentos do ano em que me dava o trabalho de cortá-lo, a cabeleireira o consertava para mim, e eu parecia uma pessoa diferente por um ou dois dias, até que o lavava de novo. Normalmente eu só fazia o rabo de cavalo de praxe. A umidade era péssima na Flórida, o frizz logo acabava com qualquer tentativa de fazer algo diferente, fazendo que qualquer esforço fosse uma perda de tempo. Eu era preguiçosa com meu cabelo e não tinha remorso algum.

As gêmeas haviam chegado ao complexo dos fae da luz com o que parecia um salão de beleza completo a reboque.

— Que merda é essa? — perguntei, pegando um tubo da prateleira a minha frente.

Eu estava no banheiro, usando uma túnica limpa e jeans, sendo atendidas pelas súcubos rainhas da beleza. Elas haviam me colocado em uma cadeira na frente dos espelhos, mas fiquei baixa demais para ver qualquer coisa, exceto a prateleira e a pia à minha frente.

— É cera de cabelo. Não mexa — disse Theresa, tirando-o de minha mão e colocando-o de volta na prateleira.

— Você vai encerer meu cabelo?

— Não, boba. Vamos passar um produto que vai proteger seu cabelo do calor da chapinha e segurar os cachinhos que fizermos. Chega de cabelo cheio de frizz.

Franzi a testa, mas não disse nada. Eu não sabia se gostava de cachos, mas estava curiosa o suficiente para não discutir. E cabelo sem frizz me pareceu bom.

As meninas conversavam enquanto puxavam meu cabelo e faziam cócegas em minha cabeça com suas escovas e pentes. Fiquei imaginando se isso era o que sentiam as estrelas de cinema, e pensei que eu devia ter tentado usar a peça da escola do ano passado como um trampolim para Hollywood. Eu poderia me acostumar a ter alguém fazendo isso comigo todos os dias. Era relaxante, mesmo que às vezes puxassem meio forte demais.

— Ai! Cuidado, Felicia. Quero manter meu cabelo na cabeça.

Ela deu uma risadinha.

— Opa. Desculpe. Seu cabelo ficou na bunda da escova.

Theresa riu.

— Você disse bunda!

Revirei os olhos.

— Ainda não acabaram?

Eles estavam começando a me fazer lembrar de Tim. Ele queria estar ali conosco, mas, quando sugeriu, comecei a imaginar com quantas marcas de queimadura acabariam em minhas orelhas e no rosto se as gêmeas e Tim estivessem ali e se distraíssem. Então, eu disse a ele que tinha de esperar do lado de fora. De vez em quando ele gritava do outro lado da porta, perguntando se já podia ver.

Felicia passou para frente, usando os dedos e as palmas das mãos para dar uma ajeitada no efeito global. Então, disse: — Pronto. Levante-se e veja nossa obra-prima.

Levantei-me e vi meu reflexo e os rostos das gêmeas no espelho. Elas me olhavam sorrindo de orelha a orelha. Não pude dizer nada, exceto: — Uau!

Foi uma surpresa para mim também. Eu estava diferente — glamourosa, até.

— Onde está meu vestido de baile? — perguntei, girando lentamente a cabeça de um lado para o outro, analisando a mágica transformação de todos os ângulos.

Eu estava brincando, mas Felicia e Theresa trocaram olhares dissimulados e a primeira disse: — Já volto!

E saiu do banheiro apressada.

Semicerrei os olhos, olhando para Theresa.

— Não sei o que vocês têm nessa mente tortuosa, mas não vou usar nenhum vestido de baile. Vocês não podem me obrigar.

Theresa sorriu, enigmática, mas não disse nada. Ela foi até a porta e a abriu, gritando: — Tim! Pode entrar agora!

Ela esperou até que ele entrasse e bateu a porta atrás dele.

— Santas bolas de morcegos, Jayne, você está... uau... Quero dizer. Nossa! O que aconteceu aqui?

— Não precisa ficar tão surpreso — respondi, secamente.

— Preciso sim. Se você passa da garota do rabo de cavalo a uma modelo de capa de revista, preciso sim.

Ele ficou sobrevoando ao redor dos equipamentos das meninas, passando entre os potes de gosmas e sprays e outras porcarias que elas haviam usado em mim.

— Há alguma tiara nessa bagunça? Quero vê-la com uma tiara nessa grande cabeça velha dela.

Enxotei-o com as mãos.

— Eu não tenho cabeça grande. Saia daqui.

— Não se preocupe, Jayne — disse Tim, feliz. — Isso significa que você tem um grande cérebro.

Revirei os olhos, recusando-me a morder sua isca. Eu tinha uma assembleia para comparecer, e não achava que conseguiria me esconder na fileira de trás. Embora Scrum não me houvesse dado mais informações, sabia que essa assembleia tinha a ver com o fato de eu ter voltado para casa e o demônio que havia encontrado lá. Eu duvidava que as súcubos houvessem arrumado meu cabelo daquele jeito para que eu fosse a fae discreta que queria ser, sentada no fundo da sala e me irritando com as coisas que aconteciam lá na frente. Não, esse cabelo era para ser exibido... ou para caminhar até a guilhotina. Minha cabeça ficaria linda ao cair no chão.

Felicia voltou ao banheiro com um pacote bem grande, enrolado em um pano macio, creme, e amarrado nas quatro pontas com um fio verde. Ela o estendeu para mim, esperando que eu o pegasse.

Olhei para o pacote e para ela com desconfiança.

— Eu não vou usar um vestido de baile.

Mantive as mãos na lateral do corpo, recusando-me a pegar aquilo.

Ela riu.

— Não é um vestido de baile, Blackthorn. Pegue.

— Blackthorn? Por que me chamou assim?

— É seu sobrenome, e combina com você — explicou ela. — Uma linda flor cercada por madeira resistente e espinhos terríveis. Com magia dentro para afastar o mal. Você conhece... o abrunheiro.

Theresa entrou na conversa.

— É você, querida.

Estendi a mão lentamente para pegar o pacote, sentindo seu pouco peso nas mãos. Imaginava que fosse mais pesado, por algum motivo. Coloquei-o na cadeira para que pudesse desembulhá-lo.

— De quem é? — perguntei. — De vocês?

— Não — respondeu Theresa, sem dar qualquer outra explicação.

Olhei para ela, mas tudo o que consegui foi um sorriso misterioso. Continuei lutando com o fio, sem conseguir abrir.

— Não tema, Tim está aqui! — gritou ele, descendo com sua faquinha para cortar os últimos vestígios do fio.

— Obrigada, super-herói — disse eu, desdobrando as bordas da embalagem.

A primeira coisa que notei foi a cor da coisa ali dentro. Era um turquesa muito escuro, e imediatamente me fez lembrar as cores que giravam em mim quando combinei os elementos Terra e Água. Fiquei sem fala um instante, estendendo a mão para pegar com cuidado o tecido para ver o que era.

Quando tirei o presente do pacote ele se desenrolou rapidamente e partes caíram em direção ao chão, brilhando. A cor que eu havia pensado que era azul esverdeado sólido era, na verdade, as duas cores juntas, e depois, mais uma vez, separadas. Criava uma espécie de ilusão, sendo primeiro turquesa, depois verde, depois azul, e a seguir os três girando juntos. Era fascinante. Lindo. Mágico.

Ouvi os suspiros de minhas cabeleireiras e soube que elas estavam tão impressionadas com o presente quanto eu. Elas se aproximaram para ver melhor, admirando a beleza brilhante que eu segurava diante de seus olhos.

— O que é isso? — perguntei em voz baixa, virando-o para a esquerda e para a direita e olhando em cima e embaixo, tentando descobrir o que fazer com aquilo.

— É um manto — disse Tim com uma voz muito reverente e respeitosa. — É um manto de membro do conselho.

— O quê?! — gritei, deixando o manto cair com o choque.

As gêmeas pularam para trás, assustadas com minha súbita explosão, e Tim saiu girando freneticamente pelo banheiro.

— De jeito nenhum! Eu não vou usar essa coisa! — gritei.

Felicia rapidamente se abaixou e o recolheu do chão, dizendo:

— Você tem que usar, Jay ne. É uma honra!

— É sério, Jay ne. Felicia não está brincando — disse Theresa, toda séria. — Não sei o que significa isso; é uma surpresa tanto para nós quanto para você. Mas você não pode rejeitá-lo. Isso não se faz.

Tirei a coisa de Felicia e fiz uma bola com ela, jogando-a na cadeira.

— Bem, eu posso e vou.

Preparei-me para sair, mas Tim desceu e voou para meu rosto, bloqueando minha passagem. Se eu quisesse continuar, esmagaria Tim em minha cara. E a ideia de ter um pênis protuberante de pixie esfregado em meu rosto, possivelmente em meu nariz, não era uma opção.

— Saia do meu caminho, Tim — disse eu, ameaçadora.

Esforcei-me para que o fato de eu ficar vesga tentando focar um duende a três centímetros de distância não tirasse a força de minhas palavras.

— Não. Primeiro, ouça. Tenho algo importante para lhe dizer.

Cruzei os braços e fechei os olhos para lhes dar um descanso.

— Você tem um minuto.

Eu podia ouvir as asas de Tim batendo quando ele recuou. Abri os olhos e o olhei de cima, praticamente desafiando-o a me dar uma boa razão para ouvi-lo.

— Tudo bem. O que eu ia dizer é que... ähhhh...

— Foi o que eu pensei — disse eu, ameaçando passar por ele.

— Não! Eu sei o que vou dizer. Espere! Você está me estressando. Eu travei por causa da pressão.

Revirei os olhos.

— Muito bem. Você ainda tem trinta segundos.

— Está bem — disse Tim, respirando fundo. — O que eu ia dizer é que você deve aceitar a nomeação de membro do conselho. Primeiro, claro, porque é uma grande honra. Como você sabe, eles são poucos, e o cargo é vitalício. Não vemos mudanças no conselho com muita frequência. E você mesma disse que eles são muito velhos e que não mudam de ideia sobre coisas importantes com a frequência necessária. Você poderia consertar isso!

— Lamento, não é o suficiente.

Comecei a andar de novo.

— Espere, não acabei! — gritou Tim, erguendo a mão. — Há mais coisas. Primeiro, você participará de todas as decisões importantes para nossa comunidade. Pense nisso! Camas macias! Dois travesseiros em vez de um! Doritos no bufê!

Franzi o cenho.

— Desde quando você gosta de Doritos?

— Está brincando? Eu amo Doritos! Quem não ama?

— Então, quer que eu seja membro do conselho eternamente para você poder comer Doritos no almoço?

— E no jantar também. E no café da manhã, se eu quiser. Você será a chefe, então, o céu é o limite.

— Desculpe, mas nada feito. Você vai ter que ir para o México.

Comecei a andar de novo, mas, dessa vez, Tim ficou sério.

— Meninas! Peguem-na. Tenho que dizer a última parte!

As duas se aproximaram e ficaram ao meu lado, mas não me tocaram.

Levei a mão à perna para pegar Blackie, mas amaldiçoei a mim mesmo quando

percebi que o havia deixado no quarto. Suspirei.

— Tudo bem. Última tentativa. O que é?

— Se você estiver no conselho, ficará unida aos outros membros.

Olhei para ele com nojo.

— Eca! Isso era para me convencer? Porque só o que está conseguindo é fazer eu me sentir melhor com a decisão de recusar.

— Sim, é para convencê-la, bobona. Porque, se estiver convencida, será muito mais difícil desaparecer em seus elementos. Eles podem mantê-la aqui conosco, Jayne.

De repente, ele ficou todo tímido.

— E eu... bem... eu gostaria que você estivesse por perto.

Tim limpou a garganta, e, a seguir, deu umas voltas no ar, como se isso fosse necessário para se livrar da emoção que foi se misturando às suas palavras.

De todas as razões que ele havia me dado para vestir o manto, a última foi a mais convincente; apesar de que a ideia dos Doritos tinha seu apelo. Mesmo naquele momento, na relativa segurança daquele banheiro, cercada por meus amigos, eu sentia a força da Terra e da Água me puxando. Eu sabia que eles ficariam felizes — se é que era possível que um elemento sentisse uma emoção — se me juntasse a eles por toda a eternidade. Era como se eu fosse um pedaço deles, de alguma forma separado. Ninguém, e nenhum elemento, gosta de ter um pedaço de si separado. Desde que eu ouvira falar do elemental do Vento que havia desaparecido em seu elemento, que nunca mais havia sido visto em lugar nenhum, tinha um pouco de medo de sofrer o mesmo destino. Houve momentos, mesmo diante daquele demônio, em que hesitei em chamar O Verde — ou o chamei com relutância, depois de perceber que não tinha escolha —, porque tive medo das consequências. A única exceção recente havia sido a árvore para minha mãe; mas isso foi diferente. Eu usei a força para me conectar com O Verde para criar, não destruir. Eu podia fazer isso o dia inteiro sem me preocupar em desaparecer. Mas a luta com os fae das trevas, orcs e demônios mexia com uma força mais destrutiva — que poderia, eventualmente, me destruir também.

Voltei e peguei o manto, segurando-o nas mãos. O tecido era macio e fresco, quase como seda, quase tão leve quanto o ar. Eu podia sentir um calor crescendo nas palmas de minhas mãos. Poderia apostar que o manto era fresco no verão e

quente no inverno, e que qualidades mágicas o tornavam confortável o ano todo.

— Quem me deu isto? — perguntei a ninguém especificamente.

— O conselho — disse Tim. — É assim que eles fazem. Não há nenhuma cerimônia formal ou apresentação. O manto é entregue e você opta por usá-lo ou não.

— E se eu quiser dá-lo a outra pessoa? Como Tony, por exemplo.

Tim balançou a cabeça.

— Não. Não pode. O manto não vai servir nele.

Eu não tinha certeza de que acreditava nele. Olhei para Felicia.

— Vire-se.

— O quê? — perguntou ela, confusa.

— Vire-se. Quero fazer um teste.

Ergui o manto para colocá-lo sobre seus ombros.

Ela empalideceu.

— De jeito nenhum! — disse ela, erguendo as mãos enquanto se afastava. — Não quero esse tipo de vodú em mim.

— Eu coloco — disse Theresa de cabeça erguida, desafiadora.

— Não, Theresa! — advertiu Felicia, com ansiedade na voz. — Você não deve!

Ela deu de ombros.

— Qual é o problema? É só um manto.

— Eu não faria isso se fosse você — avisou Tim, voando para trás até quase chegar à parede oposta.

Ergui o manto, desta vez para Theresa.

— Eu topo se você topa.

Ela se aproximou e se voltou de costas para mim.

— Vá em frente. Ponha o manto em mim.

Coloquei o manto sobre seus ombros, imaginando como o prenderia, mas fui interrompida pelo grito agudo que saiu imediatamente da boca de Theresa.

— Aaaahhhh!!! Tire isso de mim!!!!

Arranquei-o dela, percebendo imediatamente um cheiro terrível e uma coluna de fumaça subindo de suas costas. Olhei para o manto, ainda em minhas mãos, assustada e pasma. Estava bem, nenhuma marca nele. Meus olhos quase saltaram das órbitas quando ergui os olhos e vi as costas de Theresa, obviamente o lugar de onde o cheiro horrível e a fumaça haviam saído. Sua túnica tinha buracos e marcas de queimadura, e sua pele exposta estava vermelha como fogo, soltando fumaça.

Felicia agarrou a irmã pelos ombros, forçando-a a olhá-la nos olhos.

— Pegue um pouco de energia de mim. Agora!

— Não posso, não posso! — disse Theresa, com a voz estrangulada de desespero.

— Pegue, ou vou forçá-la para dentro de você!

Desconcertada, vi Theresa parar de lutar, e, a seguir, olhar fixamente para sua irmã, que a encarou intensamente. Um fio de energia brilhante saiu dos olhos de Felicia e entrou na boca aberta de Theresa, que fechou os olhos e a boca, inalando profundamente e exalando lentamente pelo nariz.

Notei um movimento em suas costas e vi, com espanto, que as feridas começaram a se curar. Eu sabia que os fae podiam curar lesões rapidamente, mas aquilo era diferente.

— Uau! — exclamei, sem pensar. — O que foi isso?

Felicia soltou os braços de sua irmã.

— Isso foi minha irmã fazendo besteira, coisa que ela sabia que não devia ter feito. E teve de tirar um pouco de minha energia para se curar.

Ela lançou um último olhar à irmã antes de se voltar e começar a recolher seus produtos de beleza, colocando-os na mochila que estava no chão debaixo da pia.

Theresa se voltou para olhar para mim, envergonhada.

— Felicia tem razão. Eu sabia.

— Então, por que fez isso?

Algo em sua expressão me fez perguntar.

Parecia que Theresa ia se recusar a responder.

— Diga, Theresa. Pare de andar para lá e para cá. Estou ficando irritada, para não dizer apavorada.

Ela caminhou até a pia para ajudar a irmã a recolher as coisas.

— Fiz isso para lhe mostrar.

Ela começou a atirar coisas ao acaso dentro da mochila.

— Mostrar-me o quê? Que você é idiota?

Ela me lançou um olhar malvado e retomou sua tarefa.

— Não, tola. Fiz isso para mostrar que o manto pertence a você. E não é pouca coisa ganhar uma coisa dessas.

Ela parou e me olhou nos olhos, inclinando-se contra a pia enquanto agitava a chapinha em meu rosto.

— Noventa e nove vírgula nove por cento dos fae passam a vida toda sem sequer sonhar com esse tipo de honra. E você sabe quanto tempo vivemos.

Ela enrolou o cabo em volta do aparelho já frio enquanto continuava a me dar um sermão.

— Se você o recusar, será um insulto a todos nós. E um insulto aos sacrifícios que muitos fae fizeram por você.

Ai! Isso sim era um soco no estômago. Essa garota não tinha papas na língua.

— Droga, Theresa, isso é jogo sujo!

Ela deu de ombros.

— Chame como quiser. É a verdade. E não apenas minha verdade. É assim que todo mundo aqui vê isso.

Felicia acrescentou:

— Você pode optar por não usar o manto, é seu direito. Mas é importante que saiba que estaria desistindo e que mensagem enviaria, só isso. É uma coisa séria. Você não deve tomá-la com leviandade.

— Posso dizer que vou pensar?

Felicia apenas deu de ombros.

Fiz uma careta.

— Acho uma merda, de verdade, eles me mandarem isso sem me avisar. E depois esperarem que eu tome a decisão que vai mudar minha vida assim, num piscar de olhos.

Tim se aproximou para participar da conversa.

— Eles não têm tempo para suas coisas de menina e sua indecisão. Caso não tenha notado, há uma guerra acontecendo ao nosso redor. Nosso conselho precisa de você. Nós todos precisamos. É hora de assumir isso, Jayne.

Olhei para ele, incapaz de esconder a preocupação em meus olhos.

— E se eu não for forte o suficiente para assumir?

— Você é, acredite — disse Tim. — Eu não ando com fracotas.

Sorri, olhando para as meninas e depois para Tim.

— Nem eu. Eu só ando com durões.

Todos sorriram também.

— Esse é o espírito! — disse Theresa, aproximando-se para me dar um soco no braço, mas estremecendo de dor.

— Merda. Preciso ir buscar outra túnica. Volto num instante.

Eu só vi a porta do banheiro se fechando atrás dela. Sequer vi seus movimentos. Cinco segundos depois, a porta se abriu e ela estava ali de novo, tirando a túnica velha fora e pondo a nova.

— Caramba, queria poder fazer isso — disse, balançando a cabeça.

— Provavelmente você pode — disse Felícia, fechando o zíper de sua mochila e jogando-a por cima do ombro. — Você tem todos os tipos de potenciais inexplorados. — Ela fez um gesto em direção à porta. — Venha. Vamos.

— Coloque o maldito manto, pode ser? — disse Theresa enquanto ia em direção ao corredor. — Não nos faça implorar. É grosseiro.

Segurei o manto diante de mim, examinando-o. Queria ter mais tempo para pensar. Estava me sentindo pressionada. Mas, enquanto eu observava minhas amigas saindo pela porta com suas malas de truques, seguidas por Tim treinando seus loopings no ar, pensei no que haviam dito.

Eu havia me queixado do conselho desde a primeira vez que tomara consciência de sua influência em nossas vidas. Eles eram resistentes à mudança; recusavam-se a ouvir a razão. Eram velhos e incomunicáveis. Talvez necessitassem apenas de um pouco de sangue novo para agitar as coisas. Olhei para o manto e para mim no espelho, ciente de que eu estava prestes a tomar uma decisão vital no banheiro, ao lado de um vaso sanitário. É a minha cara. Sorri. Que diabos! Melhor relaxar e gozar.

Segurei o manto a minha frente, desenrolando-o até o chão. Encontrei as partes dos ombros e as segurei com os braços cruzados, para poder virá-lo e pousá-lo nas costas. Antes de eu fazer isso, no entanto, a porta do banheiro se abriu e Céline entrou.

— Ah, que bom — disse ela, aliviada —, cheguei na hora certa.

Fiquei ali, com o manto balançando desajeitadamente nas mãos.

— Hora certa para quê?

— Para ajudá-la — disse ela, sorrindo calorosamente. — Por favor... — e se aproximou de mim com as mãos estendidas — permita-me.

Estiquei o manto, sem saber bem o que ela queria.

Ela o tirou de mim, e, a seguir, fez um gesto com a cabeça.

— Vire-se.

Voltei-me de costas para ela.

Ela deu um passo em minha direção e olhei no espelho para ver sua imagem refletida. Céline estava atrás de mim com o manto nas mãos. Ela tinha lágrimas

nos olhos.

— Que foi, Céline? Este é um manto de morte, ou algo assim? Você está chorando porque estou prestes a virar fumaça?

Ela engasgou e riu ao mesmo tempo, com os olhos meio esbugalhados por causa das palavras inesperadas.

— Manto de Morte? O que você... Ah, Jayne. Você sempre me fazendo rir.

Ela jogou o manto sobre seu braço e ficou de frente para o espelho, olhando para nossos reflexos.

— Por que você acha que nós lhe desejamos o mal? Depois de tudo que você já fez? Depois de tudo o que aconteceu?

Dei de ombros.

— Não sei. Talvez porque venho causando problemas desde que cheguei aqui.

Céline sorriu por um momento e depois ficou séria.

— Você... abalou um pouco as coisas, é verdade. Porém, mais que isso, você nos uniu. Lembrou-nos quem somos e o que deveríamos ser. Ferozes. Fortes. Leais. Dedicados ao nosso propósito. — Céline colocou as mãos em meus ombros e apertou. — Estamos orgulhosos de você, e precisamos que tenha um papel maior em nosso mundo agora. É por isso que o manto está aqui; é um presente do conselho. Pedimos que o aceite e não questione as nossas motivações ou nosso julgamento. Essa decisão não foi tomada com leviandade. É a primeira vez em mais de duzentos anos que agradecemos alguém com tal honra. Jared foi o último. E não há ninguém mais merecedor agora do que você. Certas coisas virão para você... para nós, e você estará mais preparada para lidar com elas sendo membro do conselho.

— Você está falando de eu me perder em meus elementos?

— Disso e muito mais. Muito mais. Agora vamos, nossa família está esperando.

Ela puxou o manto do braço e mais uma vez o ergueu em minhas costas.

Olhei para ela mais uma vez no espelho e disse:

— Se eu viver para lamentar isso, você vai ser a primeira que vou procurar.

Ela sorriu.

— Espero que sim.

Então, ela colocou o manto sobre meus ombros.



Capítulo 26

PRENDI O MANTO NO PESCOÇO COM OS fechos de prata. Eu mal podia sentir seu peso, mas senti a leve perturbação no ar que causava quando me volvei e ele se enroscou em minhas pernas. Olhei para baixo e vi que as cores estavam agitadas, de um jeito preguiçoso, mudando de azul para verde e depois de novo. Olhei-me no espelho ao sair do banheiro e notei que minha nova cor louca de olhos combinava perfeitamente com o manto, e o penteado das gêmeas me fazia parecer da realeza.

— É bonito — disse eu.

— É lindo. Sabia que seria — disse Céline.

— Obrigada — disse eu, nervosa, percebendo que logo teria de usar essa coisa diante de algumas centenas de fae, alguns dos quais, recém-chegados de diferentes partes da América do Norte e da Europa, estariam me vendo pela primeira vez. Temia que minha reputação me precedesse e altas vaías me recebessem.

— Vá com seus amigos. Encontro vocês na sala de reunião.

Ela apertou a minha mão enquanto saía, mas parou:

— Ah, e não se esqueça. Você agora se senta na frente, comigo.

Tim estava no corredor e ouviu o último comentário de Céline. Esperou até que ela estivesse alguns passos adiante no corredor antes que começar a gritar.

— U-hu! Estou na liga principal! Vou sentar à mesa da diretoria!

Sorri para ele, agradecendo silenciosamente ao universo por ter um amigo pixie que automaticamente tomava para si qualquer honra que me fosse dada. Com certeza não queria estar ali em cima sozinha, a única fae com menos de 250 anos de idade. Imaginei se eu poderia arranjar um mantinho para Tim com Netter... e outro cinza superchique para Tony.

Abri a porta de meu quarto e disse, do corredor:

— Saiam e deem uma boa olhada. A primeira é grátis.

Todo o mundo se levantou e se juntou a mim, admirando minhas novas conquistas. Tony foi o último; segurou a minha mão.

— Você está maravilhosa — disse ele, sorrindo calorosamente.

— Obrigada. Quero que você use um desses também.

— Estou feliz fazendo o que faço, trabalhando com os elfos cinzentos. E vou apoiá-la, de qualquer maneira, no que precisar, você sabe.

— Eu sei.

Apertei sua mão e soltei, ajeitando as bordas do manto na frente.

Vi as gêmeas olhando para Spike e notei que ele percebera; mas era como se ele estivesse olhando para longe, propositalmente, tentando ignorá-las.

— Vão na frente, quero falar com Spike.

Todo mundo saiu para o corredor e seguiu para a sala de reunião. Spike parou à minha frente, tomando as minhas mãos nas suas.

— E aí, lindeza? Quer dar uns amassos?

Ele me deu seu sorriso incrivelmente sexy, fazendo-me corar.

— Não — respondi, tirando minhas mãos das suas e empurrando-o com suavidade para afastá-lo um pouco. — Preciso falar com você sobre as gêmeas.

O rosto de Spike ganhou certo colorido, o que já era muita coisa, pois ele era geralmente muito pálido. Na verdade, ele pareceu o Spike humano por um segundo, deixando-me meio melancólica, pensando no tempo em que eu não tinha ideia da existência dos fae e não tinha de vestir um manto mágico nos ombros e me enturmar com seres de mil anos de idade.

— Ah, não precisa se preocupar com elas. São bonitas, e tal, mas você é a garota para mim.

Ele se aproximou um passo.

Dei um passo para trás, mantendo a distância entre nós.

— Era sobre isso que eu queria falar com você, na verdade. Eu... ah... não sei se essa coisa de nós é uma boa ideia.

Ele olhou para mim, confuso.

— O que quer dizer?

Suspirei. Por que tinha de ser tão difícil?

— O que quero dizer é que não gosto de você desse jeito. Eu gosto de você como amigo... só amigo.

Spike franziu a testa.

— Você está... terminando comigo?

— Não sei. É possível terminar com uma pessoa sem nunca ter tido nada com ela?

Ele deu um meio-sorriso, sem graça.

— Não sei. Provavelmente não. Então está me dizendo que não quer mais andar comigo?

— Não, idiota. Estou dizendo para ficar com as gêmeas. Sugue a energia delas, ou faça o que quiser. Rolem nus na floresta, ou seja lá o que vocês fazem para se divertir. Não vou ficar com ciúmes, nem me preocupar. Na verdade, isso me faria feliz.

Ele ergueu alto as sobrancelhas e um olhar feliz começou a florescer em seu rosto.

— Como assim?

Franzi a testa e dei-lhe um tapa no peito.

— Não faça essa cara de depravado. Só estou dizendo que elas são legais, as duas gostam de você e eu estou... comprometida. Pelo menos acho que estou. Então, vá em frente e mostre-lhes um pouco de ação, sim? Acho que todos corremos certo perigo aqui com elas sem namorado.

Aproximei-me e o olhei nos olhos, bem séria:

— Mas tenha cuidado. Eles são poderosas. Não vá se... machucar.

Spike me deu um abraço de urso, gemendo de — esperava eu — felicidade.

— Jayne, você é uma pessoa incrível, sabia?

Revirei os olhos, com os braços presos na lateral do corpo graças ao agradecimento entusiasmado de Spike.

— Então, está falado. Podemos ir agora?

Spike me soltou e deu um passo atrás.

— É claro que sim. Desculpe. Então... — ele esfregou as mãos — vamos para a assembleia?

Sua voz foi sumindo enquanto ele olhava para o corredor, seguindo as desvanecidas formas de suas futuras namoradas.

— Vá. Faça do seu jeito super-rápido. Apresente-se. Diga que dei a minha bênção.

Ele se inclinou, deu-me um beijo no rosto e depois fez uma saudação com seu sorriso sexy, sua marca registrada.

— Sim, senhora!

E desapareceu, deixando-me ali, andando a uma velocidade normal.

Arrastei um pouco os pés, sem pressa nenhuma de me juntar à multidão de fae que estaria sussurrando sobre mim antes mesmo de eu chegar. Tim me esperava do lado de fora da porta, determinado a estar comigo quando eu entrasse. Começou a me dar instruções assim que me viu. Ignorei os olhares do fae que estavam à minha frente no corredor, alguns tão indiscretos que andavam de costas para olhar para mim e falar com seus amigos.

— Muito bem, agora, quando você entrar, mantenha a cabeça erguida. Não dê ouvidos a nenhuma porcaria de ninguém, Jayne. Você é A Mulher. Você é uma fera. Uma matadora de dragões, de demônios...

Eu o interrompi.

— Obrigada, Tim, mas não sei se isso vai ajudar.

Tim levou o dedo à boca quando parei na porta.

— Hmmmm... bem, o que posso dizer, então? Que tal: vá lá e fulmine quem a irritar. Isso é o que eu faria. Melhor assim?

Ele voou para pousar em meu ombro, usando suas asas para ficar em pé, em vez de se segurar em meu cabelo, o que era uma mudança bem-vinda. Era muito menos irritante ouvir um zumbido ocasional do que sofrer mil puxadas de cabelo

por dia.

— Tudo bem, isso funciona. Tudo certo. Tenho sua autorização para aniquilar quem me irritar. Isso deve demorar cerca de... dez segundos, no máximo.

Entrei na sala, pegando o corredor lateral para chegar à frente. Tentei ser o mais discreta possível, mas, assim que me mexi, o manto começou a agitar suas cores, o que tornava impossível eu passar despercebida. Eu era tão visualmente barulhenta que parecia um palhaço de circo. Não chamaria mais a atenção se estivesse usando roupa de bolinhas, sapatos grandes e um nariz vermelho gigante.

As conversas informais ao meu redor se transformaram em comentários furiosamente sussurrados, nenhum dos quais eu conseguia captar enquanto seguia para frente. Decidi seguir a primeira parte dos conselhos de Tim e comecei a repetir em minha cabeça: Eu sou A Mulher. Eu sou uma fera. Eu sou matadora de dragões. Queria que ele estivesse em minha cabeça para poder me ouvir.

Mal concluí o pensamento quando o ouvi dizer:

— Você é a fera-mestre, Jayne! Matadora de dragões, Blackthorn selvagem, baby! Acabe com eles!

Sorri. Não pude evitar. Eu não ligava para o que aqueles fae pensavam de mim. Eu usava o maldito manto, que agora era parte oficial de meu guarda-roupa. Só esperava não ter de usá-lo o tempo todo. Ia atrapalhar meus movimentos do jeito que ficava girando sem parar.

Notei os olhos de Dardennes em mim quando subi os três degraus que levavam ao tablado onde descansava a mesa da diretoria. Havia um lugar entre Céline e o bruxo rabugento que nunca pareceu gostar muito de mim. O velho não sorriu quando me aproximei, mas também não fez uma carranca, de modo que tomei isso como um sinal positivo.

Fui até Dardennes, que me olhou sorrindo.

— Jayne! Estou tão feliz por vê-la aqui! E vestindo nosso presente.

— Bem, não posso dizer o mesmo, mas estou aqui. Portanto, e aí? Tem algum aperto de mão secreto que eu tenho que fazer?

Dardennes riu.

— Não. Por favor, sente-se ao lado de Céline e Red.

— Red? — perguntei, olhando para o velho. — Ah, sim. Esqueci que é o nome do bruxo. É abreviatura de quê?

— Você vai ter de perguntar a ele — disse Dardennes, misteriosamente.

Fiz uma careta.

— Não, obrigada. Red serve.

Fui me sentar entre os dois membros do conselho.

— Bem-vinda, Jayne. Estou muito feliz por vê-la aqui — disse Céline calorosamente.

— Obrigada. Eu... estou contente por estar aqui. Mais ou menos. Na verdade, não.

O velho bruxo tossiu alto; mais pareceu um latido, e me fez dar um pulo na cadeira. Olhei para Céline com um olhar interrogativo, mas ela parecia ausente, com as sobrancelhas levemente erguidas. Inclinei-me para ela e sussurrei: — Ele acabou de rir ou tossiu fora um pulmão?

Ela sussurrou:

— Na verdade, não faço ideia. Nunca o ouvi rir antes.

Eu ri.

— Acho que foi um pulmão.

Ela sorriu, mesmo contra sua vontade.

Voltei a atenção para a multidão, cheia de fae tentando desajeitadamente encontrar seus lugares ao mesmo tempo e descaradamente olhando para mim. Alguns deles até tropeçaram, incapazes de ver aonde estavam indo, por estarem ocupados demais olhando para mim, com cara de bobos. Decidi ignorá-los e tentei encontrar meus amigos.

Spike estava sentado na fileira dos fundos com suas duas belezuras, Felicia e Theresa, uma de cada lado. Os três sorriam como loucos, e as duas meninas conversavam sem parar diante de um Spike muito feliz, que não parecia se importar de elas não estarem sequer olhando para ele. Sua cabeça girava de um lado para o outro tentando acompanhar a conversa.

Finn estava com seus amigos duendes verdes. Ele acenou para mim quando nossos olhos se cruzaram. Notei também Robin olhando para mim; ele sorriu ao fazer sua saudação de punho no peito. Vários outros duendes verdes viram que eu estava olhando e se juntaram ao líder na demonstração de respeito. Toda essa atenção fez meu rosto ficar quente, e me obriguei a olhar para outro lugar com medo de que a admiração deles me deixasse muito nervosa. Eu já estava sentindo o pânico chegar aos limites de minha mente consciente; não podia entrar no modo pânico total agora que estava no conselho. Nenhum deles jamais se apavorava. Senti as mãos começando a suar.

Tony estava sentado com os elfos cinzentos, todos me ignorando totalmente, e também ao conselho, discutindo a estratégia emergente do dia, fosse ela qual fosse. Podia vê-lo ouvindo atentamente, e, a seguir, participando da discussão, enquanto os outros o ouviam com respeito. Eu sentia tanto orgulho de Tony, vendo-o assim um fae tão importante, inteligente e racional. Minha mente voltou para o dia, quando ele por fim concordara em me encontrar depois da escola: via sua franqueza a minha frente. Percebia como aquele momento havia sido decisivo para mim, e eu não tinha sequer chegado perto de entender o impacto disso no resto de minha vida. Algo me dizia que vestir esse lindo manto teria um efeito semelhante. Era estranho como algo que parecia tão inofensivo podia acabar sendo uma coisa que, de alguma forma, nos definiria mais tarde.

A voz de Dardennes se ergueu acima da multidão.

— Peço a todos, por favor, que tomem seus lugares. A reunião já vai começar.

Em menos de um minuto os fae seguiram sua instrução e só alguns sussurros remanescentes podiam ser ouvidos.

— Obrigado — começou. — Em primeiro lugar, uma salva de palmas para acolher nosso mais novo membro do conselho, escolhido após a sugestão de Red. Todos, por favor, juntem-se a mim nas boas-vindas a Jayne Sparks Blackthorn ao conselho dos fae da luz.

Os aplausos começaram de imediato, aumentando rapidamente de modo que eu podia senti-los reverberando em meu peito.

Não sei o que me surpreendeu mais: a óbvia resposta entusiástica ou o fato de Red ter sugerido meu nome. Olhei para ele, depois para a multidão, e depois para Red de novo.

— Foi isso mesmo que eu ouvi? Ou estou com muita cera no ouvido?

Red sequer me olhou. Apenas bufou.

— Tome cuidado, senão alguém vai achar que há um cara legal escondido sob toda essa maldade.

Ele se voltou para mim e disse, sem qualquer expressão:

— Acho que não há muita chance de isso acontecer.

Sorri.

— Não. Acho que não mesmo.

Ele se voltou para a multidão, tornando a me ignorar.

Voltei-me para a audiência sorrindo e acenando em agradecimento.

— Jayne, que tal se você se levantar e disser algumas palavras? — sugeriu Dardennes, evidentemente sem saber qual seria minha resposta e como lidar com ela.

Levantei-me, nervosa, enquanto Tim gritava em meu ouvido:

— Você é A Mulher! Você é uma fera! Acabe com eles, Jayne! Não faça prisioneiros!

— Olá — limpei a garganta, surpresa ao ver como minha voz se amplificava para a plateia.

Era como se houvesse um microfone diante de mim, mas não havia. Não havia nada sobre a mesa além de uns copos com água e uma jarra com um líquido claro e gelado.

— Olá — disse, de novo, e minha voz ecoou pela sala.

A multidão se acalmou.

— Ah... obrigada.

Ouvi alguns aplausos, dentre os quais reconheci a assinatura do caipira Finn.

— Eu só queria dizer que... agradeço o voto de confiança do conselho em mim, embora receie não partilhar dessa confiança.

Isso provocou algumas risadas, que me incentivaram a continuar.

— Mas quero que saibam que vou fazer o que puder para merecer este... uhhh... manto... e meu lugar nesta mesa. E vou me esforçar muito para não deixar nenhum de vocês em coma.

A multidão riu de novo e me sentei, aparentemente incitando-os a começar a aplaudir de novo. Só que, desta vez, incluíram uma ovação em pé e alguns berros. Todos felizes.

Meu rosto estava em chamas; mantive os olhos sobre a mesa. Estava envergonhada demais.

Tim, por outro lado, não. Ele estava adorando tudo aquilo.

— Isso mesmo! Ela é tudo isso! Tudo isso e um saco de amendoim, baby! Extraordinária, matadora de demônios do mal!!

— Shhh, Tim — disse, nervosa, querendo que todos parassem.

Eu odiava ser o centro das atenções.

Senti a mão calmante de Céline perto da minha sobre a mesa. Olhei para ela, que balançou a cabeça, sorrindo.

— Você está indo muito bem, relaxe. Nem sempre eles ficarão tão felizes com você. Aproveite o momento.

Ela estava certa. Como membro do conselho que tomava as decisões difíceis para toda a comunidade — uma comunidade, percebi, ao ver todos aqueles estranhos do mundo todo —, às vezes eu teria de tomar decisões impopulares. E isso era um saco. Céline estava certa: eu podia muito bem aproveitar essa experiência enquanto podia. Quem sabia quanto tempo duraria?

Levantei a mão em sinal de agradecimento, acenando algumas vezes, e todos aplaudiram mais alto. Abaixei a mão e olhei para Dardennes.

Ele balançou a cabeça e enfrentou a multidão.

— Obrigado. Obrigado a todos. Isso foi muito gentil. Posso ver que vocês concordam com nossa decisão. Agora, se pudermos voltar aos negócios...

O entusiasmo turbulento da multidão morreu depois de alguns segundos, mas eu ainda podia sentir a emoção na sala. Muitos fae ignoravam Dardennes e me encaravam. Tentei não me contorcer toda sob seu escrutínio.

— Como vocês sabem, estamos diante de uma guerra contra os fae das trevas. Isso não é novidade para ninguém. Nem o fato de que temos muitas diferenças filosóficas, que por muitos e muitos anos têm nos impedido de viver em harmonia ou compartilhar a vida com eles.

Dardennes correu os olhos pela sala, e em seguida descansou-os em nossa mesa, especificamente sobre Céline.

Ela assentiu com a cabeça levemente, como se lhe desse permissão para continuar.

— Na verdade, muitos de nós perdemos membros da família e outros entes queridos para os fae das trevas ao longo dos anos.

Tim soltou um bufo indelicado bem em meu ouvido. Eu sabia que ele estava pensando em sua esposa, Abby, que havia muito tempo desertara para o lado deles. Junto com seu filho, aparentemente. Nós ainda não havíamos falado sobre isso, e eu sabia que, se não tocasse no assunto, ele jamaisalaria. Tim era terrível para se abrir, mas eu o faria falar mais tarde. Sem mais enrolação.

— O que muitos de vocês provavelmente não sabem, no entanto, é que chegou ao nosso conhecimento que existe outro inimigo lá fora. Um inimigo de todos os fae, das trevas e da luz juntos.

Os sussurros recomeçaram com suavidade, mas eu podia ver olhares preocupados nos fae, que já haviam esquecido meu lindo manto para ouvir as más notícias de Dardennes.

— Mais de mil anos atrás, surgiu uma brecha entre os reinos, permitindo que muitas criaturas do Mundo de Baixo entrassem no Aqui e Agora.

Vi cabeças anuindo ao redor da sala.

— Para aqueles de vocês que não estavam aqui na época, especialmente as crianças trocadas, que provavelmente ainda não ouviram as histórias, vou dizer que um grupo de bruxos muito talentosos e corajosos conseguiu cercar os orcs que surgiram do Mundo de Baixo e os prenderam em árvores na floresta verde. Graças a eles, e ao sacrifício dessas árvores, sem falar da vida de muitos honoráveis fae, conseguimos acabar com a revolta que ameaçava nosso povo e os seres humanos também.

Meu rosto estava queimando de novo; eu estava ligando os pontos em minha mente. Ele estava falando dos orcs que eu havia liberado das árvores na floresta

escura, fazendo-a ficar verde de novo. Mas pensei que os elfos e os anões haviam cuidado desses orcs, deixando apenas alguns abandonados aqui e ali, como os que eu havia encontrado fora do Campo Infinito.

— Nosso mais novo membro do conselho, Jayne, e um dos nossos wrathes, Tony, foram recentemente atraídos de volta a seus antigos lares humanos por criaturas do Mundo de Baixo. Essas criaturas mataram a mãe humana de Jayne, que sua alma encontre a paz eterna no Mundo de Cima, e tentaram tomar Jayne de nós para seus próprios propósitos nefastos.

Tradução de propósitos nefastos: Sexo nojento com demônio e nascimento do Diabo encarnado. Legal. Eu poderia ter vivido sem essa lembrança pelo resto da vida.

— Tivemos algumas discussões recentemente com...

Ouvi as portas da sala de reunião se abrirem, o que era estranho, porque, normalmente, uma vez que a assembleia começava, todos já estavam dentro e elas não se abriam mais.

— Ah, muito bem. Eles estão aqui.

Todas as cabeças se voltaram para ver quem havia chegado. Meu coração pulou na garganta quando vi quem era. Indo da porta para o fundo da sala, pelo corredor central, estavam Chase, Becky e Ben, acompanhados de seis ogros que reconheci como fae da luz.



Capítulo 27

LEVANTEI SEM PENSAR. EU QUERIA MUITO CORRER e recebê-los, dar a Chase e Becky abraços apertados; e possivelmente dar a Ben um enorme tapa na cara, só porque ele havia ido até minha casa depois de ter convencido meus amigos a ficar em com ele. Não me importava que eles só estivessem ali temporariamente. Eu ainda me ressentia por isso. Mas eu era membro do conselho agora, de modo que tinha de agir com maturidade. Sentei-me devagar, contendo-me o máximo que pude, tentando adotar o olhar desapegado de Céline. Esperava que eles se aproximassem para que eu pudesse lançar a Chase e Becky alguns olhares que traduzissem o abraço o melhor possível. Quanto a Ben, eu poderia simplesmente atirar punhais nele.

— Chase, Becky... por favor, tragam seu amigo para cá.

Bufei alto. Amigo! Até parece.

Red olhou para mim e fez uma careta. Acho que eu já não valia nada a seus olhos. Ah, até que foi rápido. Sorri. Como eu já havia estragado tudo, não tinha mais necessidade de tentar agradá-lo. Era meio libertador, na verdade.

Começaram os burburinhos pela sala quando os fae perceberam quem estava entre eles.

— Antes que tirem conclusões precipitadas — explicou Dardennes, — vou lhes dizer que fui contatado por um ex-membro de nosso complexo, Chase, o demônio criança trocada, e ele solicitou uma audiência. Ele também pediu que eu lhe permitisse trazer Ben, o elemental das trevas que estão vendo agora.

Dardennes estendeu as mãos pedindo silêncio quando os fae ali reunidos começaram a falar mais alto, descontentes com os visitantes e sem medo de demonstrar.

— Por favor! Fiquem tranquilos, eles não tiveram acesso aberto a nosso complexo. Foram escoltados às cegas pelos guardas ogros que vocês viram entrar com eles, e serão escoltados para fora dessa forma também.

Becky ergueu a mão.

Dardennes ergueu a sobrancelha, mas não disse nada, passando os olhos pela plateia. Dava para ver que ele tinha a intenção de ignorá-la e continuar falando, de modo que o interrompi.

— Becky, você tem algo a dizer?

Ela olhou para mim, primeiro confusa, depois em estado de choque, e depois feliz e surpresa.

— Ah, uau! Olá, Jayne. Belo manto! Sim, eu tenho. Queria dizer que quero ficar. Não sou fae das trevas, estava lá apenas sendo atendida por seus médicos. Quero voltar. Quero voltar para casa, estou melhor agora.

Red bateu a mão na mesa ao meu lado.

— Impossível!

Olhei para ele.

— Não! Não é impossível! — gritei também.

Parecia que ele ia dizer alguma coisa. Podia ver seu queixo tremendo de raiva mal disfarçada. Mas Dardennes evitou o conflito: — Se Becky passar nos testes de fidelidade de nossos bruxos, é claro que ela poderá voltar, como é seu direito.

Eu mal suprimi o desejo de mostrar a língua ao rude imbecil ao meu lado. Resolvi, então, que tinha de pôr as mãos no livro de regras do conselho. Eu não gostava de estar em desvantagem, sem saber o que era permitido e o que não era.

Becky sorriu e levantou os polegares das duas mãos. Pisquei para ela, ainda tentando parecer mais fria do que me sentia por dentro. Não sabia como Céline fazia isso: ficava ali, sentada, indiferente a tudo. Deviam ser seus mil anos de prática.

Dardennes prosseguiu:

— Como estava dizendo, Chase solicitou uma audiência com o conselho e nós a concedemos, com algumas condições. Uma delas foi que concordasse em se dirigir a todos vocês, não apenas a nós. Achamos que todas as informações que ele quer nos trazer precisam ser ouvidas por todos. Por isso, agradecemos se ouvirem cuidadosamente o que ele tem a dizer; depois que ele terminar, também gostaríamos de ouvir os comentários de vocês.

Dardennes se voltou para Chase.

— Por favor, Chase.

Chase olhou rapidamente para mim, sem sorrir, e em seguida, voltou-se para a multidão. Quando ele falou, tocou meu coração. Era quase fisicamente doloroso tê-lo tão perto e ouvir sua voz, mas não poder estar com ele. Notei Spike olhando para Chase e para mim alternadamente. A expressão em seu rosto me disse que ele estava somando dois mais dois. Não importava quanto tentasse, eu não conseguia evitar ficar daquele jeito quando via aquele demônio louro e musculoso parado à minha frente. Estava me entregando — pelo menos para Spike, que tinha um talento especial para detectar meus pensamentos sensuais. E era impossível para mim não ter pensamentos assim quando Chase estava por perto. Acho que o fato de ele ter ido embora e ficado longe de meu alcance, quase inatingível, havia deixado-o muito mais atraente para mim. Como eu sou masoquista!

Chase começou:

— Obrigado por me permitir vir e trazer Ben comigo hoje. É de fundamental importância que eu compartilhe algumas informações com todos vocês, de modo que agradecerá se deixassem de lado seus sentimentos em relação aos fae das trevas por um momento.

Algumas cabeças na plateia anuíram, mas só algumas.

— Descobri, durante o tempo que estive aqui com vocês como fae da luz, e também no tempo que passei com os fae das trevas desde que sofri uma... lesão aqui...

Ouvi as asas de Tim zumbindo com nervosismo em minha orelha.

— ... Que temos um grande problema do qual vocês precisam estar cientes e para o qual precisam estar preparados.

Ele olhou para Dardennes, que anuiu, encorajando-o. Chase olhou novamente para o grupo e continuou: — Como sabem, vários orcs foram vistos na Floresta Verde. Os fae das trevas souberam e começaram a caçá-los; no entanto, mesmo conseguindo, mais deles apareciam. Nós ainda não descobrimos como ou por onde estão entrando neste reino.

— Talvez eles estejam vindo por uma porta de seu complexo, demônio das trevas! — gritou alguém na plateia.

Esse alguém tinha sorte de eu não saber sua identidade, porque não gostei de vê-lo atacando meu garoto daquele jeito.

— Não, não estão. Não sou fae das trevas, mas passei um tempo considerável no complexo deles e investiguei muito.

Com isso, Ben se afastou de Chase, olhando-o confuso. Eu podia ver que aquilo era novidade para ele, o que me fez ficar radiante de felicidade, por algum motivo. Talvez porque isso significava que Chase não havia sido enrolado pelas besteiras de Ben, como este achava.

— Se você não é fae das trevas, o que está fazendo no complexo deles, trazendo o elemental deles para falar conosco? — gritou um anão que eu recordava como sendo um dos amigos de Niles.

— Tive de ir para lá para me tratar. Surgiu a oportunidade de eu saber mais sobre esse problema que todos os fae estão enfrentando e a aproveitei.

Ele deu de ombros, largos ombros.

— Não me arrependo de fazer o que precisava ser feito.

— Eu confiei em você — disse Ben, com raiva, antes de pensar que devia guardar suas emoções para si mesmo e substituir a expressão irada por fria indiferença.

— Eu não traí sua confiança — disse Chase com tranquilidade. — O que fiz foi para o bem de vocês, assim como para o bem dos fae da luz também.

Red se levantou, cheio de justa indignação.

— Você não pode servir a ambos os interesses ao mesmo tempo. Acaso nos toma por tolos?!

Fiquei sentada, ainda sem saber como defender Chase desse fae. Infelizmente, o que Red disse fez mais sentido para mim, e foi seriamente deprimente. Estava começando a me perguntar se minha relação imaginária com Chase ia ficar assim mesmo — imaginária. Suspirei, frustrada. Homens são um saco. Por que eles não podem simplesmente fazer sentido, para variar?

— Eu não os tomo por tolos, não. Tomo-os como seres racionais, razoáveis, que podem ver a ameaça real quando está à sua frente. Seu inimigo não é o elemental das trevas que está diante de vocês agora, nem nenhum de seus irmãos. Seu inimigo veio sob a forma de orcs. Veio na forma de um demônio que assassinou brutalmente a mãe de Jayne e tentou tirá-la de vocês. Seus inimigos residem no Mundo de Baixo hoje, mas virão para o Aqui e Agora em breve, não

se enganem.

As palavras dirigidas a mim pelo demônio na sala de estar de minha mãe voltaram à minha mente. Não sei por que não havia me preocupado com elas nas últimas horas; talvez eu as estivesse bloqueando para poder viver sem a sensação de desgraça iminente pairando sobre minha cabeça. Mas a verdade do que Chase estava dizendo de repente me atingiu como uma tonelada de tijolos. Por alguns segundos não consegui respirar. Levei a mão ao peito e me esforcei para fazer que meus pulmões funcionassem direito. Para dentro, para fora... para dentro, para fora. Você consegue.

Red, que ainda estava em pé, olhou para mim, e a confusão arranhou sua expressão normalmente rabugenta. Ergui a mão para que ele soubesse que eu não ia morrer. Só precisava me recuperar. Puxei um pouco d'O Verde para meu corpo, o suficiente para dominar o terror. Imediatamente meu manto assumiu um brilho ainda maior, quase cintilando com a conexão firmemente estabelecida. A energia que fluía ao redor de mim foi me refrescando e acalmando.

— O-oh — disse Tim. — Alguém vai entrar em coma!

— Cale a boca — sussurrei, mandando O Verde de volta para a terra sob o complexo. — Eu só precisava de um empurrãozinho.

Ergui os olhos e percebi que o lugar estava em silêncio, todo o mundo me observando enquanto eu falava com Tim. Mas tenho certeza de que parecia que eu estava falando sozinha. Provavelmente mais de um fae estava questionando a sabedoria dos membros do conselho que colocaram uma lunática na mesa da diretoria. Suspirei. Não havia como fugir dessa dúvida constante sobre mim mesma. Eu me perguntava se um dia me sentiria à vontade nesse papel, ou mesmo em minha própria pele.

— Acho que seria melhor se vocês ouvissem essa parte da história de Jayne. Ela estava presente quando o demônio declarou seu plano.

Balancei a cabeça. De jeito nenhum eu ia confessar a toda a nação fae que um demônio nojento queria fazer o trabalho sujo comigo para eu dar à luz sua cria aterrorizante. A visão perturbadora do pau do demônio começou a dançar em minha cabeça de novo. Fechei os olhos, tentando bloquear as imagens.

Céline se levantou, descansando a mão em meu ombro de forma casual, imediatamente me transmitindo um pouco de paz.

— Acho que não será necessário, visto que eu também estava lá. Jayne sofreu um trauma extremo naquele dia com a morte da mãe. Tenho certeza de que ela não se lembra de todos os detalhes. Eu, no entanto, lembro. Portanto, por favor, permitam-me explicar.

Amei-a nesse momento. Ela era minha super-heroína particular. Céline, a matadora de dragões particular.

Ela passou a relatar os planos tortuosos do demônio, e fingi não me importar nem me sentir humilhada. Alguns fae sorrateiramente olhavam para mim, mas a maior parte dos olhares era de pena e tristeza, nada que me fizesse sentir mal comigo mesma. Fiquei grata.

Vi que ela estava terminando quando disse:

— Então, como veem, algo está acontecendo. O que é, não temos certeza. Mas achamos que é importante o suficiente para permitirmos que Chase entrasse no complexo e compartilhasse conosco as informações que ele tem.

Os murmúrios na multidão começaram logo que Céline tomou seu lugar. Dardennes permitiu que continuassem por um tempo, até que viu vários rostos olhando para nós. Então disse: — Agora, pedimos que façam seus comentários ou perguntas.

Eles não perderam tempo. Uma bruxa se levantou e disse:

— Você fala como se não fosse fae da luz nem das trevas. O que você é, então, se não pode declarar lealdade a ninguém?

Chase se levantou e disse com firmeza:

— Declaro fidelidade a um fae apenas. Jayne, a Mãe de vocês.

Meu coração parecia que ia explodir. Meu rosto começou a queimar, junto com meus ouvidos. Sabia que estava vermelha até a raiz dos cabelos. Ele não olhou para mim, graças a Deus, porque eu teria desmaiado se visse seu rosto nesse momento. Ele não só praticamente se declarou para mim, como também me chamou daquele jeito ridículo de novo. E ele sabia o quanto isso me incomodava. Definitivamente, eu teria de socá-lo quando me aproximasse.

— Isso não responde à minha pergunta.

— É a única resposta que vai ter — disse ele.

Notei que ele parecia mais o Chase verdadeiro, como há muito tempo não parecia. Não ria mais, não sorria mais. Estava todo sério. De alguma forma, isso o tornava mais atraente e mais intimidador ao mesmo tempo.

— Ele tem de responder às nossas perguntas. Se está aqui para nos dizer algo, como vamos confiar no que diz se não nos contar quem realmente é?

Finn se levantou.

— Ele é só uma criança trocada confusa, só isso. Deem um tempo para ele.

Red, que havia se sentado, ouvindo Chase com grande indignação, levantou-se de novo.

— Ele não é uma simples criança trocada.

Eu podia ver a desconfiança brotando em seu rosto. Claro que eu sabia que Chase não era uma simples criança trocada — como sabiam Becky, Céline e Dardennes, porque eu havia lhes contado. Mas eu não ia delatá-lo. Imaginei que, quanto mais fae soubessem, menor a chance de ele ficar por ali. E eu não queria que ele fosse embora. Precisava dele ali comigo. Eu não conhecia o protocolo referente a criaturas do Mundo de Cima se misturando conosco no Aqui e Agora, e ainda não tinha certeza de que acreditava em Chase e em todas essas coisas; mas parecia improvável que um anjo ou um demônio pudesse ficar em nosso reino para sempre. Era como se isso quebrasse o equilíbrio. Quanto mais eu pensava nisso, mais deprimida ficava.

— Vocês ouviram o que eu tinha a dizer. Gostaria que os conselhos dos fae da luz e das trevas se reunissem para discutir o assunto. Em território neutro.

Os fae começaram a resmungar entre si de novo. Dardennes começou a andar atrás de nossas cadeiras, ignorando a multidão. Todos nós do conselho nos juntamos a ele em um círculo. Ele falou em voz baixa, para que só nós pudessemos ouvir: — O que vocês acham, membros do conselho? Ele está sugerindo algo que não acontece há eras.

— Os conselhos se reunirem? Vocês nunca fazem isso? Que coisa boba. Quero dizer, até os líderes de meu país humano se reuniam com seus inimigos para tentar resolver as coisas. Às vezes, eram até bem-sucedidos.

— Não. Nós não fazemos isso — disse Red.

— Eu não gosto disso — disse Niles lá de baixo.

Ele tinha um olhar de desconfiança.

— Eu acho necessário — interrompeu Céline. — Vocês não viram aquele demônio. Se mais seres daquela espécie vierem para cá, tenho medo de pensar o que isso poderia significar, não só para nós, mas para os seres humanos também. E que seria de nós sem eles?

Todos os membros do conselho trocaram olhares. Decidi arriscar e dar minha opinião:

— Ouçam, que mal há em conversar? Nós podemos usar nossos bruxos para nos certificarmos que eles não tentarão nenhuma gracinha. Eu também vi aquele demônio. Céline me protegeu antes dizendo que eu não lembrava, e agradeço, mas a verdade é que me lembro de tudo. Eles têm planos grandes e repugnantes. E, se vocês não se importam, prefiro não ser mãe de nenhum demônio. Então, por favor, podemos concordar em nos reunir com eles uma vez, só para conversar? Prometo que vou me comportar.

Dardennes sorriu.

— Nós não estamos preocupados com seu comportamento.

— Fale por você — resmungou Red.

Dardennes franziu o cenho e Red teve o bom senso de se mostrar um pouco envergonhado.

— Todos a favor de um único encontro com o conselho das trevas, a ser realizado em um terreno comum e presidido por Chase, digam sim.

Todos, menos Red e Niles, responderam afirmativamente.

— O sim ganhou. Vou tentar marcar essa reunião para amanhã.

Separamo-nos e voltamos a nossos lugares. Olhei para Chase e pisquei. Ele acenou com a cabeça muito levemente e voltou seus olhos para Dardennes, que começou a falar logo que chegou à sua cadeira.

— Este conselho votou a favor de uma reunião com o conselho das trevas, que será realizada amanhã e presidida por Chase. A reunião será fechada a outros fae, incluindo aqueles que possam pensar que desejam ouvir.

Ele lançou um olhar penetrante aos bruxos no fundo da sala, que se entreolharam com ar de culpados.

— Pedimos aos bruxos particularmente adeptos aos feitiços e encantos de proteção que nos procurem após esta assembleia para que possamos discutir nossa segurança na reunião. Pedimos também ao líder dos ogros que se preparem para nos fornecer dez membros de seu grupo como segurança pessoal adicional.

Fiquei feliz ao ouvir que teríamos alguns músculos, apenas para o caso de as bruxarias não darem certo. Em minha experiência, elas tendiam a sair pela culatra tão frequentemente quanto funcionavam. Talvez porque eu havia sido alvo tantas vezes dos talentos de Samantha.

— Realizaremos outra assembleia amanhã à noite para concluir esse assunto com todos vocês e para que saibam o resultado de nossa reunião com os fae das trevas. Por favor, até segunda ordem, estejam aqui às seis da tarde de amanhã para serem informados.

Ser do conselho me dava o direito de sair antes de todo mundo, mas eu queria falar com Chase e Becky, de modo que deixei meu lugar e descii para o palco diante da mesa da diretoria.

Becky correu até mim e me deu um abraço feroz, enquanto Tim zumbia ao redor de nossas cabeças.

Tim começou a falar a mil por hora:

— Diga a ela que eu estou feliz em vê-la. Diga que ela parece bem. Diga que não tenho ressentimentos por ela ter se misturado com os fae do mal. Pergunte se ela viu Abby. Não, espere, não pergunte isso.

— Tim está contente porque você voltou. Eu também.

Ela se afastou.

— Estou feliz por ver vocês também. Vocês não imaginam como estou feliz por estar aqui. Eu só queria lhe dar um abraço, preciso falar com Naida.

Ela olhou ao redor da sala tentando encontrá-la.

— Naida está na porta. Por que não se teleporta até lá?

Becky franziu a testa ligeiramente.

— Ainda não estou autorizada. Não enquanto não passar pelo teste de lealdade.

— Ah, droga!

Uma droga mesmo. Eu odiaria ter meus talentos amarrados assim. Lembrei-me de como havia sido no calabouço dos fae das trevas, quando estava impedida de me conectar com O Verde; foi uma sensação horrível. Dei-lhe um tapinha nas costas: — Não se preocupe. Tenho certeza de que você vai se sair bem. Tomara que não doa.

Ela arregalou os olhos e seu sorriso desapareceu.

— Ah, meu Deus. Você acha que... Eu não esperava...

Eu sorri.

— Estou brincando! Tenho certeza de que eles não vão machucar você.

Ben e Chase chegaram quando eu estava acabando de acalmá-la. Olhei para Ben ao dizer a última parte: — Nós não somos fae das trevas, não torturamos nossa própria espécie.

Os olhos de Ben se estreitaram, mas ele não disse nada.

O rosto de Chase era completamente inexpressivo.

Becky olhava, nervosa, de Ben para mim.

— Bem, vejo vocês mais tarde, espero. Belo manto, por sinal. Fica bem em você.

Ela me deu outro abraço e foi embora.

— Obrigada! — gritei às suas costas, mas duvidava que ela tivesse ouvido.

Ela estava muito ansiosa para encontrar sua mentora sereia.

Fui até Chase com a esperança de que, quando chegasse, ele me abraçasse. Não sabia muito bem qual era a dele nesse momento. Ele parecia muito mais sério que das últimas vezes que eu o vira. Exceto pelo fato de ele ter falado muito hoje, estava praticamente de volta ao normal. Quando cheguei perto dele e parei à sua frente, Chase olhou para mim.

— Olá — disse, nervosa. — E aí?

Ele me agarrou e me esmagou contra si por dois segundos, antes de me segurar

pelos ombros e me afastar um pouco para me olhar.

— Que saudades!

Sorri.

— Eu também. — Coloquei as mãos em seus braços, que formaram uma ponte entre nós. — Muita.

Ben pigarreou.

Chase deixou cair os braços, forçando minhas mãos caírem para os lados.

Lancei um olhar frio a Ben.

— Então por fim você conseguiu entrar no santuário. Está feliz? Conseguiu o que queria?

Ben sorriu para mim.

— Sim. Por enquanto. Agora eu só preciso trabalhar para conseguir o resto.

Recusei-me a morder sua isca. Voltei-me para Chase:

— Qual vai ser o objetivo da reunião?

— Unir os fae.

— Ah — disse eu, rindo —, só isso? Fácil. Sem problemas.

— Talvez eu devesse enfeitiçá-lo de novo — disse Tim em meu ouvido.

Virei a cabeça para o lado para que Chase e Ben não me ouvissem.

— Nem pense nisso, peidorreiro.

— Estou só sugerindo...

Limpei a garganta e olhei para Chase, ignorando Ben.

— Você pode ficar para jantar conosco? Temos suas carnes dançantes favoritas.

Sorri, usando meu tom mais tentador para tentar convencê-lo.

Ele balançou a cabeça.

— Não, preciso voltar. Ben e eu temos de tentar persuadir os fae das trevas a fazer essa reunião com o conselho da luz. Diga a Dardennes que vou mandar uma mensagem dizendo a hora e o lugar.

— Como vai fazer isso? — perguntei, já me sentindo meio chateada por ele ir embora e querendo saber quando voltaria para ficar.

— Gus, o wrathe, vai procurar Tony n'O Cinza. Diga a Tony para ir a'O Cinza e encontrá-lo perto do Campo Infinito por volta das dez da noite.

— Há um Campo Infinito n'O Cinza? — perguntei, sem saber bem se havia entendido.

Chase inclinou a cabeça para o lado.

— Claro. Você e Tony não falam sobre O Cinza?

Dei de ombros, meio envergonhada por saber tão pouco sobre o que Tony fazia com seus talentos.

— Não muito.

— Ele vai saber — foi a resposta misteriosa e insatisfatória de Chase.

Olhei para Ben; ele estava sorrindo.

— Que foi?! — perguntei, irritada.

— Nada. Estava imaginando por que Tony esconde as coisas de você, só isso.

Fiquei puta imediatamente, e tenho certeza de que essa era sua intenção.

— Ele não esconde nada de mim, seu merdinha. Volte para o inferno — rosnei.

— Você está em minha casa agora, sabia?

— Mostre a ele, Jayne! — disse Tim, animado.

Como eu bem sabia, meu amigo pixie queria ver faíscas voando — ou alguns elementos voando, que seja. Mas eu não ia fazer uma cena ali em meu primeiro dia como membro do conselho.

— Posso estar em sua casa, mas não estou sozinho. De modo que eu pensaria duas vezes antes de começar algo que não possa terminar — ameaçou Ben.

Semicerrei os olhos para ele.

— O que isso significa?

Ele deu de ombros.

— O que você achar que significa.

— Bem, é melhor que você não esteja sugerindo que tem espiões aqui, porque, se eu descobrir, vou alimentar Gorm com eles.

De repente, passou por minha cabeça que eu não o via desde que havia voltado. Deixara-o aos cuidados de Scrum antes de partir, e ele estava ali, mas sem o buggane.

— Isso seria difícil, pois Gorm agora está conosco.

Ben olhou para Chase.

Eu ri.

— Melhor ainda, porque, primeiro, Gorm é nojento e vai comer alguns de vocês, e segundo, a menos que você tenha problemas de memória de curto prazo, Chase não está exatamente com você.

Sorri, tão vil quanto era capaz.

Ben olhou para Chase de novo, meio ofendido, mas depois olhou para mim, devolvendo meu sorriso perverso.

— Bem, acho que nem com você, não é?

Senti meu rosto ficar vermelho e a ligação com O Verde entrar no automático. Meu manto começou a brilhar e a ganhar vida, fazendo que os poucos fae que restavam na sala engasgassem, em choque.

— Jayne, pare com isso — disse Chase. — Não é hora.

Desfiz a conexão instantaneamente. A mágoa floresceu em meu peito.

— Você ouviu o que ele disse, Chase. Não é verdade. Você está comigo, certo?

Odiei parecer tão lamentavelmente carente, mas não pude evitar. Era como eu me sentia.

Chase olhou para mim por um segundo e disse:

— Eu estou com você, Jayne. Com você, e só você.

Balancei a cabeça, aliviada. Isso era o bastante para mim, mesmo sem ter certeza de que havia entendido o que ele havia dito. Decidi que dar uma de mulherzinha e exigir algum tipo de explicação ou compromisso era a última coisa que precisava acontecer naquele momento, apesar de que uma pequena parte de meu coração me pedia isso. Maldita fraqueza interior!

Ben ficou claramente contrariado com o rumo da conversa.

— Que seja. Vamos, temos campanhas a fazer.

Ben se virou para sair e seis ogros convergiram sobre ele. Ele levantou as mãos em sinal de rendição e voltou para perto de Chase.

Sorri e sustentei seu olhar quando ele olhou para nós, nervoso. Era tão bom ter controle sobre ele pelo menos uma vez.

Ele fez cara feia para mim, mas não disse nada. Por um segundo, recordei como ele seria bonito para quem gostasse do tipo poderoso, exótico e potencialmente perigoso. Não para mim, no entanto. Eu era mais do tipo americano. Do tipo Chase.

Ele se inclinou rapidamente e me deu um beijo no rosto. Sua boca se afastou antes que eu pudesse virar a cabeça e tentar conseguir mais do que ele pretendia. Droga. Frustrada de novo. Perguntava-me se um dia saberia qual era a sensação de beijar Chase. Beijar de verdade.

Observei enquanto ele e Ben eram levados por guardas armados. Uma bruxa os seguiu quando chegaram à porta, lançando um feitiço ao passar.

— O que a bruxa está fazendo? — perguntei a Tim.

— Jogando um feitiço ofuscante neles. Eles não vão se lembrar de nada que virem fora desta sala.

— Alguém não poderia desfazer esse feitiço e trazer as lembranças de volta?

— Só quem lançou o feitiço, ou algum parente.

— Espero que ela não tenha uma irmã ou um marido por lá.

Isso foi definitivamente uma grande e gorda deixa para Tim, que ainda não falava nada sobre sua própria esposa estar no complexo dos fae das trevas. E nós

ainda não havíamos falado sobre seu filho também. Jurei a mim mesma que falaríamos sobre isso à noite. Depois do grande cochilo que havia dado, seria difícil conseguir dormir.



Capítulo 28

TIM, FINN, SCRUM, TONY E EU DECIDIMOS relaxar por um tempo em meu quarto, até a hora do jantar. Quando seguíamos pelo corredor, Spike e as gêmeas nos alcançaram.

— Aonde estão indo? — perguntou ele.

— Ao meu quarto. E vocês?

Spike era todo sorrisos.

— Não sei. Quer que a gente vá com vocês?

Olhei de soslaio para ele e entendi imediatamente que ele queria que eu dissesse não.

— Por que você não mostra um pouco da floresta às gêmeas? Aposto que elas adorariam dar uma corridinha. Ou seja o que vocês, cubos malucos, fazem.

— Cubos?

— Súcubos, incubos... tudo cubo.

— Ah, entendi. Tudo bem, então nós, cubos, vamos sair. Vemos vocês no jantar.

Continuei andando, deixando-os para trás.

— Vamos lá, meninas — disse Spike. — Tenho uma coisa bem legal para lhes mostrar.

Senti o movimento do ar passando por mim quando saíram em alta velocidade, rumo a uma das portas com símbolos.

Sorri. Spike estava positivamente eletrizado, muito feliz. E as meninas pareciam bastante intrigadas com ele. Eram almas gêmeas.

— Perigo na floresta esta noite — disse Tim, voando por mim.

— Você acha? — perguntei.

Eu ainda ficava imaginando o que os cubos faziam quando se reuniam. Será que caçavam outros fae ou seres humanos? Ou só caçavam uns aos outros?

— Eu sei. Esses caras se juntam em bando e... bem... cuidado. Eu já vi o que são

capazes de fazer.

Tremi quando a imagem de meus amigos sorrindo e se aproximando para sugar minha vida na escuridão das árvores invadiu minha mente. Não era algo que quisesse ter de encarar. Levei meus pensamentos a assuntos mais felizes.

— Tony, quero saber tudo sobre O Cinza. Segundo Chase, há um Campo Infinito lá, e provavelmente muitas outras coisas que eu desconheço.

Havíamos chegado à minha porta e Tony a abriu.

— Claro. Tudo o que quiser saber.

Cada um achou um lugar para sentar — eu em minha cama, Tim, na dele, e todos os outros no chão. Antes que começássemos, porém, um movimento brusco no canto da sala chamou minha atenção. Quase gritei “Assassinato sangrento!” antes de perceber que era somente Becky aparecendo do nada.

— Puta merda, Beck, avise da próxima vez! Caramba!

Ela sorriu, quase pulando de felicidade.

— Oops! Desculpe! Estou tão animada, tinha de vir imediatamente. O teste de lealdade não foi nada demais e só levou uns dois segundos. Fui ver Naida, e ela ficou tão feliz em me ver que até sorriu. Dá para acreditar?

Balancei a cabeça.

— Não mesmo. Acho que você imaginou.

— Não, é sério. Ela sorriu. Eu até pude ver seus dentes.

Becky foi se sentar ao lado de Finn, fazendo-o sorrir e corar um pouco, destacando suas sardas.

Fiz uma careta ao imaginar os dentes de Naida. Não queria saber detalhes. Minhas próprias versões inventadas de como eu achava que eram já eram suficientes para pesadelos.

— Tony ia nos dar uma aula de Cinza.

Todos se voltaram para olhar para Tony, e notei que ele tentava não se contorcer todo sob os holofotes.

— Bem, acho que eu deveria dizer, em primeiro lugar, que é muito parecido com isto aqui. A maioria das coisas é como uma cópia. Mas não há pessoas nem fae, pelo menos não vivos, e há outras coisas lá em vez disso.

— Outras coisas? Tipo o quê? — perguntou Scrum.

— Espíritos. Fae que podem viajar para lá como eu ou os elfos cinzentos, apesar de fazê-lo de forma diferente, às vezes. Esses tipos de coisas.

— Você quer dizer, tipo, fantasmas? — perguntou Becky baixinho.

— Acho que podemos dizer que sim. Todo o mundo que morre passa um tempo lá. É tipo um espaço entre os reinos. Mas, quem tiver sorte, fica lá por pouco tempo.

— Por que só se tiver sorte? — perguntei.

Pensei em minha mãe ali e fiquei feliz por Tony estar lá para cuidar dela. A ideia de minha mãe andando com fantasmas não me parecia legal.

— Não sei por que isso acontece, mas alguns espíritos estão lá faz tempo. Eles entraram e depois não seguiram em frente. A maioria deles não é o que chamaríamos de feliz. Às vezes... tentam fazer que os outros fiquem com eles.

— Ah, maldição! Fantasmas infelizes? Isso me dá arrepios — disse Finn, estremecendo para reforçar sua opinião.

— Não estou explicando direito. Não é que eles estão infelizes, é que estão perdidos. Insatisfeitos, solitários. Não se parecem com nada. É muito triste. Às vezes eu vou lá e tento ajudar, quando tenho tempo.

— E funciona? — perguntou Scrum com reverência. — Você é, tipo, um guia espiritual?

Tony deu de ombros.

— Às vezes funciona; vejo que vão para algum lugar com um propósito, como se, por fim, soubessem o que fazer. Outras vezes isso não acontece. Eles estão presos em sua rotina e é só o que fazem. Acho que poderia dizer que assombram O Cinza. É por isso que o lugar dá uma espécie de sensação negativa. Mas isso não me incomoda.

Ele olhou para mim, e eu meio que sabia o que estava dizendo, mesmo que não o tenha expressado em palavras.

— E você está lá, lá mesmo, ou só como uma espécie de fantasma também? — perguntou Scrum.

— Bom, depende. Às vezes vou plenamente, como eu mesmo. E outras vezes vou por meio da projeção astral; envio meu espírito, basicamente, mas deixo meu corpo físico neste reino.

— É diferente do que fazem os elfos cinzentos — disse eu, lembrando quando Gregale havia me levado para visitar Tony quando ele ainda vivia na Flórida.

— É. Eles só podem entrar por projeção astral. Não podem ir inteiros, como eu.

Antes de conhecer Tony, eu estava meio que em meu próprio Cinza. Eu não tinha muito propósito, além de sentir raiva. Não sabia aonde estava indo ou o que fazer. Era infeliz e não me sentia amada. Mas a amizade dele mudou tudo. Acho que, de certa forma, ele foi meu guia espiritual.

Tony sorriu para mim, em sintonia com meus pensamentos, de modo que não precisava dizê-los em voz alta. Mas disse mesmo assim, porque queria que todos soubessem como ele era incrível.

— Tony foi meu guia espiritual. Ele é a razão de eu estar aqui.

Finn olhou para nós e anuiu.

— Vocês têm uma ligação especial, todo o mundo vê.

— Eu meio que me sinto assim em relação a todos vocês — disse Becky timidamente. — Foi por isso que não fiquei com os fae das trevas, embora haja alguns bem legais lá. Estou falando sério, pessoal, há sim. Eles não são bandidos como vocês pensam.

— Ben é — disse eu com absoluta convicção.

Nada do que ela dissesse mudaria minha opinião.

— Não, Jayne, ele não é. Cheguei a conhecê-lo bem e ele é muito legal. Entendo por que Tony e ele eram amigos. Eles são muito parecidos.

Fiquei de queixo caído.

— Tem certeza de que não fizeram nenhum vodu estranho com você, Becky? Porque juro que acabei de ouvir você dizer que Ben é como Tony. Em meu mundo, essas palavras não fazem sentido.

Becky sorriu.

— Você não pode me pegar, Jayne, por isso, nem tente. E estou falando sério. Ben é legal, prestativo, sempre pronto a oferecer conselhos para quem quiser. Ele realmente se preocupa com os fae. Dedicar-se a toda nossa espécie.

Bufei.

— Pfff. Que seja. Ele tem segundas intenções e enrolou você. Eu sei que sim.

— Você acha que sabe, e há uma grande diferença — disse ela, recusando-se a ceder.

— Becky, você quer ficar neste quarto ou quer ser chutada para fora?

— Quero ficar. Mas com minhas próprias opiniões.

Tony ergueu a sobrancelha para ela e, a seguir, olhou para mim, esperando para ver o que eu faria. Quase odiei o fato de ele não interferir. Becky estava me acuando, e isso não era normal. Isso me deixou louca, o que foi muito estranho, porque ficar brava com Becky era como ficar brava com o Bambi.

— Tudo bem, fique com sua própria opinião estúpida. Só não fique pregando o sermão do maravilhoso Ben para mim, porque essa eu não engulo.

Ela deu de ombros.

— Tudo bem. Mas você vai ver, um dia.

Olhei-a com os olhos semicerrados, mas deixei para lá. Não tinha importância. Eu estava o mais longe possível de Ben; nossos elementos não se misturavam direito.

Olhei para Scrum, que estava ocupado esfregando seu cabelo curto sem parar, como se acariciasse um cachorro, e me fez lembrar Gorm.

— Ei, Scrum, o que aconteceu com Gorm? Ele fugiu?

Scrum pousou a mão no colo.

— Não... não exatamente. Ele disse que sua dívida estava paga; queria falar com Chase e ser liberado para poder voltar à sua caverna. Sem você aqui, ele não viu sentido em ficar.

— Então você simplesmente deixou que um monstro comedor de fae fosse para a floresta? — perguntei.

Scrum se contorceu um pouco.

— Bem, não... na verdade, eu o escoltei até a clínica, onde uma bruxa fez uma poção. Levei-o até aquele lugar onde você encontrou Chase antes e o fiz bebê-la. E caí fora de lá antes que ele acordasse.

— Para que era a poção? — perguntou Tony.

— Para apagar as lembranças do tempo que ele passou aqui.

— Incluindo a parte que ele gostava de nós e concordara em não nos comer? — perguntei meio irritada.

— Hmm... talvez..

Scrum começou a acariciar a cabeça de novo, em um ritmo furioso.

Revirei os olhos.

— Ótimo. Muito bem, se algum de vocês vir o Chase-monstro ou qualquer buggane na floresta, corra.

— Como é um buggane, afinal? O único que já vi se parecia muito com Chase — disse Finn.

Todos nós trocamos olhares, intrigados.

— Ah, legal, isso ajuda muito — afirmei, com sarcasmo. — Tony, você realmente precisa fazer um manual de treinamento. Com fotos coloridas.

Ele sorriu.

— Vou cuidar disso.

— Não estou brincando.

— Ela está certa — disse Finn. — Precisamos de uma enciclopédia fae, para não ficarmos boiando o tempo todo. Juro, metade dos acidentes que temos são evitáveis.

— É o que todo mundo acha, Finn — disse eu.

— Até eu compraria esse guia — disse Scrum. — Vou pelo instinto a maior parte do tempo, e isso é bom para proteger outros fae, mas, para o resto das coisas, tipo, para viver aqui, um guia seria bem útil.

— Bem, prometo que vou me reunir com os elfos cinzentos para falar sobre isso, mas sei que não é a prioridade deles no momento.

— Falando em reuniões — disse eu —, o que vocês acham desse negócio de reunião com os fae das trevas? Querem que eu aborde algum tema quando estiver lá?

— Que bom que perguntou, Jayne — disse Tony. — Gostaria de saber qual é a ameaça, exatamente. Alguém sabe a forma que vai assumir? Quando virá? Que recursos poderíamos usar contra ela?

Levantei a mão para detê-lo.

— Tony, é exatamente por isso que acho que você é que devia vestir o manto, não eu. — Olhei para o tecido turquesa cintilante pendurado em um gancho atrás de minha porta, onde geralmente ficava minha toalha. — Não tenho a menor ideia do que todo mundo precisa saber, nem mesmo o que dizer quando estou com eles.

— Siga seus instintos — sugeriu Tim. — No mínimo, vai fornecer um pouco de diversão.

— Obrigada, Tim. Muito útil.

— Disponha!

— O que ele disse? — perguntou Becky.

— Ele disse que queria ser tão inteligente quanto eu, mas que sabe que vai ter que viver com o fato de que, além de uma bunda pequena, ele tem um cérebro limitado.

Becky sorriu, primeiro por minha resposta, e depois pela óbvia contrariedade de Tim, que ficou voando pela sala gesticulando para mim.

Eu o ignorei e prestei atenção em Tony.

— Não, você é a escolha perfeita para essa honra. Se não quiser fazer essas perguntas, não se preocupe. Os elfos cinzentos sempre entram em ação imediatamente. Se vocês decidirem que precisamos cooperar com os fae das

trevas, trabalharei com os elfos cinzentos deles também. Eu sei que, juntos, podemos resolver as coisas.

Balancei a cabeça.

— Você está muito mais positivo do que eu quanto a esse “trabalho cooperativo”.

Becky intercedeu.

— Jayne, eu sei que você não gosta de Ben. Sei que eles a torturaram lá... por isso, não fique brava comigo, mas tenho de lhe dizer que conheci alguns fae das trevas muito gentis. Eles não eram nada malvados. Eu lhes contei o que aconteceu com você lá e eles me disseram que eram contra. Todo o mundo era contra, exceto Malena e aquele Leck, é claro. — Ela se inclinou e sussurrou o resto: — Eles estão meio lunáticos, entende?

— Então, vamos deixar esses lunáticos comandar o show. Perfeito.

— Não, não é isso. Eles são meio excluídos. Malena é do conselho, mas não se dá bem com os outros. Leck é amigo dela. Acho que o que aconteceu com você não foi sancionado pelo conselho.

— Bom, Ben estava lá. Ele sabia o que estava acontecendo.

— Ben não é do conselho. Ele é poderoso, sim, porque é o elemental deles e tem habilidades seriamente terríveis de Fogo e Vento, mas não manda nada. Ele tem de fazer o que eles dizem. Não pode diretamente impedir Malena de fazer o que ela faz, mas ele a denunciou pelo que fez com você. E tenho certeza de que ela se encrencou. E Leck também. Não sei dos detalhes, mas ouvi algumas coisas.

— Que seja, Becky. Você não estava lá. Ben disse a Leck para me torturar. Ele participou daquilo.

Becky franziu a testa, assim como Tony.

— Perguntem a Tim, ele estava lá também.

Eu estava ficando com raiva porque não acreditavam em mim, ou talvez achassem que estava exagerando.

— É verdade! — gritou ele, zumbindo na frente do rosto de Becky e depois de Tony.

Parou no ombro de Tony e gritou em seu ouvido.

— Ben deu a ordem a Leck para derreter o cérebro de Jayne! Como você pode ver, houve alguns efeitos colaterais!

Tony deu um meio-sorriso, olhando para mim para ver se eu não me chateava com as piadas de Tim.

Revirei os olhos. Pelo menos aquele bostinha corroborou minha história.

— Bem, talvez ele tivesse suas razões — disse Tony. — Espero que um dia descubramos quais eram.

— Não preciso esperar para ouvir as desculpas esfarrapadas dele. Ben queria entrar em nosso complexo, foi totalmente claro e aberto sobre isso. Não preciso saber mais nada.

— Bem, você resistiu e ele não entrou, nem nenhum amigo dele, mesmo tendo jogado sujo. Você mostrou que é melhor do que eles, Jayne. Deixou a todos nós orgulhosos — disse Finn.

Balancei a cabeça em agradecimento.

— Tive sorte por Chase estar lá. Se não estivesse, não sei como eu teria saído.

— É meio engraçado pensar como ele pôde fazer isso sem que ninguém visse — disse Tony.

Dei de ombros.

— Ele teve bastante tempo para sondar o terreno por lá. Além disso, estávamos no meio da noite, todo o mundo estava dormindo.

— Ben a deixou ir — disse Becky baixinho. — Ele sabia que Chase a libertaria, queria que isso acontecesse.

Fiquei louca:

— Por favor, Becky, dê um tempo! Não sei qual é a sua, mas já chega. Ben não é nosso amigo, não está do nosso lado. Quanto mais cedo você perceber isso, mais cedo vai recuperar o juízo.

Becky se levantou em um acesso de raiva.

— Você está errada, Jayne. Sei que você não gosta de ouvir isso, e eu com certeza não gosto de ter de lhe dizer, mas está errada. Quanto mais cedo

perceber isso, mais cedo vai saber qual é a coisa certa a fazer ao vestir esse manto brilhante!

Então, ela desapareceu no ar.

— Filha da puta! Odeio quando ela faz isso.

— O quê? — perguntou Scrum com inocência. — Desafia você ou se teleporta?

Peguei minha meia suja enrolada que havia acabado de tirar do pé e atirei nele. Acertei sua cabeça estúpida.

— O que foi que eu disse?

Finn riu.

— Cara, você é muito sem noção. Sua mãe o deixou cair de cabeça quando você era pequeno?

Scrum ficou confuso por um segundo.

— Não. Mas minha avó sim. Ainda tenho um achatado na cabeça. Quer sentir?

Ele inclinou a cabeça para Finn, dando-lhe acesso, caso ele quisesse verificar.

Caímos na gargalhada. Era terrível demais para não ser cômico. Pobre Scrum com sua avó psicopata. Queria ter conhecido aquela senhora para poder lhes dar uns tapas.

— Não — disse Finn com nojo —, não quero sentir sua maldita cabeça, garoto. Reconponha-se.

Scrum deu de ombros.

— Não houve nenhum dano permanente. Foi só um acidente.

Eu estava apertando meu estômago, tentando controlar a dor de tanto rir. Não conseguia parar. Acho que todo o estresse que estava acumulado saía na gargalhada. Toda vez que eu achava que ia conseguir parar, olhava para o rosto confuso de Scrum e começava tudo de novo.

Uma batida na porta e a voz de Céline, por fim, me fizeram parar.



Capítulo 29

FUI ATÉ CÉLINE NO CORREDOR, DANDO A meus amigos um pouco de privacidade para se recompor. Tony ainda estava rindo, com um grito mudo no rosto, quando saí pela porta e a fechei atrás de mim.

— Olá, Céline, o que houve?

— Só queria avisá-la que o conselho vai se reunir antes do jantar, em cerca de vinte minutos. Queremos discutir a reunião com os fae das trevas. Você pode ir?

— Claro! Onde?

— Lembra a sala onde nos encontramos antes de ir buscar Tony?

Vasculhei a memória procurando a porta.

— Aquela com o símbolo de um círculo cortado?

— Sim. É a porta Pi. Encontre-nos em vinte minutos, okay?

— Tudo bem. Em vinte minutos na porta Pim.

— Pi, não Pim.

— Ah, tudo bem.

Voltei para o quarto e vi todos, menos Scrum, deitados no chão, segurando a barriga. Até Tim, que deitara em cima de minha cômoda.

Sorri.

— Parece que estão com dor.

— Estamos — disse Tony, suspirando profundamente. — Rir muito dói.

— Bem, levantem-se. Todo mundo para fora, menos Tim. Tenho uma reunião para ir.

Tony se sentou, de repente sério.

— Já? Pensei que eles queriam que eu ficasse de olho na reunião das dez da noite.

— Não, não é essa reunião. É uma reunião pré-reunião.

— Posso ir? — perguntou Tim.

— Não, Tim, não pode.

— Eu posso me esconder em seu cabelo...

— Não, você não pode se esconder em meu cabelo. Não posso enganar o conselho. É meu primeiro dia, não quero estragar tudo levando um pixie de contrabando.

Tim resmungou um pouco, mas não discutiu. Tive a sensação de que ele tentaria se esgueirar, de qualquer maneira. Mas não me importava. Se ele fosse pego, seria culpa dele e eu estaria limpa.

Quando Scrum estava saindo, por último, segurei-o pelo braço.

Ele olhou para mim, confuso e inocente.

— Só queria dizer que espero que saiba que estávamos só brincando hoje. Não quisemos ofender você ou sua avó.

Ele sorriu.

— Eu sei, não se preocupe. Sei aceitar brincadeiras, já estou acostumado.

Não pensei antes de agir; puxei-o para um abraço e o apertei com força, tentando me livrar da tristeza que eu sentia por ele. Depois de conhecê-lo melhor, percebi como ele era uma pessoa boa. E pensar que ele havia sido tratado como merda durante a maior parte da vida era muito, muito deprimente para mim.

— De alguma forma, seu perdão só faz eu me sentir mais uma merda, Scrum.

— Oh, desculpe — disse ele, sobre meu ombro.

— Não é culpa sua. Estou apenas excessivamente emotiva.

Se eu não soubesse, pensaria que estava na TPM. Mas eu sabia: a única explicação para meu comportamento irracional era a morte de minha mãe e o fato de ter escapado por um triz de fazer sexo com o demônio do mal. Essa merda havia deixado cicatrizes emocionais.

Afastei-me dele.

— Acho que você cresceu e virou um cara legal, por isso estou feliz por você

estar aqui agora. Você é importante para mim. Para todos nós.

Ele olhou para o chão, corando.

— Você acha?

— Sim. Eu sei que sim. Agora, dê o fora de meu quarto.

Ele ergueu os olhos e sorriu para mim mais uma vez antes de ir.

Recolhi a meia que eu havia jogado em Scrum e sentei na beira de minha cama, vestindo-a de novo, junto com os mocassins.

— Você está ficando mole, Sparks? — perguntou Tim, deitado de costas na cama em miniatura com as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto.

— Não. Estou só... dando mais apreço a meus amigos, acho.

— Bom. Fique à vontade para me dar mais apreço também.

— Acho que eu o aprecio tanto quanto uma pessoa que passa dia e noite com você poderia apreciar.

Ele olhou para mim, franzindo a testa.

— O que isso quer dizer?

— Bem... você ronca, peida, puxa meu cabelo. Quer que eu continue?

Ele suspirou.

— Espere só até se casar. Vai desejar que meus pequenos, insignificantes e principalmente encantadores pecadinhos fossem tudo o que tivesse de enfrentar.

— Pecadinhos? Bela palavra — disse eu.

— Você sabe disso. Há muito mais neste pixie do que seus olhos podem ver.

— Você está brincando? — disse, ao levantar. — Eu não mereço tanto. E, a propósito, falando em ser casado... vamos falar sobre sua esposa e seu filho hoje à noite, depois do jantar. Estou só avisando. E não tente se esconder, porque vou encontrá-lo.

Tim virou as costas para mim e começou a roncar superalto.

— Pode fingir roncar o quanto quiser. Se eu tiver de prendê-lo e soltar bafo de alho em você até que implore por misericórdia, é o que vai acontecer.

Um peido pixie na hora certa foi sua única resposta.

Saí do quarto balançando a cabeça e me perguntando que diabos eu faria se não o tivesse por perto para me enlouquecer todos os dias.

Encontrei-me em frente à porta Pi em menos de cinco minutos. Bati três vezes e entrei, notando que era a última a chegar... e que todos, menos eu, usavam seus mantos.

— Onde está seu manto? — perguntou Red.

— Ah, em meu quarto. Algum problema? Pensei que era só para as assembleias.

Red se voltou, resmungando.

Céline se aproximou e colocou a mão em meu braço.

— Eu devia ter avisado, desculpe. Você deve sempre usar o manto nos assuntos do conselho. Ele tem propriedades mágicas que vão impedir que outros se passem por você ou ouçam nossas conversas.

— Aahhhhh, entendi. Posso ir buscá-lo rapidinho, se quiserem.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim, por favor. Vamos esperar por você.

Nem me preocupei em ver a reação de Red por eu atrasar a reunião. Saí correndo pelo corredor para voltar a meu quarto.

Cheguei à porta e estava prestes a abri-la quando ouvi vozes alteradas lá dentro. Minha mão congelou no meio do caminho, no momento em que ia fazer contato com a madeira. Inclinei-me mais perto, colocando o ouvido na porta e tentando ouvir quem era e o que estavam dizendo.

Reconheci imediatamente a voz estridente e agitada de Tim, e outra, rouca, com um leve rosnado. Não consegui descobrir quem era, mas quando ouvi Tim gritar “Eu não estou no cardápio, buggane!”, não hesitei. Abri a porta.

— Gorm! — gritei. — Afaste-se do pixie agora mesmo!

O buggane estava empoleirado em cima de minha cama, com seus pés nojentos, peludos e sujos em meu travesseiro, e seu braço grumoso e peludo estendido, tentando alcançar Tim, que, em pânico, voara para perto do teto. Ele se voltou para mim com os olhos vermelhos e brilhantes saindo de suas pálpebras flácidas e gosmentas. Não parecia nada com Chase. Parecia o bicho-papão dos meus piores pesadelos.

— Você disse meu nome! — rosnou, ameaçadoramente, esquecendo Tim por um momento.

Entrei no quarto, tateando atrás da porta para tirar meu manto do gancho enquanto tentava distraí-lo com minhas palavras.

— Disse mesmo.

Parei para enviar a Spike os pensamentos mais sexy que conseguisse reunir com essa bolha nojenta de horror em minha frente, rezando para que ele me sentisse e aparecesse correndo.

— E não tenho medo de dizer seu nome. Gorm, Gorm, Gormagon. Pronto. Falei mais três vezes.

Ele inclinou a cabeça para o lado, voltando o rosto para mim, esquecido de Tim.

— Gormagon?

— Sim. É o apelido que eu lhe dei. Gormagon. Gormie. Gormster.

— Isso me parece familiar...

— Sim, Gormagon. É familiar porque você e eu somos amigos, lembra? Nós andávamos juntos. Comíamos juntos. Você estava fingindo ser Chase, era meu demônio.

Joguei o manto sobre os ombros e rapidamente toquei O Verde. Meu manto começou a brilhar e uma faísca turquesa cresceu até me cercar.

Gorm desceu da cama com a mão estendida à frente, em minha direção.

— Que bonito!

Falei praticamente como se ele fosse um bebê:

— Sim... é bonito... é isso mesmo. Siga o manto bonito, Gormagon. Isso mesmo,

siga as cores bonitas...

Fui saindo do quarto para o corredor. Pensamentos sensuais, pensamentos sensuais, Spike, PRECISO DE VOCÊ!!!

A voz de Tim me seguiu porta afora.

— Estou aqui, Jayne! Não feche a porta!

— Tudo bem! — gritei, mantendo os olhos fixos em Gorm, que avançava pelo corredor comigo, quase em transe, querendo pegar meu manto.

Senti uma perturbação no ar atrás de mim, e, a seguir, ouvi Spike dizendo, com uma voz sexy: — O que temos aqui?

E a seguir:

— Eca, o que é isso? — em um tom obviamente desgostoso.

A voz de Theresa se ouviu a seguir.

— Isso... é um buggane.

Felicia acrescentou:

— Um buggane feliz, ainda bem.

— Bem — disse, dando um passo em direção a suas vozes para impedir que Gorm ficasse perto demais —, ele está feliz agora. Há um minuto, estava tentando comer Tim.

Tim veio voando do quarto e passou por nós zunindo até o final do corredor.

— Cagão! — gritei.

Não recebi resposta. Ele estava muito longe, tentando salvar seu rabo e me deixando para trás para cuidar daquela merda. Típico.

— Qual é o plano? — perguntou Spike. — O que podemos fazer?

— Bem, não sei, exatamente. — Dei mais dois passos para trás. — Acho que não quero morrer sozinha.

— Você não vai morrer — disse Theresa com ironia. — Afaste-se, elemental. Deixe que eu e Felicia seguremos esse menino mau.

— Com prazer — respondi, liberando a energia d'O Verde.

Meu manto parou de brilhar e de atrair a atenção do buggane.

Gorm franziu a testa e balançou a cabeça, como se quisesse limpá-la. A seguir, estreitou os olhos em minha direção e disse: — Você me enganou. Nada de manto brilhante bonito. Nada de pixie.

Theresa e Felicia se posicionaram uma de cada lado.

— Ei, buggane. O que está fazendo? — perguntou Felicia.

Ele olhou para ela com uma expressão mal-humorada:

— Procurando comida. Gorm está com fome.

— Que tal um incubo legal? — perguntou ela. — Não parece bom?

— Hmmm, incubo é gostoso.

Voltei-me para Spike. Sua expressão era a clássica cara de tonto no meio de mulheres intrigantes.

— Ei! Qual é? Eu não sou comida!

— Gorm gosta de incubo — disse o buggane.

— Siga-nos, buggane, temos um incubo aqui para você. Você só precisa pegá-lo. É divertido caçar a comida, não é, buggane?

Os olhos de Gorm se iluminaram.

— É divertido caçar a comida primeiro.

Ele balançava a cabeça lentamente enquanto se deliciava só de ver Spike, agora exposto, já que eu havia dado um passo para o lado.

Eu tinha plena confiança nas gêmeas, e sabia — ou pelo menos desejava ardentemente — que elas não deixariam que nada acontecesse com Spike.

Gorm investiu contra Spike, mas este se afastou à velocidade de incubo até cerca de dez metros além no corredor.

Spike riu, nervoso, e disse:

— Ha, ha, escapei. Tente me pegar agora.

As gêmeas acenaram para ele com grandes sorrisos no rosto. Percebi, naquele momento, que eu estava presenciando algum tipo de jogo doentio de cubos, mas não liguei. Enquanto eles impedissem Gorm de comer qualquer um e o controlassem até que pudéssemos nos livrar dele, tudo bem. Não pude imaginá-los tentando feri-lo sugando sua energia; algo me dizia que Gorm devia ter um gosto nojento.

— Levem-no para aquela sala onde ele estava preso antes! — gritei.

Felicia acenou para mim e virou a esquina, ficando fora de vista.

Suspirei profundamente, virando-me para retornar à sala Pi. Pelo menos eu tinha algo importante para acrescentar à pauta da reunião: buggane louco e faminto à solta pelos corredores. A vida nunca era chata no complexo dos fae da luz.



Capítulo 30

VOLTEI PARA A SALA PI EM TEMPO recorde, com o manto ligeiramente brilhante nos ombros. Minha mente estava com dificuldade de liberar O Verde, sabendo que havia um bicho-papão faminto em algum lugar no complexo.

Bati as três vezes necessárias e entrei, encontrando um lugar para sentar o mais rapidamente possível. Todos já estavam sentados, e, assim que me sentei, Dardennes começou a falar:

— Obrigado a todos por terem vindo. Não vou me prolongar. Eu só queria a opinião de vocês a respeito desse encontro com os fae das trevas.

Levantei a mão.

Dardennes parou de falar e ergueu a sobrancelha. Interpretei isso como permissão para prosseguir. Eu não conhecia o protocolo, de modo que me levantei, tendo que, toda atrapalhada, segurar a cadeira para que não caísse para trás, visto que eu estava meio ansiosa.

— Antes de responder a essa pergunta, quero dizer que havia um buggane trapaceiro perambulando pelos corredores perto dos quartos das crianças trocadas, mas os cubos o pegaram e o prenderam de novo naquela masmorra, se tudo correu conforme o planejado.

Sentei-me e cruzei as mãos sobre a mesa, colocando toda a minha atenção em Dardennes e ignorando os olhares dos outros à mesa.

Dardennes abriu a boca, mas nada saiu. Ele parecia um peixe fora d'água tentando respirar antes de, por fim, conseguir falar:

— Você disse... um buggane... cubos? Desculpe, poderia repetir? Acho que não entendi muito bem.

Respirei fundo e me levantei de novo.

— Tudo bem. O que eu disse foi que há um buggane no complexo. Ele estava em meu quarto quando voltei para pegar o manto; estava tentando comer meu colega de quarto, Tim, o pixie. Então, chamei os cubos, que é como chamo os súcubos e incubos daqui, e eles foram me salvar. Eles o estão atraindo pelos corredores até a sala onde vocês o haviam trancado antes.

Olhei em volta, para os rostos à mesa, a maioria dos quais eu já havia visto antes, mas só dois eu conhecia. Vi a compreensão surgindo na maioria deles. Vendo que

havia terminado minhas explicações, sentei-me.

Red falou.

— Você encontrou um buggane aqui, em nosso complexo? — Ele parecia desconfiado. — E cuidou dele nesse curto período de tempo em que se ausentou agora?

— Sim. Mas agora os cubos assumiram. Estão brincando de caça ao jantar com ele.

— Caça ao jantar? — perguntou Niles. — O que é isso, um jogo? Nunca ouvi falar.

— É coisa de bugganes. Talvez de cubos também. Eles gostam de caçar a comida antes de comê-la, acho. Então Spike, o incubo, é o jantar, e está correndo, e o buggane o está perseguindo, enquanto as gêmeas súcubos incitam o buggane a prosseguir.

O lábio superior de Niles se curvou com repugnância.

Lembrei-me, de repente, do pobre anão que havia sido assado no espeto no churrasco dos orcs meses atrás, e imediatamente me senti mal. Deve ser terrível ser tão pequeno e ter só um machado para lutar contra os bichos-papões. Eu podia apostar que muitos dos seus amigos haviam brincado de caça ao jantar e perdido.

— Desculpe, Niles.

Ele franziu a testa.

— Não se desculpe! Não preciso que sinta dó de mim!

Sentei-me rapidamente, chocada, em silêncio. Eu não imaginava que ele era tão sensível.

Mas ele havia dito para não pedir desculpas, de modo que não sabia mais o que dizer. Então, fiquei sentada, certa de que ver e ouvir era o melhor a fazer.

Dardennes pigarreou.

— Bem, estou feliz por saber que você cuidou disso; no entanto, gostaria que Ivar e alguns dos seus ogros fossem até lá para se certificar de que está tudo bem. Niles, você se importaria de cuidar disso? Esperaremos que você volte antes de

recomeçar.

Niles pulou da cadeira e saiu da sala para atender ao pedido de Dardennes.

Aproveitei nosso breve hiato para olhar os fae ao redor da mesa. Dardennes e Céline estavam lá, é claro, perto do fim da mesa, à minha direita; Red estava ao lado deles, e a cadeira Niles, ao lado de Red, estava vazia. O lobisomem que eu vira pela primeira vez durante meu teste estava sentado ao meu lado, à esquerda. Fiquei aliviada ao ver que ele estava totalmente homem, e não lobo. Não foi o caso no dia em que nos conhecemos.

Dei-lhe um sorrisinho e acenei com a cabeça. Ele retribuiu o gesto, mas não disse nada.

Naida, a sereia, estava na outra ponta da mesa, de frente para os elfos de prata; não falava com ninguém e olhava para o nada. Eu não tinha certeza de que ela estava totalmente ali. Quem poderia saber? Talvez essas sereias houvessem descoberto um jeito de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Ao lado dela estava uma senhora com uma túnica de bruxa sob o manto. Eu já a havia visto nos corredores e durante o jantar, algumas vezes. Ela murmurava muito para si mesma, e eu sempre me perguntei se ela era meio lunática ou se estava ocupada lançando feitiços. De qualquer maneira, eu a evitava. Nossos olhares se cruzaram, mas o dela não respondeu à observação que eu fazia de sua pessoa. Só sussurrava para si mesma, e tentei não me assustar.

Havia um lugar vazio entre a velha e Red, que imaginei que pertencia a Jared. Ele havia partido semanas antes. Eu ouvira Scrum dizer que ele voltaria um dia. Queria muito que houvesse outro fae com menos de quinhentos anos nas futuras reuniões do conselho; sentia-me um peixe fora d'água, e era impossível dizer quais eram os critérios para estar ali. Obviamente não era a idade, já que eu era praticamente um embrião em comparação com aqueles velhos rabugentos. E nem a representatividade das raças, uma vez que havia dois elfos de prata, mas nenhum cinzento nem duende verde. Talvez um dia eu tivesse coragem de perguntar o que me havia feito merecer esse lindo manto. Odiava pensar que era o lance de ser Mãe. Ainda não tinha certeza de que eles estavam certos, ou que eu queria que fosse verdade. Claro, queria ser impressionante — quem não quer? Mas queria ser impressionantemente boa, e não só fazer bagada.

Niles voltou, interrompendo meus pensamentos.

Dardennes foi direto ao que interessava.

— Obrigado, Niles. Agora, vamos começar. Teremos o encontro com os fae das trevas amanhã. Imagino que será de manhã. Por favor, estejam preparados para a convocação. Vistam seus mantos, claro. — Ele olhou diretamente para mim, e fiquei vermelha feito beterraba. — Celeste, Red, gostaria que vocês falassem com seus colegas e vissem se temos o feitiço de segurança adequado no perímetro do prado, e, claro, em nosso caminho de cá para lá.

Red e a velha de túnica de bruxa — Celeste, aparentemente — balançaram a cabeça. Celeste começou a escrever letras invisíveis no ar com o dedo. Eu poderia apostar a cueca de Tim como ela estava fazendo anotações invisíveis para ler depois. Era como um iPad de bruxa, ou algo assim.

— Vou me assegurar de que os ogros estejam lá.

E então ele olhou para mim.

— Jayne, queremos que você esteja conectada com seus elementos quando chegar. Não como uma demonstração de poder, mas como uma proteção para si mesma. Não creio que precise dele, mas, por via das dúvidas...

— Você acha que isso é sábio? — perguntou o lobisomem. — Ela já perdeu o controle antes.

Franzi o cenho, mas não podia dizer nada. Ele tinha razão, mesmo tendo sido rude ao dizer aquilo publicamente.

— Achemos que esse pequeno uso do poder é algo que ela pode administrar, como tem se mostrado capaz em muitas ocasiões.

Não sabia se devia sentir orgulho ou vergonha, de modo que apenas olhei para a mesa, retorcendo as mãos embaixo dela, onde ninguém podia ver.

— E qual será nossa missão nessa reunião? — perguntou Niles.

— Acho que devemos participar com a finalidade de ouvir o que Chase e o conselho das trevas têm a dizer, e ser cautelosos em relação a qualquer tentativa de obter acesso ao complexo ou prejudicar nosso povo. Para ser honesto, não sei mais o que fazer fora disso. O esforço de nos reunir por parte de uma criança trocada é inesperado. Não há precedentes para isso.

Contorcei-me um pouco na cadeira. Sabia mais do que eles, e senti que devia lhes dizer tudo; mas, por outro lado, não queria contar a história de Chase se fosse segredo.

Celeste começou com sua voz estridente de velha.

— Talvez a criança trocada em nossa mesa tenha alguns pensamentos que gostaria de compartilhar.

Ela me encarou com seus olhos pequenos e parecia ver através de mim.

— Jayne, você tem algo a acrescentar? — perguntou Céline gentilmente.

Olhei para os rostos que me olhavam. Nenhum deles parecia irritado ou desconfiado, estavam apenas esperançosos. Chase era meu amigo, mas essas pessoas eram parte de minha família. Eu sabia que Chase também era, mas de um jeito diferente. Talvez ele voltasse, talvez não. Ele sempre seria especial para mim, mas, se Chase optasse por ficar com os fae das trevas ou desaparecer para sempre em outra realidade, eu ficaria com esses fae sentados em torno dessa mesa. Tive de escolher uma lealdade e torcer pelo melhor. E minha lealdade estava com aqueles que protegeriam meus amigos e todos os fae desse complexo, quando — e se — jogassem merda no ventilador.

— Chase não é uma criança trocada.

No rosto de todos, salvo Dardennes e Céline, as expressões passaram de confusas a desconfiadas em questão de segundos.

Apressei-me para explicar.

— Ele é do Mundo de Cima, ou pelo menos diz que é. Não conheço nenhum detalhe, na verdade. Ele era um adolescente em Miami comigo, assim como o resto de nós que Jared encontrou. Bem, Chase sempre foi um pouco diferente, mas é só sua personalidade. E, até ser pixelizado por Tim, agia normalmente. Porém, depois desse incidente, e depois que foi para o complexo dos fae das trevas, ele me disse que não é deste reino e que está aqui para alertar os fae sobre uma revolta que vem do Mundo de Baixo.

— Eu sabia! — gritou Niles, batendo com o punho na mesa. — Eu disse que esses orcs não eram evento aleatório!

— Quando Jared volta? Gostaria de ouvir o que ele acha disso — disse o lobisomem.

— Ele deve chegar esta noite ou amanhã de manhã, se tudo correr conforme o planejado — disse Dardennes.

Eu também estava curiosa para ouvir o que Jared tinha a dizer. Imaginava como

Chase poderia tê-lo enganado, assim como a todos os outros, se é que estávamos enganados. Eu ainda não sabia bem quanto do que Chase dissera era verdade e quanto poderia ser atribuído aos efeitos colaterais do pó de pirlimpimpim de Tim.

— Jayne, você teve a impressão de que ele estava... totalmente no controle de suas faculdades mentais? — perguntou Céline com suavidade. — Ser pixelizado pode fazer muitas coisas estranhas acontecerem com a mente.

— Não sou médica, mas, com exceção de algumas risadas inadequadas, ele parecia lúcido. E posso lhes dizer que houve vários avistamentos de orcs, coisa que não entendo como um bom sinal. Além disso, houve o demônio na casa de minha mãe.

— A criança trocada tem razão. Ver orcs não é um bom sinal. Meus irmãos e eu sentimos seu cheiro na floresta, em muitos lugares, mas não conseguimos localizar a fonte. Se continuamos sentindo, uma brecha é certeza — disse o lobisomem.

— Concordo. Jayne tem razão. O demônio na casa de sua mãe foi muito claro. E, receio dizer, eu o reconheci.

Céline baixou a cabeça, envergonhada.

— Como?

Dardennes ficou obviamente surpreso ao ouvir isso.

— Céline! Você não disse nada antes.

— Eu sei, desculpe. Foi tudo tão... inesperado. E não vi razão para dizer. Isso não muda o fato de que ele era um demônio do Mundo de Baixo, com a expressa intenção de pegar Jayne e usá-la para trazer um filho de sangue de demônio ao mundo.

— Muito bem, quem era ele? — perguntou Red. — Vai nos manter em suspense por mais tempo? — perguntou com sarcasmo.

— Seu nome, quando fae, era Torrie. Não sei quantos de vocês o conheciam. Quando estive conosco, foi um elfo de prata também. Torrence. — Ela olhou ao redor da sala. — Algum de vocês o conhecia?

— Eu — disse Niles. — Cabeça dura... brutal... se lembro bem.

Céline assentiu.

— Sim. Essa é uma descrição exata de Torrie. Ele foi muito apaixonado por minha irmã. Mas ela tinha... outros interesses.

Céline olhou significativamente para Dardennes e depois baixou o olhar.

— Sim, conheci Torrie também. Não éramos amigos — disse Dardennes.

— Normalmente, um homem não é amigo de seu adversário na atenção de sua amada — disse o sábio lobisomem.

Olhei para ele e me inclinei para sussurrar:

— Acho que você o conheceu também.

Ele sussurrou:

— Sua reputação era bem conhecida. Não foi necessário conhecê-lo pessoalmente.

Recostei-me e olhei para Dardennes de novo. Ele estava perdido em pensamentos. Eu podia imaginar como teria sido esse triângulo amoroso — Malena, irmã de Céline, Dardennes e Torrie, a besta-fera. Oh, Malena com certeza sabia como fazer ferver o sangue dos garotos. Agora Torrie era um demônio no Mundo de Baixo, Dardennes havia sido expulso dos fae das trevas por se recusar a seguir os planos de Malena e seu conselho e Céline era a irmã triste no meio, abandonada por Torrie, que provavelmente nunca sequer a notou. Pobre Céline. Senti pena dela. Fiquei imaginando se ela já havia tido namorado, marido, ou qualquer coisa. Seria possível viver por mais de mil anos e nunca encontrar o amor? Nossa, eu esperava que não.

— Muito bem, temos uma possível revolta no Mundo de Baixo. Uma Guerra de Fae. Criaturas do Mundo de Cima disfarçadas de crianças trocadas. E um buggane assombrando nossos corredores. Esqueci alguma coisa? — perguntou Red.

Eu tinha de dar crédito ao sujeito. Pelo menos ele estava disposto a ir direto ao ponto. Sem ele, provavelmente ficaríamos a noite toda ali, e eu estava começando a ficar com fome.

Cabeças assentiram ao redor da mesa.

— Bem, então — disse Dardennes —, sugiro que estejamos na reunião de amanhã com o objetivo de pelo menos selar uma trégua temporária na luta contra os fae das trevas e ver o que podemos fazer para sufocar a revolta que

vem do outro reino.

— Posso sugerir que também incluamos reprimir quaisquer revoltas do Mundo de Cima? — disse Celeste. — Chase pode ter boas intenções, mas não precisamos de sua espécie aqui mais do que precisamos de Torrie.

Fiquei imediatamente irada, mas logo percebi que fui a única.

— Absolutamente — disse Dardennes. — Os reinos devem permanecer separados. Uma vez que há uma brecha nas fronteiras entre os mundos, isso significa problemas para todos. Não podemos permitir.

Explodi:

— Mas isso significa que Chase vai ter de ir embora!

— E? — perguntou Red, com um olhar feroz.

— E isso não está certo! O lugar dele é aqui. Comigo. Conosco. Ele é meu demônio — concluí debilmente.

— Ele não é seu demônio. Ele não é fae, e já admitiu isso para você — respondeu Red.

Os outros ao redor da mesa concordaram com a cabeça.

— Mas ele está tentando nos ajudar...

— Admirável. Mas isso não muda o simples fato de que ele não pertence a este lugar — disse Red, em pé. — Proponho adiar esta reunião.

— Apoiado — disse Celeste também se levantando, mas mais devagar e com mais cuidado.

Acho que ela não estava fazendo uma declaração; estava mais tentando não quebrar um quadril ou algo assim. De repente, percebi que ela parecia tão velha quanto Maggie. Fiquei imaginando o que a velha bruxa estaria fazendo naquele momento enquanto eu estava ali sentada, sendo convidada a votar por uma trégua com os fae das trevas. Provavelmente estava assistindo a tudo por uma bola de cristal, morrendo de rir.

— Todos a favor? — perguntou Dardennes.

O sim correu em torno da mesa; de todos, menos de mim. Eu não havia acabado.

— Mas...

— A reunião acabou — disse o lobisomem perto de mim, tocando meu braço gentilmente. — O jantar está sendo servido.

Olhei para eles, contrariada. Nenhum deles me olhava. Bem, eles podiam não se preocupar com os sacrifícios que Chase havia feito, mas eu me preocupava. Saí da sala em um acesso de raiva. Estava com fome, mas irada também. Fui para o corredor que levava ao refeitório, tentando pensar em maneiras de fazer que Chase ficasse aqui para sempre. Tinha de haver uma maneira. Eu só precisava descobrir qual. Talvez Tony tivesse alguma ideia. Acalmei-me ao pensar na sabedoria dos elfos cinzentos, que eu tinha certeza que conseguiriam chegar a uma solução que funcionasse para todos nós.



Capítulo 31

MEU JANTAR TINHA GOSTO DE PAPELÃO, E eu não estava no clima para a conversa casual ao redor da mesa. Até as palhaçadas de Tim com uma framboesa não me distraíam, e isso não era pouca coisa. Ele amava estourar todos os pequenos bulbos suculentos com a faca e fazer sair jatos vermelhos brilhantes que pareciam sangue fresco.

Tony tocou meu braço.

— Qual é o problema, Jayne? Posso ajudar?

— Só se você descobrir um jeito de fazer os velhos peidorreiros do conselho deixarem que Chase fique aqui.

— O que quer dizer? Ele não está aqui agora, está?

— Não, ele não está aqui no complexo, mas está neste planeta.

Becky me ouviu falar e se juntou a nós.

— Está querendo dizer que eles não o querem mais neste planeta? O que eles vão fazer, executá-lo?

Seu rosto ficou pálido só de pensar.

— Não tenho ideia do que eles pretendem fazer. Só disseram que, se ele não é daqui, não pode ficar aqui.

— Nós não somos daqui e ninguém está nos expulsando — disse Finn.

— Quero dizer este reino, não este planeta. Chase é do Mundo de Cima. Ele admitiu isso a Becky e a mim. E agora o conselho sabe, por causa de minha boca grande, e disseram que nenhuma criatura de qualquer outro mundo pode ficar conosco no Aqui e Agora.

— Que droga! — disse Becky olhando para seu prato. — Eu sei que você gosta dele.

— Não importa, o conselho não manda em mim. Vou descobrir uma maneira de mantê-lo aqui.

Becky disse com suavidade.

— Mas e se ele não quiser ficar?

Deixei o garfo no prato.

— O que quer dizer com isso?

Fiquei instantaneamente irada.

Ele deu de ombros, ainda sem levantar os olhos do prato.

— Bem, o que quero dizer é que, se ele não é daqui, talvez queira ir para casa, para seu lugar, depois que tudo isso acabar.

Meu coração doía só de pensar nisso. De repente, eu não estava mais interessada na comida ou na companhia de meus amigos.

— Que seja. Ele pode ir, se quiser. Mas, se quiser ficar, vou achar um jeito de isso acontecer.

Joguei meu guardanapo em cima da mesa.

— Vou para a cama. Foi um dia dos infernos.

Tim decolou da mesa para me acompanhar.

— Eu também! Até depois, batatinhas!

Ele acenou para o grupo voando de costas.

Fui embora sem me despedir de ninguém. Nem me dei o trabalho de olhar para eles quando saí da sala. Estava muito irada e triste, sentindo-me totalmente sozinha; e eu sempre disse que era melhor se sentir solitário sozinho do que acompanhado.

Já no quarto, de pijama, bateram à porta. Não me surpreendi ao ver Tony no corredor quando atendi. Dei um passo para trás, escancarando a porta, mostrando-lhe que podia entrar.

— Feche a porta — disse eu, indo para baixo das cobertas.

Eu não estava a fim de agito.

— Não vou demorar. Estou vendo que você está cansada e impaciente. Só queria dizer que vou apoiar, Jayne, o que você decidir fazer.

Sorri debilmente.

— Obrigado, Tones.

— Só quero que você me prometa uma coisa.

Apertei os olhos para olhar para ele.

— Isso não é amor incondicional.

Ele se sentou na beira da cama, curvando-se para apoiar os antebraços nas coxas, juntando as mãos.

— É sim. Meu objetivo é sempre me certificar de que você esteja feliz e fazendo o certo para si mesma. Então, quero que me prometa que, se as coisas não saírem do jeito que você quer, pelo menos vai tentar manter a mente aberta. É só isso.

— Então você está do lado de Becky, é isso que está me dizendo?

Tentei lhe dar as costas, mas ele estava sentado nas cobertas, deixando-as muito apertadas. Eu estava presa naquela posição, mas recusei-me a olhar para ele. Olhei para o teto.

— Não, não estou. Estou do seu lado, mesmo se o que quiser fazer não for o que deveria. É que... não sei... certifique-se de fazer a coisa certa e não ser imediatista e egoísta.

— Egoísta?! Agora está me chamando de egoísta?!

Olhei para ele com toda a raiva que eu havia juntado dentro de mim, e era muita.

— Não! Não foi isso que eu quis dizer! — Ele passou as mãos pelos cabelos e esfregou o rosto algumas vezes. — Não estou me expressando direito. O que quero dizer, literalmente, é que, se Chase disser que tem de ir embora, você precisa deixá-lo ir. Pronto, falei.

Bufei, frustrada.

— Ele não vai dizer. Então, não precisa se preocupar com isso.

— Tudo bem, então. Não vou me preocupar.

Tony bateu em meu ombro e tentou sorrir para espantar as vibrações ruins.

— Durma bem. Vejo você no café da manhã.

— Que seja.

Tony suspirou quando se levantou.

— Não faça isso, Jayne, por favor.

Recusei-me a olhar para ele.

— Vá embora.

Tony saiu do quarto sem dizer mais nada e eu lutei arduamente comigo mesma para não chorar.

A voz de Tim chegou a mim do outro lado da sala.

— Não se preocupe, Jayne, vai dar tudo certo.

— Eu sei — disse eu, totalmente exausta de pensar e de me preocupar com todas as coisas que estavam fora do meu controle. — Acho que você deu sorte esta noite.

— Como assim?

— Estou cansada e chateada demais para falar sobre sua esposa e filho.

— Ah, que pena! Porque estou pronto para falar.

Ergui um pouco a cabeça do travesseiro para olhar para ele.

— Está?

— Não.

— Ah... Tentei imaginar como seria seu filho. Aposto que é bonitinho.

— Como poderia não ser? — disse Tim.

— Sério. A menos, é claro, que ele tenha essa... coisa que você tem.

— Que coisa? — perguntou ele com desconfiança.

— Você sabe... a coisa...

— Não, Jayne, eu não sei que coisa. Explique.

— Não, isso não seria... deixa para lá. Esqueça o que eu disse.

Rolei de lado, de frente para a parede, com um enorme sorriso no rosto. Eu quase podia ouvir a frustração rolando na cabeça de Tim. Isso me animou.

— Quando pensei que você não poderia cair mais baixo, você aponta os defeitos de uma pessoa. Ninguém lhe contou como é frágil o ego de um pixie?

— De que defeito você está falando?

— Do mesmo que você, obviamente. Minha voz. Porque fica aguda, às vezes, quando estou animado. Eu não posso evitar, você sabe. Nasci assim.

— Ah... Eu nunca percebi esse problema. Estava falando de outra coisa.

Mordi os nós dos dedos para controlar o riso. Meus olhos lacrimejavam com o regozijo contido. Eu praticamente podia sentir a dopamina liberada em meu cérebro e veias. Obrigada, Deus, pelos pixies.

— Do que você está falando? Jayne, você tem que me dizer. O que é? É meu hálito? Meu cabelo? É a minha bunda grande demais? Não, são meus ombros, não é? Muito estreitos. Eu sabia. Eu sabia que eles não eram suficientemente largos. Meu primo, sim, tem ombros largos. Ele consegue nadar mais rápido do que qualquer pixie que conheço. Já eu, de jeito nenhum. Lento o suficiente para ser comido por um peixinho dourado. É triste, eu sei. Meu pobre filho... Pobre criança. O que foi que eu fiz? — gemeu ele.

— Tim, calma. Eu só estava brincando. Você não tem defeitos. Você é absolutamente perfeito. O pixie mais bonito e sexy que eu já vi.

Tim ficou em completo silêncio por alguns instantes. Pensei que havia adormecido, mas, a seguir, ele disse: — Sabe, Jayne, a vingança pode ser um verdadeiro tormento, às vezes.

Sorri, mas não disse nada, e fingi roncar o mais alto que pude. Fiquei fingindo até que minhas narinas ficaram secas demais para continuar. Adormeci logo, rezando para que Tim guardasse sua vingança para depois da reunião do dia seguinte.



Capítulo 32

O DIA DA REUNIÃO AMANHECEU ENSOLARADO E bonito. Os ovos totalmente sem gosto que eu havia comido no café da manhã caíram como tijolos em meu estômago nervoso. Fui com os outros membros do conselho até o ponto de encontro designado, seguindo pelo caminho encantado, enfeitado por nossos bruxos para garantir nossa segurança.

Tony e Gus combinaram que nos encontraríamos no Campo Infinito, sob a árvore de minha mãe. Eu estava com meu manto, que brilhava de energia d'O Verde. Concentrei-me para não deixar que o poder se afastasse de mim. E, ao mesmo tempo, preocupada se ia ficar bem ao ver Chase de novo. Chase, o garoto que todo mundo dizia que não ia ficar por ali. Esse pensamento me fez sentir vontade de vomitar no chão da floresta. Limpei com a manga o rubor suado que tomava meu rosto.

Chegamos à árvore. Sua bela copa se espalhava acima de nossas cabeças. O conselho dos fae das trevas já estava nos esperando. Todos usavam mantos também, e vi imediatamente que Ben era um deles. Acho que ele havia conseguido uma promoção. Surpreendentemente, Leck, meu ex-torturador, não era membro. Eu achava que ele tinha poder por lá.

O manto de Ben era quase preto, com toques de azul e vermelho-escuro cintilando de vez em quando. Percebi que ele também estava conectado com seus elementos. As bordas do seu manto balançavam com a leve brisa que ele levantara, e eu podia ver o Fogo mal contido nas cores. Ele acenou com a cabeça para mim quando cheguei, mas eu o ignorei. Dediquei toda a minha atenção a Chase, especialmente quando o vi ao lado de Malena. Tentei não me irritar muito com a proximidade dos dois, mas meu lado ciumento e inseguro queria ir lá e arrancar os olhos dela. Sabia que esse plano de ataque em particular não seria uma boa ideia na reunião inaugural e auspiciosa — tomara! — dos dois conselhos fae, de modo que apertei o cerco contra meus instintos mais básicos e apenas respirei fundo. Maturidade é uma merda.

Malena foi a primeira a falar.

— Olá, membros do conselho. Nós lhes trazemos os cumprimentos da comunidade fae das trevas.

Dardennes respondeu por todos nós.

— Obrigado. E nós lhes trazemos os cumprimentos da comunidade fae da luz.

Todos se voltaram para Chase, ansiosos para começar a tratar de negócios e provavelmente com medo de que aquilo fosse algum tipo de truque secreto planejado pelo outro lado. Olhei discretamente para Ben e vi que ele olhava para mim e meu manto. Voltei-me para Chase, nada feliz por Ben ter me pegado olhando para ele. Eu tinha de admitir que seu manto era incrível. Servia nele e em seus elementos perfeitamente. Fiquei imaginando se ele sempre fora no conselho ou se sua nomeação havia sido recente, como a minha. Achei que Becky havia dito que Ben não era do conselho.

— Obrigado por terem vindo — disse Chase. — Gostaria que fosse em melhores circunstâncias. — Ficou em silêncio por um momento e depois disse, com uma voz quase majestosa: — Trago a vocês saudações do Mundo de Cima.

O murmúrio começou imediatamente. Dava para ver que era um misto de surpresa e dúvida; isso se eu estivesse lendo direito as expressões faciais.

— Quem é você para representar outro reino? — perguntou um dos fae das trevas; uma bruxa, a julgar por sua túnica.

— Sou conhecido aqui como Chase. No Mundo de Cima tenho o mesmo nome. Sou um anjo da Segunda Ordem, a Casa de Prata. Fui enviado para ajudar os fae a selarem seu reino contra a invasão dos Outros Mundos.

— Que invasão? Você é o único a se proclamar invasor — disse um dos fae das trevas.

— Não é verdade. Você pode conferir com Ben. Ele viu o demônio, Torrie.

Os olhos do conselho das trevas se voltaram para Ben; e, ah, como eu estava feliz por já ter falado sobre Chase e o demônio ao meu grupo. Alguns membros do conselho dos fae da luz olharam discretamente para mim, mostrando-me que eu havia tomado a decisão certa. Dei um suspiro de alívio por não ter feito nada de errado ao compartilhar os segredos de Chase.

— É verdade — disse Ben. — Jayne e eu mandamos um demônio de volta ao Mundo de Baixo quando estivemos na Flórida, recentemente. Mas acredito que ele vai voltar.

Achei interessante que ele ainda não os havia informado sobre o demônio. Mas o fato de ele não entrar em detalhes e nem lhes falar sobre minha quase gravidez de demônio foi ainda mais intrigante. Eu não conseguia decidir se ele estava apenas se atendo aos fatos relevantes ou se, na verdade, tentava me proteger. Tinha medo de que meu cérebro estivesse se inclinando para a segunda opção.

Eu me sentia muito mais confortável com Ben na lista dos vilões do que na dos heróis.

— Como esses demônios estão entrando? — perguntou Red. — E os orcs? Eles vêm do mesmo lugar? Ou temos várias brechas para fechar?

Tony e os outros elfos cinzentos teriam ficado orgulhosos do velho Red. Ele estava fazendo as perguntas certas, pelo menos quanto ao que me preocupava.

— É o que precisam descobrir. Não estou a par de todos os fatos, só sei que, se não trabalharem juntos, vão fracassar. E o fracasso não pode ser uma opção, pois não só colocarão todas as suas espécies em risco, como também verão rapidamente os humanos caírem.

— Nós precisamos dos seres humanos — disse um duende verde das trevas.

— Mas como é que vamos protegê-los, e a nós mesmos, ao mesmo tempo? Não temos números para isso.

— Juntos, os fae da luz e das trevas têm tudo que necessitam — disse Chase. — Separados, não.

— Não acredito em você — disse Malena, voltando-se para encará-lo com raiva nos olhos. — Você tem ligação com a elemental deles. Isso é só uma artimanha elaborada para impor os propósitos dos fae da luz ao nosso povo!

— Você é quem impõe propósitos! — gritei, sem conseguir me controlar. — E sequestra fae! E os tortura!

Ela voltou sua raiva contra mim, girando e respirando com dificuldade.

— Você — gritou ela — não tem direito de estar aqui, criança trocada!

Um vento se levantou de repente, agitando as folhas caídas e a grama seca.

Vários fae de ambos os lados recuaram com pavor nos olhos. Eu podia ver que seu próprio povo temia. Ou talvez eles só não gostassem de seus acessos de raiva.

Puxei O Verde mais plenamente, atraindo a Água do Ar. As cores de meu manto começaram a girar, e um brilho turquesa cresceu em volta de mim.

À esquerda de Malena estava Ben, e seu manto ganhou vida também. Mas Ben não olhava para mim; olhava para ela.

Malena levantou os braços lentamente, preparando-se para lançar algum tipo de ataque contra mim, quando a voz irritada de Chase chegou a nós, dissipando as emoções negativas que haviam crescido.

— Já chega!

E então algo surpreendente apareceu onde Chase estava, e larguei a conexão com a Terra e a Água como se fossem duas batatas quentes. De súbito me vi na presença de uma beleza tão grande, e tão inimaginável, que fiquei parcialmente distante da realidade. Senti como se flutuasse em um espaço e uma dimensão que não existiam.

Chase surgiu acima de nós, com duas asas brancas abertas nas costas. Eram enormes, amplas, quase tão majestosas e imponentes quanto a árvore sob a qual ele estava.

Suspiros de surpresa e admiração irromperam de todos, inclusive de mim. As fotos que eu havia visto de anjos e as descrições que lera nos livros sobre eles não faziam um mínimo de justiça a esse milagre que eu presenciava. Não chegavam nem perto. Quase chorei com a simples beleza daquilo. Foi nesse momento que comecei a acreditar que era possível que Chase não ficasse no Aqui e Agora comigo quando tudo acabasse. Ele era simplesmente demais para este mundo.

Ninguém disse uma palavra. Chase ficou parado ali, com o desagrado claramente visível em seu rosto, durante cerca de dez segundos, até que recolheu cuidadosamente suas asas, descansando-as atrás de si. Eu podia ouvir as penas se esfregando umas nas outras, algumas fazendo barulho, desmentindo sua solidez. Suas asas não desapareceram por completo, mas eram muito menos intimidantes fechadas. Pelo menos todos já podíamos respirar.

Olhei em volta e vi que todos, menos eu, pareciam bem de novo. Pelo menos, não prontos para começar a terceira guerra mundial. Talvez estivessem animados por terem visto um anjo de verdade, ao vivo. Mas tudo em que eu conseguia pensar era o inferno que seria descobrir um jeito de convencer as pessoas de que deviam lhe permitir ficar; mesmo tendo visto, com essa breve exibição de outro mundo, que o lugar dele não era aqui. Chase era algo ou alguém muito diferente de qualquer um de nós. Por que ia querer ficar? Uma obscura melancolia se abateu sobre meus ombros. Abaixei os olhos com a esperança de que, negando a mim mesma sua beleza, ficasse mais fácil não chorar.

— Não discutam mais em minha presença. Isso anula seus propósitos aqui, e vocês não têm tempo para se dar ao luxo da inveja.

Quando foi que Chase ficou tão inteligente e sábio? Olhei para ele de novo e vi o olhar mais sério que já vira nele. Comecei a sentir como se estivesse vivendo o amor ou a luxúria, ou o que quer que fosse, com meu pai. Pelo amor de Deus! Essa coisa, essa paixão que eu sentia pelo cara — não, anjo — mais legal do mundo estava indo para o brejo, como dizia minha avó.

— Acredito que podemos concordar em trabalhar com os fae das trevas visando a esse objetivo em comum e deixar de lado nossas diferenças durante o tempo que for preciso — disse Dardennes.

— Nós também — disse Ben.

Chase respondeu, com voz firme e profunda.

— Não será suficiente que simplesmente concordem em trabalhar juntos. Vocês precisam de vínculos mais estreitos do que simples acordos e promessas bem-intencionadas. Suas famílias estiveram separadas por muito tempo. É hora de acabar com essa briga entre as raças e viver juntos de novo.

Todos nós entreolhamos. Inclinei-me para o lobisomem ao meu lado e sussurrei:

— A que ele está se referindo?

Ele deu de ombros, tão perdido quanto eu.

— Vocês devem unir oficialmente suas casas. Luz e trevas, trevas e luz. Devem começar com a Mãe e o Pai. Jayne e Ben, deem um passo à frente!



Capítulo 33

MEUS OLHOS QUASE SALTARAM DAS ÓRBITAS. Todos voltaram a cabeça duas vezes; uma em direção a Ben, e mais uma vez em direção a mim.

Dei dois passos hesitantes para trás.

— Que porra é essa que você está dizendo, Chase?

Sentia-me como se houvesse aterrissado em um daqueles bizarros episódios em preto e branco de Twilight Zone que passavam no canal sci-fi em horários estranhos.

— Chase... — disse Ben, confuso — não entendi o que você disse.

Vendo a expressão de Ben, podia dizer que ele não estava a par do assunto; estava tão perdido e sem noção quanto eu. Isso me fez sentir um pouco melhor, mas esse pouquinho de alegria desapareceu quando Chase começou a falar de novo.

— A única maneira de os fae continuarem no Aqui e Agora, de não serem extintos, é obtendo a Unidade de novo. O que foi feito há cinco mil anos para separá-los deve ser desfeito para uni-los. A Mãe e o Pai se unirão para trazer a magia de volta a seu povo; para conectá-los mais uma vez com o poder que está nos elementos quando eles existem como um todo, trabalhando em sincronicidade.

Chase fez uma pausa, olhando para mim e depois para Ben. Abriu as asas de novo, lentamente, muito lentamente, até que ficaram completamente estendidas — tão brancas e radiantes que pareciam brilhar.

— Jayne e Ben, deem um passo à frente e comprometam-se.

Lancei mais um olhar para o incrivelmente bonito Chase, que partia meu coração dizendo na frente dos vinte mais influentes fae da Terra que ele não me queria.

Vi todos os fae ali ao redor, agindo como se fosse aceitável seguir as ordens de um anjo possivelmente maluco.

Olhei para Ben, que estava parecendo um menino que havia acabado de perder seu brinquedo favorito.

E corri.



Capítulo 34

CORRI O MAIS RÁPIDO, QUE MEUS PÉS permitiram. Por um momento pude sentir, por fim, como era correr como Spike e as gêmeas. Eu praticamente me teletransportei como Becky. Corria no vento como uma flecha lançada por meu amigo Finn. Eu podia fazer todas essas coisas mágicas, mas não podia reunir em mim a lealdade e a firmeza de Tony e Scrum e sacrificar tudo o que eu conhecia, tudo o que eu era, por esses fae. Eu simplesmente não conseguia.

Corri às cegas, sem saber aonde ia ou quando chegaria. Mas percebi que havia chegado a meu destino quando me encontrei, sem fôlego, na base da árvore chamada Anciã. Eu estava parada em frente à porta de Maggie. Maggie... a bruxa que eu havia trancado dentro de sua casa havia não muito tempo para escapar de outra cagada que eu havia feito. Ah, como eu queria que essa situação atual fosse do mesmo calibre! Mas não. Essa era muito maior, tanto que era quase engraçada. Eu ria se meu coração não estivesse partido em mil pedaços.

— Quem está aí! — disse a voz rabugenta e estridente de Maggie. — Quem está do lado de fora de minha casa respirando como um javali no cio?!

— Sou eu — respondi, desabando no chão —, Jayne. Por favor, saia e fulmine-me com tudo que você tiver. Tire-me dessa miséria.

Caí para trás no solo da floresta, abrindo os olhos para ver a copa das árvores acima de mim. Eram dominadas pelos galhos e folhas da Anciã — a maior árvore que eu já vi na vida. A árvore com quem eu havia conversado uma vez e, depois disso, sempre sentira a presença e o poder de minha ligação com O Verde. Eu podia senti-lo nesse momento, a energia zumbindo abaixo da superfície da terra onde eu estava, e sabia que ele podia me sentir também.

A porta se abriu lentamente, rangendo alto. O rosto cinza de Maggie apareceu, junto com seu ralo e desgrenhado cabelo grisalho. Ela tinha um de seus ratos na mão. Era enorme e sujo.

— Menina! Você me trancou em minha casa.

— É, eu sei. — Suspirei. — Desculpe. Estava tentando dar a meus amigos tempo para fugir, para que você não os transformasse em sapos.

— Verdade! Bom, parcialmente verdade.

Os talentos detectores de mentira de Maggie estavam funcionando,

aparentemente.

— Tudo bem, eu também fiz aquilo só para irritá-la.

— Agora, sim, a verdade inteira. Muito bem.

Voltei-me para ela, esfregando meu cabelo nas folhas mortas do solo.

— Não está brava?

Ela deu de ombros, saindo totalmente para fora da casa.

— Não mais.

— Bem, fique à vontade para ter raiva de mim agora. Talvez você queira lançar um feitiço em mim. Transforme-me na Bela Adormecida, ou algo assim, para que eu possa dormir nos próximos cem anos e pular esta parte.

— O quê? E deixá-la perder toda a diversão? Ha! — disse ela.

Bufei, meio com raiva e meio triste.

— Diversão? Você deve estar brincando comigo. Não chamo uma união arranjada de divertida. Não, de jeito nenhum. Eu chamo isso de... positivamente medieval.

Maggie se aproximou, e se abaixou lenta e dolorosamente até se sentar ao meu lado. Depois de se ajeitar e recuperar o fôlego, disse: — Você foi chamada.

Olhei para ela fazendo careta. Não sabia se estávamos falando da mesma coisa.

Ela repetiu:

— Você foi chamada para uma cerimônia de união, não foi?

— Ah, sim. Sim, fui chamada. Acho.

Olhei de novo para a árvore acima de mim, tentando encontrar algum consolo nela, observando os padrões complexos de folhas sobrepostas com pontinhas de sol entre uma e outra.

— E qual é o problema?

Virei a cabeça para encará-la.

— Você está me perguntando isso a sério? Qual é o problema?

Ela deu de ombros, mas não disse nada.

Fiquei com raiva de todos eles de novo. E dela, por agir como se aquilo fosse totalmente razoável, sendo que não era.

— Eu vou lhe dizer qual é o problema. O problema é que eu não estou interessada em me unir a ninguém, menos ainda a Ben. Ben é um cara mau. É uma pessoa má. Ben é o último fae neste maldito planeta que eu escolheria para me unir. Prefiro me unir a um buggane, pelo amor de Deus!

Maggie levantou um dedo, agitando-o lentamente para frente e para trás.

— Ahhhh, cuidado com o que diz. Eu tenho um senso de humor terrível, como dizem.

Ela sorriu para mim, e juro por tudo que é sagrado que vi algo cintilando lá dentro, que não parecia nada bom. Ela se inclinou para perto de mim e sussurrou: — Mentira...

Engoli em seco e olhei para o céu, alguns tons mais pálida.

— Tudo bem. Eu não preferia estar com um buggane. Mas é verdade que não quero ficar com Ben.

— Nem sempre escolhemos nosso destino. Ou, quando escolhemos, esquecemos as escolhas que fizemos antes de vir para este reino e depois temos de corrigir, depois de sofrer a dor.

— Isso não significa nada para mim, Maggie. Comecei esta vida como ser humano; meu destino era ser advogada, como meu pai queria, ou uma sem-teto, como meus pais temiam. Ou talvez uma prostituta, não sei. Mas ser fae nunca foi parte do plano original. Eu não pedi isso.

— Não. Você está errada! — gritou ela, e partículas de saliva saíram de sua boca.

Pulei de susto; não esperava uma reação tão intensa. Sentei-me lentamente, tirando folhas e galhos de meus cabelos sem nem perceber.

— Maggie... por que você acha que sabe tanto sobre mim? E por que não está me fulminando agora se eu sei que mereço, por ter mexido com você antes?

Ela sorriu para mim, mostrando seus poucos dentes podres remanescentes, inclinando a cabeça para o lado para poder me ver melhor com o olho bom, sem catarata.

— Porque sim. Não seria bom se eu fulminasse minha própria neta, não é?

Meu mundo começou a girar e ficar preto. Cai de volta nas folhas, lutando contra as ondas de tontura e náusea que ameaçavam me dominar. Engasguei e tossi algumas vezes, tentando fazer minha respiração e meu coração voltarem a um ritmo normal. Tentando puxar o ar, disse: — Puta merda, Maggie, por um segundo achei que você havia dito que eu era sua neta.

Olhei para ela com os olhos lacrimejando, a tempo de vê-la dar de ombros.

— Dá para ver que você ficou feliz com a novidade. Bom! Eu também estou. Você é uma menina nobre, apesar de meio rude.

— Eu, rude? É o roto falando do esfarrapado... — Suspirei diante da situação ridícula. — Enfim, Maggie, aprecio seu senso de humor, acredite, é verdade, mas você deve ter uns mil anos, provavelmente mais. Não há como você ser minha avó.

— Há algumas gerações entre nós, é verdade. Mas você é de minha linhagem, não há dúvida sobre isso. Você e outra menina que você conhece, muito bem, acho. Você empunha o Aguilhão de Blackthorn, assim como minhas outras netas fizeram antes de você, e como as suas farão depois que você se for. É seu destino.

— O quê? Que menina? Becky?

Maggie não disse nada; apenas olhou para mim, balançando a cabeça negativamente.

Sentei-me devagar e fitei o dente de dragão que estava na bainha em minha perna, sob meu manto todo amassado e bagunçado. Joguei a borda do pano azul-turquesa de lado para poder puxar a arma. Corri os dedos pela borda dela, ainda sentindo a emoção de saber que era uma relíquia poderosa de um lugar e tempo muito distantes. Guardei-a de volta na bainha e voltei a atenção para a velha à minha frente.

— Se não é Becky, não tenho ideia do que você está falando. Ela é a única garota que eu conheço por aqui. Além das gêmeas e Céline... ou Celeste...

Ela balançou a cabeça de novo.

— Não há mais ninguém.

Ela deu de ombros.

— O que significa tudo isso, vovó?

— É Maggie! Não me chame de vovó. Faz que eu me sinta velha.

Tossi em alto e bom som para camuflar a risada que havia escapado.

Maggie semicerrou os olhos.

— Fale.

— Tudo bem — disse eu, com os olhos brilhando de hilaridade mal contida. — Odeio ter de lhe dizer, mas você é velha como a Terra, Maggie. E não muito mais bonita.

Mordi o lábio inferior e ergui a sobrancelha, imaginando se eu havia conseguido irritá-la o suficiente para ganhar um feitiço que me mandasse para a terra encantada.

— Boa tentativa. Mas você não é parâmetro para minha beleza e não vai a lugar nenhum. Você tem obrigações aqui que devem ser cumpridas.

Soquei o chão com os dois punhos.

— Não quero cumprir essas obrigações. Quero outras obrigações. Vou me tornar um brownie e esfregar banheiros. Vou perseguir bugganes pela floresta. Vou fazer tudo que me pedirem... mas não isso.

— Por quê? Por que limpar banheiros e não a honra de unir seu povo?

— Porque sim — respondi com petulância, desenhando com o dedo no chão e observando o resultado. — Eu nem gosto dele. Gosto de outra pessoa.

— Mentira.

Desmanchei o desenho que havia feito e atirei a terra e as folhas para longe.

— Não! Eu não quero Ben! Eu quero Chase!

— Isso pode ser verdade, mas não é verdade dizer que você não gosta de Ben.

Você sabe que não pode ter tudo o que quer, nem ia querer isso para si mesma. Pessoas ou fae que têm tudo o que desejam, sem se esforçar para consegui-lo e sem se preocupar com as consequências, são almas perigosas e superficiais com nada além do Mundo de Baixo as esperando após o Aqui e Agora.

Ela se esforçou para levantar, e quando, por fim, conseguiu, disse:

— Sacrifício! Isso é o que significa estar vivo. Para viver de verdade temos de ser parte de algo maior que nós mesmos. Faça pelos outros antes que por si mesma. Ouça aquele pedacinho de sua mente que diz que nada é o que parece... porque, menina... não é! Nada é o que parece. Tudo isto — ela abriu os braços ao redor — é só uma ilusão. Você tem a sua. Eu tenho a minha. Eles têm a deles.

Ela se arrastou em direção à porta.

— Então, o que devo fazer?

— Faça o que sabe que deve fazer. O que é certo para seu povo. Seja quem você realmente é e não tenha medo. Você nasceu para a grandeza, como todo fae. Aceite o que é seu e o devolva a nós, fae, multiplicado por cem. Todos nós precisamos de você... e daquele elemental de quem diz não gostar.

Ela chegou à entrada de sua casa e entrou, voltando-se para fechar a porta atrás de si.

Tentei impedi-la de continuar falando. Eu tinha de saber qual seria meu fim.

— E se eu fugir? E se eu não concordar com a cerimônia?

— Então, você selará seu destino. É seu direito fazer isso, se assim desejar.

— Eu desejo. Desejo que assim seja, porque não quero me unir àquele elemental! — gritei em seu rosto, que foi escurecendo conforme ela se afastava para as sombras de sua casa.

— Mentira! — gritou ela antes de bater a porta.



Capítulo 35

FIQUEI ALI, TIRANDO GALHOS, FOLHAS E TERRA de minha capa, suja e sem inspiração, perguntando-me que diabos faria.

A resposta chegou na forma de um pixie ansioso, zumbindo até parar a minha frente, pairando, mais agitado que nunca.

— Por onde andou, mocinha?! — gritou Tim com as mãos nos quadris.

Parecia tanto meu pai que foi assustador.

— Estava conversando com Maggie.

— Bom, quero que saiba que deixou todo mundo em pé de guerra lá atrás. Se não voltar para o Campo Infinito agora mesmo, vai entrar para a história como a criança trocada que acabou com a espécie fae e destruiu o mundo!

— Então, qual é o problema, se não haverá ninguém para escrever essa história?

Tim se aproximou de meu rosto e me deu um tapa.

Levei a mão lentamente ao rosto, atordoada com o que ele havia acabado de fazer.

— Você acabou de me bater?

Tim recuou, com as mãos rígidas nas laterais do corpo.

— Pode apostar essa sua bunda gorda que sim. Agora, pare de falar besteira e volte para o Campo Infinito, já!

Ele deu três loopings e um giro no ar antes de pairar de novo.

— Estou enlouquecendo de ansiedade. Vou enjoar a qualquer momento. O estresse é insuportável. Eu poderia acidentalmente pixielizar alguém, e não serei responsabilizado por isso. Por favor, Jayne — ele implorou —, volte.

De repente, eu me dei conta:

— Como é que você sabe disso tudo? — perguntei.

— É... bem... foi o feitiço de escuta amplificada da bruxa, que ajudei a preparar na noite passada depois que você foi dormir.

Ele parecia nervoso.

— Abra o bico, pixie. O que você fez?

Ele primeiro deu mais alguns loopings, e depois disse:

— Tudo bem, tudo bem, vou contar. Fui até uma das bruxas e sugeri que poderia ser uma boa ideia lançar um feitiço de escuta no campo, para que nós, não privilegiados, mas importantes o suficiente para estar no conselho, pudéssemos ouvir o que vocês estavam dizendo. E eu trabalhei com eles para ter certeza de que a escuta seria devidamente amplificada, porque, como já disse em muitas ocasiões, pixies são bons com eletrônica e com coisas que se comportam como eletrônicos.

— Defina “devidamente amplificada”, Tim.

— Hmm... significa “de modo que se ouça em todas as salas do complexo dos fae da luz”.

Ele sorriu, encabulado.

— Então você está dizendo que todo o mundo que me conhece, e que eu conheço, foi testemunha direta de minha surtada fuga?

— É... basicamente isso.

— Puta merda, Tim! Por que você fez isso?

— Como eu ia saber que você seria mandada para a forca com Ben? E como eu ia saber que você ia fugir como uma galinha doida? Não vejo por que eu deveria ser culpado por suas péssimas escolhas.

A voz de Maggie surgiu de trás da porta.

— Saiam daqui, os dois! Estou tentando dormir!

Tim e eu nos olhamos, mais preocupados em não irritar Maggie do que em discutir. Dei meia-volta em direção ao complexo, resmungando.

— Que merda, Tim, você sabe disso, não sabe? Estou sendo forçada a uma... sei lá... a um casamento, ou coisa do tipo. É tipo um daqueles casamentos arranjados nos quais você nem conhece a pessoa com quem vai ter de passar o resto da vida.

— Ora, Jayne, não é tão ruim assim. Você o conhece, pelo menos.

— Sim, é tão ruim assim! — argumentei. — Não, espere! Tem razão... não é ruim. É pior! Estou sendo forçada a casar, só que meu casamento não vai durar só 45 anos. Não! Vai durar milhares. Milhares de anos, Tim. Entende meu drama?

Tim voou a minha frente.

— Tudo bem, é meio chato mesmo. Mas poderia ser pior. Você poderia ter de ficar com alguém bem feio. Ou bem cruel.

— Ben não é feio, tudo bem, admito. Mas ele é cruel. E deixou Leck me torturar.

— Bem, acho que ele se arrepende por isso. Acho que ele está arrependido de um monte de coisas.

— Como você sabe?

Tim se voltou e voou para trás com um sorriso no rosto.

— Porque o feitiço de amplificação funcionou com ele, também. Ele tinha muito a dizer depois que você saiu.

Olhou para mim meio encabulado.

— Ah, e eu conversei com Abby, que tinha muitas informações privilegiadas para compartilhar.

— Não! — exclamei, retomando o ritmo. — O quê? Conte!

Meu coração disparou um pouco só de pensar em Ben falando de mim. Maldito coração traidor. Não podia acreditar que Tim havia mesmo falado com Aquela-Que-Não-Deve-Ser-Nomeada.

— Ah, Ben disse que fez coisas terríveis para você e que não merecia seu perdão... que ele arruinou todas as chances que os fae tinham de sobreviver a este apocalipse, que não quer que você se sinta forçada a ficar com ele, blá-blá-blá. Foi tudo muito romântico. Exceto a parte que você não estava lá, porque estava com muito medo de lidar com tudo aquilo e o rejeitou. Mas tenho de dar crédito ao sujeito; ele só tem coisas adoráveis para dizer sobre você, mesmo que o tenha abandonado no altar.

— Cale-se!

Eu podia sentir meu rosto ficando vermelho. Odiava o fato de Ben ter mais coragem do que eu, e odiava que ele fosse um fae melhor que eu nesse momento.

— Conte-me sobre Abby.

Tim parecia envergonhado.

— Bem, ãh, aparentemente, ela é uma espécie de santa pixie, ou algo assim.

— O quê?

Agora quem estava confusa era eu.

— Aparentemente, ela engravidou com a ajuda de Maggie, pensando que seria a melhor maneira de solidificar nossa relação — coisa de pixie maluca. Na época, ela mencionou alguma coisa sobre querer ter um bebê comigo, e eu não tinha ideia de que ela já havia ido lá e feito a coisa, e então eu disse que era uma péssima ideia, porque bebês pixies têm de viver em colônias por anos e anos, até que saibam controlar seus poderes, blá-blá-blá... Então, ela meio que se apavorou e foi procurar os curandeiros das trevas, que fizeram uma oferta que ela não pôde recusar.

— Estou quase com medo de perguntar. Que oferta?

— Em troca da ajuda dela com suas pesquisas com pixielização, eles dariam um lar para ela e nosso filho, não em uma colônia.

— Então ela é tipo um rato de laboratório? Não vejo como isso a qualifica como santa. Em minha opinião, está mais para otária.

— Não, ela é da equipe de pesquisa. Sim, eles usam o sangue dela, mas ela trabalha com eles, descobre os antídotos, como o que foi utilizado em Chase.

Tim ficou bem diante de meu rosto.

— Ela fez isso por nosso filho. Por nós. Assim que ele estivesse pronto, ela ia me procurar. Com esses antídotos, todos nós, toda a raça pixie poderia viver com os fae normais sem ser discriminada. Ela é uma revolucionária.

Olhei para ele, desconcertada.

— Mas por que ela não lhe contou antes?

Tim ficou vermelho e voou formando três círculos apertados antes de voltar e responder.

— Ela tentou. Eu me recusei a ouvir.

— Ah, merda, Tim!

Eu me sentia terrível por ele. Todo esse tempo ele pensara que sua esposa não o amava. E ainda tinha um filho.

— E seu filho?

Tim abriu um enorme sorriso.

— Eu o conheci! Ele é incrivelmente bonito.

Sorri.

— Claro que é. Como poderia não ser?

— Pois é! Seu nome é William. Ela o chama de Willy.

Comecei a rir.

— Como no filme Wee Willy Winkie?

Tim franziu a testa.

— Você não está zombando do meu bebê, está, Jayne?

Fiz uma cara séria.

— Nããão. Eu? Nunca. Então, quando vou conhecer esses pixies adoráveis?

— Depois de sua... ãh... cerimônia de união.

A escuridão voltou à minha cabeça; fiz cara feia.

— Veja, só porque você é casada, ou unida, ou o que quer seja, não significa que tem de viver com a pessoa. Eu não moro com minha esposa faz tempo.

— Algo me diz que, para esse grande esquema de trabalho, vou ter que ficar perto dele, pelo menos por algum tempo. Acho que a ideia é fazer que nossos povos não continuem vivendo separados.

— É, eu sei. Os membros dos conselhos de ambos os lados ficaram martelando nisso. Eles vão retirar todos os feitiços dos corredores e desbloquear os túneis que ligam nossos complexos. Chase os assustou pelo resto da vida. Agora será só um espaço gigante para todos nós. E eles vão nos misturar, tipo trevas, luz, trevas, luz —, e todos os quartos vão ser redistribuídos de forma equilibrada, e os refeitórios misturados. Desagregação total. Vai ser punk.

— Mas e quanto aos fae que nos odeiam, como Malena?

— Eles terão de deixar de lado seus sentimentos pessoais pelo bem maior.

Bufei.

— Sim, sei o que você está pensando. Acredite, você não é a única. Mas a maior parte do conselho concorda, e vão fazer a mudança acontecer. Chase conseguiu convencê-los de que você e Ben são nossa única esperança. Foi como em A ira dos anjos. Quase fiz xixi nas calças duas vezes.

Senti lágrimas de raiva enchendo meus olhos, e sequei-as, frustrada, enquanto seguia pela floresta, sem me importar com os galhos caídos, que geralmente me faziam tropeçar.

— Você faz ideia de como isso me faz sentir impotente e puta da vida?

Tim voou à minha frente e parou no meio do ar, obrigando-me a parar ou dar de cara com um pênis de pixie.

— Que foi?! — gritei, retrocedendo um passo.

— Sim, Jayne, eu faço ideia. Eu sei como é ficar assustado, com raiva, confuso e todas essas emoções terríveis que você está sentindo agora. Eu entendo. Sempre nos rebelamos contra o que os outros tentam nos forçar a fazer. Se houvessem me perguntado, teria dito a eles que havia um jeito melhor de lidar com isso. Mas eles não me perguntaram. Então agora você tem de lidar com a abordagem deslegante e desrespeitosa deles de uma forma que funcione para você. Mas não se desespere, há jeito para tudo.

Era novidade ver Tim agindo todo paternal comigo. Mas deve ter sido a primeira vez que não me importei e realmente gostei de ouvi-lo.

— Então você acha que devo aceitar?

— Sim. Mas em seus próprios termos. Fale com Ben, veja o que ele tem a dizer. Depois, tome sua decisão. Tenho fé que você vai decidir encarar. Sei como esta

família é importante para você.

— E se depois de conversar com Ben eu decidir desistir? Não... me unir a ele?

— Bem — disse ele, aproximando-se para descansar em meu ombro —, nós não vamos nos render, não é? Você, eu, e o resto das crianças trocadas.

— Acho que posso viver com essas duas opções.

Sorri, já me sentindo um pouco melhor, sabendo que esse pequeno pixie me apoiaria, independentemente da minha decisão.

— Você vai ser um pai maravilhoso, Tim.

— Claro que sim — disse ele, puxando meu cabelo —, agora acelere, mula, temos um encontro com o destino.



Capítulo 36

SEGUI PARA O CAMPO INFINITO, IMEDIATAMENTE percebendo que não encontraríamos só os membros do conselho. O prado todo estava cheio de fae, da luz e das trevas. Havia centenas deles, todos ao redor da árvore que descansava sobre o túmulo de minha mãe. Vi até Leck andando por ali. Meus amigos estavam todos reunidos, perto da árvore, e Samantha com eles.

Eu a vi olhando para mim pela primeira vez sem puro ódio no rosto. As recentes palavras de Maggie voltaram para me assombrar. Seria possível que Samantha fosse a garota de quem ela estava falando? Que ela e eu tínhamos algum tipo de parentesco? Balancei a cabeça para não deixar minha mente seguir por esse caminho. Era maluquice demais para minha lista de merdas para resolver.

Olhei para a árvore e vi que Gus estava perto de Chase, que havia guardado as asas e parecia de novo meu demônio. Mas eu sabia que ele nunca havia sido um demônio. Sabia que ele nunca havia sido meu. Ignorei o aperto no peito, que parecia uma câibra bem doida no coração.

Ben levantou os olhos assim que me viu aparecer e deu um passo em minha direção. Chase interpôs seu braço para detê-lo. Ben olhou para o braço em seu peito e parou, olhando para Chase em busca de uma explicação.

Chase baixou o braço e se aproximou, encontrando-me antes de eu chegar à multidão.

— Tim, eu gostaria de falar com Jayne a sós um minuto.

Tim voou para longe sem dizer nada, mas o vi olhar para mim e acenar com a cabeça antes de desaparecer no meio da multidão de fae.

Chase me segurou pelo cotovelo e me levou um pouco para trás, longe dos olhares curiosos dos outros.

— Ponha uma bolha de energia verde em volta de nós, Jayne. Quero falar com você sem que eles ouçam e sem que o feitiço nos capte.

— Você sabia sobre o feitiço?

Fiz conexão, visualizando uma bolha em volta de nós. O brilho verde cresceu até nos cercar por completo.

— Sim. Eu sei de tudo.

— Sabe que partiu meu coração?

Notei que não havia mais ninguém ali, além de Chase, para ouvir minhas confissões embaraçosas, de modo que eu poderia muito bem fazê-las.

— Sim, eu sei. Posso sentir sua dor. A mesma dor é espelhada em meu coração.

Segurei seus braços.

— Então, por quê?! Por que você está me pedindo para fazer isso?

Chase colocou as mãos em meus ombros, olhando-me profundamente nos olhos.

— Isso é o que deve ser. Não posso ficar aqui com você, mas Ben pode. Ele é um bom homem, um bom fae. É um elemental, de sua espécie. Juntos, vocês farão grandes coisas. E um dia, quando deixar este reino para ir ao Mundo de Cima, eu estarei lá esperando por você. Você e eu ficaremos juntos de novo, prometo.

— Então, tenho de ficar com Ben como prêmio de consolação? Ele sabe disso?

Eu não podia imaginar alguém como ele aceitando isso.

— Não, Ben não é um prêmio de consolação. Ele é real, Jayne. Foi feito para você. Vocês dois têm de impedir que os interesses mesquinhos de alguns ofusquem sua visão. Abra os olhos e veja quem ele realmente é. Veja quem Tony vê. Veja quem Becky vê. Confie em seus amigos, que não têm outra motivação além de ser sinceros com você.

— Mas eu não gosto mesmo dele — gemi, irritando a mim mesma com o tom de minha voz.

— Você só precisa lhe dar uma chance. Se não puder fazer isso por si mesma, faça por mim.

Engasguei com um soluço.

— Você faz ideia da merda que é isso? Ouvir o cara de quem você gosta lhe dizer para ficar com outro, por ele?

Chase balançou a cabeça e me chacoalhou pelos ombros; não forte, mas o suficiente para dissipar o nevoeiro de autopiedade.

— Não! Não é isso que está acontecendo aqui. O que acontece é que seu anjo da guarda, aquele que com alegria aceitou a nomeação para cuidar de você por

toda a eternidade, está lhe dizendo onde você vai encontrar sua felicidade terrena. Isso é o que o universo quer para você! Isso é o que você merece! Agora, pare de negar essas coisas e aceite o que lhe está sendo oferecido. Algumas pessoas, e alguns fae, nunca terão essa oportunidade. Pouquíssimos, em minha opinião. Não me acuse, venho trabalhando duro demais para receber isso de você.

— Você fez isso por mim? — perguntei debilmente.

— Não tudo, mas parte, sim. Eu amo você, Jayne — seu rosto se suavizou. — Sempre amei e sempre amarei. Não importa o que você faça, não importa quantas vezes fracasse, não importa quantas escolhas ruins faça, isso nunca vai mudar.

As lágrimas corriam por meu rosto e pingavam de minha mandíbula e de meu queixo trêmulo.

— Por quê? Porque você é meu messias pessoal?

— Não me chame assim. Já disse que não sou isso. E me perguntar por que é simplesmente estúpido.

Olhei-o como se fosse louco.

— O quê? Os anjos da guarda têm autorização para dizer a seus protegidos que eles fazem perguntas estúpidas? Eles não têm um manual lá em cima que diz que vocês têm de ser bonzinhos?

Ele estava claramente frustrado comigo.

— Ouça, não temos mais tempo. Eu a amo porque você é perfeita exatamente como é, com defeitos e tudo. E acredito que você será uma Mãe maravilhosa para esses fae. Foi para isso que você nasceu. Agora, temos de dar sequência à cerimônia de união. E então vou deixá-la e voltar ao meu reino. Espero que você se lembre de cada palavra que eu disse e as guarde consigo para sempre. Vamos nos ver de novo; tomara que mais tarde, e não mais cedo.

— Por quê? — perguntei com voz trêmula.

— Porque, da próxima vez que a vir, você estará no Mundo de Cima.

— O que significa que estarei morta.

— Sim.

Balancei a cabeça, por fim entendendo. Ele ia embora para não voltar mais. Becky sabia, e Tim suspeitava. Eu também, mas neguei a realidade tanto quanto pude. Parte de mim queria se agarrar a ele desesperadamente e implorar que ficasse, mas eu sabia que não faria diferença. Essa era uma daquelas coisas que eu sabia que não poderia mudar, independentemente de quanto tentasse. Olhei para o céu um instante tentando controlar minhas emoções e reprimir os palpitações que queriam sair de minha boca e atravessar o prado. Pronto. Droga. Difícil.

Olhei através da névoa verde para o lugar onde eu sabia que Ben estava — esperando por mim para fazermos a coisa certa por nosso povo. Talvez, um dia, eu aceitasse não ser capaz de mudar este momento. Talvez um dia eu ficasse feliz por tudo acabar desse jeito. Eu só podia esperar.

Desfiz a bolha, mais uma vez expondo-nos aos olhos e ouvidos dos fae no prado. Chase e eu voltamos lentamente até Ben. Ele falou primeiro: — Jayne, se não se importa, gostaria de falar com você um minuto a sós também.

Ele olhou para Chase.

— Não vai demorar.

Chase anuiu.

Ben fez um gesto para que eu fosse na frente, de volta ao local onde Chase e eu havíamos acabado de nos reunir. Antes mesmo de eu ter a chance de erguer minha bolha de proteção, vi-me cercada por uma cúpula de fogo. Era bonita, bloqueava completamente a visão e o som de todos. Não havia mais o chilrear dos pássaros, o murmúrio da multidão de fae... tudo o que eu podia ver e ouvir era Ben e eu. Os vermelhos, laranjas e dourados das chamas sem calor eram maravilhosos. Suspirei, maravilhada, sem perceber.

— Legal, não é? — perguntou Ben, sorrindo timidamente.

— Sim! Melhor que o meu.

— Posso lhe ensinar a fazer isso, se quiser.

Dei de ombros. Talvez fosse bom ter outro elemental que conhecia essas merdas para me ensinar algumas coisas. Quem sabe.

— Jayne, eu só queria... não sei... falar com você antes que tome qualquer decisão.

— Pode falar — respondi, disposta a ouvi-lo, pelo menos nesse momento. — Tenho dois minutos sobrando.

— Sei que você está chocada com tudo isso. Acredite, eu também. E entendo perfeitamente por que não quer ficar comigo. E não a culpa. Eu faria a mesma coisa.

— Faria?

Achei difícil de acreditar. Por minha experiência, garotos bonitos eram muito cheios de si para perceber que eram idiotas.

— Sim. Eu machuquei você, física e emocionalmente... e a fiz pensar que estava roubando seu melhor amigo.

— Você deixou Leck derreter meu cérebro. Mandou que ele o fizesse. Tenho que ser honesta... Está difícil deixar passar essa.

Ben abaixou a cabeça, envergonhado.

— Eu sei. E tem razão. Queria que houvesse algo que eu pudesse dizer para ajudar, mas simplesmente não há desculpas para isso. Eu estava cego por minha paixão e desejo de fazer o que achava que era certo, a qualquer custo. Fui fraco. Fui estúpido, cruel e imperdoável. — Ele levantou a cabeça e olhou para mim com desespero nos olhos. — Se isso a faz sentir melhor, pretendo me esforçar pelo resto dos meus dias neste reino para compensá-la, para lhe mostrar o quanto me arrependo.

— E como vai fazer isso?

Eu tinha de admitir que ficara intrigada com a ideia de escravidão total.

— Ainda não sei — disse ele, sorrindo um pouco. — Imaginei começar com massagem nos pés e evoluir a partir daí.

— Não se precipite, Romeu — disse, dando um passo para trás.

— Não foi isso que eu quis dizer — disse ele, levantando as mãos em sinal de rendição. — Tenho apenas intenções honradas. Essa união... ou seja lá o que for... você a definirá para nós, não eu. Seguirei sua liderança, prometo.

— E isso que dizer...

— Que se você quiser que sejamos só amigos o resto da vida, eu aceito. Se quiser

mais, bem, eu aceitaria isso também. Com prazer — acrescentou apressadamente. — Mas, como eu disse, é com você.

— Então, eu decido o rumo que isso vai tomar? E ganho massagem nos pés também?

Eu amava massagem nos pés, de verdade. Fiquei imaginando se Tony lhe dera a dica. Nunca consegui convencer Tony a me fazer massagem. Só imaginar meus pés fedorentos era demais para ele.

Ben sorriu, e surgiu em seu rosto uma covinha que eu nunca havia notado antes.

— Sim. Em resumo, é isso aí.

— E, enquanto isso, vamos lutar contra esses demônios e orcs? E depois?

Ben deu de ombros, perdendo o sorriso.

— Não sei. O que você acha que vai acontecer depois?

Olhei para ele em busca de sinais de que ele estava me enganando; mas não vi nada.

— Não sei. Vamos voltar a viver em complexos separados? Odiando uns aos outros? Tentando nos destruir?

— Espero que não — sussurrou ele, concentrando-se em meu rosto.

Eu podia sentir. A intensidade de seu olhar quase me queimou, mas sem dor.

— Também espero — disse eu, com o rosto queimando e o coração acelerado.

Tudo estava tão confuso para mim nesse momento! Mas, mesmo assim, pude ver aquele garoto em frente a mim, deslumbrantemente lindo, olhando-me como se achasse ótimo se unir a mim para sempre. Ele era o poderoso elemental, aquele em quem quatro pessoas de quem eu gostava muito haviam dito que eu devia confiar, e meu anjo da guarda havia chamado de Pai.

— Então, tudo bem? — perguntou Ben. — Vamos fazer isso?

Ele estendeu a mão.

Olhei para baixo e depois para seu rosto, e sorri ao ver esperança nele. Inspirei fundo e soltei o ar.

— Sim. Vamos fazer isso.

Ergui a mão e, gentilmente, coloquei-a na sua.



Capítulo 37

A CÚPULA DE CHAMAS DESAPARECEU À MEDIDA que fomos voltando, de mãos-dadas. Sorrisos se abriram nos rostos mais próximos a nós, espalhando como fogo pela multidão.

Ninguém disse nada em voz alta quando nos aproximamos de Chase, mas eu podia ouvir sussurros carregados pelo vento. Não pareciam infelizes. Ao contrário, pareciam bem esperançosos.

Chegamos à frente de Chase, que estendeu as mãos com as palmas para cima. Sua voz se ergueu; tinha uma qualidade etérea que fez que se espalhasse por todo o campo de forma que cada fae o pudesse ouvir. Eu tinha a sensação de que todos os fae que existiam na floresta e ao redor dela estavam ali para o evento. Olhei para baixo, para o solo que eu sabia que continha o corpo de minha mãe, e fiquei feliz por ela estar ali comigo nesse dia — o dia de meu casamento com Ben, o elemental das trevas, e até esse dia meu inimigo jurado.

Olhei para o rosto de Ben e fiquei encantada com sua beleza. Eu sempre a havia notado, mas não parecia tão atraente antes, quando eu o tratava com desdém. Essa raiva e a desconfiança foram desaparecendo ali, na presença de meu anjo da guarda, aquele que me amava incondicionalmente, aquele que foi enviado para nos ajudar a reunir nossos dois mundos, da luz e das trevas, de novo. O rosto de Ben era meu ideal de perfeição. Sua pele era escura, não sabia se do sol ou de sua herança genética. Seus olhos eram de um verde brilhante e me faziam lembrar o poder e a energia que compunham o elemento Terra que eu comandava. Ele se voltou para mim, e seus lábios cheios e sensuais se abriram em um sorriso.

Ficou um tempo me fitando e depois se inclinou, dizendo: — Você é a garota, humana ou fae, mais bonita que eu já vi em toda minha vida.

Fiquei corada com o elogio, mas não disse nada. Não queria declarar meu amor eterno a ele porque não era o que eu sentia. Pelo menos não ainda. Mas eu sabia que, depois que Chase concluísse as palavras cerimoniais, eu teria de aprender a amar esse garoto, de uma forma ou de outra. Ficariamos ligados pelo resto da vida. E, quando se é um fae, isso é um absurdo de tempo.

— Caros fae, obrigado por participarem desta ocasião solene, mas também feliz, forjada pela tragédia iminente, mas, basicamente, forjada com amor e a aprovação do Grande Espírito e dos elementos de nosso universo. Vamos todos nos dar as mãos e conectar nossa alma.

Cada fae estendeu a mão para tomar a do vizinho. Em questão de segundos todos estavam se tocando, formando uma cadeia ininterrupta de fae da luz e das trevas. Até Malena, que havia expressado seu desgosto extremo pela ideia de eu entrar em seu mundo, deu a mão aos fae a cada lado seu. Evitei os olhos dela, olhando para Ben. Ele sorriu para mim, fazendo-me sentir um pouco mais corajosa.

— A elemental Jayne, da Terra e da Água, e o elemental Ben, do Fogo e do Vento, unem-se hoje diante de vocês, testemunhas dessa união. Esse vínculo será válido até seus últimos dias aqui neste reino e além, se assim desejarem. Que nenhum fae, nem humano e nem qualquer outra criatura, da luz ou das trevas, interfira nessa união.

A seguir, disse, com voz mais baixa.

— Por favor, coloquem suas mãos nas minhas.

Eu coloquei a mão esquerda na direita de Chase, e Ben colocou sua direita na esquerda dele.

— Repitam comigo os dois. Eu... digam seu nome.

Ben e eu trocamos olhares e lutamos para controlar o riso, mas fomos só parcialmente bem-sucedidos.

Dissemos em voz bem alta:

— Eu... digam seu nome!

Chase revirou os olhos.

— Parem de brincar, isto é sério. Repitam: Eu... digam seu nome...

Ficamos sérios, mas ainda lutando contra os risos bobos. Eu disse: — Eu, Jayne Sparks Blackthorn...

E Ben disse:

— Eu, Benjamin Dark Hawthorne...

Levantei a cabeça, surpresa por nossos nomes se parecerem e compartilharem o nome de um dragão do qual eu já ouvira falar; mas não houve tempo para pensar muito nisso, porque Chase prosseguiu: — Juro que, a partir deste dia...

Nós dois repetimos em uníssono:

— Juro que, a partir deste dia...

— Estaremos ligados um ao outro...

— Estaremos ligados um ao outro...

Chase tomou nossas mãos e as juntou, fazendo-nos entrelaçar os dedos e retirando a mão ao dizer a última frase.

— E nenhum homem, nenhum fae, nenhum animal, nem criatura, deve ficar entre nós ou romper este vínculo, sob pena de morte para nós dois.

Arregalei os olhos ao ouvir isso, e Ben apertou um pouco os lábios, mas respiramos fundo e repetimos.

— E nenhum homem, nenhum fae, nenhum animal, nem criatura, deve ficar entre nós ou romper este vínculo, sob pena de morte para nós dois.

Assim que a última sílaba saiu de nossas bocas, senti os elementos crescendo em Ben e em mim, os quatro juntos — Terra, Ar, Fogo e Água —, rodeando-nos e nos separando dos outros.

— Ben — gritei —, estou com medo!

Eu não estava controlando meus elementos. Eles haviam pulado sobre mim de maneira selvagem.

Ele me puxou para si, gentilmente me segurando contra seu peito. Eu podia vê-lo claramente agora. Todas as cores do arco-íris giravam em torno de nós louca e descontroladamente, e as luzes refletiam em seu rosto.

— Não tenha medo. Acho que faz parte da cerimônia. Estou aqui, vou protegê-la.

Olhei para ele, sorrindo.

— Talvez eu tenha de proteger você.

Ele sorriu também.

— Pode ser. Mas duvido.

Fui empurrá-lo, mas ele segurou minhas mãos.

— Espere — disse ele, com a cabeça inclinada para o lado. — Está ouvindo?

Tentei escutar e subitamente consegui. Era uma canção. Uma sinfonia, na verdade. Era linda, hipnotizante, apaixonante.

— O que é isso? — perguntei, espantada.

— Parecem... sereias!

Eu conhecia a canção de Naida, e não era assim.

— Não, essa não é a canção de Naida.

— Nós temos uma sereia, também. O nome dela é Neen. Talvez sejam as duas, porque parece a canção dela, só que não...

Ouvi com mais atenção. Concentrada, eu poderia captar os fios da canção de Naida entrelaçados na da outra.

— Acho que elas estão cantando juntas. É bonito.

— Acho que temos uma música nossa agora.

Revirei os olhos.

— Poupe-me.

Ele me puxou para perto de si de novo e limpou a garganta, de repente nervoso, o que me deixou nervosa também.

— Que foi? — perguntei. — Algum problema?

— Bem, acho que temos que... ãh... selar o acordo aqui.

— Selar o... como é?

— Você sabe... beijar a noiva.

— Ah...

Fiquei vermelha. Eu podia sentir o calor se espalhando por meu pescoço até o peito.

— Merda.

Que constrangedor. Estava prestes a beijar o sujeito que desprezava havia dez minutos, na frente de mil fae e do garoto por quem eu estivera apaixonada

durante meses. Era uma catástrofe emocional de proporções épicas.

Ele franziu a testa.

— Sinto muito. Sei que não é algo que você gostaria de fazer agora. Vou ser bem rápido, se quiser.

Balancei a cabeça como uma tonta, incapaz, pela primeira vez na minha vida, de pensar em uma resposta.

Ele inclinou a cabeça para baixo lentamente, usando o dedo embaixo de meu queixo para erguer meu rosto e virando-o para receber seu beijo.

Não lutei contra; fechei os olhos com expectativa, imaginando como seria. No espaço de meio segundo minha ansiedade, minha pressão arterial e meus hormônios atingiram um nível crítico de 9,9.

Então seus lábios tocaram os meus, suave e timidamente no início. Ele fez menção de se afastar, mas estendi a mão e toquei seu peito, indicando que eu não havia acabado. Ele inclinou mais a cabeça, pressionando seus lábios mais firmemente nos meus e movendo-os, para me provar mais plenamente. Minha mão se estendeu por vontade própria e encontrou sua nuca, puxando-o para incentivar mais profundidade. Eu nunca havia beijado assim. Nem nada parecido. A ponta de sua língua tocou a ponta da minha, fazendo-me prender a respiração por um segundo antes de me arquear, aprofundando nosso beijo em mim.

Esse era o sinal que ele necessitava para mergulhar de cabeça na paixão. Nossa língua e lábios se enroscaram no que parecia uma dança perfeitamente coreografada de desejos ocultos e futuras promessas. Não me importava que um milhão de fae estivesse olhando. Tudo o que eu queria era comprar mais desse material sexy e ardente que Ben estava vendendo.

Tomei consciência de suas mãos esfregando minhas costas e seu corpo pressionado contra o meu. Em algum lugar no fundo de minha mente ouvi um sussurro, algo que se intrometeu em meu colapso completo dentro desse mundo de calor e desejo de Ben, que havia acabado de irromper do nada.

Ben colocou as mãos em meu rosto e me afastou um pouco, apoiando a testa na minha.

— Alguma coisa está acontecendo — disse ele sem fôlego.

— Eu sei — respondi, tentando recuperar o fôlego também. — O que é?

Ouvimos a voz de Chase atravessando nossos elementos.

— É o Espírito. A união de vocês foi abençoada. Por favor, saiam e juntem-se a sua família.

Ben se endireitou sem tirar os olhos de mim. Estendeu a mão, primeiro para tirar um fio de cabelo de minha testa, e depois para pegar a minha.

— Pronta? — perguntou ele, procurando com ternura sinais de meus pensamentos em meu rosto.

— Sim. Estou pronta, se você estiver.

Ele me deu um sorriso brilhante.

— Vamos arrebentar!

— É isso aí! — exclamei, sorrindo também.

A força dos nossos elementos desapareceu e nos deixou ali, diante de toda nossa comunidade de membros da família fae.



Capítulo 38

BEN LEVANTOU NOSSAS MÃOS FIRMEMENTE APERTADAS ACIMA de nossas cabeças, em triunfo, e olhou para mim, sorrindo. Ergui os olhos e encontrei seu olhar, sorrindo também.

Os aplausos da multidão que nos cercava elevou meu coração até ficar acima do prado, acima da árvore cujas raízes envolviam o corpo de minha mãe, e acima da Floresta Verde, onde todos de quem eu gostava viviam e lutariam comigo e com meu elemental para nossa sobrevivência.

Vi Chase abrir suas poderosas asas e começar a batê-las, dispersando os fae próximos. Ben e eu recuamos quando Chase lentamente se elevou no ar, fácil e graciosamente, contornando os ramos da árvore de minha mãe para poder alçar voo. A última coisa que vi antes de meu anjo da guarda se elevar acima do prado, no céu ensolarado, foram as lágrimas que caíam por seu rosto, pouco antes de ele se voltar e sair batendo as asas, enviando suaves correntes de ar para baixo, para resfriar o calor de meu rosto.

— Eram lágrimas de felicidade, não é, Ben? — perguntei, com a voz embargada de emoção.

Eu sabia que ele as havia visto também.

— Sim, eram — respondeu ele com a voz rouca, puxando-me para si com o braço em minha cintura. — Vai dar tudo certo, Jayne, você vai ver. Vou me assegurar disso — disse ele.

— Eu sei que vai — respondi, sorrindo para o grupo de crianças trocadas que correu para me envolver em um superabraço grupal, com um pixieman louco cintilando na frente, arrastando uma bela pixie com a mão esquerda e um bebezinho pixie na direita.

Agradecimentos

Tenho muitas pessoas a quem agradecer pela parte final da série A Guerra dos Fae. Em primeiro lugar, a meus editores, Beth G. e R. Margaret — vocês me fazem uma escritora melhor. Eu aprendo com cada livro. Muito obrigada por sua dedicação.

Também gostaria de agradecer aos meus leitores. Uau, vocês são simplesmente fabulosos! Adoro ler o que me escrevem no Facebook, por e-mail, em meu blog, no Shelfari, no Goodreads, nos fóruns da Amazon e no Twitter. Suas palavras de apoio são meu vício. Nunca poderei agradecer o suficiente não só por sua leitura, mas por seu espírito de comunidade.

Blogueiros de livros por aí, que dedicam seu tempo a ler e comentar livros independentes como os meus, tiro meu chapéu para vocês. Muito obrigada por apresentar meu trabalho a seus leitores.

Agradeço às bandas que inspiraram meu trabalho com os fae, incluindo Breaking Benjamin, Muse, Lana Del Rey (ignore os inimigos, baby!), Gotye, Evanescence, The Civil Wars e Nine Inch Nails.

Sou muito grata à Amazon.com e especialmente a seu programa KDP, que permite que autores independentes como eu promovam seu trabalho para as massas. Devo muito à Amazon e tenho orgulho de fazer parte dessa família.

Obrigada à França por ser um lugar mágico e inspirador para escrever.

Obrigada a Lady O e Sir Richard por me emprestar seu apartamento em Paris para escrever, escrever, escrever. Estar cercada de livros e amigos torna o processo muito mais agradável e proveitoso.

A minha mãe, que sempre, sempre me apoia.

A meu marido e às crianças, por aturar minhas besteiras de escritora e ainda me amar.

A Hercules, o poodle-maravilha, que se senta e aquece meus pés por horas enquanto escrevo, observando cada movimento meu com amor nos olhos.

E a meus amigos, que ainda são meus amigos, mesmo quando os ignoro durante dias ou semanas a fio enquanto escrevo. Superabraços a todos vocês!

INFORMAÇÕES SOBRE A
GERAÇÃO EDITORIAL

Para saber mais sobre os títulos e autores
da **GERAÇÃO EDITORIAL**,
visite o site www.geracaoeditorial.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

 geracaoeditorial.com.br

 [/geracaoeditorial](https://www.facebook.com/geracaoeditorial)

 [@geracaobooks](https://twitter.com/geracaobooks)

 [@geracaoeditorial](https://www.instagram.com/geracaoeditorial)

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
midias@geracaoeditorial.com.br

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa
CEP: 05075-010 – São Paulo – SP
Telefax: (+ 55 11) 3256-4444
E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br